

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM
PATRIMÔNIO CULTURAL**

**HISTÓRIA DE FÉ E TRABALHO:
BENS CULTURAIS DE VALE VÊNETO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Jacinta Maria Pivetta Vizzotto

Santa Maria, RS, Brasil

2014

HISTÓRIA DE FÉ E TRABALHO: BENS CULTURAIS DE VALE VÊNETO

Jacinta Maria Pivetta Vizzotto

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissionalizante do Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural, Área de Concentração em História e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de **Mestre em Patrimônio Cultural**

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Glaucia Vieira Ramos Konrad

Santa Maria, RS, Brasil

2014

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Vizzotto, Jacinta Maria Pivetta
História de fé e trabalho: bens culturais de vale
vêneto / Jacinta Maria Pivetta Vizzotto.-2014.
259 p.; 30cm

Orientadora: Glaucia Vieira Ramos Konrad
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural,
RS, 2014

1. Patrimônio Cultural 2. Imigração Italiana 3. Vale
Vêneto I. Konrad, Glaucia Vieira Ramos II. Título.

©2014

Todos os direitos autorais reservados a Jacinta Maria Pivetta Vizzotto. A reprodução de partes ou do todo deste trabalho só poderá ser feita mediante citação da fonte.

Endereço eletrônico: jmpivetta@yahoo.com.br

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Programa de Pós-Graduação Profissional em
Patrimônio Cultural**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

**HISTÓRIA DE FÉ E TRABALHO:
BENS CULTURAIS DE VALE VÊNETO**

elaborada por
Jacinta Maria Pivetta Vizzotto

como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Patrimônio Cultural

COMISSÃO EXAMINADORA:

Glauca Vieira Ramos Konrad, Dra
(Presidente/Orientadora - UFSM)

Carlos Blaya Perez, Dr. (UFSM)

Rosanara Pacheco Urbanetto, Dra. (UFSM)

Santa Maria, 02 de junho de 2014.

AGRADECIMENTOS

O tempo é uma chance que Deus nos oferece, para trabalharmos com Ele. Para realizar este trabalho, devo agradecer a Deus pela presença constante em minha vida e a todos que colaboraram nesta caminhada, porque ela não se fez sozinha:

A Universidade Federal de Santa Maria pelo ensino de Pós-Graduação de qualidade público e gratuito.

Ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Patrimônio Cultural, que proporcionou ao realizar esta pesquisa o espaço do processo ensino e aprendizagem a preservar parte da história da colonização italiana em Vale Vêneto.

Aos professores do Curso Pós-Graduação Profissional em Patrimônio Cultural, através da convivência e os ensinamentos tornaram-se amigos e colaboradores.

À minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Gláucia Viera Ramos Konrad, pela atenção, disponibilidade, compreensão, orientação e amizade.

A todos os entrevistados da comunidade de Vale Vêneto, que me receberam e prontamente se dispuseram a colaborar com a entrevista e a outros tantos moradores que voluntariamente se prontificaram fornecendo informações relevantes, para que a mesma se realizasse.

Aos meus pais, pelos primeiros passos e ensinamentos, exemplos de coragem, fé e trabalho, alicerce que me conduziram a vencer mais este desafio.

A todos os meus irmãos, irmãs, cunhados, cunhadas, sobrinhos que me acompanharam durante esta trajetória, em especial ao Ricardo pelo projeto gráfico.

Nesta caminhada um agradecimento especial ao Leonardo na colaboração dos registros fotográficos e ilustrações da pesquisa.

Com carinho um agradecimento especial ao meu esposo Vilson e os filhos: Tassiana, Betina e Guilherme que sempre tiveram paciência, incentivaram-me e apoiaram para que concretizasse mais esta etapa de minha formação.

Aos colegas com quem fiz amizade ou quem apenas passaram por mim durante este período e que contribuíram para o desenvolvimento dessa pesquisa, o meu **Muito Obrigado**.

Homem faz a História...
O Tempo conta a História...
O livro escreve a História...
O Museu expõe a História...
O Patrimônio testemunha a História...

(A Autora)

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural
Universidade Federal de Santa Maria

HISTÓRIA DE FÉ E TRABALHO: BENS CULTURAIS DE VALE VÊNETO

AUTORA: JACINTA MARIA PIVETTA VIZZOTTO
ORIENTADORA: Dr^a Glaucia Vieira Ramos Konrad
Data e Local da Defesa: Santa Maria, 02.de Junho. de 2014

A temática da pesquisa é A História de Fé e Trabalho de Vale Vêneto, representada pelos seus Bens Culturais. Para realizar o trabalho, foi feita uma pesquisa bibliográfica e documental de embasamento teórico para o tema a ser abordado. Como principal objeto deste estudo são os principais elementos que simbolizam a religiosidade e o trabalho que fazem parte da história da colonização italiana em Vale Vêneto, tendo como objetivo geral construir um instrumento com informações relacionadas a estes elementos e que constituem o patrimônio histórico local. Do ponto de vista de seus objetivos a pesquisa caracteriza-se como descritiva e tem abordagem qualitativa. Os procedimentos metodológicos adotados para buscar resposta aos objetivos propostos foram baseados em uma entrevista com perguntas semi-estruturada cujas respostas dos informantes foram registradas pelo aplicador. Outro instrumento para documentar a pesquisa foi o registro fotográfico dos principais símbolos identificados. Participaram como colaboradores, moradores jovens e adultos voluntários da comunidade, descendentes de italianos com idade entre treze e cento e dois anos. Através desta investigação, constatou-se que para manter viva a espiritualidade, foi fundamental a presença dos símbolos religiosos e para suprir as necessidades de sobrevivência na nova terra, foi o trabalho árduo dos imigrantes. O produto final desta pesquisa foi a elaboração de um material ilustrativo onde foram registradas as fotos e a contextualização histórica dos símbolos identificados como representantes da religiosidade e o trabalho da colonização italiana em Vale Vêneto.

Palavras-chave: Patrimônio Cultural. Imigração Italiana. Vale Vêneto. Religiosidade. Trabalho

ABSTRACT

Master's Dissertation
Professional Graduate Program in Cultural Heritage
Federal University of Santa Maria

HISTORY OF FAITH AND WORK: CULTURAL PROPERTIES OF VALE VÊNETO

AUTHOR: JACINTA MARIA PIVETTA VIZZOTTO

ADVISER: Glaucia Vieira Ramos Konrad

Date and place of defense: Santa Maria, June 2nd, 2014.

The subject of the research is The History of Faith and Work of Vale Vêneto in Rio Grande do Sul, Brazil, represented by its cultural goods. In order to develop the work, it was done a bibliographical and documental research of theoretical foundation about the theme that is going to be approached.

The main study object are the main elements that symbolize religiosity and work and make part of Italian colonization history in Vale Vêneto, having as the general objective to build an instrument with information related to these elements which constitute the local historical heritage. From the point of view of its objectives, the research is characterized as a descriptive one and has a qualitative approach. The methodological procedures adopted aiming at finding answers to the proposed theme were based on an interview with semi-structured questions whose answers of the interviewees were recorded by the applicator. Another instrument to register and to document the research was the photographic register of the main symbols identified. Participated as collaborators, young and adult residents, volunteers from the community, descendants of Italians aged between thirteen years and one hundred and two years. Through this investigation, it was identified that in order to keep alive the spirituality, it was fundamental the presence of the religious symbols and to supply the needs for survival in the new land, it was necessary the hard work of the immigrants. The final product of this research was the elaboration of an illustrative material in which were registered the photos and the historical contextualization of the symbols identified as representant of religiosity and work of Italian Colonization in Vale Vêneto.

Key-words: Cultural Heritage. Italian immigration. Vale Vêneto. Religiosity. Work.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Navio que transportava os imigrantes para o Brasil	44
Figura 2 – Carretas que transportavam os imigrantes até o Barracão	49
Figura 3 – Local onde os imigrantes se instalaram. A cruz representa a fé.....	51
Figura 4 – Mapa da localização da área da Quarta Colônia – RS.....	54
Figura 5 – Mapa da Localização da área de estudo - Vale Vêneto - R/S	55
Figura 6 – Vista Panorâmica de Vale Vêneto/RS	57
Figura 7 – Pedra colhida pelas primeiras famílias colonizadoras de Vale Vêneto	72
Figura 8 – Monumento em homenagem as famílias Dotto e Pozzobon	72
Figura 9 – Placa do Monumento em homenagem as famílias Dotto e Pozzobon.....	73
Figura 10 – Casal Paolo Bortoluzzi e Stella Furlan.....	74
Figura 11 – Monumento em homenagem ao Fundador Paolo Bortoluzzi.....	76
Figura 12 – Mausoléu dos Fundadores de Vale Vêneto	77
Figura 13 – Capela de São Francisco, construída em meados de 1879, Vale Vêneto.	79
Figura 14 – Estátua de São Francisco do séc. XIX, pertence a Igreja de Vale Vêneto	79
Figura 15 – Imigrantes presentes na 1ª missa em Vale Vêneto em maio de 1879.....	80
Figura 16 – Monumento onde foi celebrada a 1ª missa em 1879 em Vale Vêneto.	81
Figura 17 – Placa alusiva da celebração da 1ª missa em Vale Vêneto. em 1879 ..	82
Figura 18 – Monumento em homenagem a Antonio Vernier, 30 de julho de 1979. 84	
Figura 19 – Telegrama. Chegada dos Palotinos à Vale Vêneto, em 19/07/1886. ..	86
Figura 20 – Monumento aos Padres Palotinos. À esquerda Pe. Jacó Pfandler. À direita Pe. Francisco Xavier Schuster - Julho de 1986.	87
Figura 21 – Casa de 1892, onde acolheu os primeiros vocacionados pelo Pe. Vogel	88
Figura 22 – Seminário Rainha dos Apóstolos, construído (1892) inaugurado (1922).	90
Figura 23 – Centro Cultural Rainha dos Apóstolos.....	91
Figura 24 – Monumento ao Pe. João Iop. Primeiro Palotino ordenado no Brasil....	92
Figura 25 – Monumento e Placa ao Venerável São Vicente Pallotti em 1928.....	94
Figura 26 – Jubileu de Canonização de São Vicente Pallotti (1963-2013).....	94
Figura 27 – Monumento a São Vicente Pallotti.....	95

Figura 28 – Grutinha de Nossa Senhora de Lourdes – Seminário.....	96
Figura 29 – Porta Central da Igreja Matriz Corpus Christi de Vale Vêneto.	99
Figura 30 – Construção da Torre em 1921 - Vale Vêneto.....	100
Figura 31 – Altar Central e a Cruz que identifica a Consagração a Corpus Christi.....	101
Figura 32 – Festa do Padroeiro Corpus Christi.....	102
Figura 33 – Tapetes confeccionados para a festa de Corpus Christi.....	102
Figura 34 – Centenário da Paróquia Corpus Christi de Vale Vêneto em 24/07/2011.	103
Figura 35 – Igreja Matriz Corpus Christi de Vale Vêneto	104
Figura 36 – Interior e vitrais da Igreja Matriz Corpus Christi – Vale Vêneto	105
Figura 37 – Torre da Igreja Matriz Corpus Christi de Vale Vêneto.....	106
Figura 38 – Sino doado pela Condessa para a Igreja Matriz de Vale Vêneto	107
Figura 39 – Paróquia Corpus Christi de Vale Vêneto.....	109
Figura 40 – Capela São Pedro em Ribeirão.....	111
Figura 41 – Capela Santa Terezinha- Distrito de Palmas – Santa Maria	111
Figura 42 – Capela Santa Lúcia – Restinga Seca.....	112
Figura 43 – Capela de São José – Restinga Seca.....	113
Figura 44 – Capela São Sebastião.....	113
Figura 45 – Capela Nossa Senhora Aparecida	114
Figura 46 – Igreja Corpus Christi . Placa comemorativa ao centenário.....	117
Figura 47 – Placa em homenagem ao Imigrante Luigi Baldissera	118
Figura 48 – Colégio N. S. de Lourdes de Vale Vêneto.....	119
Figura 49 – Imagem de Nossa Senhora de Lourdes, trazida da França	120
Figura 50 – Alunas do Colégio Nossa Senhora de Lourdes. s/d	120
Figura 51 – Alunas do bordado (1959) Colégio Nossa Senhora de Lourdes	121
Figura 52 – Ensino de música no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, 1945.	122
Figura 53 – Casa de Retiros N. S. de Lourdes de Vale Vêneto	123
Figura 54 – Espaço para o de lazer. Casa de Retiros - Vale Vêneto	124
Figura 55 – Casa de Retiros Nossa Senhora de Lourdes.....	125
Figura 56 – Monumento em homenagem a Irmã Jacinta Susin	126
Figura 57 – Irmã Jacinta Susin.....	127
Figura 58 – Placa fixada abaixo do Busto da Irmã Jacinta Susin.....	128
Figura 59 – Casa de Pedras Bárbara Maix.	129
Figura 60 – Bárbara Maix.....	130
Figura 61 – Bárbara Maix. Casa de Retiros Nossa Senhora de Lourdes.....	131

Figura 62 – Capitel de Santo Antonio.....	133
Figura 63 – Capitel de São Patrício.....	135
Figura 64 – Capitel e o altar de Nossa Senhora do Rosário da Pompéia.....	137
Figura 65 – Capitel e imagem de São Francisco localizado em Vale Vêneto.....	138
Figura 66 – Capitel e imagem de Santo Antonio. Linha da Consciência.....	140
Figura 67 – Relíquia de São Valentin.....	144
Figura 68 – Capela e o Altar de São Valentin (1940) em Vale Vêneto.....	144
Figura 69 – Oratório com a Imagem Nossa Senhora.....	146
Figura 70 – Capela Nossa Senhora da Glória - Linha da Consciência - Vale Vêneto.....	147
Figura 71 – Capela Sant’ Ana - Vale Vêneto.....	149
Figura 72 – Santuário da Mãe Rainha. Centro Cultural Rainha dos Apóstolos....	151
Figura 73 – Santuário da Mãe Rainha Três Vezes Admirável de Schoenstatt....	153
Figura 74 – Ermida da Mãe Rainha Três Vezes Admirável de Schöenstatt.....	155
Figura 75 – Ermida Nossa Senhora de Lurdes.....	156
Figura 76 – Gruta Nossa Senhora de Lourdes - Vale Vêneto.....	156
Figura 77 – Imagem de Nossa Senhora de Lourdes - Vale Vêneto.....	157
Figura 78 – Capelinhas do Calvário de Vale Vêneto.....	160
Figura 79 – Interior das Capelinhas.....	160
Figura 80 – Imagem do Cristo Morto no sepulcro - Calvário - Vale Vêneto.....	161
Figura 81 – Símbolos da religiosidade dos imigrantes italianos.....	162
Figura 82 – Quarto na residência da Família Pivetta - Vale Vêneto.....	163
Figura 83 – Grutinha a Mãe Rainha, devoção da família Pivetta - Vale Vêneto... ..	164
Figura 84 – Confessionário. Lugar onde os católicos se confessam.....	165
Figura 85 – Instrumentos do trabalho.....	167
Figura 86 – Facão, machado, enxada, foice, foicinha, marreta.....	168
Figura 87 – Serra manual e cunhas para fazer as Scandoles(tabuinhas).....	169
Figura 88 – Telhado feito com tabuinhas de madeira chamadas “scandoles”- 1920.....	170
Figura 89 – Córrego na residência do Sr. Anibal Brondani - Vale Vêneto.....	171
Figura 90 – Saraquá.....	173
Figura 91 – Pula-toco.....	173
Figura 92 – Máquina manual.....	173
Figura 93 – Pilão, descascador de cereais.....	174
Figura 94 – Monjolo, dispositivo utilizado pelos imigrantes para descascar arroz.....	175
Figura 95 – Monjolo - moinho caseiro para triturar grãos.....	176

Figura 96 – Manguá. Utensílio utilizado para malhar grãos	177
Figura 97 – Sventolon ou Burato - Limpador de grãos.....	177
Figura 98 – Mulera. Transporte primitivo. Desfile Típico 2008 - Vale Vêneto	178
Figura 99 – Slita. Desfile Típico, 2008 em Vale Vêneto.	179
Figura 100 – Carreta de bois pertence a família Brondani - Vale Vêneto	180
Figura 101 – Aranha. Réplica da chegada das religiosas em 1892 a Vale Vêneto.	180
Figura 102 – Carroça	181
Figura 103 – Cariola, ou carrinho de mão.	182
Figura 104 – Máquina de debulhar milho da família Pivetta em Vale Vêneto	182
Figura 105 – Fogolaro. Foto do Desfile Típico de Vale Vêneto, 2012.....	184
Figura 106 – Polenta, Mescola, Panaro (tabuleiro), chaleira.....	184
Figura 107 – A polenta sendo cortada com o fio de linha	185
Figura 108 – Polenta, queijo, salame e vinho. Ao lado polenta brustulada.....	185
Figura 109 – Monumento ao Imigrante – Vale Vêneto	187
Figura 110 – Relação das primeiras famílias que colonizaram Vale Vêneto - 1878	188
Figura 111 – Utensílios de cozinha	189
Figura 112 – Baldes de Madeira utilizados para carregar água	190
Figura 113 – Confecção de gamelas - Desfile Típico italiano em Julho de 2006. ...	191
Figura 114 – Engenho movido a água	192
Figura 115 – Roda d’água, de propriedade da Família Possobon em Vale Vêneto	192
Figura 116 – Roda d’água, na residência do Sr. Aníbal Brondani.....	193
Figura 117 – Tórcio (Engenho para moer a cana).....	194
Figura 118 – Mastela, recipiente em madeira para esmagar a uva.	195
Figura 119 – Alambique. Destilaria artesanal da Família Brondani, Vale Vêneto ...	196
Figura 120 – Pipas para armazenagem do vinho e derivados	197
Figura 121 – Cestos confeccionados pelos imigrantes	197
Figura 122 – Trabalho em vime. Desfile em Vale Vêneto. 2006.	198
Figura 123 – Cesto feito em vime de propriedade da família Brondani.....	199
Figura 124 – Máquina de costurar roupas de propriedade da família Londero.	200
Figura 125 – Tipos de iluminação primitiva do início da colonização	201
Figura 126 – Lumin e Lampiões, acessórios para iluminar as residências	201
Figura 127 – Artesanato com palha de trigo.	202
Figura 128 – “Paion” - colchão com enchimento de palha da espiga de milho	203
Figura 129 – Ferro a brasa utilizada para passar roupas.....	204
Figura 130 – Artesanato com esfregão. Ao lado o plantio do esfregão.....	204

Figura 131 – Artesanato em crochê. Desfile típico italiano. Vale Vêneto 2008.....	205
Figura 132 – Malas para transporte de objetos e uso geral.....	206
Figura 133 – Sapato feito em madeira, chamado pelos italianos de zócolis	206
Figura 134 – Tamancos com sola de madeira e chinelos de couro.....	207
Figura 135 – Arquitetura Colonial de 1882– Família Londero - Vale Vêneto	208
Figura 136 – Forma e tijolos elaborados a partir do barro amassado com os pés. 208	
Figura 137 – Primitiva casa da família Dotto com parede revestida de barro.....	209
Figura 138 – Arquitetura do séc XIX. Janela para ventilação do porão.	210
Figura 139 – Porta principal em madeira da residência Londero em Vale Vêneto. 210	
Figura 140 – Janela em madeira de 1882. Vale Vêneto.....	211
Figura 141 – Acesso a parte superior da residência de 1882. Vale Vêneto	211
Figura 142 – Cozinha separada da casa – Vale Vêneto, 1879.....	213
Figura 143 – Imagens do quarto que pertenceu ao imigrante José Londero (1878).	214
Figura 144 – Poço d'água de 1930 - Propriedade do Sr. Pilásio Dotto.....	215
Figura 145 – Tanque para lavar roupas pertence a família Brondani .Vale Vêneto.	216
Figura 146 – Forno feito de tijolo e barro.....	217
Figura 147 – Rebolo, para afiar objetos de corte. Desfile típico. Vale Vêneto, 2008.....	218
Figura 148 – Fotos dos galpões na Linha São Valentin – Vale Vêneto	218
Figura 149 – Fundador do Museu de Vale Vêneto	220
Figura 150 – Objetos dos fazeres pelos imigrantes.....	220
Figura 151 – Objetos dos fazeres e saberes dos imigrantes italianos.....	221
Figura 152 – Pe. João Iop. 1º Padre Palotino do Brasil e Patrono do Museu.....	221
Figura 153 – Placa de Inauguração do Museu	222
Figura 154 – Mesa, objetos e imagens sacras do Museu de Vale Vêneto	223
Figura 155 – Paramentos usados nas solenidades religiosas	224
Figura 156 – Acervo musical – Museu de Vale Vêneto	225
Figura 157 – Livro de Registro com o nome das famílias colonizadoras.....	226
Figura 158 – Nono e a Nona - Símbolo da colonização italiana	229
Figura 159 – Monumento 25 anos. Festival de Inverno. Vale Vêneto. 26/07/2010. 231	
Figura 160 – Padre Clementino, incentivador da cultura italiana.....	232
Figura 161 – Monumento ao Pe. Clementino Marcuzzo. Vale Vêneto, 2010.	233
Figura 162 – Salão Paroquial 1959. Ordenação Sacerdotal do Pe. Justino	234
Figura 163 – Salão Paroquial de Vale Vêneto	235

LISTA DE APÊNDICES E ANEXO

Apêndice A – O instrumento da coleta de dados	253
Apêndice B – Ficha de Identificação do Bem cultural	254
Apêndice C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	255
Anexo A – Capa do Material ilustrativo.	259

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	23
1.1 Delimitação do tema.....	24
1.2 Problema	24
1.3 Objetivo geral	24
1.4 Objetivos específicos	24
1.5 Justificativa.....	25
1.6 Estrutura da dissertação.....	26
2 REFERENCIAL TEÓRICO	29
2.1 Patrimônio, Bens Culturais e Memória	29
2.2 Patrimônio documental.....	36
2.3 Catálogo Seletivo	39
2.4 Contexto histórico sobre a Imigração Italiana.....	41
2.4.1 América dos sonhos: Brasile “paese de la cucagna”	44
2.4.2 Imigração Italiana para o Rio Grande do Sul.....	46
2.4.3 Quarta Colônia – Silveira Martins.....	48
2.4.4 Vale Vêneto – Formação do Núcleo Colonial.....	55
3 METODOLOGIA	61
3.1 O estudo e o método.....	61
3.2 O instrumento da coleta de dados.....	62
3.3 O universo da pesquisa.....	64
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	67
4.1 Testemunhos que marcaram épocas	67
4.1.1 Símbolos da fé na vida dos imigrantes italianos.....	69
4.1.1.1 Monumento em homenagem as famílias Dotto e Pozzobon	70
4.1.1.2 Fundadores de Vale Vêneto.....	73
4.1.1.3 Monumento em homenagem a Paolo Bortoluzzi	75
4.1.1.4 Mausoléu dos Fundadores Paulo e Stella Bortoluzzi	76
4.1.1.5 Monumento em homenagem à 1ª Missa	80
4.1.1.6 Monumento em homenagem a Antonio Vernier	82
4.1.1.7 Monumento em homenagem aos primeiros Padres Palotinos	85
4.1.1.8 Casa Canônica.....	88
4.1.1.9 Seminário Rainha dos Apóstolos	89
4.1.1.10 Monumento ao Padre João Iop	91
4.1.1.11 Monumento a São Vicente Pallotti	93
4.1.1.12 Grutinha de Nossa Senhora de Lourdes – Seminário.....	95
4.1.1.13 Igreja Matriz de Corpus Christi	96
4.1.1.14 Monumento em homenagem a Luigi Baldissera	117
4.1.1.15 Colégio Nossa Senhora de Lourdes.....	118
4.1.1.16 Monumento da Irmã Jacinta Susin	126
4.1.1.17 Casa de Pedras Bárbara Maix	128
4.1.1.18 Capitéis	131
4.1.1.18.1 Capitel de Santo Antônio.....	133
4.1.1.18.2 Capitel de São Patrício.....	135
4.1.1.18.3 Capitel de Nossa Senhora do Rosário da Pompéia	136

4.1.1.18.4 Capitel de São Francisco	137
4.1.1.18.5 Capitel de Santo Antonio - Linha da Consciência	139
4.1.1.19 Capelas	141
4.1.1.19.1 Capela de São Valentin	142
4.1.1.19.2 Capela Nossa Senhora das Dores	145
4.1.1.19.3 Capela de Sant 'Ana	148
4.1.1.20 Santuários	150
4.1.1.20.1 Santuário da Mãe Rainha (Centro Cultural Rainha dos Apóstolos)	150
4.1.1.20.2 Santuário da Mãe Rainha Três Vezes Admirável de Schoenstatt	152
4.1.1.21 Ermidas	153
4.1.1.21.1 Ermida da Mãe Rainha Três Vezes Admirável de Schöenstatt	154
4.1.1.21.2 Ermida Nossa Senhora de Lourdes	155
4.1.1.22 Gruta Nossa Senhora de Lourdes	156
4.1.1.23 Calvário	159
4.1.1.24 O Terço, Crucifixo, Imagens, Grutinhas, Água Benta, Confessionário. ...	162
4.1.2 Símbolos do trabalho na vida dos imigrantes italianos	165
4.1.2.2 O Segon (Serra manual)	168
4.1.2.3 Saraquá, Pula-toco, Máquina manual de plantar milho	171
4.1.2.4 Pilão	174
4.1.2.5 Monjolo	174
4.1.2.6 Manguá e Sventolon	176
4.1.2.7 Meio de Transportes: Mulera, Slita, Carreta, Carroça, Aranha e Cariola ...	178
4.1.2.8 O Fogolaro	183
4.1.2.9 Monumento do Imigrante	186
4.1.2.10 Utensílios domésticos	188
4.1.2.11 O "Bigôlo" - Balde de Madeira	189
4.1.2.12 Gamelas	190
4.1.2.13 Roda d'Água	191
4.1.2.14 O Tórcio	193
4.1.2.15 O Alambique	194
4.1.2.16 Pipas	196
4.1.2.17 Zerla (Cestos)	197
4.1.2.18 O filò – artesanato e lazer	199
4.1.2.19 Lampião	200
4.1.2.20 Artesanato em palha	202
4.1.2.21 Ferro de passar aquecido com brasa	203
4.1.2.22. Artesanato com bucha de esfregão	204
4.1.2.23 Malas	205
4.1.2.24 Zócolis (Tamancos)	206
4.1.2.25 As Casas	207
4.1.2.26 Poço d'água	214
4.1.2.27 O Tanque	215
4.1.2.28 Forno de assar o Pão	216
4.1.2.29 O Rebolo	217
4.1.3 Museu do Imigrante Eduardo Marcuzzo	219
4.1.4 Monumento em homenagem ao Nono e Nona	227
4.1.5 Monumento do 25º Festival de Inverno e 25ª Semana Cultural Italiana	229
4.1.6 Monumentos em homenagem ao Padre Clementino	231
4.1.7 Salão Paroquial	233
5 CONCLUSÕES	237

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	242
APÊNDICES	251
ANEXO	257

1 INTRODUÇÃO

A construção de conhecimentos que tem como referência a realidade local exigindo identificar a disposição do patrimônio material que o espaço oferece. Acrescido a este, outros elementos da história integram o universo das representações do cotidiano e da vivência da comunidade na variedade de bens culturais que marcaram o início da colonização italiana. Neste contexto, o presente trabalho é o resultado da pesquisa realizada no Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Área de Concentração em História e Patrimônio Cultural, na linha de pesquisa Patrimônio Documental com o tema: História de Fé e Trabalho: Bens Culturais de Vale Vêneto.

Conhecer o que existiu, a coragem dos que nos trouxeram ao presente, é fundamental para que também nos empenhamos no que nos compete. Por isso a importância de conhecer nosso patrimônio histórico e cultural. Por sermos parte dele, também somos responsáveis pela sua construção, uma vez que o patrimônio não é só o passado.

E é nesse propósito que a pesquisadora realizou um levantamento histórico dos bens culturais de Vale Vêneto e registrar os conhecimentos adquiridos sobre a história desse patrimônio a partir da memória presente e preservar para as futuras gerações.

O patrimônio pode atuar como valioso recurso de utilização da memória e como fonte para a reflexão histórica. A partir de memórias registradas no tempo, seja qual for o suporte, material ou não, é que se pode conhecê-lo, buscar sua história, a valorização e sua preservação. Entende-se de forma geral, que memória está relacionada ao passado e, de alguma forma ao futuro, nesse sentido, a busca pela preservação da memória é essencial para a valorização da identidade e da cidadania cultural de um tempo passado através de sua representação no momento presente.

Segundo Pelegrini (2009, p. 23-24), “os bens culturais tomados como legado vivo, que recebemos do passado, viveu no presente e transmitimos às gerações futuras, reúnem diferenciais identitários, memórias e histórias – suportes preciosos para a formação do cidadão. As memórias e referências do passado fundamentam tradições, histórias, e favorecem o convívio em sociedade”.

De acordo com Oriá (2004, p. 134), o Patrimônio histórico-cultural não constitui apenas um acervo de um passado distante, por isso, conhecer e valorizar um bem cultural ajuda a entender quem somos, para onde vamos, o que fazemos, e o quê precisará ser preservado, para as futuras gerações.

1.1 Delimitação do tema

Neste sentido, o tema de estudo, A História de fé e trabalho, representada em seus Bens culturais.

1.2 Problema

A presente pesquisa surgiu no intuito de buscar resposta para o seguinte questionamento: Quais os principais bens culturais que representam a religiosidade e o trabalho da colonização italiana em Vale Vêneto?

Para responder ao questionamento proposto, apresenta-se a seguir os objetivos desta pesquisa:

1.3 Objetivo geral

O objetivo geral deste estudo é propor a construção de instrumento com informações sobre os principais símbolos que representam a religiosidade e o trabalho e que constituem o patrimônio histórico de Vale Vêneto.

1.4 Objetivos específicos

- Proceder a elaboração de instrumento de coleta de dados;
- Reconhecer os principais símbolos de religiosidade e trabalho da colonização italiana
- Contextualizar a história dos símbolos identificados;

- Elaborar como produto da dissertação material ilustrativo que irá compor os principais bens culturais que representam a fé e o trabalho.

1.5 Justificativa

A definição do tema surgiu com base na observação do cotidiano pela pesquisadora na localidade onde reside, pela sua vida profissional e por se encontrar inserida no programa de pós-graduação profissional em patrimônio cultural tendo contato com especialistas na área de patrimônio.

Esta pesquisa permitirá identificar os principais bens culturais de Vale Vêneto, por meio das representações do passado, símbolos e elementos, conhecer a sua história e valorizar estes testemunhos que foram de épocas passadas.

Sendo pertencente à comunidade e o tema abordado importante para a mesma, foi de fundamental importância desenvolver e não deixou de ser uma motivação pessoal e profissional em buscar a especialização na área e também respostas para a demanda de informações históricas relativas aos bens culturais, no que diz respeito a fé e ao trabalho dos imigrantes italianos.

Os bens culturais formam o patrimônio cultural de uma comunidade, valor que tem sido referência de um passado histórico, a ser redescoberto. O contexto de estudo teve como delimitação espacial o distrito de Vale Vêneto, por ser um dos primeiros núcleos na Quarta Colônia de imigração italiana ser colonizado e constituído de vários bens culturais que simbolizam a religiosidade e o trabalho desde o início da colonização.

Com a finalidade de trabalhar a história do patrimônio local presente nos bens culturais, justifica-se a relevância da pesquisa tendo em vista elaborar material ilustrativo e documentar a investigação, no intuito de salvaguardar este levantamento histórico e que seja preservado para as futuras gerações.

Vale Vêneto, abriga um patrimônio cultural formado por símbolos e elementos históricos e para muitos este patrimônio é desconhecido. Com este trabalho a pesquisadora pretende deixar um levantamento histórico, registrar as informações e preservar para as futuras gerações.

Enfatizam-se como bens culturais neste estudo considerando o seu valor cultural, os livros de registros, atas, documentos, fotografias, objetos, monumentos e edificações de valor histórico, presentes na localidade.

Trabalhar os bens culturais de uma sociedade é muito interessante, pois através deles podemos entender o que as pessoas da comunidade consideram importante e pretendem deixar como herança para as futuras gerações.

De posse dos principais bens culturais identificados pretende-se elaborar um trabalho que venha difundir este patrimônio, devolvendo à comunidade o seu legado, o seu prestígio e a sua história e também para melhor conhecer e conscientizar sua preservação.

Quando se pensa em preservar um patrimônio, ele sempre tende a representar algo de valor e, que pode ser significativo para as pessoas do lugar, e é nesse sentido que se quer registrar e preservá-los às futuras gerações.

Todas as informações levantadas serão sistematizadas como fruto desta pesquisa que culminará no resultado a construção do produto final denominado catálogo seletivo.

Assim, este instrumento informativo e de pesquisa conterá registros relevantes sobre a história da chegada dos primeiros imigrantes, o passado histórico através de suas representações e do patrimônio histórico de Vale Vêneto, que servirão como material de apoio para posteriores estudos na área e para a sociedade em geral.

1.6 Estrutura da dissertação

A partir da introdução do trabalho, pautada na definição do tema e do problema da pesquisa, seguindo a delimitação dos objetivos e da justificativa de sua realização, a pesquisa está estruturada em cinco capítulos.

Como forma de contemplar a temática proposta o segundo capítulo trata dos referenciais teóricos necessários para o entendimento e definição dos conceitos de: Patrimônio, Bens Culturais e Memória; Patrimônio documental; Catálogo seletivo e do contexto histórico sobre a colonização Italiana no Brasil, Rio Grande do Sul, Quarta Colônia - Silveira Martins, formação do núcleo colonial - Vale Vêneto.

No Capítulo 3 são abordados os procedimentos metodológicos adotados para a realização da pesquisa, o estudo e o método utilizado, o instrumento da coleta de dados, bem como a delimitação do universo da mesma.

Conforme a metodologia adotada, no capítulo quatro será apresentado os resultados alcançados e organizados sob o título de testemunhos que marcaram épocas e dividido em dois sub capítulos destacados como: símbolos da fé na vida dos imigrantes italianos e símbolos do trabalho na vida dos imigrantes italianos.

A dissertação encerra com o quinto capítulo, Conclusões, onde são apresentados os objetivos alcançados com a pesquisa, além de possibilidades de novos estudos na área.

Por fim, apresenta-se o produto final desta dissertação, organizado com as informações levantadas e registradas no instrumento denominado catálogo seletivo, realizado pela pesquisadora.

Pretende-se, publicá-lo para que a comunidade em geral possa ter acesso. Em princípio será disponibilizado nos locais de acolhimento aos turistas e lugares voltados a cultura em Vale Vêneto.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo apresenta a revisão da literatura que fundamenta o presente estudo e o desenvolvimento da pesquisa.

Para a realização e o desenvolvimento de uma pesquisa são necessários segundo Silva (2001) que seus resultados sejam satisfatórios e estejam baseados em conceituações disponíveis a partir das teorias publicadas em livros e obras afins.

O embasamento da investigação da pesquisa se processará através de bibliografias sobre Patrimônio Cultural, Bens culturais, Memória, Patrimônio documental, que consistirão na elaboração para a concretização deste estudo. Há um número significativo de autores que abordam o tema Imigração Italiana, religiosidade, fé, os quais servirão como base bibliográfica. Também far-se-á o uso de dados primários, a partir de documentação institucional e particulares, que serão utilizados como fontes de informação. Portanto, a seguir apresenta-se o referencial teórico que fundamenta a pesquisa e o desenvolvimento da mesma.

2.1 Patrimônio, Bens Culturais e Memória

“Quando abordamos patrimônio cultural, estamos tratando do conjunto de tudo que tem significado, aquilo que tem sentido social para os indivíduos, não importando se esse patrimônio é algo materializado ou simplesmente manifestado pelo seu modo específico de ser ao longo do tempo, constituindo assim a sua cultura“ (LEMOS, 1985, p. 7).

Em seu significado mais primitivo, a palavra patrimônio tem origem atrelada ao termo grego pater, que significa “pai” ou “paterno”. De tal forma, patrimônio veio a se relacionar com tudo aquilo que é deixado pela figura do pai e transmitido para seus filhos, ou seja, para referir a herança que passava de pai para filho, de geração em geração, demonstrando claramente a intenção de entregar um bem para outra geração.

Com o passar do tempo, essa noção de repasse acabou sendo estendida a um conjunto de bens materiais que estão intimamente relacionados com a identidade, a cultura ou o passado de uma coletividade, também para designar o legado cultural passível de ser deixado para as futuras gerações.

A noção de patrimônio passou a ganhar força no século XIX, logo que a Revolução Francesa salientou a necessidade de eleger monumentos que pudessem refutar o esquecimento do passado¹.(SOUSA,2010)

O patrimônio edificado é o bem de marco histórico e cultural que tem sua estrutura construída pelo homem, são os monumentos históricos como as construções que expressam a maneira de se construir, com técnicas e materiais utilizados, da época e das necessidades locais de uma comunidade, a sua história ao tempo e a memória local.

Avançando pelo século XX, observa-se que a noção sobre o espaço urbano, a cultura e o passado, foram ganhando outras feições que interferiram diretamente na visão sobre aquilo que pode ser considerado patrimônio “o conjunto de bens formado por elementos de valores e significados, dos quais as pessoas se orgulham, e cuja perda ou degradação poderá causar um empobrecimento das suas recordações”.

Historicamente, patrimônio é ligado à noção de sagrado ou à noção de herança, seja ela memorial ou de bens. É algo que define a identidade de um indivíduo ou de uma comunidade. Patrimônio cultural, remete a valores que são transmitidos de geração a geração. Pode ser expresso em palavras, imagens, monumentos, objetos, ritos, celebrações, costumes, fruto de um processo de construção de determinados grupos sociais. Esses grupos devem estar cientes de sua história e é isto que faz com que escolha o que é ou não patrimônio.

O patrimônio é nossa herança do passado, com o que vivemos hoje, e que passamos às nossas gerações, é o conjunto de todos os bens, materiais ou imateriais, que, pelo seu valor próprio, devem ser considerados de interesse relevante para a permanência e a identidade cultural de um povo.

Hoje, vemos que os governos assumem o papel de preservar e determinar que o patrimônio seja preservado para garantir o acesso às memórias e experiências de um povo.

A primeira definição legal do conceito de Patrimônio no Brasil veio através do Decreto-Lei, nº 25, de 30 de novembro de 1937, publicado no Diário Oficial da União - Seção 1 - 06/12/1937, Página 24056, assim redigido:

¹ Patrimônio Histórico Cultural. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/curiosidades/patrimonio-historico-cultural.htm>>. Acesso em 03/05/2013. Artigo por Rainer Sousa, Graduado em História. Equipe Brasil Escola,2010.

Patrimônio é o conjunto de bens móveis e imóveis existentes no país cuja conservação seja de interesse público quer por sua vinculação a fatos memoráveis, quer pelo seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico.

No documento Declaração do México, na Conferência Mundial sobre políticas públicas, em 1985, foi definido que a cultura que caracteriza uma sociedade ou grupo social pode ser considerada como um conjunto de traços distintivos espirituais, materiais, intelectuais e afetivas, dando a possibilidade do homem refletir sobre si mesmo. Abrange como um patrimônio comum da humanidade todas as expressões das comunidades. (INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL-IPHAN, 2004)². Ainda neste documento encontra-se a definição de Patrimônio Cultural como todas as obras materiais ou não materiais que expressam a criatividade de um povo.

A expressão Patrimônio Cultural definida por Lemos (1985) abrange um vasto acervo do homem, compreendendo os elementos da natureza, os elementos não tangíveis (as técnicas, os saberes, os conhecimentos) e os elementos tangíveis (todas as produções do homem), conhecidos como bens culturais. Esses elementos também são considerados pela UNESCO como: Patrimônio Ambiental; Patrimônio Imaterial e Patrimônio Material³.

A Organização das Nações Unidas – através da UNESCO (1972). Organismo internacional criado após a Segunda Guerra Mundial, criou mecanismos para eleger e salvaguardar bens que são referências para a humanidade no campo cultural e ambiental, influenciando movimentos internos de preservação patrimonial. De acordo com ela, Patrimônio é:

O legado que recebemos do passado, vivemos no presente e transmitidos às futuras gerações. Nosso patrimônio é fonte insubstituível de vida e inspiração, nossa pedra de toque, nosso ponto de referência, nossa identidade, sendo de fundamental importância para a memória, a criatividade dos povos e a riqueza das culturas. (Declaração da UNESCO, 1972).

² INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. IPHAN. Cartas Patrimoniais. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004. Disponível em: <http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/ceav/alice_registro_fonseca.pdf. Acesso em 03/05/2013.

³ Educação Patrimonial: O objeto cultural como fonte primária para o conhecimento crítico. Alice Registro Fonseca – Programa de Pós Graduação de Uberlândia. Disponível em http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/ceav/alice_registro_fonseca.pdf. Acesso em 03/05/2013. p. 232-239.

A conceituação atual do patrimônio acabou estabelecendo a existência de duas categorias distintas sobre o mesmo. Uma mais antiga e tradicional refere-se ao patrimônio material, que engloba construções, esculturas, acervos documentais e museológicos. Paralelamente, temos o chamado patrimônio imaterial, que abrange regiões, paisagens, comidas e bebidas típicas, danças, manifestações religiosas e festividades tradicionais.

O Patrimônio compreende três categorias de elementos significativos da memória social de um povo ou de uma nação. A primeira categoria é formada pelos elementos da natureza e do meio ambiente. A segunda engloba os bens culturais enquanto produto concreto do homem resultante da sua capacidade de sobrevivência ao meio ambiente. A terceira representa a acumulação do conhecimento, do saber, pelo homem no passar da sua vida.

Assim sendo, entende-se como bens culturais todas aquelas manifestações materiais ou imateriais dotados de significações pela sociedade que os criaram. Vale lembrar que o significado dos bens culturais não se encontra neles próprios, mas é dado pela identificação e compartilhados pela comunidade.

Desta forma ressalta-se a importância dos bens culturais por intermédio dos quais se podem compreender e identificar a cultura de um povo, em determinado lugar e momento histórico. Esses bens culturais podem ser materiais e imateriais.

A evidência material está ligada a um bem que possa ser pego, tocado como um livro, uma casa, uma panela, um quadro, um documento, um instrumento musical, um jornal, uma fotografia, etc. Já o imaterial é aquele bem que acontece em determinado momento e não se materializa através do tempo, não se perpetua, como a execução de uma música, uma procissão, um ritual de umbanda, uma forma de plantio, um processo de fabricação de vinho, etc. Somente através de seu registro, o qual pode ser escrito, falado, filmado, fotografado, é que ele se materializa (MILDER, 2006 apud CYNTHIA, p. 143).

Todo o conjunto que forma o que denominamos patrimônio está intimamente relacionado com a nossa memória. A memória não significa passado guardado, retido e, sim em seu conceito biológico que é guardar e reter para depois mobilizar, devolver. Aqui talvez esteja a grande função dos bens culturais da comunidade local, devolver à sociedade o seu legado, sua importância e a historicidade.

A memória, como construção social, permite reconstruções e memórias, busca guardar e preservar elementos materiais para proporcionar meios que não

permitam à sociedade cair no esquecimento, pois, assim como um indivíduo, ela pode perder sua memória e, em consequência, sua identidade (MENTZ, 2011, p.89). Esta identificação social se dá somente quando há reflexão da sociedade sobre si mesma, quando é possível lançar o olhar sobre o passado e o presente para poder preparar o futuro.

Halbwachs (2006 apud ZANINI, 2007, p.4) ressalta que o processo de construção das memórias é sempre ao mesmo tempo individual e coletivo, memória individual porque quem refaz as memórias com sentido é o indivíduo, coletivo, pois é o grupo que lhe dá legitimidade e partilha de significação. Portanto ninguém constrói história sozinha, de forma isolada em relação aos outros indivíduos.

Segundo (STEFANELLO, 2010, p. 21), não há uma memória verdadeira, o que existe é a possibilidade de acessar uma memória reconstituída, e essa reconstituição cria ritos e símbolos que através da prática unificam e dão sentido a um grupo. Nesse processo a memória adquire um papel fundamental, pois a afirmação de uma identidade se dá pelo resgate histórico de um passado.

Milder (2006), os bens culturais são carregados de representação histórica e simbolizam a expressão cultural, os quais por sua importância e valor histórico-cultural, constituem o patrimônio cultural através de suas representações.

A valorização das coisas locais, em contraposição à globalização da economia e da comunicação, reveste de importância a manutenção de identidades específicas, que garantam às pessoas a referência do seu lugar. O passado e suas referências marcadas no território, as manifestações culturais tradicionais, repassadas de geração em geração, as formas de lazer, objetos, alimentos, festas - voltam, na virada do milênio, a ser valorizados (MILDER, 2006, p. 143-146).

O conceito de patrimônio, que conserva um sentido de herança e legado histórico cultural, é analisado a partir de seu significado como valor cultural, vinculado a um determinado grupo e sua história. Esta valorização consiste na capacidade de estimular a memória das pessoas vinculadas à comunidade, contribuindo para garantir sua identidade cultural vivida.

Neste sentido, pretende-se trabalhar a categoria de patrimônio cultural nesta pesquisa, de forma a caracterizar toda a conquista material e imaterial de um povo, transmitida de geração para geração, isto significa que, na preservação do patrimônio, é necessário preservar várias representações da vida de uma população para entender seu cotidiano numa determinada época e lugar.

Nesse contexto, Choay (2001) revela que a noção de patrimônio assenta-se numa versão de história, através da qual se pretende ter a capacidade de reportar a fatos que realmente aconteceram, transformando-os em marcos que se impõem no presente. Estes marcos instauram uma temporalidade que organiza a história tal como contada. Destaca ainda que o patrimônio histórico representado pelos bens materiais e imateriais são aqueles que se relacionam mais diretamente com a vida da comunidade.

Para Le Goff (2003), a idéia de patrimônio como conjunto de referências da memória e da identidade do povo surgiu durante a Revolução Francesa. A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.

Rodrigues (1969-1987 apud MELO, 1999) assinala que, no início dos tempos, a palavra patrimônio esteve relacionada à herança familiar, aos bens materiais. No século XVIII, quando na França o poder público começou a se preocupar com a proteção aos monumentos de valor para a história das nações, o uso de “patrimônio” ampliou-se para os bens protegidos por lei e pela ação de órgãos especialmente constituídos, nomeando o conjunto de bens culturais de uma nação.

A memória é um dos caminhos para o conhecimento do que passou e toda a consciência do passado. Através das lembranças, recuperam-se acontecimentos anteriores, distingue-se o ontem do hoje e confirma o intangível e longínquo fato, incrustado no tempo e no espaço. O Processo da memória no homem faz intervir não só a ordenação de vestígios, ou seja, ordena elementos do passado e faz uma reinterpretação deles⁴.

A memória é importante na construção da identidade e da cidadania cultural, porque é:

A memória dos habitantes que faz com que eles percebam, na fisionomia da cidade, sua própria história de vida, suas experiências sociais e lutas cotidianas[...], sem a memória não se pode situar sua própria cidade, pois perde-se o elo afetivo que propicia a relação habitante-cidade, impossibilitando ao morador de se reconhecer enquanto cidadão de direitos e deveres e sujeito da história(ORÍÁ, 2004, p. 139).

⁴ VIZZOTTO, J. M. P. 2009.

Para Santin (1986), as realizações do passado, de qualquer gênero, fazem parte obrigatoriamente da vida e do indivíduo, de uma comunidade ou de um povo. Através do passado que resgatamos nossa identidade, seja ela individual ou grupal. O momento presente de cada pessoa ou de cada sociedade somente torna-se concretizável graças à herança cultural que os acompanha. O autor complementa que negar o próprio passado histórico-cultural significa negar a si mesmo. O passado cultural representa a história de um povo suas raízes e identidade cultural.

Para grande parte dos indivíduos, o uso do patrimônio é essencialmente histórico, ele representa nossos valores, nossas raízes, nossa trajetória histórica; os bens patrimoniais são fontes documentais e, por isto devem ser preservados. Ainda que a sociedade desconheça sua potencialidade comunicadora e educativa, esta possui com o patrimônio laços de respeito e admiração pelo seu vínculo com o passado e, conseqüentemente com sua cultura.

Para o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, a cultura possui produtos que são objetos, registros, valores, sons, ritos e lendas, que nos permitem conhecer a nós mesmos e também, ao ambiente que estamos inseridos. Assim, a cultura fortalece e ilustra a nossa memória, que é constituída de lembranças, reminiscências e vestígios, ou seja, a memória social está diretamente ligada ao patrimônio cultural - a somatória dos bens culturais portadores de valores que podem ser legados à posteridade (PEREIRA, 2011 apud IEPHA, 2008, p. 3).

A cultura é uma herança renovada a cada dia e a nós cabe o papel de entendê-la, protegê-la e qualificá-la como um patrimônio individual e coletivo. A Constituição Federal de 1988, artigo 216, estabelece que:

o Poder Público, com a cooperação da comunidade, deve promover e proteger o patrimônio cultural brasileiro. Este patrimônio é constituído pelos bens materiais e imateriais que se referem à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, tais como: as formas de expressão; os modos de fazer, criar e viver; as criações artísticas, científicas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados a manifestações artístico-culturais; os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico, científico. Estão incluídos os bens imóveis, como igrejas, conjuntos urbanos, casas e praças (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988).

A inclusão dos bens culturais como patrimônio nos remete a responsabilidade, exigida também pela Lei 8.159/91, de proteger e salvaguardar os bens, como forma de garantir a memória e o patrimônio cultural, propriamente dito, conforme art. 1º desta Lei, que diz:

Art. 1º É dever do Poder Público a gestão documental e a de proteção especial a documentos de arquivos, como instrumento de apoio à administração, à cultura, ao desenvolvimento científico e como elementos de prova e informação (Lei nº8.159 de 8 de janeiro de 1991).

O Programa de Ação da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência, define a cultura como uma parte fundamental da vida de cada indivíduo e de cada comunidade. Nem só de cidades e monumentos é formado o patrimônio histórico; quadros, livros ou mesmo fotografias que documentem a memória e os costumes de uma época também fazem parte do acervo cultural e devem ser preservados.

Para Richter (2008) a salvaguarda do patrimônio cultural garante a identidade e a memória de um povo, para tanto, ações de preservação são de grande importância para garantir que o passado de uma nação não seja esquecido, nem tão pouco, desapareça em ruínas. A proteção do patrimônio cultural deve ser umas das políticas públicas regionais de desenvolvimento bem como promover o valor da diversidade cultural e da expressão cultural, além de explorar e apoiar o uso da cultura para consolidar a inclusão e a identidade social.

2.2 Patrimônio documental

O surgimento dos arquivos é simultâneo ao surgimento da escrita, pois o homem sentiu necessidade de registrar suas observações, pensamentos e atos, elaborando e preservando documentos úteis ao funcionamento da sua vida econômica, política administrativa, social e religiosa, construindo, assim, memórias que serviram de narrativas e de elo entre gerações. A UNESCO, em 1978, identificou onze categorias de atividades culturais, e entre elas o Patrimônio Cultural. Integram esta categoria: os monumentos históricos, os sítios arqueológicos, os museus e os arquivos, entre outros.

O arquivo é o conjunto de documentos produzidos e acumulados por uma entidade coletiva, pública ou privada, pessoa ou família, no desempenho de suas atividades, independentemente da natureza do suporte sobre o qual as informações são registradas. Para Bellotto (2004), “o arquivo é toda a coleção de documentos, conservados visando sua utilidade que poderão oferecer futuramente”.

Entretanto, é preciso entender o arquivo como um órgão informativo, tanto na busca de direitos como no conhecimento dos deveres. Sua principal função é preservar os documentos disponibilizando aos usuários as informações, seja este usuário um administrador, um historiador ou um cidadão comum. Torna-se assim evidente, a compreensão e a abrangência do que seja um documento:

Qualquer elemento gráfico, iconográfico, plástico ou fônico pelo qual o homem se expressa. É o livro, o artigo de revista ou jornal, o relatório, o processo, o dossiê, a carta, a legislação, a estampa, a tela, a escultura, a fotografia, o filme, o disco, a fita magnética, o objeto utilitário, etc. enfim tudo o que seja produzido, por motivos funcionais, jurídicos, científicos, técnicos, culturais ou artísticos, pela vida humana (BELLOTTO, 2005, p. 35).

Todo o documento histórico é preservado como prova ou evidência de uma ação; ele registra a história de um povo disseminada ao longo dos tempos. O fato de o documento de arquivo apresentar essas características e ser em grande parte escrito, torna sua investigação ainda mais interessante para atividades da pesquisa histórica. Ele possui um valor cultural, científico e memorialístico, matéria prima na aquisição de conhecimento por parte dos pesquisadores.

Segundo Chagas (1996, p. 15) “documento é aquilo que ensina ou mais precisamente aquilo que pode ser utilizado para ensinar alguma coisa a alguém. Também é compreendido como suporte de informações, que só podem ser preservadas e resgatadas através de questionamento”.

Não importa qualquer que seja a data do documento, a forma em que ele se encontra o seu suporte material, elaborado ou recebido, o arquivo preserva todos esses documentos que foram produzidos durante as atividades no decorrer da história.

Como afirma Bellotto (2005, p. 116) “o arquivo é de vital importância para a administração, deve ser visto como o “arsenal da administração” e, ao mesmo tempo, como “o celeiro da história“. Nessa dualidade de valores administrativo e histórico, que se deve considerar a documentação estática ou inativa. Todo o papel administrativo do arquivo desde a sua criação tem um valor histórico.

Para que o documento cumpra a função para a qual foi criado é primordial que ele esteja preservado, organizado e acessível. Como um documento pode assumir diversas funções em diversos formatos e suportes, é necessária a existência de diversos espaços a eles destinados. Segundo Bellotto:

Arquivos, bibliotecas, centros de documentação e museus têm a co-responsabilidade no processo de recuperação da informação, em benefício da divulgação científica, tecnológica, cultural e social, bem como do testemunho jurídico e histórico (BELLOTTO, 1991, p. 14).

Assim, considerando, a busca cada vez maior pela informação possibilita a evolução, crescimento e desenvolvimento profissional. O papel do Arquivista é buscar em fontes escritas, livros de registros, dados secundários e orais as informações, organizando-as de forma a contribuir para a preservação, investigação e divulgação de aspectos relevantes da história.

Diante da evolução tecnológica, a arquivística tem passado por mudanças, renova-se e procura se adaptar aos novos rumos que são colocados como relevantes para a construção do conhecimento.

Assim, entende-se que é necessário apresentar um conceito de arquivo:

Acervos compostos por informações orgânicas originais, contidas em documentos registrados em suporte convencional ou em suportes que permitam a gravação eletrônica, mensurável pela sua ordem binária (bits); produzidos ou recebidos por pessoa física ou jurídica, decorrentes do desenvolvimento de suas atividades, sejam elas de caráter administrativo, técnico, artístico ou científico, independentemente de suas idades e valores intrínsecos (LOPES, 2000, p. 33).

Dessa forma, os arquivos são lugares que guardam memórias de acontecimentos relevantes ao longo do caminhar da sociedade. Tais registros permitem, ao lado de outras fontes, a produção do conhecimento histórico.

Ao se tratar dos assuntos relacionados à memória, deve-se destacar que os documentos administrativos ou ligados à vida e/ou atuação de órgãos, tornando-se testemunhos e fontes a serem utilizadas por historiadores e pesquisadores (BELLOTTO, 2006).

Todo documento arquivístico, independentemente de seu suporte, surge administrativamente para que seus registros sirvam de prova, testemunho, possibilitando também aliança com outras áreas do conhecimento. Nesse sentido, fazem parte do conjunto de bens culturais os documentos, independentemente de seu formato e suporte. O patrimônio documental é detentor de memória, e à medida que ele é ativado possibilita a busca da história mantida nos acervos documentais de valor permanente e assim abre novas possibilidades de recriação e de invenção do mundo.

A Arquivística é uma das disciplinas que atua e se propõe a preservar e organizar intelectualmente a informação arquivística, a disponibilizá-la de modo rápido e seguro, e a garantir o acesso ao usuário, para que efetivamente esta informação venha a gerar conhecimento. De outro lado, se entendida como ciência (com objeto científico cognoscível definido e com a possibilidade de verificação universal de seus pressupostos por meio de método científico), a Arquivística não se prende unicamente à organização de arquivos, mas pode conhecer cientificamente a relação que existe entre a entidade acumuladora da informação, e a informação acumulada por esta. Isto caracterizaria a Arquivística como uma das ciências da informação.

Os documentos, embora se constituam pequenos fragmentos do passado, eles são responsáveis pela compreensão e a continuidade histórica, principal instrumento de que se utiliza o pesquisador. Dessa maneira, o patrimônio documental representa a preservação da memória histórica de outras épocas que por razões diversas chegaram até nós. Para Rousseau e Couture (1998, p. 65), “cada vez mais os organismos utilizam os seus documentos nas suas pesquisas retrospectivas, a fim de melhor compreender o presente”.

No levantamento de fontes e registros busca-se neste trabalho a preservação e divulgação do patrimônio de Vale Vêneto. A proposta de um instrumento com informações de suas representações, na presente pesquisa nos remete à responsabilidade de proteger, salvaguardar como patrimônio documental. O documento consistirá de informações ordenadas em forma de catálogo, constituindo-se como uma importante fonte de consulta a ser abordado no próximo capítulo.

2.3 Catálogo Seletivo

No decorrer dos anos, por diversas razões os seres humanos registram por escrito os produtos de suas atividades, sejam elas sociais, econômicas, políticas e/ou pessoais. Atualmente, o suporte com o qual se registram tais atividades está evoluindo para os suportes eletrônicos.

A necessidade de sistematizar a informação presente em diversos suportes e formas, conservar e administrar estes registros sempre existiu, constituindo-se, assim o patrimônio documental. Para garantir o acesso, em registros contidos nos

documentos, há critérios e metodologias próprias para servir de encaminhamento à pesquisa e ao conhecimento.

Dentre as metodologias, estão às atividades de descrição, isto é ato de descrever e representar informações contidas em documentos em qualquer suporte, para torná-lo conhecido aos usuários. As atividades geram as informações históricas de forma organizada e sistematizada baseadas na coleta e reunião de informações sobre o patrimônio a ser documentado.

A descrição cria diferentes instrumentos de registros das informações. Nesta etapa da pesquisa consistirá na organização das informações levantadas num instrumento de pesquisa, denominado catálogo na qual se pretende registrar os conteúdos segundo critérios temáticos de forma sumária. (DBTA, 2005 p. 45).

Trata-se de ser um instrumento de divulgação com descrições curtas e de forma ordenada, organizado de maneira que a informação seja completa e fácil. Com isso, Bellotto (2006, p. 200) descreve o catálogo como sendo “o instrumento que descreve unitariamente as peças documentais de uma série ou mais séries, ou ainda de um conjunto de documentos, respeitada ou não a ordem da classificação”

Neste sentido, o catálogo é uma ferramenta para organizar e registrar as informações dos documentos de um ou mais fundos, de uma ou mais unidades documentais e as agrupa pelo mesmo assunto, período de tempo ou lugar.

Os catálogos seletivos transcendem a dimensão arquivística dos catálogos convencionais ao escolher documentos que atendam a critérios temáticos, independentemente de sua posição no plano de classificação, podendo, inclusive, reunir documentos de fundos e arquivos distintos (LOPEZ, 2002, p. 33).

A eficácia do catálogo depende da sua capacidade de apresentar aos seus usuários informações precisas. Para a concretização deste trabalho, pretende-se, com este instrumento deixar documentado os principais bens patrimoniais que simbolizam a fé e o trabalho do início da colonização italiana existente em Vale Vêneto, para que fique resguardado do esquecimento.

O instrumento ora a ser proposto, destina-se a comunidade, ao público em geral e pesquisadores. Conforme Costa (2009, p. 165), “este tipo de publicação impressa com finalidade de divulgar e preservar informações históricas, além de servirem de suporte para conhecer a história do patrimônio histórico local, poderá ser levado para posteriores consultas e trabalhos de interesse na área”.

Foi pensado nesse instrumento como forma de registrar, preservar e difundir as informações por ser em forma de revista, mas em menor tamanho, contendo capa e páginas ilustradas com registros fotográficos dos símbolos, sob o título “História de Fé e Trabalho: Bens Culturais de Vale Vêneto”.

As informações serão objetivas, ordenadas de acordo com a contextualização histórica de cada bem cultural identificado pelos entrevistados conforme descrição nos próximos capítulos.

A construção do catálogo será realizada pela pesquisadora, mas existe a esperança de continuá-lo e até mesmo publicá-lo, para que a comunidade em geral possa ter acesso. Em princípio será disponibilizado nos locais de acolhimento aos turistas e lugares voltados a cultura em Vale Vêneto.

2.4 Contexto histórico sobre a Imigração Italiana

À partir do século XIX, houve uma crescente imigração europeia de alemães, suíços, poloneses, russos, portugueses, espanhóis, vindos, sobretudo para os estados do Espírito Santo, São Paulo, Santa Catarina e no Rio Grande do Sul.

Afetados pelas condições de extrema pobreza milhares de famílias viam na vinda para o Brasil a chance de melhoria de vida. O Brasil era visto na Europa como um país de muitas oportunidades, pessoas que passavam por dificuldades econômicas enxergaram uma ótima chance de prosperarem.

O abandono da terra natal consistiu na saída para a crise vivida por multidões de camponeses. Partia-se para a América para fugir da fome, do trabalho fatigante, da desnutrição, do salário irrisório, do alto aluguel da terra, do serviço militar. A imigração era a forma de revolta surda e silenciosa contra os grandes proprietários de terras. Ela prometia um futuro risonho, no qual todos seriam signori⁵ (MAESTRI, 2005, p. 103).

Por vários fatores e por questões econômicas pela qual a Itália estava enfrentando, com o grande número populacional e de problemas sociais formado por trabalhadores braçais, arrendatários que viviam em condições de extrema pobreza,

⁵ Signori – homens de poderes e proprietários de muitos lotes de terras.

levaram a evasão de imigrantes para a América. Este processo migratório esteve associado às transformações políticas, econômicas e sociais⁶.

“As lutas pela unificação da Itália acenavam com nova ordem social e agrária, os prejuízos constantes na agricultura, pouco trabalho e em consequência disto, em vez de lucros, dívidas e dificuldades por toda a parte, ao invés de dar solução aos problemas socioeconômicos, veio agravá-los. Esse processo levou à destruição da pequena indústria de tipo artesanal e também elevou os impostos, contribuindo para a crise no campo.” (BONI e COSTA, 1984, p. 52).

Para Giron (1992), a unificação da Itália e a emigração do país estavam juntas no mesmo contexto. O sul do país mantinha-se agrário e o norte industrializava-se. A maioria dos colonos morava no norte em vilarejos, sendo pequenos minifúndios. A produção agrícola não era o suficiente para alimentá-los e a maioria era obrigada a arrendar as terras de suas propriedades. As terras cultiváveis estavam nas mãos de poucos latifundiários, que as cediam aos trabalhadores rurais, dando aos mesmos duas ou três partes dos produtos colhidos. Como tinham geralmente famílias numerosas, mal tiravam para o seu sustento.

Conforme Boni e Costa (1984), a Itália encontrava-se dividida entre os nobres, privilegiados, donos da maioria das terras e isento de impostos com direito as decisões políticas e sociais. Por outro lado os operários, agricultores, pequenos artesões, desprovido dos mínimos direitos de sobrevivência.

Durante o fenômeno migratório houve várias transformações estruturais importantes na história do Brasil, na econômica, abolição da escravatura, urbanização, criação do setor terciário e início da industrialização.

Muitos fatores predispunham a emigração, como a miséria, a fome, a ausência de terras, a falta de capital e de matéria-prima, as crises agrícolas, a política fiscal, o desfloramento, a política comercial e o endividamento das terras. A Itália era um país agrário, que condenava suas classes populares à miséria e a fome, sobrecarga de impostos aumentando o endividamento aos camponeses arrendatários que não tinham condições de adquirir novas tecnologias para o setor agrícola. Estes foram alguns dos fatores que estimularam em geral a emigração camponesa (GIRON, 2007, p. 30).

⁶ SPONCHIADO, Breno Antonio, Imigração & 4ª Colônia: Nova Palma & Pe. Luizinho. Santa Maria: UFSM, Pró-Reitoria de Extensão, 1996.

Os camponeses italianos estavam vivenciando tempos de miséria e desemprego principalmente por conta do avanço da industrialização na Itália. Partiam em busca de uma nova pátria de um lugar que os acolhessem livrando o governo italiano de uma grande massa de camponeses, desempregados e deixariam para trás a miséria e as lembranças tristes da vida sofrida.

Segundo Giron (2007), a saída dos italianos foi altamente rentável: a venda de passagens, de alimentação nos postos e, mais tarde a remessa de auxílio para os parentes que ficaram no país, movimentou a economia italiana e propiciou melhorias sociais na última década do século XIX. A utilização do navio a vapor e dos trens possibilitou o transporte de europeus pobres, carente de terras e de emprego para a América.

Não esperando melhores condições na pátria, numerosas famílias resolveram emigrar. Para Rubert (2003, p. 14), os imigrantes italianos na Itália eram quase todos agregados.

Poucos os que tinham alguma propriedade. Havia entre eles alguns que sabia lidar com pedras, construir casas, fazer muros. Embora pobres, trouxeram tudo o que podiam carregar roupas e utensílios domésticos e alguns objetos de estimação. Até mudas de árvores frutíferas, de oliveiras e parreiras colocavam nas suas bagagens, Os que tinham terrenos, utensílios pesados e algum produto trataram de vendê-los e se prevenir com algum dinheiro. Alguns aqui chegados puderam comprar à vista sua colônia quando o governo não mais as distribuía gratuitamente. Ademais, sempre tinham gastos na viagem. Com “saudades deixaram a pátria, a bela Itália, e se aventuraram a encontrar mais sorte no Brasil.

Os navios com imigrantes italianos (Figura 1) chegavam ao porto do Rio de Janeiro onde cumpriam o tempo da quarentena na “Casa dos Imigrantes” ou aguardavam para que os grupos fossem remanejados. Após isso, eram enviados para as demais Províncias. Os enviados para o Rio Grande do Sul chegavam ao porto de Rio Grande onde permaneciam em um barracão até serem encaminhados para Porto Alegre de onde seriam alocados nas colônias.

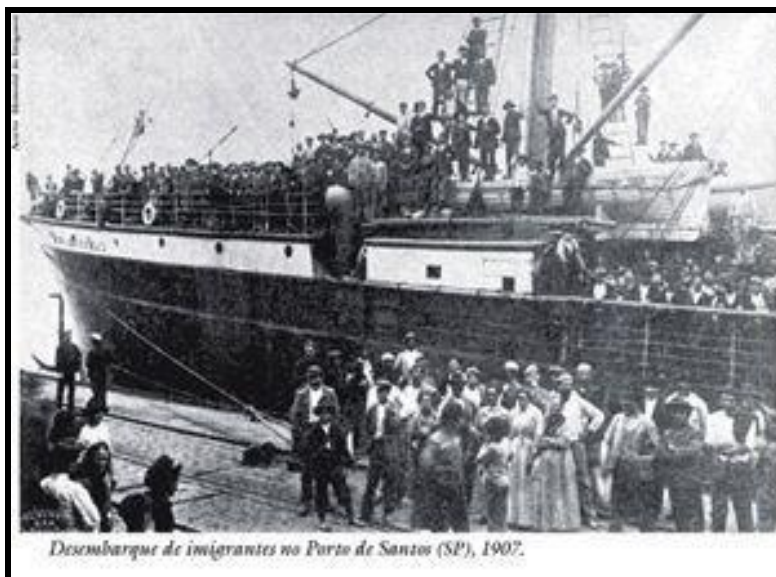


Figura 1 – Navio que transportava os imigrantes para o Brasil

Fonte: Acervo do Museu do Imigrante de Vale Vêneto

Assim é possível entender a partida de milhares de italianos sem saber aonde iriam morar e para um país totalmente desconhecido. Se por um lado tinham a certeza do sofrimento deixado para trás, no outro haviam a incerteza de como seria a nova América.

2.4.1 América dos sonhos: Brasile “paese de la cucagna”

O Brasil era um dos países onde se haviam melhores condições de vida propostas pelo governo brasileiro principalmente no sul. Além do fator climático, outras vantagens eram oferecidas aos colonos para atraí-los, como doação de alimentos, serem proprietários das terras para se instalarem, recebiam ferramentas e sementes. Essa seria a solução encontrada pelo governo italiano para amenizar os problemas sociais e sem que para isso fosse depender de altos custos.

O Brasil buscava uma mão de obra alternativa para substituir o trabalho dos escravos nas lavouras cafeeiras e povoar as grandes áreas improdutivas.” O governo brasileiro comandado pelo Imperador D. Pedro II, resolveu povoá-las com imigrantes, capazes em primeiro lugar, de desenvolver uma cultura familiar, e, posteriormente construir uma resistência civil em caso de possíveis invasões estrangeiras”. (GIRON, 2007, p. 57).

O operário agrícola foi o primeiro tipo de imigrante italiano, que veio para substituir o braço escravo, principalmente em São Paulo. Os europeus compunham uma mão-de-obra mais capacitada do que a dos escravos que deveria inicialmente suprir o trabalho braçal na cultura cafeeira, principal referência da economia brasileira e do trabalho na industrialização. “Constituindo o maior contingente, oriundos principalmente da região do Vêneto, escolhidos para branquear o país sendo tratado como escravo branco. Os imigrantes se organizam, trabalham, fazem economias e migram para as cidades ou adquirem pequenas propriedades.” (BONFADA, 1991, p. 10).

De acordo com Ribeiro (2002, p.65), para os italianos, emigrar para o Brasil significava a solução para os seus problemas, pois aqui iriam encontrar a *cuccagna*, ou seja, a fartura, o lugar das realizações e dos sonhos.

Em meados de 1875 o governo brasileiro iniciou uma campanha nas áreas mais pobres da Itália, oferecendo-lhes, viagem gratuita e ajuda até instalarem-se nas novas terras. Segundo Bonfada (1991), abria-se uma imigração gratuita pelas quase 22 províncias formadas no império do Brasil incentivando a imigração de mão-de-obra européia.

Foram os emissários do governo brasileiro, das Companhias de Colonização e, também, das Sociedades de Navegação que, por meio de uma bem orquestrada campanha, se encarregavam de fazer o agenciamento de imigrantes, inclusive estimulando o imaginário popular a identificar a América como *il paese di cuccagna* [...] (RIBEIRO, 2002, p. 65).

“No Brasil havia uma política de colonização através da qual se buscava imigrantes para povoar, além de outras, as terras devolutas da Província do Rio Grande do Sul, incentivando a imigração de mão-de-obra européia. Provenientes do Norte da Itália, na maior parte vênnetos e lombardos, eram na grande maioria agricultores e possuíam um forte vínculo com a terra. A situação difícil que se encontravam, devido à exploração dos donos das terras, os faziam sonhar com a América. Todos queriam ser proprietários: essa ambição da propriedade funda-se na idéia de que ela seria a única condição para melhorar de vida.”(SANTIN,1986,p. 23).

⁷ “il paese di cuccagna”- quer dizer o País da Fartura.

2.4.2 Imigração Italiana para o Rio Grande do Sul

De acordo com Boni e Costa (1984), no ano de 1824 iniciou-se a imigração alemã que atingiu a corrente migratória com maior intensidade após a Independência do Brasil estabelecendo-se nas encostas da Serra ao norte ao longo dos rios Caí e dos Sinos, ocupando também parte das várzeas do rio Taquari e do Rio Pardo. Estes colonos ocuparam as melhores terras planas da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul deixando as terras localizadas no Planalto Meridional, região montanhosa e coberta de mato, livres de serem povoadas.

A partir da política de colonização, o Governo Imperial reivindicava os territórios das posteriores colônias de Conde D'Eu (Garibaldi) e Dona Isabel (Bento Gonçalves), promoveu o povoamento dessas colônias e fundou em 1875, uma outra nova colônia, chamada de "Fundos de Nova Palmira", rebatizada em 1877 com o nome de Colônia Caxias (Caxias do Sul). No final de 1877 chegaram a primeira leva de imigrantes destinados a ocupar o núcleo de Silveira Martins. As vantagens oferecidas pela Inspetoria de Terras e Colonização sob patrocínio do Governo Imperial e a empresa Carvalho Bastos & Vieira de Porto Alegre, eram: viagens, transporte, alimentação, remédios, acomodações, ferramentas, bagagens e correspondências dos imigrantes. (TONDOLO, 1996).

"Atraídos pelo clima e fertilidade do solo, preocupados em povoar, criar núcleos, ocupar territórios, produzir gêneros para o consumo em meados de 1875 chega a primeira leva de imigrantes italianos que vieram para substituírem os colonos alemães que, a cada ano, chegavam em menor quantidade. Com a vinda de grande número de imigrantes para a região sul, a imigração cresceu em massa." (RICHTER, 1990, p. 57).

Os colonos italianos foram atraídos para trabalhar como pequenos agricultores. Sandra Pesavento (1997) relata como as terras planas haviam sido ocupadas pelos alemães, aos italianos restaram os terrenos acidentados, nas encostas da serra. Eram lotes menores de (25 ha), montanhosos com densas florestas cobertos por matas virgens com a presença de animais desconhecidos dos europeus, passando com o tempo a colonizá-las.

A região da campanha menos montanhosa, já haviam sido povoadas, prevalecendo à pecuária como base econômica. No entanto (BONI e COSTA, 1984, p. 38), havia no Rio Grande do Sul, mais terras para serem ocupadas.

[...] Na metade norte, compreendendo a zona de floresta na planície, à margem dos grandes rios do estuário do Guaíba, a Encosta Nordeste da Serra e os matos do Alto Uruguai. [...] Relegara-se a mata virgem, de difícil exploração, requerendo contingentes maiores de mão-de-obra, tão escassa na época, e cujo modelo de ocupação sequer fora definido, por não se saber exatamente a que tipo de produção haveria de servir. Foi para estas regiões que foram enviados os imigrantes.

Este contingente de colonos vai se constituir na primeira grande camada de pequena burguesia rural, pequenos proprietários, preocupados com o trabalho, a produção, fazerem brotar da terra uma possibilidade concreta de construir o sonho da riqueza, que trouxeram da Europa. Contudo, Maestri (2005) afirma que não houve enriquecimento significativo dos colonos. Eles trabalhavam, sobretudo para manter-se. Também houve os operários urbanos, ou artesão autônomos, que se concentraram em algumas cidades trabalhando como alfaiates, sapateiros, barbeiros, marceneiros, também haviam técnicos profissionais ou intelectuais politicamente exilados.

Chegando ao Rio Grande do Sul os colonizadores italianos conviviam

[...] apenas entre si, os colonos reconstruíram seu mundo cultural – com as adaptações necessárias – que, ao observador menos precavido, parecia um prolongamento da Itália: língua, costumes, trajes, comidas, religiosidade, tudo enfim tinha um cunho nitidamente italiano e contrastava com qualquer modo brasileiro ou português de vida. E nem mesmo seria possível de outra forma, devido ao isolamento cultural em que se encontravam. De quem aprenderiam o português? Quais seriam os costumes brasileiros que deveriam integrar-se na nova vida? Quem lhes transmitiria a religiosidade popular da campanha? Por trás desta italianidade – que muitos quiseram preservar como sinal de cultura superior – escondiam-se, porém, os primeiros esboços de uma nova forma de ser brasileiro: o imigrante viera para o Brasil após uma amarga experiência em sua terra natal que, rapidamente, foi sendo esquecida e, por repetidas vezes, até mesmo desprezada (BONI e COSTA, 1984, p. 84).

Santin (2002) relata que com a chegada de grande número de colonos italianos, o que exigiu que novos territórios fossem encontrados. Além disso, outro motivo a dificuldade de acesso para deslocamento dos imigrantes das três primeiras Colônias para essa região devido a precariedade das estradas com as fortes chuvas. Os responsáveis pela imigração resolveram convencer os novos grupos de imigrantes a se deslocarem a nova frente de ocupação da região central do estado, para o núcleo de Silveira Martins.

2.4.3 Quarta Colônia – Silveira Martins

Dois anos depois de assumir a colonização, isto é, em 1877, era organizada na região da floresta, em terras mais baixas, uma Quarta Colônia para imigrantes italianos, utilizando para tanto as terras de matas nas proximidades de Santa Maria da Boca do Monte.

Esta colônia estava longe das outras três colônias, separada delas pelos vales dos rios Taquari e Jacuí. Distava cerca de 400Km da capital da província. Ao contrário das demais colônias situada nas encostas do Planalto a região era relativamente plana, com uma altitude de 350m em média. Situava-se na chamada Serra de São Martinho, um dos prolongamentos da Serra Geral. Apesar da distância da capital, sob o ponto de vista das comunicações, era a mais bem situada, pois ficava apenas 18Km da ferrovia que ligava Santa Maria a Porto Alegre e a 29Km da sede municipal de Santa Maria. (GIRON, 2007, p. 58)

Os imigrantes que aqui chegaram e povoaram essa região eram compostos por famílias provenientes na sua totalidade do Vêneto, das províncias de Veneza, Treviso, Vicenza, Pádua e Verona. Outros partiram das províncias de Belluno, Udine e de Trento, conduzidas por barco até o Rio Pardo. Segundo Ancarani (1914, p. 12), a partir de 1877, marca o início da colonização desta região.

“Partindo do Porto de Gênova, Itália, no dia 19 de março e chegaram ao Rio de Janeiro em 20 de abril de 1878. Do Rio de Janeiro seguiram viagem até Porto Alegre, onde eram acomodados em galpões cobertos de zinco, na Praça da Harmonia. Daí saíram em pequenas embarcações subindo o Rio Jacuí aportando em Rio Pardo pela via fluvial.” (RICTHER, 1990, p. 58).

De acordo com Torri (2001, p.57-58), “de Rio Pardo, os imigrantes direcionados à Colônia de Silveira Martins vinham através do Rio Jacuí e, posteriormente, eram conduzidos por carretas puxadas por quatro ou cinco juntas de bois e guiados por um cavaleiro”. (Figura 2).



Figura 2 – Carretas que transportavam os imigrantes até o Barracão

Fonte: Acervo do Museu do Imigrante de Vale Vêneto

O caminho a ser percorrido era de difícil acesso, estradas embarradas e por piquetes abertos que levou quinze dias até o barracão de Val de Buia. “Com duas rodas de madeira, fechada aos lados e cobertas por ervas secas, puxada por quatro ou cinco juntas de bois e conduzidas por um guia a cavalo, cada carreta era destinada para uma família e seus pertences. As filas de carretas eram extensas e os condutores que as dirigiam de quando em quando faziam paradas a fim de soltar os animais na pastagem e descansar. No local onde paravam aconteciam as refeições e os pernoites assim foram vários dias.” (TORRI, 2001, p. 57)

Giron (2007) relata que os idosos, as mulheres e as crianças eram acomodados nos carretões e os mais jovens iam acompanhando os demais a pé, rumo ao “Barracão de Val de Buia”. Era o início da nova colônia italiana. Segundo Girardi (1995), descreve alguns momentos desta viagem em detalhes:

Andavam pelos campos enfrentando banhados e atoleiros, onde os bois se afundavam até a barriga. Atravessando pedaços de mato, percorrendo pequenas estradas estreitas e tortuosas, quase intransitáveis. Deparava-se com rebanhos de gado, e toda espécie de animais selvagens, e aves de muitos tipos e cores. Quando os bois estavam cansados e as pessoas exaustas, paravam, faziam comida ou montavam acampamento [...] e repousavam como os animais. Uns iam gritando como fosse uma alegre aventura, enquanto outros seguiam tristes, definhando, com lágrimas no coração, ou nos olhos.

No trajeto de Val de Buia, as famílias dos imigrantes italianos encontraram as famílias polonesas, que estavam fugindo com medo da peste, doença causada pela febre e as péssimas condições de vida, falta de higiene e pouca comida. Outro

motivo pelo abandono foi à inexistência de trabalho em terras planas. O Governo tenta impedir que isto aconteça, cobrando as contas que deviam. Porém após negociações, foram encaminhados para outros lugares, de onde se retiraram ao terminar os favores dados pelo governo ⁸.

Santin (1986, p. 37) “não havia outra opção para os imigrantes, a única coisa que se podia fazer era ir em frente ou morrer. A última etapa foi feita em caminho difícil, quase inexistente, o desespero quase os abate, uns rezam, outros reclamam, muitos choram, mas todos chegam”.

A primeira expedição de imigrantes italianos que se estabelecera no Barracão, eram precariamente abrigados e abandonados à espera oficial da colônia e da demarcação de seus tão esperados lotes de terra para posteriormente fixar sua moradia. Conforme, Lorenzoni (1975 apud GIRARDI 1995, p. 17), o barracão era da seguinte maneira:

Um imigrante o descreve como horroroso, não apenas pela falta total de conforto, mas também pelo medo que impunha a selva ao seu redor, e pela quantidade de animais e feras que, no entardecer, improvisavam uma orquestra arrepiante e pavorosa, com uivos, berros e gritos. Era um pavilhão de madeira lascada com largas frestas, coberto de zinco, sem forro e o piso era de terra batida, era pequeno para abrigar tanta gente que chegava ao local.

“Alojados provisoriamente, enquanto aguardavam a designação dos lotes de terra prometidas, para os seus assentamentos pelo Imperador do Brasil, Dom Pedro II, uma epidemia, dizimou mais de 400 imigrantes italianos, sendo o maior número de crianças. As péssimas instalações do Barracão, a superlotação, a escassez de alimentos, a falta de higiene fizera que a epidemia sofrida pelos poloneses voltasse com mais força ainda, morrendo mais da quinta parte dos italianos estabelecidos em Val de Buia.” (TORRI, 2001, p. 58).

Bonfada (1991) relata que no Barracão, amontoados em um salão, não tinha repartições nem assoalho ou forro, de apenas uma peça sem divisões cada família armava seu dormitório como podia distribuindo seus pertences pelo chão. As famílias cozinhavam no lado de fora do barracão, não havia higiene, pouca comida e remédio, fica difícil de imaginar o forte sentimento de tristeza e dor, sem a presença de um médico e de um sacerdote, o autor descreve: “De um dia para o outro, o

⁸ ANCARANI, Umberto. Monografia sobre a origem da ex-colônia italiana de Silveira Martins. 1877-1914. IN: CENTENÁRIO de Santa Maria. Porto Alegre, Globo, 1914. Edição Especial. 13-14/07/85. Santa Maria. 1985.

“barracão” se converteu em hospital de doentes e até em Câmara mortuária, pois não passavam dia sem haver mortos, pediam médicos e padres. Lá na saudosa pátria, o sacerdote não deixava a cabeceira do doente” (BONFADA, 1981, p. 15).

Diante da grave situação e ao saber dos acontecimentos com os imigrantes o Governo Imperial improvisou um cemitério para enterrar os falecidos no meio da mata, sem sacramentos sem sepultura eclesiástica. Rubert (2003, p. 20), “eram tratados como animais, sem assistência religiosa e sem funerais”.

No local (Figura 3), foi erguido em memória o Monumento ao Imigrante Italiano que fica localizado no Município de Silveira Martins e inaugurado em maio de 1977, por ocasião do centenário da fundação da 4ª Colônia Imperial. No monumento encontra-se gravado uma placa de bronze com os seguintes dizeres:

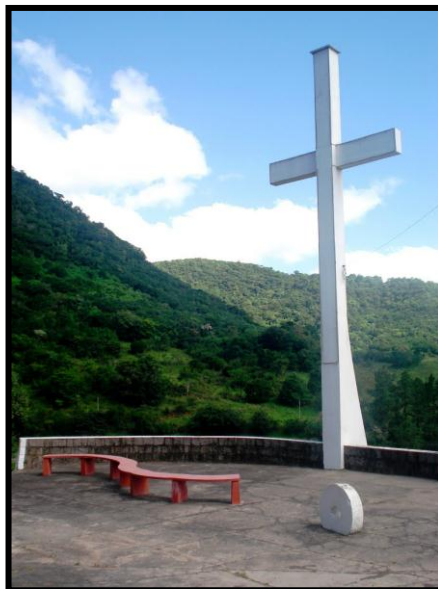


Figura 3 – Local onde os imigrantes se instalaram. A cruz representa a fé

Fonte: VIZZOTTO, 2013.

Estes homens de número indefinido, adquirem hoje significado para muitos. Mortos pelas pestes da miséria e do abandono deram os primeiros passos dolorosos, no processo de ocupação e desenvolvimento da região centro oeste de nosso estado. A estes imigrantes esquecidos, que a nossa débil memória transformou em anônimos, a homenagem dos descendentes da nossa Quarta Colônia da Imigração Italiana.

Em maio de 1878 com a chegada de mais famílias de imigrantes, foram construídos mais dois barracões anexos ao de Val de Buia. Havia um total de 310 famílias e 1500 pessoas, o barracão não comportava muita gente, das sucessivas

levas que vinham chegando, obrigaram-se abrir clareiras na mata, improvisando ranchos agrupando-se em barracas feitas com ramos e cobertas por lençóis (MANFROI, 1975).

Girardi (1995), a situação estava incontrolável, a vida selvagem, a fome e uma violenta epidemia fizeram com que muitos imigrantes enterrassem seu sonho da rica América. Algumas centenas de pessoas [...] foram ali sepultadas sem poderem entrar na terra prometida. Devido a epidemia o governo Imperial acelerou o processo das demarcações de terras devolutas, sendo executadas e a colônia Silveira Martins, foi-se transformando em um povoado, denominado pelos colonos de *Cita Nuova*⁹.

Conforme narra Sponchiado (1996), em 1880, a colônia começa a sofrer o impacto da suspensão da Imigração Financiada (Decreto 7.570, de 20/12/1879, que suspende auxílios para imigração), devido a superlotação e iniciam os trabalhos destinados a emancipação da colônia por não ter mais área para se expandir. O responsável pela preparação para emancipação era o Eng. Siqueira Couto, nomeado ao cargo de Diretor da Colônia.

Sponchiado (1996), pensar que a chegada na colônia representava o fim do sofrimento e peripécia é puro engano. Os imigrantes ainda tinham que explorar os montes, a cordilheira de São Martinho, em piquetes, pés descalços, pois não havia estradas. Mesmo assim, a imigração italiana continuava.

Com a emancipação da colônia, o fluxo de imigrantes voluntários continuou na região. A solução: criou-se a Comissão de Medição de Lotes e Estabelecimento de Imigrantes, chefiada por Siqueira Couto.

“Os colonos, ao receberem seus lotes, começavam a limpeza do terreno e tratavam de armar uma cabana de paus, lascas de coqueiro, cobertas de folhas de palmeiras, que havia de servir de primeiro abrigo para as famílias. À noite, ardia sempre o fogo para afugentar os animais ferozes e no inverno, para aquecer os corpos.” (BONFADA, 1991, p. 19).

Conforme relata Lorenzoni (1975, p. 65)

[...] instalavam-se sem o mínimo de condições de vida, para dormir faziam camas armadas em cima de quatro paus fincados no chão batido, meio metro de altura, com tábuas atravessadas por cima, cobertas com ervas secas. Como alimento, naqueles primeiros tempos[...] o café da manhã era

⁹ *Cita Nuova* - quer dizer cidade nova.

composto de mate com algumas bolachas secas e duras, e o almoço, de sopa de arroz com feijão, o que era repetido no jantar. Este foi o modo de vida dos primeiros colonizadores e sem as necessárias condições de higiene e de saúde.

“Cada colônia fundada era distribuída em lotes individuais, sendo que cada lote tinha uma extensão de terra aproximadamente de 25 hectares. As terras foram divididas em travessões ou linhas, que por sua vez, dividiam-se em lotes rurais.” (DE BONI; COSTA, 1984, p. 80).

“Orientadas do norte para o sul, outras transversais cortavam-nas em ângulo reto, formando-se os lotes. A delimitação se fazia ao norte e ao sul de uma linha-eixo, chamada “linha base”. No centro geográfico da colônia estabeleceu-se a sede, a vila da colônia.” (RICTHER, 1990, p. 57).

Escrevem De Boni e Costa (1984, p. 84) que “cada família tinha um lote, juntamente com ele, as famílias recebiam do chefe de governo do Estado do Rio Grande do Sul, instrumentos para o trabalho, um machado, foice, facão, pá, enxada, e sementes de feijão, milho, trigo e batatas, para iniciar a nova vida o mais tornava-se necessário lutar, para sobreviver.”

De Boni (1979) descreve que, uma vez designados os lotes, recebiam um documento onde estavam expressos seus direitos e seus deveres para com as terras concedidas. Somente depois de pagos, em certo prazo, os lotes passavam a ser da propriedade dos colonos.

Com a demarcação e distribuição dos lotes coloniais, as condições no Quarto Núcleo Imperial começavam a melhorar, pois o governo passou a dar mais assistência aos imigrantes. Os contatos com os parentes que ficaram na Itália incentivavam a vinda de mais imigrantes. A população aumentava o que obrigou o governo a criar novos núcleos coloniais.

“Em 1891, uma parte da ex-colônia foi integrada ao novo município de Vila Rica (depois Julio de Castilhos), enquanto outra extensão do território ficava para Cachoeira do Sul. O restante ficou ligado a Santa Maria. Emancipada a colônia, continuou o fluxo de imigrantes espontâneos. Não podendo contar com as terras particulares circunstantes a solução foi aproveitar às áreas devolutas vizinhas. Criam-se então diversos núcleos em terras devolutas, o Núcleo Norte, Núcleo Soturno, Núcleo Geringonça.” (SANTIN, 2002, p. 14).

“Em 19 de agosto de 1882, no Palácio do Rio de Janeiro é assinado o Decreto 8.644, que emancipa Silveira Martins do regime colonial. A situação da

Quarta Colônia de imigração Italiana começa a passar por mudanças significativas em relação a sua administração, passando a ser chamada oficialmente como ex-colônia e juridicamente, passa a ser o 5º Distrito de Santa Maria. É a primeira colônia imperial da Província a ser emancipada.” (SPONCHIADO, 1996, p. 60).

Assim começou a Quarta Colônia, conforme narra Santin (2002), à sombra do improvisado, sem projeto e sem nome. Somente depois de algum tempo foi denominada de Silveira Martins. Criada pelo Engenheiro Dr. Guilherme Greenhalgh e fundada pelo decreto imperial de 19-05-1877, cujo nome original dado ao povoado pelos imigrantes de *Cittá Nuova*, que num primeiro momento abrigou a região conhecida Silveira Martins, depois expandindo-se para outros lugares.

Situada no centro do estado do Rio Grande do Sul a Quarta Colônia é organizada na região de Santa Maria, no centro da Província, e seu nome é uma homenagem ao Senador do Império Gaspar Silveira Martins que possuía prestígio na região. A Quarta Colônia de Imigração Italiana (Figura 4) foi a quarta área de terras distribuídas para os italianos que imigraram no final do século XIX para o Estado, sendo o primeiro reduto de italianos fora da Serra Gaúcha. Da Colônia de Silveira Martins originaram-se os atuais municípios que compõem a Quarta Colônia:



Figura 4 – Mapa da localização da área da Quarta Colônia – RS.

Fonte: Folder Casa de Retiros N. S. de Lourdes, 2013.

Faxinal do Soturno o primeiro município a ser emancipado em 1959. Nova Palma, que se emancipa no ano seguinte e em 1965 ocorre a emancipação de Dona Francisca. Silveira Martins somente consegue sua emancipação em 1987 e em

1988, é a vez de Ivorá. Em 1992 emancipa-se Pinhal Grande e São João do Polêsine. Por questões político-econômicas, integram ainda a Quarta Colônia, os municípios de Restinga Seca, com colonização Portuguesa e Agudo com colonização Alemã.

2.4.4 Vale Vêneto – Formação do Núcleo Colonial

Fazendo parte do município de São João do Polêsine que também compõe a Quarta Colônia emancipada em 1982, está localizado o primeiro núcleo colonial formado pelos imigrantes que aqui chegaram e que levou o nome de Vale Vêneto em homenagem a tal região italiana de onde procederam (Figura 5).

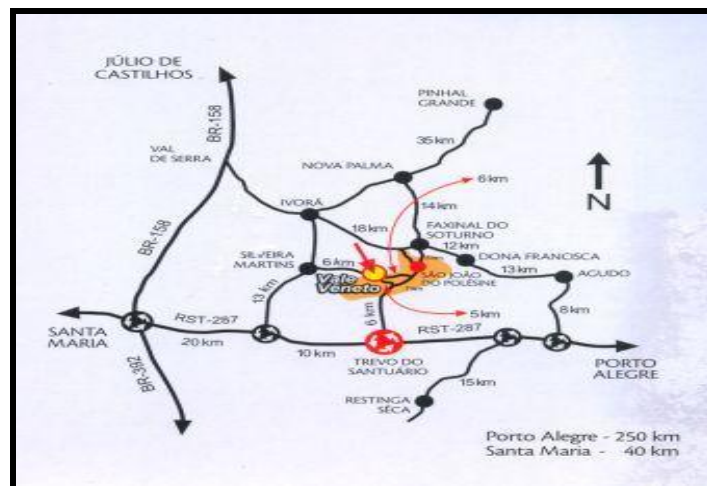


Figura 5 – Mapa da Localização da área de estudo - Vale Vêneto - R/S

Fonte: Folder Casa de Retiros N. S. de Lourdes, 2013.

A partir da Sede da Nova Colônia Silveira Martins, surgiram e cresceram muitos núcleos novos. Foi então, que em maio de 1878, chegavam as primeiras onze famílias de sobrenome Dotto e Pozzobon na localidade que então era conhecida como "Buraco" por sua localização no vale. Muitos sofrimentos físicos e espirituais marcaram a chegada dos imigrantes e sua fixação neste vale ¹⁰.

Os engenheiros do Império vinham com suas medições percorrendo essa região de Oeste para Leste, quando se depararam com uma crista de monte, tendo aos pés um plano vale. Visto de cima, apresentava-se como

¹⁰ História de Vale Vêneto..Cultura,turismo. Disponível: <<http://www.valeveneto.net/>> Acesso em: 20/03/2013.

um grande buraco, ladeado de paredões rochosos por três lados, com uma estreita saída para o nascente e outra para o Sul. Ali é que nasceu o primeiro nome do lugar: “Buraco”. Por vários anos a região identificava-se por este nome (BONFADA, 1991, p. 21).

A distribuição dos lotes era feita prevalecendo a condição de que os imigrantes italianos que provinham de uma mesma região da Itália ficassem num mesmo local. Foi o caso que ocorreu com o Vale, em 1878 se originou o primeiro núcleo colonial, constituído por imigrantes que provinham de uma mesma região.

“Conforto, não havia os vizinhos só muito longe, vias de comunicação inexistente; instrumentos de trabalho os poucos fornecidos pelo governo ou trazidos da Itália; roupa, a que se trouxera e que, em breve, estava se acabando, não havendo por vezes a possibilidade de adquirir tecido para vestir-se, assim foram se instalando as primeiras famílias.” (BONI e COSTA, 1984, p. 106).

No mesmo ano, chegaram ao vale mais famílias na quarta expedição lideradas por Paulo Bortoluzzi. O grupo dos Bortoluzzi tinha uma situação financeira privilegiada perante os imigrantes que os acompanhavam e por ser uma família numerosa o nome do local passou a chamar-se Vale dos Bortoluzzi.

Com a chegada de novos imigrantes e por não fazer parte da família dos Bortoluzzi a comunidade sentiu necessidade da troca do nome. Bonfada (1991) aponta que após muitos desentendimentos e discussões em torno do nome, cada morador que chegava procurava fazer prevalecer o nome de seu lugar de origem, quando ele diz que os Trevisanos gostariam que se chamasse de Novo Treviso, Os Furlans queriam Nova Údine, outros Nova Treviso”. No entanto não faltaram aqueles que, para enaltecer o nome do pároco, sugeriram que o nome do Vale poderia chamar-se então Val Sório.

Diante de tantos nomes e discussões e nenhum consenso por parte da população, o então Padre Sório que veio da Itália, a pedido das famílias para exercer no local as funções clericais, fez uma reunião com os imigrantes a fim de mudar o nome. Bonfada (1991, p. 21) “no dia 8 de dezembro de 1881, foi proposto pelo Padre Sório o nome de “Val Vêneta”, argumentando que todos estariam vivendo num bonito vale, com clima mais ou menos parecido com o da região de origem dos imigrantes ficaria então Val Veneta.”¹¹

¹¹ Localizado na região nordeste da Itália.

Por ocasião da visita do Bispo de Porto Alegre no ano de 1909, foi sugerido que o nome fosse passado para o português. O lugar geograficamente é um Vale e Vêneto porque a maioria dos imigrantes eram provenientes da região de Vêneto - Itália, passando a denominar-se Vale Vêneto, assim chamado até hoje

A fundação de Vale Vêneto (Figura 6) deu-se com 29 famílias procedentes da Província de Treviso, 26 da Província de Vicenza, 13 da Província de Udine(friulanos) e algumas famílias de Verona e Milano. Mais tarde, foram chegando outras famílias de parentes ou conhecidos da Itália (MARCUIZZO, 2000).



Figura 6 – Vista Panorâmica de Vale Vêneto/RS.

Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=Vale+Vêneto>

Vale Vêneto iniciou sua vida social muito timidamente, a maioria dos agricultores que aqui chegaram, trouxeram consigo a cultura e seus conhecimentos de como lidar com a terra, seus hábitos de produção agrícola, sua fé e o seu alto espírito de religiosidade, conforme relata (LORENZONI, 1975, p. 64).

Os italianos trouxeram consigo sua cultura, a língua dividida em diversos dialetos: a religião católica, os métodos do cultivo da terra, a culinária, as canções, os usos e costumes, os valores mentais, espirituais, éticos e morais que formam o caráter e a personalidade de cada ser humano, trouxeram também uma tecnologia mais desenvolvida, o que lhes permitiu assentar as bases da futura industrialização.

Para eles a vida não fazia sentido sem a assistência religiosa. Porém com o passar do tempo, através dos empréstimos e das freqüentes trocas de ferramentas e utensílios domésticos, iniciaram as amizades entre os grupos. Segundo os estudos

de Bonfada (2001, p. 22), “havia os locais de trabalho, onde os homens se encontravam, na construção de estradas e caminhos coloniais. Foi ali que se teceram os primeiros laços de amizade. Vizzotto (2009), diante dessa aproximação os colonos sentiram a necessidade de buscar a religiosidade vivida na Itália e unir forças para a construção de lugares para cumprirem com os seus preceitos religiosos e sentirem-se protegidos.

O apego a religião, a fé contagiante e a vontade de vencer trazida da Itália fez com que os colonos aqui estabelecidos tomassem especial cuidado com a assistência religiosa, fator determinante na sua vida sofrida. Todas as dificuldades encontradas nas colônias fizeram com que as famílias se aproximassem uma das outras, sentindo-se protegidas, já que naquele momento, não tinham um sacerdote para confortá-las.

Essa era uma das preocupações das famílias que se instalaram na região da Quarta Colônia, mais precisamente em Vale Vêneto. A presença permanente de um sacerdote na localidade era de vital importância, pois esse seria o responsável por suprir as necessidades espirituais da comunidade.

Bonfada (1991, p. 34) relata que “a história de Vale Vêneto foi, sobretudo, uma história de religiosidade e fé. Uma fé tão pujante que não lhes deu tréguas até conseguirem um pastor estável para suas almas”.

Dessa forma e profundamente religiosos os colonos trouxeram para a colônia os dois primeiros padres seculares do norte da Itália em 1881, contribuindo para que fosse fundada a Décima Casa Palotina do mundo, o Seminário Rainha dos Apóstolos, que foi o marco da história palotina no Brasil e América. Em 1886 chegaram os dois primeiros missionários palotinos, que construíram colégios e a igreja. Religião e ensino, colunas mestras para o desenvolvimento de um povo.

Fazendo parte da história de Vale Vêneto, o Ginásio Nossa Senhora de Lourdes, pertencente as irmãs do Imaculado Coração de Maria que funcionava como internato. Merece destaque o Calvário que foi criado em 1913 com as 14 estações, que contam o Martírio de Jesus Cristo. A Gruta Nossa Senhora de Lourdes, que nasceu de uma promessa feita pelo Padre Pedro Bottari, em 1941, em virtude das fortes chuvas que provocaram o desmoronamento de terras e rochas. A Igreja Matriz de Vale Vêneto que iniciou a sua construção em 1886, sendo consagrada em 1911, passando a ter como seu padroeiro Corpus Christi.

Conhecido por Pólo Cultural, berço dos Padres Palotinos, Capital Espiritual da 4ª colônia, Vale Vêneto é uma pequena comunidade localizada no município de São João do Polêsine, colonizada por imigrantes italianos a partir de 1878. O Vale, carinhosamente chamado pelos moradores e visitantes, possui símbolos edificados pela religiosidade e o trabalho com representatividade para a história e a identidade da comunidade.

Neste sentido, apresenta-se a seguir os procedimentos metodológicos necessários para responder ao questionamento: Quais os principais elementos que representam a religiosidade e o trabalho e que fazem parte da história da colonização italiana em Vale Vêneto?

3 METODOLOGIA

A proposta metodológica da pesquisa consistiu em identificar os principais bens culturais que simbolizam a religiosidade e o trabalho, e a sua contextualização histórica. Neste capítulo esclarecem-se os procedimentos metodológicos adotados para responder ao tema proposto, como: o estudo e o método seguido do instrumento de coleta de dados, bem como o universo da pesquisa.

3.1 O estudo e o método

Partindo do princípio de que as atuais formas de vida social, as instituições e os costumes têm origem no passado, é importante pesquisar as raízes. Assim, o método da presente pesquisa

Consiste em investigar acontecimentos, processos e instituições do passado para verificar a sua influência na sociedade de hoje, pois as instituições alcançaram sua forma atual através de alterações de suas partes componentes, ao longo do tempo, influenciadas pelo contexto cultural particular de cada época. Seu estudo, para uma melhor compreensão do papel que atualmente desempenham na sociedade, deve remontar aos períodos de sua formação e de suas modificações (LAKATOS, 2003, p. 106-107).

Para o autor o método histórico preenche os vazios dos fatos e acontecimentos, apoiando-se em um tempo, mesmo que artificialmente reconstruído, que assegura a percepção da continuidade e do entrelaçamento dos fenômenos.

De acordo com Gil (1991), a pesquisa assume caráter qualitativo, pois os dados não são traduzidos em número e nem há uso de métodos e técnicas estatísticas. A interpretação dos fenômenos e atribuição de significados é básica neste processo de pesquisa. O ambiente natural é a fonte direta para a coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave.

Do ponto de vista dos objetivos esta pesquisa caracteriza-se como descritiva a que melhor atende a proposta de estudo na forma de levantamento. Para a obtenção dos dados não será necessário a utilização de ferramentas estatísticas, mas sim contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto de estudo, uma vez que terão de ser realizadas visitas para as coletas das informações. A

pesquisa caracteriza-se como participativa, pois a autora também se insere neste estudo.

Segundo Gil (1991, p. 42) a pesquisa descritiva:

Visa descrever as características de determinada população ou fenômeno ou, então o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização do uso de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática.

De acordo com Marconi e Lakatos (2003, p. 188), "a pesquisa descritiva consiste num levantamento de dados e informações. Caracteriza-se pela interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer. Trata-se de levantamento junto às fontes primárias, geralmente através de aplicação de questionários, formulários ou entrevistam-se diretamente os sujeitos da pesquisa".

3.2 O instrumento da coleta de dados

O levantamento de dados de um estudo consta que pode ser feito através de diversos procedimentos, sendo os principais o questionário, o formulário e a entrevista. Para fins de concretização deste estudo, o instrumento de coleta de dados foi a entrevista (APÊNDICE A).

Segundo Lakatos e Marconi (2003), é um dos instrumentos essenciais para a investigação social, sendo caracterizada pelo contato direto entre pesquisador e entrevistado e pelo preenchimento do roteiro de perguntas pelo próprio entrevistador no momento da entrevista. Os autores apontam como vantagem relacionada ao uso deste instrumento de possibilitar a presença do pesquisador para explicar os objetivos da pesquisa, esclarecer as perguntas que não estejam claras, reformular itens para melhor compreensão do entrevistado caso a situação exija e de ser preenchido pelo entrevistador, motivo pelo qual este instrumento de coleta de dados foi selecionado pela pesquisadora.

O instrumento da coleta dos dados é composto por perguntas semi-estruturadas, abertas com questões de fácil compreensão elaboradas pela pesquisadora e listadas a seguir: 1) Nome; 2) Idade; 3) O Senhor (a) acha importante conhecer e preservar a história dos nossos antepassados? 4) O que o

Senhor(a) conhece sobre a chegada dos primeiros imigrantes italianos no Brasil e a formação da Quarta Colônia, especificamente Vale Vêneto?; 5) De que modo os imigrantes se instalaram e se organizaram (culturalmente) em Vale Vêneto? 6) Como o Senhor(a) se estabeleceu neste lugar (Vale Vêneto); 7) Quais os fatores que contribuíram para a religiosidade e o trabalho na comunidade? 8) Cite símbolos que o Sr.(a) considera importante e que representam o trabalho e a religiosidade na comunidade. 9) O que o Senhor (a) conhece sobre o contexto histórico destas representações e por quais motivos foram erguidos nestes lugares? 10) Sendo a memória importante para reconstruir a trajetória de algo, em suas memórias ou lembranças o que o Sr(a) tem registrado ou algum fato importante que lhe marcou sobre o trabalho e a religiosidade aqui em Vale Vêneto? 11) Qual o entendimento para o Sr.(a) do que é patrimônio histórico cultural? 12) Que tipo de envolvimento o Senhor tem na comunidade?

Identificar o passado do qual o cidadão é herdeiro é mais um passo na conquista da sua identidade cultural, compreensão do presente.

Por ser a pesquisa uma investigação de parte da história de Vale Vêneto, além do formulário, para resgatar e documentar informações, foi a fotografia utilizada para ilustração de textos, também como fonte documental na reconstituição histórica e preservação da memória..

A fotografia é um documento que permite a lembrança de fatos, muitas vezes esquecidos no passado. O registro fotográfico, como qualquer outro documento escrito, faz referência a uma situação que se pretende comunicar. De acordo com Fernandes Junior (2000, p. 18),

A fotografia é imagem, mas não apenas imagem, ela é o tempo detido, é a memória. É a evidência da luz que incidiu sobre um objeto específico, num lugar específico, num momento específico. Se por um lado isto soa como uma limitação, por outro é o próprio mistério da fotografia. Aquilo que vemos numa fotografia aconteceu. Às vezes de uma maneira que não sabemos como ou por que a fotografia não explica. Mas aqueles objetos e pessoas que gravaram sobre o filme e hoje são imagens, ontem existiram. É isso que estimula nossa imaginação.

A história de pessoas que viveram em outras épocas é possível ser lembrada através das imagens. A fotografia é um documento enriquecedor no que diz respeito à fonte informacional e principalmente no auxílio à memória, por esta razão toda a imagem que represente de alguma maneira, um fato, um

acontecimento, que acabou marcando a história, preserva a lembrança registrada na imagem.

A fotografia documental permite o entendimento de fatos que foram marcantes no passado e de fundamental para o resgate histórico e cultural destes acontecimentos.

Segundo Leite (2001), as fotografias nos contam histórias, revelam costumes, práticas e histórias de vida. Muitas vezes não nos recordamos dos fatos, as fotografias são importantes instrumentos para contar e reconstruir a história, como a desvendar as práticas culturais de um determinado grupo.

Neste sentido a utilização de imagem na metodologia do presente estudo, objetiva registrar, testemunhar os bens patrimoniais religiosos e do trabalho identificados como marco histórico da colonização italiana em Vale Vêneto. Cabe aqui, a compreensão de que a imagem faz parte do patrimônio cultural, pois preserva marcas de um determinado grupo social e a sua história.

Toda imagem que representa de alguma maneira, um fato, um acontecimento, é considerada histórica. A fotografia aqui relacionada é aquela que ficará registrada como fonte de informação para as futuras gerações.

Do ponto de vista técnico, a pesquisa visa proceder a um estudo aprofundado de um ou mais objetos a fim de obter amplo conhecimento do tema abordado. Saliento neste trabalho que essas fotografias que registram a história do patrimônio histórico local podem vir um dia a se tornar uma referência no futuro para trabalhos de pesquisas e demais pessoas interessadas.

3.3 O universo da pesquisa

Entende-se de forma geral que memória está relacionada ao passado e, de alguma forma, ao presente. Portanto para responder ao questionamento, a pesquisa teve a colaboração de moradores da localidade descendentes de imigrantes italianos com idade entre treze a cento e dois anos, somando-se quinze pessoas, um número satisfatório para realizar o trabalho.

A média de idade do grupo de participantes é de 80 anos. A colaboradora mais idosa tinha 102 anos à época da pesquisa, em 2013. A escolha pelos participantes idosos foi por residirem mais tempo na comunidade e com o intuito de

que possuíam memórias relevantes e quando estimuladas pelas lembranças rememoram muito o passado dos imigrantes. Foram incluídos alguns jovens para proceder o reconhecimento dos principais elementos que simbolizam a religiosidade e trabalho da colonização italiana presentes em Vale Vêneto.

As entrevistas e os formulários com as perguntas foram realizadas individualmente em datas e horários previamente agendados, entre os meses de agosto a novembro de 2013.

Os resultados da pesquisa foram ponderados através das informações dos participantes de forma descritiva no decorrer da dissertação e acompanhados da abreviatura das iniciais do nome do informante e a idade, seguida do registro fotográfico quando houvesse.

De posse das informações levantadas e para a finalização dos procedimentos metodológicos, o próximo capítulo diz respeito à apresentação parcial dos resultados alcançados conforme os objetivos propostos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste espaço conta com a compilação das informações coletadas na pesquisa, que se utilizou a técnica da entrevista com perguntas semi-estruturas e organizadas no formulário para coleta de dados, assim denominado pela pesquisadora. As respostas dos questionamentos foram descritas ao longo da dissertação, juntamente com a contextualização histórica dos principais testemunhos de fé e trabalho presentes na comunidade.

Dentro do objetivo proposto e pelos questionamentos realizados, Vale Vêneto, área de estudo e integrando a Quarta Colônia de Imigração Italiana, percebeu-se através dos resultados, que a fé e o trabalho foram os alicerces dos quais os imigrantes italianos construíram uma sociedade baseada nesses valores, e que foram fundamentais para eles.

Para os entrevistados a história dos antepassados que foi alicerçada na religiosidade e no trabalho está evidenciada na comunidade, portanto conhecê-la e preservá-la é importante e é essencial.

Segundo V. P, primeiramente, somos feitos de vinculações. “É calamitoso quando as "raízes" dizem pouco para as novas gerações. Sabemos que, dos antepassados herdamos valores, riquezas que fundamentam o nosso bem-viver”. Estes relatos são dos participantes à partir do questionamento sobre a importância de conhecer e preservar a história dos nossos antepassados.

4.1 Testemunhos que marcaram épocas

Partindo-se de relatos dos entrevistados o testemunho dos valores baseados na fé e no trabalho se vê marcada e materializada através das construções civis e religiosas existentes na comunidade. Na totalidade os informantes identificaram na área de estudo, representações monumentais que testemunham esses valores importantes como:

Os testemunhos da fé: são símbolos como as imagens e estátuas que falam dos padroeiros de cada comunidade; símbolos são nossos ambientes de oração como foram as Capelas [...]. a de São Francisco, as nossas igrejas, os capitéis são símbolo do religioso e de unidade. Ninguém subsiste só, nenhuma família, forma, educa, vive só. Como a escola é o centro da educação [...], assim a casa religiosa é sinal básico da expressão religiosa.

A construção da casa de Deus, não foi somente questão de honra, mas necessidade. Historicamente, para a família isolada na floresta, recorda com saudade o clima religioso da sua origem: os amigos, o padre, as liturgias, os cantos, a bela igreja, as Grutas, o Calvário, o sino, o salão de festa, o cemitério, os monumentos, que foram construídos para testemunhar fatos históricos ou homenagear alguém que se dedicou em prol da comunidade, seja na religião ou no trabalho; enfim todos os ambientes acolhedores de oração construídos pelos imigrantes. O terço para a família devota, a cruz, a água benta para livrar das intempéries. No segundo momento, o testemunho do trabalho, dificuldade para construir o chão; derrubada de mato; as casas, equipamentos agrícolas e utensílios domésticos, os poucos que trouxeram da Itália, e os que aqui improvisaram para poder sobreviver...

Essas representações ao longo de suas histórias foram elementos demarcadores do espaço colonial, representam a cultura e a constituição de um povo e, sendo assim, representam e orientam sua identidade, servem de elo entre o passado e presente. As representações devem ser um meio de ligar o homem aos seus ancestrais, engloba todo objeto ou ação que possua representatividade para a história e a identidade de uma comunidade.

Dessa forma, cada lugar é definido por sua própria história, em determinado lugar e momento histórico, pela soma acumuladas de lembranças, provenientes do passado. A partir das lembranças dos entrevistados as representações da religiosidade e do trabalho são o referencial de construção da história dos nossos antepassados, até os dias de hoje, conforme relatam:

Os emigrantes se estabeleceram em lotes (+-25 hectares) que eram sistematizados em linhas. Onde terminava uma linha começava outra. Assim que as famílias se estabeleciam no fim de cada linha, sendo a distancia de uma da outra - uns 300 metros. O Primeiro impacto do emigrante é sentir-se isolado no meio da floresta. Ter que improvisar sua morada de pau a pique, coberta por galhos. Mas no segundo momento, sentir-se feliz por possuir um pedaço de terra. A família é a primeira unidade. Ela é como o santuário no meio da floresta. Nela acontece o desabafo, a lágrima, o abandono; nela se recorda com saudade os amigos e parentes deixados na Itália; nela se reza, se bendiz a Deus. Depois, o homem começa a trabalhar na abertura de estradas; encontrar-se com vizinho; forma-se grupo de trabalho, troca-se idéias, conta-se as tristezas e pensa-se em comunidade. O elemento que une a comunidade é a fé e o trabalho em construir um oratório (Capela S. Francisco) para rezar, cantar; depois se busca os direitos sociais, o negócio; a educação dos filhos - a escola [...].

Acostumados a pequenas propriedades e a uma vida comunitária intensa, os primeiros italianos estranharam muito as condições que encontraram nas colônias. Isolados, no meio do mato, procuraram recriar o mais rápido possível, a vida que levavam na Itália.

Devido às colônias serem isoladas, longe das grandes cidades, as distâncias e caminhos precários, fizeram com que os moradores mantivessem unidos no trabalho e na fé. Dessa união e da ajuda mútua, os imigrantes deixaram representações que fizeram parte de suas vidas e hoje de valor histórico para Vale Vêneto.

Na seqüência são descritos os símbolos da fé e do trabalho que foram identificados pelos entrevistados.

4.1.1 Símbolos da fé na vida dos imigrantes italianos

Entende-se que o patrimônio histórico cultural agrega elementos do ambiente, bens culturais produzidos pelo homem. De acordo com relatos dos entrevistados sobre o entendimento do que é patrimônio histórico cultural, ficou evidenciado pelos participantes que cada povo tem sua história marcada pelas suas representações e pelo acúmulo do conhecimento, do saber, pelo modo de se viver, no longo da vida que aprenderam dos pais e avós. Segundo F. B. (27 anos), para mim patrimônio histórico cultural são os nossos costumes, comida, fala italiana, brincadeiras, objetos, vestimentas, histórias antigas, enfim a cultura como um todo.

Para o Sr. V. P. (80 anos), o patrimônio cultural, constitui uma herança histórica para ser transmitida às futuras gerações, devendo, portanto ser preservado.

No patrimônio histórico distingo duas realidades: o folclore ou as tradições e a Tradição. No folclore ou nas tradições estão os costumes dos antepassados: sua forma de comer, comidas típicas, seu jeito de trabalhar a terra: queimação de roças, arado e boi; seu comportamento familiar: o lugar da mulher na vida familiar, por exemplo, -aquela que faz tudo, o trabalho da casa, lava roupa e faz o almoço; e de tarde parte com o homem para a lavoura; estão os cantos românticos saudosistas. Tudo isto acontece dentro do espaço e do tempo. Incluí uma época. Mas a Tradição busca no passado um valor que o tempo e o lugar não destroem. Assim, por exemplo, a FÉ! [...] busco exemplo nos antepassados a fé que eles viveram. Foi por causa da fé que construíram igrejas, buscaram os padres, constituíram comunidades. Esta fé não está dentro do folclore. Mas está na riqueza do memorial. Os antepassados são nossos modelos na fé. (V. P. 80 anos).

Portanto o patrimônio cultural, para ser identificado e entendido necessita de conhecimento e do valor da sociedade na qual está inserido. Através deste entendimento o grupo atribuiu valores culturais que foram vivenciados pelos antepassados como lugares, representações, símbolos significativos do trabalho e

religiosidade, como também a contextualização histórica, para compor a pesquisa relacionada a seguir.

4.1.1.1 Monumento em homenagem as famílias Dotto e Pozzobon

Quando deixaram a Itália, sua pátria mãe, os imigrantes italianos vieram em busca de melhores condições de vida no Brasil. Para o entrevistado V. P. (80 anos)

Era fator claro, definido pelo Governo Imperial, mudar a estrutura produtiva agrária do Sul do País que, até então, centrada no Latifúndio, monocultura e escravidão, agora, para pequenas propriedades, policultura, um trabalho livre que viria fornecer ao mercado, gêneros alimentícios mais variados. Outra idéia forte na mente do Governo Imperial era branquear a raça. Neste objetivo, inicialmente deu preferência aos povos nórdicos, alemães, suíços, ingleses. Mas com a crise emigratória, principalmente da Alemanha, buscou o elemento Italiano. Nos anos de 1875, se inicia as grandes emigrações italianas.

Levaram trinta e seis dias, viajando em alto mar, à procura de uma nova vida, desembarcaram na Ilha das Flores e lá ficaram quarenta dias, para serem examinados, a fim de constatar se eram portadores de doenças que viessem contaminar os brasileiros. Após os 40 dias, foram conduzidos até a cidade do Rio de Janeiro (JORNAL O EXPRESSO, 1978).

Segundo o mesmo jornal O Expresso (1978), na chegada ao Brasil, no Rio de Janeiro, os imigrantes eram identificados através da colocação de carimbos nos passaportes fornecidos pelo “Re d’Italia”. O deslocamento até o Rio Grande do Sul se dava através de navios até Porto Alegre, onde eram novamente identificados e, após, deslocados pelo rio Jacuí em pequenas embarcações até Rio Pardo. Segundo os entrevistados, nossos avôs contavam que:

A travessia no Atlântico era dramático, um jogo no escuro tudo podia correr bem, mais ou menos, ou mal, morte de pessoas na travessia era comum. Os imigrantes deixaram para trás o rastro da lembrança, da saudade e uma página de suas vidas, enfrentando dificuldades, movidos pelas promessas, sonhos, esperanças, alegrias, tristezas, sucessos e insucessos, rumo ao desconhecido. Com a documentação pronta, liberados para a partida[...], no documento básico, o passaporte, continha a expressão “sensa ritorno”, o que significava uma viagem de ida sem volta. Era a última vez que se viam, uma separação para sempre, como se fosse uma despedida de morte, pois acreditavam que só se reencontrariam no paraíso, assim exclamavam (Jornal O Expresso, 1978).

Enviados para o Rio Grande do Sul, com o intuito de povoar os territórios da Quarta Colônia, no dia 14 de fevereiro chegaram ao Barracão, em Val de Buia às primeiras famílias Dotto e Pozzobon, vindas de Treviso, norte da Itália, para ocupar a região, onde permaneceram por vários meses até receber suas terras. O conhecimento dos entrevistados sobre a chegada dos primeiros imigrantes no Brasil e a formação da Quarta Colônia, especificamente Vale Vêneto e sua contextualização se deu:

Em 1877 chegam os primeiros grupos (glebas) que vão ocupar a Colônia Silveira Martins (4ª Colônia). Em 20 de maio de 1878 chegam em Vale Vêneto (Buraco; Vale dos Bortoluzzi; Val Veneta) as primeiras 11 famílias (Dotto e Pozzobon); No mesmo ano chegaram mais famílias liderados por Francisco Druzian e Paulo Bortoluzzi. Do fim do séc. XIX ao começo do séc. XX se estabeleceram mais ou menos 100.000 emigrantes italianos no Rio Grande do Sul.

Aos primeiros dias de maio, chegou o Diretor da Colônia, encarregado de distribuir as terras, chamou os Dotto e Pozzobon e disse-lhes:

Vossas Terras estão no outro lado do morro. Vocês terão que subir este morro e descer, seguindo sempre em direção ao sol. "Ao descerem verão um vale e uma pequena planície, lá está a terra que foi destinada às vossas famílias". Cada um recebeu um facão, no dia vinte de maio, um dia ensolarado, saíram os três irmãos Dotto: David, Antonio e Felix, seguiram mata adentro abrindo uma picada, a fim de não se perderem na mata. De tardezinha, no mesmo dia, chegaram nas imediações. Acampados, limpam uma pequena área e construíram um ranchinho coberto de folhas de coqueiro, com madeiramento atado de cipó e fechado com paredes de pau-a-pique e barro. (O EXPRESSO, 1978, p. 18).

Antônio Dotto voltou ao Barracão em busca das famílias e os seus pertences. Vieram juntos também as famílias Pozzobon, instalando-se uns 500 metros longe dos Dotto. Onde se estabeleceram os Dottos, havia uma fonte, na qual se serviam de água. Ali foi colhida uma grande pedra (Figura 7), que serviu para erguer o monumento, com um letreiro em baixo relevo, escrita por eles, com os seguintes dizeres "QUESTE TERRE SONO HABITATE DAÍ DOTTI, NEL 1878". (JORNAL O EXPRESSO, 1978, p. 18)



Figura 7 – Pedra colhida pelas primeiras famílias colonizadoras de Vale Vêneto

Fonte: VIZZOTTO. 2013.

Colocando-se em terras mais planas, iniciando o desbravamento as famílias provenientes da região Veneta, província de Treviso, segundo depoimentos dos participantes e do Sr. A. D. (90 anos), neto de imigrante,

Muitos sofrimentos físicos e também espirituais marcaram a chegada desses imigrantes e sua fixação neste vale. Comenta ainda “os meus avós trouxeram muita fé, rezavam e tinham muita vontade de vencer, passaram muito trabalho, oferecia os sacrifícios todos os dias à Deus. Em sua memória foi erguido um monumento em frente ao Clube Caravel (Sr. A. D. 90 anos).

No monumento (Figuras 8 e 9) consta os dizeres: No centenário homenagem de seus descendentes aos primeiros imigrantes de Vale Vêneto vindos de Treviso, Itália no dia 20.05.1878. As famílias foram: Giuseppe Dotto, viúvo, junto a seus filhos: David casado com Catarina Puntel, Antonio casado com Catarina Marin, Domenico casado com Tereza Bilio, Felice casado com Maria Pascoalini, Luigi e Ângela Casarin: Jacob, solteiro e Ângelo, sobrinho.



Figura 8 – Monumento em homenagem as famílias Dotto e Pozzobon

Fonte: VIZZOTTO, 2013.

FAMILIA POZZOBON: Luigi casado com Catarina Bordignon; Fiorino casado com Catarina Bucciol , Giochina e Valentina. 07.05.1978. Estrada Linha da Gloria Inauguração 1987.



Figura 9 – Placa do Monumento em homenagem as famílias Dotto e Pozzobon

Fonte: VIZZOTTO, 2013.

“Estas famílias deixaram Treviso, na Itália nos primeiros dias de novembro, de 1877. Dirigiram-se a Gênova e lá esperam alguns dias, até receberem ordem de embarcar para o Brasil, seguindo viagem no navio “Colombo.” (JORNAL O EXPRESSO, 1978, p. 18).

Conforme relato dos entrevistados, foi muito sofrida a chegada dos imigrantes aqui em Vale Vêneto, enfrentaram muitas dificuldades, pestes, fome e mortes. O primeiro grupo que chegou para colonizar a região foi obrigado a esperar de maio até outubro em Val de Buia, pois as terras não estavam demarcadas.

4.1.1.2 Fundadores de Vale Vêneto

Ao dirigir-se até região montanhosa, rumo ao seu lote de terra, cheios de energia e coragem, foi neste espírito de aventura que os pioneiros Paulo e Stella Bortoluzzi (Figuras 10), iniciaram uma nova vida, numa nova Pátria, em Vale Vêneto.

[...] da Itália nós partimos/ partimos com a nossa honra/ trinta e seis dias de trem e vapor/ na América nós chegamos/ dormimos no solo nu/ como

animais repousamos/ mas a América é grande e formada de montes e planícies/ e com talento/ fundamos Vale Vêneto. O chão que pisamos tem a herança dessas famílias que com muita coragem persistência, fé religiosidade souberam lutar e vencer as dificuldades. por todas elas é que hoje recontamos essa trajetória e trazemos a memória inúmeras recordações (MARCUIZZO, 1995, p. 3).



Figura 10 – Casal Paulo Bortoluzzi e Stella Furlan

Fonte: Acervo do Museu do Imigrante Eduardo Marcuzzo – Vale Vêneto

Paulo Bortoluzzi, nasceu em Franzenigo na Itália, no dia 01/12/1845 e casou-se com Stella Santa Furlan, nascida em Oderzo, também na Itália, no dia 01/05/1848. Tiveram 24 filhos, dos quais sobreviveram sete. Paulo Bortoluzzi faleceu no dia 20/10/1926 em Vale Vêneto e sua esposa Stella Santa Furlan faleceu no dia 10/11/1929, ambos sepultados em Vale Vêneto. Os dois são considerados beneméritos fundadores e grandes benfeitores da vinda para Vale Vêneto dos Padres Palotinos e das Irmãs do Imaculado Coração de Maria.

Diante de depoimentos dos entrevistados, teve destaque na formação e na localização do povoado. Lutou por uma comunidade de religiosidade, educação e cultura para seus liderados. Morava numa grande casa com sua esposa e seus filhos, na parte da frente da casa possuía um armazém onde se comprava de tudo. Empenharam-se na construção do armazém, pequenas cooperativas, moinhos e pequenas indústrias artesanais sempre visando ao progresso da comunidade.

Nas palavras de L. P (83 anos), fundou a primeira casa comercial, ramificando seu comércio em outros núcleos próximos. Doou os terrenos e liderou a construção

do Seminário Rainha dos Apóstolos, do Colégio Nossa Senhora de Lourdes e da Igreja Matriz de Corpus Christi, favorecendo o crescimento do povoado próximo a estas construções. Dedicou-se para com o desenvolvimento da localidade, graças aos seus dinâmicos esforços e por ter exercido liderança frente aos demais, foi considerado o fundador de Vale Vêneto.

4.1.1.3 Monumento em homenagem a Paulo Bortoluzzi

Disseminador e líder dos conhecimentos religiosos para os imigrantes quando não havia padres, Paulo Bortoluzzi foi responsável pela preservação da religiosidade, pregando aos seus conterrâneos, os primeiros ensinamentos cristãos.

Segundo narrativas dos entrevistados, a escolha do líder religioso da comunidade, era feita com base nos valores morais e religiosos, e sempre eram homens que tinham algum tipo de instrução, sendo responsáveis pelo catecismo das crianças, pela recitação do terço e das orações dominicais. Devido a carência de sacerdotes, juntamente com seus conterrâneos Lourenço Bolzan e Atílio Iop, chegavam a ministrar batismo às crianças e a benzer objetos. Passando por estas situações, Paolo Bortoluzzi preocupou-se em trazer padres e irmãs para atender às necessidades religiosas dos moradores.

Ao ser narrado pelos entrevistados, ser o homem que no passado preocupou-se pelo progresso e a religiosidade para Vale Vêneto, Halbwachs (2006), diz que a memória do grupo atua como elemento constituinte de uma identidade social.

Cada grupo tem sua história. Neles distinguimos personagens e acontecimentos – mas o que chama a atenção é que, na memória, as semelhanças passam para o primeiro plano. No momento em que examina seu passado, o grupo nota que continua o mesmo e toma consciência de sua identidade através do tempo (HALBWACHS, 2006. p. 108).

Foi nesse sentido que a comunidade por ocasião do Centenário da imigração italiana em Vale Vêneto prestou homenagem pelas benfeitorias realizadas, construindo um monumento e um busto (Figura 11), a Paulo Bortoluzzi, consideradas pelos participantes da pesquisa ser ele incentivador, da religiosidade,

O Senhor Paulo Bortoluzzi, filho da bela culta Itália, trouxe para o Brasil algo de precioso. Sua personalidade, sua bondade seu espírito de cidadão italiano e seu interesse pelo bem estar dos imigrantes italianos. Foi, para os

imigrantes, um pai dedicado, um conselheiro seguro, um amigo fiel na alegria e no sofrimento (MARCUIZZO, 1992, p. 6).



Figura 11 – Monumento em homenagem ao Fundador Paolo Bortoluzzi

Fonte: Acervo da Autora

4.1.1.4 Mausoléu dos Fundadores Paulo e Stella Bortoluzzi

Segundo relato dos entrevistados os cemitérios também revelam a simbologia da religiosidade vivida pelos imigrantes. No início do século XIX, os mortos eram sepultados em covas no chão, que recebiam mudas de flores e uma cruz de madeira ou ferro. Na medida em que iam progredindo economicamente, as famílias passaram a construção de jazigos familiares, em forma de capela ou capitel ornamentados com santos e anjos vindos da Itália. Podemos visualizar (Figura 12) o túmulo do Sr. Paulo e Stella Bortoluzzi.

As famílias dos imigrantes eram todas numerosas, a de Paulo Bortoluzzi inclusive, composta de três irmãos e três sobrinhos, todos casados. Segundo Torri (2001, p. 89), relata que “as famílias trouxeram consigo seus bens que eram em comuns a todos os membros da família, conforme costume italiano.”



Figura 12 – Mausoléu dos Fundadores de Vale Vêneto

Fonte: VIZZOTTO, 2013.

A fundação da colônia italiana de Vale Vêneto (Figura 13), ocorreu em duas etapas. No dia 20 de maio de 1878, chegaram as famílias Dotto e Pozzobom. No mesmo ano liderados por Paulo Bortoluzzi, chefe da expedição chegaram mais 36 famílias, da região veneta, província de Treviso sendo elas: Brondani, Bevilacqua, Bisognin, Creazzo, Carlotto, Druzian, Bolzan, Iop, Pivetta, Parzianello, Pellizaro, Pozzobon, Tronco, Vernier, Marcuzzo, Meneghel, Melotto, Mario, Nogara, Dal Santo, Rosso, Righi, Venturini, Vizzotto, Varaschin, Forzin, Forgerini, Londero, Lovato, Moro, Zaggo e Ruggine, que se espalharam por todo o Vale (CESCA, 1973).

Os imigrantes italianos da região de Vêneto, aos poucos foram se inserindo na nova sociedade, reencontrando valores, comportamentos que serviram de fatores para o processo de integração de sua nova pátria. Bonfada (1991, p. 22) traduz como iniciou a vida social nos primeiros tempos:

As famílias não se conheciam, mas aos poucos foram se conhecendo, bem timidamente, através do trabalho, quando emprestavam as ferramentas para abrirem os caminhos. Foi ali que passaram a descobrir as aflições em comum, mas também percebendo que, com a ajuda mútua, poderiam superar mais facilmente as dificuldades. Nas horas de trabalho árduo, o pensamento das famílias era voltado para a religião e para formar uma vila na localidade e ali concentrar sua vida social e religiosa. Considerado o líder pelas famílias, Paulo Bortoluzzi, tomou a iniciativa de então realizar esta idéia. Tendo em vista as necessidades comuns entre as famílias, fizeram com que as mesmas se unissem cada vez mais. Pessoas de costumes, hábitos e dialetos diferentes, mas oriundas da mesma pátria, a Itália, passaram a conviver juntas e com os mesmos objetivos. Paulo Bortoluzzi conseguiu um lote colonial para dar início ao futuro povoado.

Os moradores da colônia uniam-se entre vizinhos, formando grupos, retomando a vida coletiva que era desenvolvida na Itália. Além da língua de origem, o que criava um sentimento de coletividade entre os colonos era o fato de que se consideravam católicos, permitindo que eles se identificassem uns com os outros.

Por serem muito católicos os imigrantes promoviam encontros mesmo sem uma assistência religiosa. A Sra M. F. (102 anos) relata, no início da colonização, encontrar um sacerdote na região era muito difícil, dessa maneira, os colonos criaram a figura do Padre Leigo. Escolhido entre os imigrantes mais cultos e sábios nas práticas religiosas era encarregado de conduzir a doutrina cristã, como as rezas, o terço dominical, batizados, novenas, abençoar os doentes e realizar cerimônias fúnebres. Alguns, mais animados por sua condição “religiosa”, rezavam missa.

Dessa forma, não é difícil compreender que ao chegarem a uma terra desconhecida, a fé e o trabalho seriam os valores fundamentais para a construção da sua identidade cultural. Os imigrantes encontravam na fé um elo de proximidade que possibilitava ajuda para superar as dificuldades encontradas e, com trabalho trataram de preparar um local onde pudesse realizar suas orações. Nas palavras da Senhora A. B. (87 anos), “os imigrantes não sossegavam enquanto não construíssem uma capela e não tivessem um padre”.

Em 1886 iniciaram-se os primeiros trabalhos da nova igreja: uma capela feita em madeira, pedras e tijolos dedicada a São Francisco (Figura 13), para que pudessem realizar os encontros dominicais e a reza do terço.

Os colonos trouxeram um forte espírito religioso. Na Itália, faziam parte de grupos religiosos, freqüentavam missas e o grande sonho deles era de ter esse sacerdote que celebrasse a Eucaristia e os demais sacramentos.



Figura 13 – Capela de São Francisco, construída em meados de 1879, Vale Vêneto.

Fonte: Acervo do museu do Imigrante Eduardo Marcuzzo

No interior da capela colocaram a imagem do santo trazida da Itália (Figura 14). A escultura tem aproximadamente um metro de altura encontra-se exposta no altar central da Igreja Matriz Corpus Christi de Vale Vêneto.



Figura 14 – Estátua de São Francisco do séc. XIX, pertence a Igreja de Vale Vêneto

Fonte: VIZZOTTO, 2013.

4.1.1.5 Monumento em homenagem à 1ª Missa

Os imigrantes italianos necessitavam de missa ministrada pelo padre. Eram católicos fervorosos a ponto de terem seu cotidiano dividido entre o trabalho e a religiosidade e não se conformavam em não ter essa assistência sacerdotal.

Após vários pedidos e enquanto aguardavam padres, no dia 18 de maio de 1879 foi celebrada a 1ª missa em Vale Vêneto, pelo Padre José Marcelino de Souza Bittencourt na época vigário de Santa Maria. Para realizar esta celebração o vigário percorreu 40 km a cavalo em meio a matarias. A missa foi celebrada no local onde havia um descascador de arroz, de propriedade do fundador Paulo Bortoluzzi. Como altar foi usado a mesa de refeições da família que hoje se encontra exposta no Museu de Vale Vêneto.

Na manhã de 18 de maio de 1929, quando a população festejou o cinquentenário da 1ª missa rezada em Vale Vêneto, foi apanhada a foto composta por um grupo de imigrantes que em 1879 participaram daquele histórico ato litúrgico.



Figura 15 – Imigrantes presentes na 1ª missa em Vale Vêneto em maio de 1879.

Sentados, da esquerda para a direita - José Bolzan, Ana Casassola, Maria Righi, Santa Bortoluzzi, Maria Meneghello, Catarina Venturini, Tereza Dotto, Catarina Dotto e Fiorino Pozzobon. De pé, mesmo sentido, Alexandre Nogara, Ângelo Pivetta, Ângelo Bortoluzzi, Carlos Lúcio Dotto, Antônio Brondani, João Bortoluzzi, Atilio Iop e José Mario.

Fonte: REVISTA RAINHA, 1978.

Os monumentos são valiosos símbolos patrimoniais, que deixam marcas, e recordam fatos importantes da história. Para os depoentes o homem, ao construir um monumento está comemorando um acontecimento importante, ou para

homenagear uma figura ilustre que através do estilo arquitetônico da obra manifestam sua cultura.

O monumento em formato de cálice com a hóstia e a cruz (Figura 16) simboliza a crucificação de Cristo e a Eucaristia, foi construído em homenagem ao centenário da primeira missa celebrada em 18 de maio de 1879, para lembrar as conquistas e realizações do sonho dos antigos colonizadores, a de ter assistência religiosa.

A extremidade superior da Cruz representa Deus e a inferior Jesus Cristo e as horizontais representam o Espírito Santo, este monumento é mais um símbolo religioso, atribuído pelos entrevistados como sendo uma das representações da memória coletiva, de lembranças de um passado reconhecendo-o como parte integrante de seu patrimônio histórico.

O monumento com aproximadamente quatro metros de altura foi erguido em homenagem à fé dos imigrantes italianos que vieram para a região, e também com o intuito de transmitir para a posteridade a lembrança deste momento histórico.



Figura 16 – Monumento onde foi celebrada a 1ª missa em 1879 em Vale Vêneto.

Fonte: VIZZOTO, 2013.

Na placa (Figura 17) constam os dizeres: "Neste local no dia 18 de maio de 1879, foi realizada a primeira missa pelo Cônego Padre José Marcelino de Souza Bittencourt, então vigário de Santa Maria. Na oportunidade encontravam-se presentes os primeiros imigrantes italianos - desbravadores deste recanto, provenientes da região Veneta, norte da Itália, reunidos no descascador de Paulo

Bortoluzzi, chefe da colonização. Nesta data o povo agradecido ergue este monumento como marco imorredouro de fé, fruto de uma epopéia colonizadora que continua engrandecendo de religiosidade todas as gerações deste poético Vale. Vale Vêneto, 21 de outubro de 1979”.



Figura 17 – Placa alusiva da celebração da 1ª missa em Vale Vêneto. em 1879

Fonte: VIZZOTTO, 2013.

4.1.1.6 Monumento em homenagem a Antonio Vernier

Diante das dificuldades, desde o desembarque até a instalação no Barracão era doloroso ver as famílias perderem seus familiares sem contar com nenhuma assistência religiosa permanente. Este sofrimento dos imigrantes serviu para uni-los na busca por um conforto espiritual, a de ter um sacerdote que os assistisse e os confortasse.

Quando os italianos chegavam aqui, logo adoeciam, morrendo pouco tempo depois e privados do conforto da religião. As mulheres choravam porque perdiam as crianças, sem um padre para dar os sacramentos e enterrá-los, daí elas disseram se não providenciassem elas voltariam para a Itália. Fizeram uma reunião para providenciar na busca de padres na Itália. (A. B. 87 anos)

Em meados de 1879, Bonfada (1991), Paulo Bortoluzzi recebeu a visita de Antônio Vernier, que se dizia enviado de uma companhia de navegação com a missão de explorar as condições e obter informações sobre as terras, devendo retornar à Itália para informar o que havia no Brasil, antes de continuar o fluxo de emigração, a sua vinda para esta terra foi uma benção.

Vendo os imigrantes inconformados de passar os domingos sem missa e sem o conforto dos santos sacramentos e que queriam um Padre permanente, Vernier comunicou ao povo que ele tinha na Itália dois amigos sacerdotes que desejavam emigrar para a América. Ele se dispunha a ir buscá-los se o povo lhe pagasse as despesas da sua viagem e a dos dois padres.

Escolhido entre os colonos por ser uma pessoa da confiança do líder da comunidade, os entrevistados relataram que Antonio Vernier foi enviado para a Itália em busca de padres. Os colonos resolveram arrecadar todo o dinheiro que tinham e Paulo Bortoluzzi vendera, uma propriedade na Itália, tendo como procurador Antônio Vernier, para custear-lhes as despesas e trazer os padres para a colônia.

Conforme Quaini (2006, p. 3), “Antônio Vernier foi bem sucedido na sua importante tarefa e, em 23 de outubro de 1881, chegaram a Porto Alegre os padres seculares, Padre Antônio Sório e Padre Victor Arnoffi”.

Os dois padres o primeiro de Feltre e o segundo de Verona chegaram com a missão de suprir as necessidades espirituais do núcleo de Vale Vêneto. Veschio (2001, p. 56) faz a descrição das circunstâncias que envolveram a vinda dos primeiros padres na região:

Vernier, após três anos, conseguiu dois padres que se dispuseram a vir ao extremo sul do Brasil. Um deles era Antônio Sório, que costumava dizer que seguira a carreira eclesiástica para agradar aos parentes e, naquele momento achava-se sem paróquia. O outro padre era Vittore Arnoffi, um franciscano capuchinho que havia fugido do convento, por sentir serem as regras muito duras, e que teve a situação eclesiástica regularizada somente aqui no Brasil.

Na Revista Rainha (1978), como a colônia de Silveira Martins também desejava padres, o Bispo da Diocese da Província, Dom Sebastião Dias Laranjeira, destinou o Padre Arnoffi para capelão em Silveira Martins e Padre Antônio Sório foi designado para exercer suas funções em Vale Vêneto. O anúncio da chegada do Padre Sório em 08 de novembro de 1881 ao Vale foi comemorado com uma grande festa. Entretanto, a satisfação durou pouco. Padre Victor, após súbita enfermidade, faleceu a 24 de abril de 1884, com 39 anos de idade, sendo sepultado em Silveira Martins.

Conforme consta na mesma revista, o Padre Sorio passou então, por ordem do bispo, a atender as duas colônias, sendo que em Vale Vêneto somente celebrava uma missa dominical ao mês. Isso provocou descontentamento entre os colonos de

Vale Vêneto. Foi obtida uma pacificação temporária quando o Bispo Dom Laranjeira para lá enviou o jesuíta Padre Dr. Anselmo de Souza, que permaneceu durante três meses entre os colonos.

Quaini (2006, p. 4), Antônio Vernier ainda encontrava-se na Itália, quando Paulo Bortoluzzi escrevera uma carta pedindo-lhe que procurasse bons e virtuosos padres, possivelmente de uma congregação religiosa.

Vernier foi pedir padres a Dom Bosco, como este não os tinha, dirigiu-se ao Superior Geral dos Franciscanos e também ao Prefeito da Congregação para a Propagação da Fé. Eles não atenderam seu pedido, mas pediram-lhe que se dirigisse ao Superior Geral da *Pia Sociedade das Missões* (PSM), ao Padre José Faà di Bruno (1815-1889), grande companheiro de São Vicente Pallotti (QUAINI, 2006, p. 4).

Por ter se empenhado na busca dos religiosos, os entrevistados elegeram o monumento (Figura 18) como símbolo da religiosidade dos imigrantes. No ano do centenário da Imigração e Colonização Italiana, em 30 de julho de 1978 o povo de Vale Vêneto prestou uma homenagem a Antônio Vernier enviado especial à Itália, em busca de padres para dar-lhes o conforme espiritual que tanto desejavam.



Figura 18 – Monumento em homenagem a Antonio Vernier, 30 de julho de 1979.

Fonte: VIZZOTTO, 2013.

4.1.1.7 Monumento em homenagem aos primeiros Padres Palotinos

“Somente oito anos depois de terem colonizado Vale Vêneto é que os colonos puderam receber festivamente os dois primeiros missionários palotinos, vindos da Itália para Vale Vêneto. “Suas vindas foram devido aos insistentes pedidos dos imigrantes aqui instalados e também do Cardeal Simeoni, Prefeito da Congregação para a Propagação da Fé. Faà di Bruno com seu Conselho Geral, no dia 24 de fevereiro de 1885, resolveu enviar o P. Guilherme Whitmee a Vale Vêneto, para que visse de perto as necessidades do povo e também as possibilidades de uma frutuosa obra missionária”. (QUAINI, 2006, p. 5).

Conforme o mesmo autor, em 04 de março de 1885, padre Whitmee partiu de Roma rumo a Londres e de lá para o Brasil. Em maio de 1885, ele chegou por trem em Arroio do Só, onde foi festivamente recebido por uma caravana de Vale Vêneto, e sua chegada a este lugar foi motivo de grande alegria para todos. Padre Whitmee permaneceu em Vale Vêneto, exercendo o ministério sacerdotal. Reunido com os líderes da comunidade, acertou que o Regime Geral dos Palotinos enviaria dois padres, devendo, porém, o povo pagar-lhes a viagem. Durante sua estadia em Vale Vêneto, Padre Whitmee visitou também outros lugares interessados em ser atendidos pelos Padres Palotinos: Núcleo Norte (hoje Ivorá), Soturno (hoje Nova Palma), Dona Francisca e Colônia Santo Ângelo (hoje Agudo) .

“Em 31 de maio de 1885, Padre Whitmee prometeu que, dentro de oito ou dez semanas, chegariam os missionários palotinos. No entanto a promessa do Padre Whitmee não se cumpriu, porque os dois missionários, já previamente indicados, não quiseram ser os primeiros missionários Palotinos no Brasil. Padre Francisco Gocher (1857-1891) teria vindo, somente por três anos, e Padre Domingos Porrazzo (1837-1930), em vez de vir para o Brasil, preferiu ir para os Estados Unidos .”(QUAINI, 2006, p. 2).

Bonfada (1991), a angústia pela demora da chegada dos padres prometidos fez com que o povo de Vale Vêneto recorresse mais uma vez ao Padre Whitmee. O pedido pela insistência do povo, felizmente, foi atendido. No dia 19 de julho de 1886, o telégrafo de Santa Maria, (Figura 19) transmitia para Vale Vêneto a seguinte mensagem procedente de Rio Grande: "Quatro padres chegarão a Porto Alegre quarta-feira. Mandem alguém a encontrar-se conosco. Whitmee".

REPARTIÇÃO GERAL		
TELEGRAPHOS		
Telegrapho de <i>Maria</i> 27 de Julho de 1886		
Telegrama N.º <i>734</i>	Numero de Ordem <i>111</i>	CARIMBO
Hora de apresentação <i>16 30</i>	Remetido a	
Numero de palavras <i>16</i> pagas <i>17</i>	Hora de expedição <i>17 30</i>	
Recebido de <i>16</i> h <i>30</i> m	Assinatura do Telegraphista Expedidor	
A.º <i>M.º</i>	Assinatura do Telegraphista Expedidor	
Procedencia de <i>Arroio do Só</i>	Data	Hora m.
Endereço <i>Paulo Bortoluzzi</i> <i>Vale Vêneto</i>		
<i>Quatro padres chegaram ao Vale Vêneto</i> <i>mercoledì mandate qualcuno</i> <i>incontrare.</i>		
<p>TELEGRAMA, visando ao Paulo Bortoluzzi e ao povo de Vale Vêneto da chegada dos Padres Palotinos em 19 de Julho de 1886. A tomada de posse foi dia 25 de Julho.</p>		
Nome e morada do Remetente <i>Maria</i>		
Telegrama de 19-7-1886.		

Figura 19 – Telegrama. Chegada dos Palotinos à Vale Vêneto, em 19/07/1886.

Fonte: Acervo do Museu do Imigrante de Vale Vêneto

No dia 24 de julho de 1886, os padres chegaram de trem em Arroio do Só o que aumentou ainda mais a alegria do povo de Vale Vêneto. Na manhã do dia 24, os imigrantes foram a cavalo recepcioná-los e conduzi-los até Vale Vêneto, onde foram recebidos com o máximo de entusiasmo. Os quatro padres eram: Guilherme Whitmee e José Bannin (ambos ingleses), Jacó Pfändler (suíço) e Francisco Xavier Schuster (alemão). Estes dois últimos ficariam em Vale Vêneto para desempenhar funções apostólicas, na comunidade (BONFADA, 1991; QUAINI, 2006).

Os imigrantes de Vale Vêneto, eram todos de origem italiana com religião predominantemente católica o que fez com que se gerasse o desejo da vinda de sacerdotes italianos. No entanto, os dois padres destinados a Vale Vêneto não eram italianos, mas dominavam bem a língua italiana. A posse do Padre Jacó Pfändler, foi no dia 25 de julho de 1886 quando celebrou a missa solene na festa de São Tiago tendo como coadjutor o Padre Francisco Schuster (QUAINI, 2006).

No dia 29 de julho de 1886, afirma Bonfada (1991, p. 48), “os Padres Guilherme Whitmee e José Bannin, antes de retornarem a Londres, reunidos com moradores da comunidade de Vale Vêneto, assinaram um contrato em que eram estabelecidos direitos e deveres dos Padres para com a comunidade e também os da comunidade em relação a eles”.

Aos primeiros padres palotinos, no centenário da sua chegada ao Brasil – Vale Vêneto a 25 de julho de 1886, estes são os dizeres estampados no monumento em homenagem ao Padre Jacó Pfändler (Suíço) e Pe. Francisco Xavier Schuster

(Alemão) pelo povo de Vale Vêneto, inaugurado no dia 21 de setembro de 1986 (Figura 20). Ergueram o monumento em homenagem aos padres palotinos por terem vindo prestar ajuda religiosa ao povo de Vale Vêneto.



Figura 20 – Monumento aos Padres Palotinos. À esquerda Pe. Jacó Pfandler. À direita Pe. Francisco Xavier Schuster - Julho de 1986.

Fonte: VIZZOTTO, 2013.

Para Marcuzzo (2000, p. 7), “a partir da vinda dos primeiros padres palotinos em 1886, Vale Vêneto se caracterizou como pólo cultural da região italiana no centro do Estado, e nesta data é considerada como o marco histórico da fundação da primeira comunidade Palotina na América do Sul”.

Para o imigrante italiano o padre desempenhava a função que ia além do sacro ele constituía um elo entre a comunidade colonial e o estado, ou seja, desempenhava além do sacerdócio uma espécie de função política, reivindicando

melhorias para as colônias. O padre era o elemento, para manter a ordem, a moralidade e a estabilidade dos colonos.

Para Marcuzzo (1996), a primeira e grande preocupação dos missionários palotinos ao chegarem em Vale Vêneto, era de construir colégios e igrejas, religião e ensino, colunas mestras para o desenvolvimento de um povo.

4.1.1.8 Casa Canônica

Com a chegada dos Palotinos, a vida religiosa da colônia tomou um novo e vigoroso impulso, dando início aos trabalhos missionários de cultivar as vocações sacerdotais.

Na ocasião da sua primeira visita, em maio de 1885, o Padre Guilherme Whitmee prometeu ao povo de Vale Vêneto não apenas enviar padres, como também sugeriu que com o tempo fosse fundada uma casa de formação para filhos dos colonos (Figura 21).



Figura 21 – Casa de 1892, onde acolheu os primeiros vocacionados pelo Pe. Vogel
Fonte: VIZZOTTO, 2013.

No ano de 1891, veio de Caxias do Sul para Vale Vêneto o Padre João Batista Vogel no intuito de abrir uma casa de formação. Entre os anos de 1891 a janeiro de 1896, serviu como primeira Escola Apostólica para os primeiros quinze alunos interessados na formação sacerdotal. Como os padres não possuíam casa própria, os meninos eram recebidos na Casa Canônica pelo Padre Vogel. Os Cursos

preparatórios eram realizados no Colégio Nossa Senhora de Lourdes (QUAINI, 1991; CESCO, 1973).

Por tornar-se pequena a Casa Canônica e devido a crescente procura de alunos, os superiores resolveram tornar realidade o sonho de construir um pequeno colégio, podendo ser aumentado conforme as necessidades. Na ocasião, Vale Vêneto passou a ser denominado berço dos Palotinos no Brasil, pois foi o lugar onde nasceram e cresceram as primeiras vocações Palotinas brasileiras.

Tendo em vista o aumento de interessados pelas vocações sacerdotais, no ano de 1915 foi preciso construir uma casa de formação maior, o qual pudesse abrigar os interessados que desejassem seguir o sacerdócio. Em 02 de fevereiro de 1922, foi lançada a pedra fundamental da construção do seminário, sob a liderança do Padre João Vogel, a obra foi concretizada, e por isso é considerado o fundador do seminário de Vale Vêneto.

4.1.1.9 Seminário Rainha dos Apóstolos

A grande religiosidade dos imigrantes contribuiu para que fosse fundada a Décima Casa Palotina do mundo, o Seminário Rainha dos Apóstolos, berço da religiosidade e o marco da história Palotina no Brasil e na América (Figura 22).

A construção do Seminário deu-se em etapas. Primeiro foi erguida a atual ala central a qual levou oito meses para ser construída, sendo inaugurada no dia 11 de dezembro de 1922 com o nome de Colégio Rainha dos Apóstolos. Em 13 de novembro de 1922, foi canonicamente fundado o noviciado dos Palotinos com uma formação mais avançada.

Quaini (2006, p. 12), devido ao aumento da procura pelas vocações sacerdotais, foi necessário ampliar as instalações do Seminário, sendo construída a segunda ala, à esquerda, em 1923. “No decorrer do mesmo ano, nasceu a pequena tipografia, fundada e dirigida pelo Padre Rafael Iop, com o fim de imprimir a revista missionária Rainha dos Apóstolos e outros livros e folhetos de cunho espiritual”. A tipografia permaneceu em Vale Vêneto até o final de 1933, sendo posteriormente transferido no Patronato Antônio Alves Ramos em Santa Maria.



Figura 22 – Seminário Rainha dos Apóstolos, construído (1892) inaugurado (1922).

Fonte: Acervo da Autora.

Em 1944, algumas reformas foram realizadas, tendo em vista o crescente número de interessados na formação sacerdotal sendo construída e concluída a terceira ala.

A chegada dos Padres Palotinos deu-se devido a persistência e ao espírito religioso dos imigrantes italianos. Conforme relatam os entrevistados “A atuação dos padres em Vale Vêneto proporcionou atendimento vocacional, pastoral, orientação espiritual assim como formou novos membros para a Sociedade”. O espírito de unidade, dedicação ao trabalho, a fé e a confiança fizeram com que este povo fosse superando todos os obstáculos e aqui firmando suas raízes.

Durante oitenta e três anos de caminhada, marcados por constantes esforços dos Palotinos, o Seminário Rainha dos Apóstolos formou muitos padres, irmãos, leigos e estudantes que não seguiram a vida religiosa. Hoje, por motivos adversos, o prédio denominado Centro Cultural Rainha dos Apóstolos é ocupado para outra finalidade formativa para diferentes pessoas.

Devido à chegada dos missionários palotinos à Vale Vêneto, hoje esta edificação (Figura 23), representa o testemunho da religiosidade, “berço e jardim”¹² vocacional dos Padres Palotinos da América do Sul e no Brasil, marco histórico denominado de capital espiritual da 4ª Colônia Italiana.

¹² Segundo Genésio Bonfada (1991) “Berço e jardim, berço por ter sido o começo, jardim porque desabrocharam ali as primeiras vocações brasileiras”.



Figura 23 – Centro Cultural Rainha dos Apóstolos

Fonte: VIZZOTTO, 2013.

4.1.1.10 Monumento ao Padre João Iop

Na Itália os imigrantes italianos, sentiam-se protegidos espiritualmente pelos religiosos e seu profundo sentimento era de estar no Brasil desde o Barracão desconfortável e carente dessa assistência, que lhes dava segurança nos momentos difíceis, sentindo-se desprotegidos.

Padre João Iop (Figura 24), nasceu no Barracão de Val de Buia, foi o primeiro vocacionado palotino no Brasil. Conforme relatam os entrevistados:

Como não havia lugar para todos os imigrantes morarem no barracão o casal de imigrante Pedro Iop e Luiza Giroto, ambos naturais de Oderzo, Itália, tiveram que arrumar uma barraca feita de lençóis, rente ao Barracão. Na manhã de 12 de maio de 1878, Pedro Iop sai da sua barraca com uma criança no colo gritando; cheio de alegria: “El le nascesto um prete, el le nascesto um prete” isto é: nasceu um padre, nasceu um padre”. Os imigrantes se perguntavam: onde le meteremo a estudar? – onde iremos colocá-lo a estudar?- Pois estamos no meio da mata e sem recursos. Mas Deus ouviu as palavras proféticas de Pedro Iop, seu Pai. O pequeno João foi batizado no barracão no dia 19 de junho de 1878 pelo vigário de Santa Maria, Pe. José Marcelino de Souza Bitencourt.

“Com 14 anos de idade iniciou os seus estudos para padre, juntamente com outros meninos, levados pelo Pe. João Vogel, cujo seminário funcionava na Casa Paroquial de Vale Vêneto. A 25 de maio de 1897 fez a sua consagração à Sociedade dos padres palotinos. Com apenas 24 anos, no dia 26 de junho de 1902, recebia a ordenação sacerdotal das mãos de Dom Claudio Ponce de Leão, bispo de Porto Alegre.” (JORNAL O EXPRESSO, 1978, p. 18).

Na Revista Rainha (1978) relata que foi o sacerdote que celebrou a primeira missa na Paróquia de Vale Vêneto. De 1913 até a sua morte, foi vigário de Vale Vêneto, cargo que exerceu por um período de 33 anos. Realizou diversas reformas na Igreja Matriz de Vale Vêneto. Deu grande impulso a formação de padres. Fundou o pensionato São Luiz, recebendo os seminaristas. Foi Superior do distrito Palotino, cujo berço é Vale Vêneto. Participou na 5ª Assembléia Geral que se realizou em Roma no ano de 1925. Colaborou nas diversas obras missionárias. Humilde e fiel aos seus deveres, na manhã do dia 23 de junho de 1936, Padre João Iop veio a falecer, com 58 anos de idade e 34 de sacerdócio.

Padre João Iop destacou-se como formador e catequista sempre com muita simplicidade, humildade, bondade, colocando acima de tudo a Glória de Deus e o bem da Província dos Padres Palotinos. Por sua bondade, espírito comunicativo, zelo apostólico, era estimado e querido por todos. Deixou profundas recordações no meio do povo de Vale Vêneto. Padre João Iop foi patrono do Museu do Imigrante de Vale Vêneto. Estas são palavras de apreço dos entrevistados que identificaram o monumento localizado ao lado da Igreja Matriz, um símbolo da religiosidade ao povo de Vale Vêneto (Figura 24). Encontra-se no monumento os dizeres: PADRE JOÃO IOP / BENEMÉRITO VIGÁRIO DE VALE VENETO.



Figura 24 – Monumento ao Pe. João Iop. Primeiro Palotino ordenado no Brasil

Fonte: VIZZOTTO, 2013

4.1.1.11 Monumento a São Vicente Pallotti

Nascido em Roma no dia 21 de abril de 1795, Vicente Pallotti, foi o 3º de 10 filhos de Pedro Paulo Pallotti e Maria Madalena de Rossi. Ordenado sacerdote no dia 16 de maio de 1818, com 23 anos de idade. Inspirado por Deus no Mistério do Cenáculo de Pentecostes, fundou em 04 de abril de 1835 a União do Apostolado Católico. Faleceu no dia 22 de janeiro de 1850, às 21h45min, com 54 anos. Foi Solenemente Beatificado a 22 de janeiro de 1950, cem anos após a sua morte pelo Papa Pio XII. No dia 20 de janeiro de 1963, é canonizado pelo Papa Beato João XXIII. (EDIÇÃO ESPECIAL, 2013).

Vendo a falta de sacerdotes, movido pelo espírito cristão e o desejo de anunciar a boa nova de Jesus a todos os povos, fundou a Sociedade do Apostolado Católico, dividida em três classes: Sacerdotes e Irmãos, Irmãs e Cooperadores Palotinos, Leigos comprometidos com a causa do Evangelho espalhados em todo o mundo, sendo em 1838 a fundação da congregação das irmãs do apostolado católico, conhecidas como Irmãs Palotinas.

Para V. P. (83 anos), ele deixou bons exemplos de fé, amor, solidariedade e fermento apostólico, divulgou o apostolado para todos independente de idade, cultura, estudo fazendo o bem e espalhando a semente de fé e de amor.

Diante de tantas necessidades evangelizadoras, sente-se inspirado na grande função a União do Apostolado Católico”. Como diante do Reino de Deus, não resolve um envolvimento isolado, Pallotti funda uma obra que une a todos na evangelização. Segundo ele, o princípio de unidade na Igreja, é o apostolado. Todos unidos para propagar a Boa Notícia. O evangelho exige um mutirão universal. Ele está dentro desta Idéia: ser todos discípulos e missionários de Cristo, sem distinção de idade, classes e pessoas (V.P., 83 anos).

Marcuzzo (1995, p. 10) ressalta, “Pallotti se destacou em Roma como grande pregador e animador de massas populares, o seu trabalho não tinha limites. Cheio de zelo e ardor apostólico São Vicente Pallotti foi um discípulo missionário de Cristo que expandiu a evangelização por toda a América, o seu grande ideal era fazer tudo para a Infinita Glória de Deus”. Reconhecendo o seu trabalho na Igreja e na vida de santidade, em sua memória foi erguido um busto no cinquentenário de Vale Vêneto em frente a igreja Matriz (Figura 25). Com a missão de formar líderes comprometidos para reavivar a fé em Deus, reacender a caridade e propagá-la, a obra cresceu e seus seguidores foram para os mais diversos lugares do mundo.



Figura 25 – Monumento e Placa ao Venerável São Vicente Pallotti em 1928

Fonte: VIZZOTTO, 2013.

Desta maneira a Edição Especial do Ano Jubilar (2013, p. 14), (Figura 26), publica:

Hoje, Palotinos e Palotinas realizam sua missão nos mais diversos campos de pastorais, seguindo o apelo ao povo, manifestado pelo desejo de Pallotti, de que o Evangelho chegue a todos os povos da terra, e que todos são chamados ao Apostolado cada um no seu estado e condição de vida. Na chegada dos padres Palotinos deu-se o início da profunda ligação da congregação fundada por São Vicente Pallotti com Vale Vêneto e o Brasil.



Figura 26 – Jubileu de Canonização de São Vicente Pallotti (1963-2013)

Fonte: Acervo da Autora.

A obra fundada por Pallotti sob a proteção da Rainha dos Apóstolos, fruto de seu trabalho evangelizador é bem presente em Vale Vêneto, prova disso que daqui surgiram muitas vocações e partiram para vários estados com a missão de muito trabalho e desafios fundar comunidades católicas, pregando o evangelho.

A Edição Especial do Ano Jubilar (2013, p. 14) ressalta que Vicente Pallotti,

pedia a Deus que enquanto vivesse e também após a sua morte sua obra continuasse, fosse abençoada e seus companheiros nela se empenhassem com todas as forças. Assim, cada um, segundo suas capacidades, segundo seus dons, sua condição de vida, seria “obrigado” ou, dizendo de outra forma, teria o direito e o dever de ser apóstolo, evangelizador.[...], por menor que seja o serviço que cada um presta à comunidade, se feito com espírito de caridade a recompensa será grande.

No dia 21 de janeiro de 2013, para marcar este ato solene de religiosidade e dentro da programação do ano jubilar, foi celebrada a missa e a inauguração do monumento com a imagem do Santo São Vicente Pallotti, em frente ao Seminário Rainha dos Apóstolos (Figura 27).

Na visão dos entrevistados este monumento é mais um testemunho da religiosidade presente em Vale Vêneto.



Figura 27 – Monumento a São Vicente Pallotti

Fonte: VIZZOTTO, 2013.

4.1.1.12 Grutinha de Nossa Senhora de Lourdes – Seminário.

Localizada na Praça Vicente Pallotti, fundos do monumento e a esquerda do Centro Cultural Rainha dos Apóstolos, encontra-se mais um símbolo da religiosidade

demonstrada pelos devotos. Construída em meados de 1945, este local de meditação, foi idealizada em devoção a Santa para pedir proteção as adversidades e dificuldades, enfrentadas no dia a dia (Figura 28).

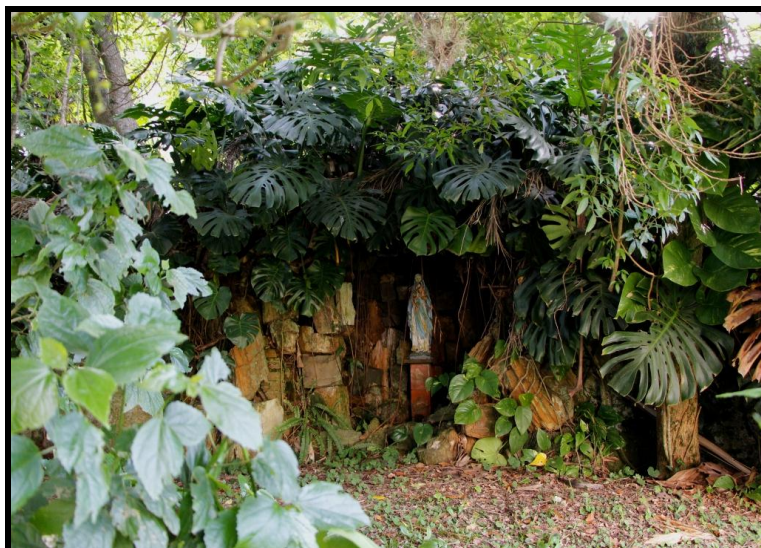


Figura 28 – Grutinha de Nossa Senhora de Lourdes – Seminário

Fonte: VIZZOTTO, 2013.

4.1.1.13 Igreja Matriz de Corpus Christi

Primeiramente o ponto de encontro dos imigrantes para realizar suas orações e reunir-se era na Capela, local onde a população impunha a Cruz, símbolo do cristianismo e oravam em frente a uma pequena estátua de São Francisco de Assis da qual eram devotos.

Os italianos fizeram da atividade religiosa o foco da sua vida comunitária. Torri (2001) relata que em cada núcleo colonial, a igreja ocupava o ponto principal localizada no centro onde residia o maior número de pessoas. A construção de igrejas e capelas mobilizava sempre a participação coletiva, com doação de material e trabalho voluntário. As Igrejas geralmente eram construídas imitando os estilos europeus. Os materiais eram variados, desde simples casinhas de madeira até a imponente obra de pedra talhada ou de tijolos artesanais, transportados para o local um a um pelos fiéis.

A Igreja Matriz “Corpus Christi” de Vale Vêneto, é um marco histórico afetivo do passado deixado pelos imigrantes italianos. Dada a importância da sua

historicidade construtiva e pelas marcas deixadas na vida dos imigrantes, os entrevistados relatam ser um referencial da religiosidade por isso elegeram a Igreja como um belo símbolo de empreendimento da fé.

Quando da chegada dos padres palotinos o primeiro cuidado foi o de providenciar aos colonos uma ampla igreja, provida do necessário para os cultos. Na revista (RAINHA, 1978, p. 41), consta que

por ocasião da visita do Padre Faà di Bruno a Vale Vêneto, no dia 29 de julho de 1885 foi escolhido e demarcado o lugar destinado para a construção da igreja. Primeiramente num terreno em frente à casa de Alexandre Rorato. Por vários motivos não se concretizou a construção da igreja naquele lugar, caindo a preferência para um terreno de Paulo Bortoluzzi, local onde ficou definitiva.

De acordo com Manfroi (2001, p. 126), “a igreja era considerada como o elemento essencial do progresso do lugar”, em torno dela acontecia toda a vida social da comunidade, inclusive, os armazéns que antecederam a construção da igreja, seus donos influenciavam para que a mesma fosse construída próximo de seus estabelecimentos, já que a religião era desejo de todos e era o lugar freqüentado aos domingos, assim o armazém ficaria mais movimentado. No caso de Vale Vêneto a preferência do local escolhido para a construção da igreja foi o terreno de Paulo Bortoluzzi, líder e comerciante na época.

No dia 24 de janeiro de 1887, o Bispo Dom João de Antônio Pimenta de Porto Alegre, autorizou a construção da nova Igreja Matriz e nos dias seguintes deu-se início da obra sob a direção do Padre Palotino João Vogel.

A capela anteriormente construída em homenagem a São Francisco foi destruída e iniciou-se a lenta construção de um templo consagrado ao “Santíssimo Sacramento”, a renda para as obras dependiam dos produtos vendidos da roça.

Em dezembro de 1889 a capela ao Santíssimo Sacramento, foi elevada a curato. Como curato, Vale Vêneto alcançava a sua independência passando a exercer as atividades religiosas como registrar batizados, casamentos e óbitos.

Sabendo das dificuldades de construir a igreja, e por conhecer os Padres Palotinos que aqui chegaram a obra deve à generosidade, segundo relatos do jornal o Expresso (1995) a uma Condessa¹³:

¹³ A Condessa de Stackpoole chamava-se Geórgia Anna Maria Augusta, e prestara serviço de mensageira ao papa Pio IX, durante a revolução de 1848. Era uma mulher engajada na causa da religiosidade (BONFADA,1991, p.48)

[...] quando os Padres Palotinos aceitaram vir dar assistência religiosa aos imigrantes italianos de Vale Vêneto e vizinhanças, uma senhora de Londres a Condessa Geórgia Anna Maria Augusta Stackpoole, conhecida dos padres palotinos, distinguiu-se com grande benfeitoria da primeira casa e missão palotina no Brasil. Luiz Rosso, testemunha daquele tempo (1886), dias depois da chegada dos filhos de S. Vicente Pallotti, escreveu uma carta aos irmãos e parentes que ficaram na Itália, exaltando a Benemérita senhora e descrevendo os presentes por ela doados: “Uma senhora de Londres, conhecendo que a sociedade dos Palotinos vinha fundar uma casa aqui e sabedora de nossas necessidades, mandou-nos uma quantia de alfaias, paramentos[...] cálices e um baldaquino [...], um tabernáculo de fina madeira, todo dourado e 13.000 francos para a nova igreja. E prometeu ainda um concerto de três sinos de um valor de 9.000 francos; de diâmetro: 1,40, 1,10 e 0,90 respectivamente, pesando o maior 1.200ks, [...] a igreja deve ser dedicada, por vontade da benfeitora, de Deus; sua dimensão deve ser de 33x16m.

Conforme relato dos entrevistados, com muito sacrifício, foram lançadas as fundações de basalto, depois ergueram as paredes de pedras misturadas com barro. Após o muro ter atingido vários metros de altura, e devido às fortes chuvas, ocorreu um deslizamento prejudicando o andamento da construção. Os colonos resolveram então construir a Igreja com tijolos feitos por eles mesmos, todos procuravam prestar ajuda. Nas palavras da Sra A. B (87 anos), quando as mulheres vinham para a missa traziam os tijolos nos aventais e ou em cestas,

Quando a igreja estava numa certa altura veio um vendaval e derrubou, aí começaram a construir com tijolos mais firmes, cozido. Lembro que eu era pequena e trazia à cavalo um saco de milho para dar de dizimo e depois vendiam para reverter em benefício e comprar material para construir a igreja.

O Sr. T. B. (83 anos) relatou que:

A igreja foi construída com muito sacrifício, levou muitos anos para ser construída, o meu pai trabalhou muito. As pedras foram erguidas por um jumento que puxava uma roldana, fazendo com que as pedras subissem até a altura necessária [...], a colocação do sino foi feita da seguinte maneira, com um andaime do nível da altura da torre e vinham deslizando o sino até o lugar que está hoje.

Nas palavras dos entrevistados, em tempos de tantas dificuldades, escassez de recursos, tal construção deve-se ao sacrifício do povo, muita gente deu meses e meses de serviços gratuitos, rachando pedras, preparando madeiras, carregando tijolos para ajudar a construir a Igreja.

Encontra-se destacada ao pé da porta da entrada principal, a pedra fundamental benta datada de 1895 (Figura 29).



Figura 29 – Porta Central da Igreja Matriz Corpus Christi de Vale Vêneto.

Fonte: VIZZOTTO, 2013.

Em 1901, ano em que terminou a construção da matriz, graças aos esforços dos colonos e os Padres Valentim Rumpel e Francisco Baldassare. Na revista Rainha (1978) constam as características da Igreja com 39m de comprimento e 17m de largura, confrontando uma fachada com pouca aparência, em estilo vênето, frontão triangular curvo e no alto uma cruz e duas janelas laterais cegas.

De acordo com a mesma revista Rainha (1978) coube ao Padre João Iop a tarefa de levantar a bela torre de 42 m de altura, que obedeceu a um desenho do Padre Frederico Schwinn para comportar um sino de 1.200Kg e mais tarde o Padre Roberto Kuklock completou várias outras obras da igreja, como o forro, assoalho e a pintura (Figuras 30).



Figura 30 – Construção da Torre em 1921 - Vale Vêneto

Fonte: Acervo da Casa Paroquial de Vale Vêneto

Devido às distâncias e o péssimo estado das estradas e o precário meio de transporte para o atendimento pelos padres aos núcleos vizinhos o curato de Vale Vêneto, foi dividido em dois, separando dele o outro lado do rio, tornando-o independente, com sede no núcleo Soturno (Nova Palma), passando a pertencer no novo curato às capelas de Novo Treviso e Dona Francisca, enquanto o curato de Vale Vêneto ficava com São Miguel, Ribeirão e Polesine e outras capelas menores.

Diante de relatos dos entrevistados que devido a generosidade da benfeitora inglesa, em colaborar na construção da igreja, e por sua vontade que a mesma fosse dedicada a Deus, a comunidade juntamente com os padres aceitaram a troca da devoção à São Francisco para à de Corpo de Deus.

“Inaugurada em 1907 e solenemente consagrada ao “CORPO DE DEUS”, no dia 11 de dezembro de 1909 pelo Bispo de Porto Alegre Dom Cláudio José Gonçalves Ponce de Leão, é a única no Brasil consagrada a Corpus Christi (Figura 31). Mais tarde com um decreto de 24 de fevereiro de 1911 o curato de Vale Vêneto foi elevado à categoria de Paróquia.” (MARCUIZZO, 1995, p. 6).



Figura 31 – Altar Central e a Cruz que identifica a Consagração a Corpus Christi.

Fonte: Acervo da Autora, 2013.

Segundo Marcuzzo (1995, p. 06), “a primeira festa em honra a Corpo de Deus, foi no dia 07 de junho de 1888, festivamente acompanhada pelo Padre Sório e músicos vizinhos da localidade de Silveira Martins. Na oportunidade foi levado em procissão solene o Santíssimo Sacramento, sobre o esplêndido “baldaquino”¹⁴, acompanhado pela música de trompas, cânticos e fiéis”.

Era frequente o uso do baldaquino nas procissões, no terceiro domingo de cada mês para proteger o padre e o ostensório. Com o passar do tempo este costume foi sendo deixado e hoje usa-se somente na festa de Corpus Christi.

Um centenário de tradição e de fé, participação pelos católicos, ressaltam os moradores. Anualmente a festa acontece sempre na terceira quinta feira do mês de julho, sessenta dias após a páscoa, no domingo seguinte de pentecostes.

Na festa ao padroeiro “Corpus Christi”, é realizada a missa seguida da procissão (Figura 32), onde são dadas as três bênçãos solenes em memória a Santíssima Trindade, pelo celebrante. Uma bênção em frente ao monumento da 1ª missa, outra em frente á Casa de Retiros Nossa Senhora de Lourdes e a última em frente a Igreja Matriz. À tarde é celebrada outra missa seguida da bênção aos doentes e demais participantes.

¹⁴ Cobertura arquitetônica constituída por uma cúpula feita em tecido, sustentada por colunas, que cobre um altar para resguardar o Santíssimo sacramento.



Figura 32 – Festa do Padroeiro Corpus Christi

Fonte: Acervo da Autora, 2012.

Para os entrevistados, a celebração festiva, “Corpo de Deus” é, sem dúvida, um momento grandioso de manifestação de religiosidade autêntica. Há mais de um século, ainda na memória dos imigrantes continua viva, esta tradição, evidenciada principalmente na dimensão religiosa na comunidade.

Todos os anos, por ocasião da celebração do dia de Corpus Christi, a encenação do acontecimento envolve muitas pessoas, visitantes, devotos e turistas que participam da tradicional festa.

Na véspera da festa são confeccionados vários trilhos e tapetes de serragem colorida (Figura 33) pelos jovens da comunidade com motivos eucarísticos.



Figura 33 – Tapetes confeccionados para a festa de Corpus Christi.

Fonte: Acervo da Autora, 2013.

A religiosidade ao Corpo de Deus remonta ao início da história e para representar este ato simbólico em Vale Vêneto, alunos da Escola de Ensino Fundamental Pe Rafael Iop e moradores da localidade (Figura 34), representaram o

momento religioso no desfile dentro da programação do Festival de Inverno e da Semana Cultural Italiana, por ocasião das comemorações do centenário da Paróquia de Vale Vêneto em julho de 2011.



Figura 34 – Centenário da Paróquia Corpus Christi de Vale Vêneto em 24/07/2011.

Fonte: Acervo da Autora, 2011.

Na visão dos entrevistados para os imigrantes italianos uma bela igreja era símbolo de orgulho e progresso e devia ser construída no lugar mais alto para ser bem visível. Em Vale Vêneto, com muita fé, sacrifício e doação, conseguiram erguer um importantíssimo marco religioso, todos procuravam ajudar.

Sob a direção do Padre Jorge Albino Zanchi e o arquiteto Vitorino Zani, a Igreja Matriz de Vale Vêneto, recebeu um projeto de remodelação em 1935 que conferiu à sua arquitetura um estilo grego-romano. Em 1937, novamente foram realizadas outras modificações a cargo do construtor João Lapitz dando a remodelação definitiva, tal qual permanece até hoje. (Figura 35).

A construção da Igreja Matriz de Vale Vêneto durou 20 anos, passou por vários momentos importantes a serem considerados. O primeiro foi o corpo central construído em 1901 e o segundo sua inauguração no ano de 1909. O terceiro momento importante foi no dia 11 de dezembro de 1909, quando aconteceu a consagração como Igreja Matriz de “Corpus Christi” O quarto momento foi a inauguração da torre que sustenta o sino de 1200 quilos que foi no dia 07 de setembro de 1922. A remodelação em estilo neoclássico em 1937 foi o quinto momento importante da Igreja a ser considerada com a edificação da nova fachada

frontal e o acréscimo das capelas nas laterais. Com o passar dos anos outros momentos e melhorias foram acontecendo como: pavimentação do piso interno em ladrilhos de cimento e a construção dos altares dos confessionários e vitrais no ano de 1945. Em 1958 foi feito reparos na cobertura. Em 1973 foi trocada a cobertura feita com telhas de barro, para zinco. Em 1985 substituição do forro do altar mór de estuque por estruturas em concreto, rebocos internos e repinturas. Em 2005, foi feita a restauração de toda a parte externa, troca do telhado de zinco por telhas, revestimento do pináculo em cobre, novas calçadas e pinturas.

A religiosidade foi sempre uma das grandes características do povo de Vale Vêneto. A construção realizada pelos imigrantes apresenta forte espírito religioso presente nas saliências arquitetônicas, trazidas de suas visões de outras construções da Itália. Possui arcos plenos visíveis numa composição sóbria, que lhe confere elegância, seu patrimônio encontra-se preservado pela ação da comunidade local (REVISTA RAINHA, 1978). (Figura 35).

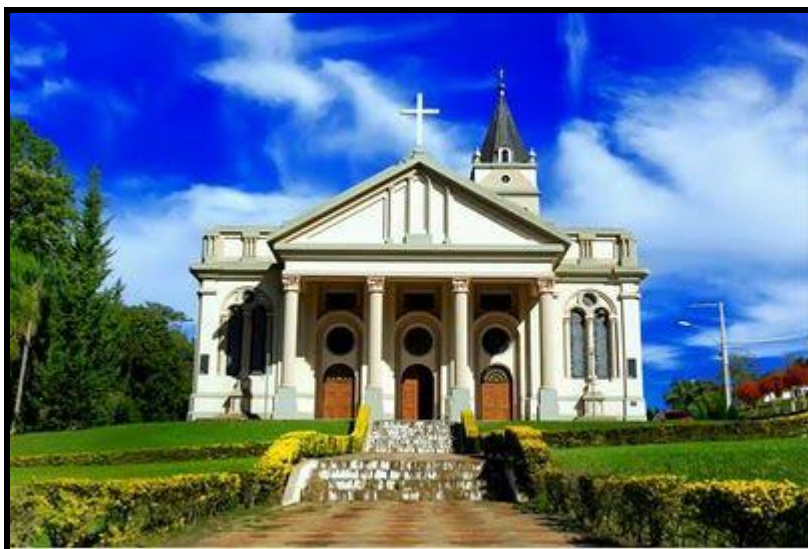


Figura 35 – Igreja Matriz Corpus Christi de Vale Vêneto

Fonte: Acervo da Autora, 2013.

No relato do Sr. V. F. (40 anos), “cabe a nós conservar, continuar preservando este patrimônio, aquilo que os nossos imigrantes deixaram, são tantas obras lindas que foram tão difícil construir, agora temos a incumbência de apenas cuidar”.

Na construção da Igreja as famílias ofertavam vitrais com desenhos dos santos da devoção (Figura 36).

Nas palavras de L. D. B (13 anos), “a igreja Corpus Christi foi construída pelas famílias que aqui se estabeleceram “[...], demoraram muitos anos para construí-la, pois era feito tudo na base da força, não existiam máquinas”. A informante diz ter orgulho da beleza interior da nossa igreja. Como forma de ficar para a prosperidade as famílias doava material e vitrais (Figura 36) com o sobrenome gravado, como pode ser observado nas paredes da Igreja.

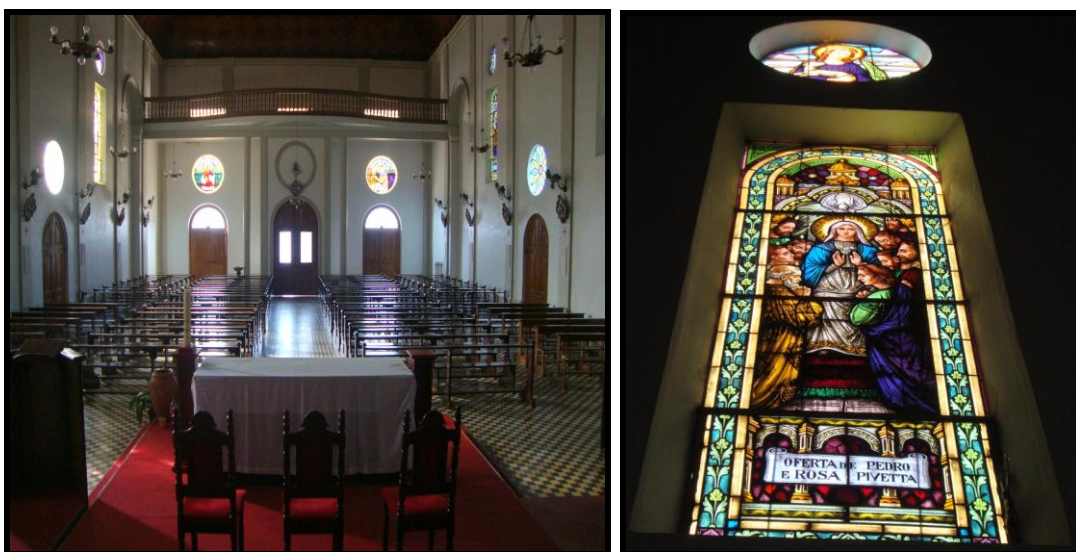


Figura 36 – Interior e vitrais da Igreja Matriz Corpus Christi – Vale Vêneto

Fonte: Acervo da Autora, 2013.

Uma das características marcante dos templos religiosos nas colônias italianas era a presença do sino. Componente indispensável sendo incorporado próximo à Igreja, que nas pequenas comunidades rurais da Itália era uma referência territorial. Para os colonos, o sino sempre representou a voz de Deus, devendo permanecer no lugar mais alto possível, (Figura 37) de forma que toda a comunidade pudesse ouvi-lo.



Figura 37 – Torre da Igreja Matriz Corpus Christi de Vale Vêneto.

Fonte: VIZZOTTO, 2013.

A condessa inglesa, Geórgia Anna Maria Augusta Stackpoole, conhecida dos padres palotinos, além de colaborar na construção da igreja, prometera doar três sinos e vários objetos de cunho religioso.

Os três sinos foram enviados ao Brasil ficando à disposição no Rio de Janeiro, acompanhados das taxas alfandegárias. Como as taxas eram bastante elevadas e a comunidade não tinha condições, foi retirado apenas o sino maior. Os outros dois, porém ficaram retidos no porto e conseqüentemente, perdidos para Vale Vêneto. E assim o harmonioso conjunto foi desfeito. Hoje, eles devem estar tocando do alto de outras torres. “Mas se alguém souber do paradeiro, não esqueçam que eram irmãos daquele que, há mais de cem anos vem tangendo solitário na pequena comunidade de Vale Vêneto” (BONFADA, 1991, p. 54).

Bonfada (1991), o sino chegara na véspera da festa de Nossa Senhora Imaculada Conceição. Tiveram todo o cuidado de não permitir nenhum toque de ferramenta ou outro instrumento que pudesse arrancar alguns sons antes do dia e hora marcados de sua inauguração. No dia da festa o vigário Padre Vogel, explicou para o povo o significado, a função e para que servia o sino. Atentos as palavras do padre e na expectativa das primeiras badaladas o povo vibrou de alegria. O sino (Figura 38). é de bronze com 1200 quilos, 1,45 cm de altura, 1,15 cm de diâmetro, e um badalo que pesa 200 kg, o toque soa na nota “SI, BEMOL”. Ele foi fundido em

Paris pela fundição “Crouzet Hildebrand” e possui estampada a seguinte inscrição em latim:

“IN HONOREM” B.V.M.ET SS. S. GEORGII M. GULHELMO CONF
GIORGIA MARIA AUGUSTA CONTESSA DE STACPOOL-CANONISSA
REGII CAPITULA S. ANNAE BAVARIAE – DONUM DEDIT REPARATAE
SALUTIS. MDCCCXC. “AVE MARIA GRATIA PLENA MARTIRUM ET
CONFESSORUM REGINA”¹⁵ (RAINHA, 1978 p. 41).



Figura 38 – Sino doado pela Condessa para a Igreja Matriz de Vale Vêneto

Fonte: Acervo da Autora, 2013.

De acordo com Torri (2001), a Igreja matriz, que se destacou como uma das mais belas construções da época recebeu juntamente com o sino outras preciosas doações da Condessa Geórgia Anna Maria Augusta Stackpoole, que foram: 3 mil libras (conversão do autor), um tabernáculo, um turíbulo, um ostensório, um baldaquim, um sacrário de bronze dourado, paramentos, vários castiçais e crucifixos, diversas alfaias e vários outros objetos sagrados.

Santin (1986, p. 8) relata ser o sino símbolo do universo cultural do imigrante italiano, sem dúvida coloca-se como grande instrumento da linguagem universal da vida dos imigrantes. Para o autor:

¹⁵ Em honra da Beatíssima Virgem Maria e os Santos Jorge Mártir e São Guilherme, confessor, Georgia Anna Maria Augusta, Condessa de Stackpoole, Canonissa do Reino de Santa Ana de Baviera, fez a oferta. Ano da Redenção do Senhor 1890. Ave Maria cheia de graça, rainha dos Mártires e Confessores.

O sino sintetiza e expressa plenitude do acontecer humano, seja em seus valores mundanos e sociais, seja em seus valores espirituais e eternos. Tudo pode ser dito e manifestado pelo poder infinito da linguagem melancólica dos sinos. O sino tornou-se a presença obrigatória, indispensável. É tudo. O mundo cristão que fizera do sino um símbolo litúrgico universal. O imigrante, perdido e abandonado na imensa solidão das florestas brasileiras, fez do sino seu porta voz, símbolo das melodias capazes de preencher os vazios, de vencer as distâncias e romper o silêncio, de aproximar e unir.

Várias vezes durante o dia soavam o toque do sino. Santin (1986) narra que às seis horas era para parar de fazer os afazeres matinais e rezar a “Ave-Maria”, às doze horas servia de relógio avisando os trabalhadores que era hora de almoçar e às dezoito horas o badalar indicava que era hora de tirar o chapéu, parar de trabalhar e rezar novamente a “Ave Maria”. Nas missas dominicais tocava-se o sino três vezes e durante as festas até dezesseis vezes. Durante a missa, o sino era tocado quando o padre rezava as duas partes mais importante da celebração: o Santo e a Consagração. Esse respeito derivava de costumes trazidos da Itália e de sua intensa religiosidade, o sino era o único meio de comunicação, quando soava o toque, algo de diferente estava acontecendo na comunidade.

Nas palavras dos informantes, o sino tem um significado importante para o imigrante italiano, pois era através das diferentes badaladas que este sabia que horas eram, se alguém tinha falecido, o horário da missa, entre outras informações. Hoje, o sino ainda continua tendo papel significativo no que diz respeito às informações que o mesmo transmite para a comunidade através das distintas badaladas. Em dias festivos o sino é tocado uma hora antes do horário da missa. Nos demais dias ele é tocado somente na entrada para a missa da comunidade e para avisar se alguém da comunidade faleceu.

Considerada marco histórico cultural e religioso da comunidade em que está inserida, e no contexto geral do estado, na palavra dos entrevistados, a Igreja Matriz Corpus Christi de Vale Vêneto (Figura 39) é um referencial da religiosidade, da fé, o começo para que a propagação dos templos católicos se espalhasse por toda a quarta colônia.



Figura 39 – Paróquia Corpus Christi de Vale Vêneto

Fonte: Acervo da Autora, 2013.

Depois da instalação definitiva dos palotinos em Vale Vêneto, a missão se estendeu para outros núcleos próximos, edificando igrejas, capelas, capitéis e levando a fé contagiante que se espalhou por toda a quarta colônia. Da Paróquia de Vale Vêneto surgiram as paróquias de Ivorá, Nova Palma, Novo Treviso, Agudo, Restinga Seca, Faxinal do Soturno e São João do Polêsine e as capelas das localidades vizinhas de Ribeirão, Santa Terezinha, Santa Lúcia, São José, São Sebastião e Santuário.

Todo empreendimento de fé está estampado na construção dos belíssimos templos. Foi a partir de Vale Vêneto que a região sentiu-se abrigada religiosamente.

Para o imigrante italiano a reconstrução grupal girava em torno da Igreja Católica, tendo a capela como centro de encontro não só para a oração, mas para o jogo, troca de experiências, amenizarem a solidão e a saudades da terra natal, narra o entrevistado V. P (80 anos).

De Boni e Costa (1979) afirmam que não ter capela na comunidade, correspondia a inferioridade daqueles que ali moravam, e não correspondiam somente ao espírito religioso dos imigrantes, mas dava resposta aos anseios de comunicação social mais intensa e à esperança de formar um centro urbano ou econômico de importância, já que a vida social ocorria em seu entorno.

O imigrante trouxe consigo convicção religiosa e a fé absoluta no trabalho, por isso, é que os colonos construíram locais para orar, assim como a residência

estruturava a propriedade uni familiar, a igreja ou a capela estruturava toda a comunidade de cada área (V. P. 80 anos).

Nos primeiros tempos da colonização, em vez das paróquias eram capelas, denominada como “comunidade para leigos”, Galioto (1987, p. 294) explica que “seria a solução para as paróquias grandes demais e que se tornavam impessoais, dificultando a vida comunitária e a prática do evangelho”, ou seja, a capela estaria mais próxima das pessoas, com tamanho menor, possibilitaria um maior contato entre os que a freqüentariam.

Nesse sentido, hoje com sua organização própria, mas vinculadas à Paróquia Corpo de Deus, integram um número considerável de capelas que para celebrar o centenário foram convidadas a participar do calendário de eventos em preparação ao momento histórico. Na caminhada de fé, foram realizados encontros preparatórios, celebrações eucarísticas, confraternizações em cada capela, centrados no tema, “celebrar o centenário da paróquia, visando a unidade paroquial, a renovação, aumentar a nossa fé e contar a nossa história de povo cristão”.

Participante nesta caminhada de fé e residindo nesta paróquia, a pesquisadora obteve dados históricos de cada capela, descritos a seguir.

Capela São Pedro

Localizada na comunidade de Ribeirão, município de São João do Polêsine, aproximadamente à 7 km de Vale Vêneto a Capela de São Pedro foi a primeira a ser fundada em 1881. Em novembro de 1929, foi introduzida a imagem de Nossa Senhora da Saúde. Em 1913 e 2011, passou por algumas melhorias, feita pelos moradores e devotos (Figura 40).



Figura 40 – Capela São Pedro em Ribeirão

Fonte: Acervo da Autora. 2013.

Capela Santa Terezinha

No Distrito de Palmas, município de Santa Maria, aproximadamente 20 km de Val Vêneto fica localizada a Capela Santa Terezinha (Figura 41) que foi construída num terreno doado pelos proprietários Sr. Francisco Augustinho Moro e esposa e Jorge Celestino Pessoa e esposa. Foi inaugurada no dia 15 de novembro de 1929. A primeira festa foi realizada no dia 26 de abril 1930, sendo vigário o Padre João Iop vigário que dava atendimento aos paroquianos à cada três meses e depois passando às visitas a serem mensais. Devido a colaboração das pessoas devotas a Capela passou por melhorias e todo o primeiro domingo de outubro comemora-se o dia da Santa Terezinha, conhecida como a Santa das Rosas.



Figura 41 – Capela Santa Terezinha- Distrito de Palmas – Santa Maria

Fonte: Acervo da Autora, 2013.

Capela Santa Lúcia

Conforme tradição da Igreja católica, Santa Lucia é venerada como a protetora dos olhos e da visão. Esta capela dedicada a Santa pertencente a Paróquia Corpo de Deus, fica localizada no município de Restinga Seca, aproximadamente a 15 km de Vale Vêneto. Em 1912 deu-se o início de sua construção pelos moradores e devotos. No ano de 1945 foi erguida a torre para comportar o sino (Figura 42). No mês de dezembro é comemorado o dia da Santa padroeira.



Figura 42 – Capela Santa Lúcia – Restinga Seca

Fonte: Acervo da Autora, 2013.

Capela São José

A pedra fundamental da Capela dedicada a São José (Figura 43) foi lançada em 31/03/1940. O Santo é popularmente conhecido pela Igreja Católica como sendo padroeiro dos trabalhadores e protetor das famílias.

Para os devotos de São José, ele foi o guardião de Jesus e esposo de Maria, que se empenhou durante a sua vida, dedicando-se ao trabalho como carpinteiro.

A Capela foi inaugurada em 23/03/1941, e teve como um dos fundadores o Senhor Antonio Pivetta. A festa do padroeiro acontece no mês de março. Atualmente os devotos têm a presença do pároco uma vez ao mês para celebração eucarística.



Figura 43 – Capela de São José – Restinga Seca

Fonte: Acervo da Autora, 2013.

Capela de São Sebastião

Segundo a Igreja Católica, São Sebastião foi um dos muitos soldados romanos que por sua fé em Jesus foi martirizado, nunca deixou de ser um cristão convicto e ativo. Fazia de tudo para ajudar os irmãos na fé, procurando revelar o Deus verdadeiro aos soldados e aos prisioneiros. Secretamente, São Sebastião conseguiu converter muitos pagãos ao cristianismo. A Capela de São Sebastião (Figura 44) foi fundada em 1938 e em março de mil novecentos e trinta e nove foi solenemente benta e realizada sua primeira festa



Figura 44 – Capela São Sebastião

Fonte: Acervo da Autora, 2013.

Capela Nossa Senhora Aparecida

Esta Capela dedicada a Nossa Senhora Aparecida (Figura 45) surgiu pela iniciativa de um grupo de mulheres que se reuniam para pregar o amor de Jesus Cristo. Inicialmente elas recebiam a visita do padre nas casas que era feita a cavalo e tendo como a sede Vale Vêneto. Dona Helena Rodrigues, Elsa Dotto e Ana Venturini Grigoletto, incentivadas pelo padre Pe. Roberto Nascimento pensavam em ter uma comunidade cristã, para receber e pregar a doutrina cristã.

A primeira iniciativa foi de construir um pequeno santuário dedicado a Mãe Rainha Três Vezes Admirável. Mais tarde a pedido do padre chegou até a comunidade a imagem de Nossa Senhora Aparecida, desde então as famílias se reuniam para rezar e juntamente com o Pe. Roberto pregavam a catequese para crianças e adultos. Hoje a comunidade tem uma capela maior com espaço para culto no interior, que foi construída e dedicada a Nossa Senhora.



Figura 45 – Capela Nossa Senhora Aparecida

Fonte: Acervo da Autora, 2013.

Durante um ano, além da Matriz em Vale Vêneto, os fiéis organizaram e participaram das celebrações que foram realizadas nas seis Capelas, encerrando-se no dia 23 de outubro de 2011, quando aconteceu a missa festiva em comemoração ao centenário da Paróquia Corpo de Deus de Vale Vêneto.

Na caminhada de cem anos de fé e religiosidade, essa história começou quando ainda não havia estradas, tudo era difícil, com muita fé trabalho e persistência os imigrantes deram origem a esta Igreja. Muitas promessas foram

feitas pelo governo, mas tudo o que eles ganharam foram machados e facões para começar a vida em meio à floresta. Hoje nos orgulhamos de celebrar este momento histórico e relembrar aquilo que eles fizeram.

Além de rezas, a comemoração contou com toque de sinos, tiros de canhão e almoço de confraternização. Um dos momentos mais emocionantes foi após a missa quando representantes das comunidades dirigiram-se para a frente da Igreja Matriz e na oportunidade soltaram cem balões coloridos com mensagens em agradecimento pelos centenário de existência.

A Paróquia Corpo de Deus, durante estes cem anos, realizou muitos eventos religiosos, casamentos, ordenações sacerdotais, batizados, etc.. Foram realizados aproximadamente onze mil setecentos e oitenta batizados. Dentre eles destaca-se o registro de batismo do Beato Adílio Daronch e do Diácono João Luiz Pozzobon, que consta no Livro de Batismo nº IV – nº 05 folha 32 e dados do Livro nº 01 – Índice pagina 74, pertencente a Paróquia Corpo de Deus de Vale Vêneto

Registro de Adílio Daronch:

Nascimento: 25 de outubro de 1908

Batismo: 10 de novembro de 1908

Pais: Pedro Daronch e Juditta Segabinazzi

Padrinhos: Alessandro Soccal e Rosa Martini

Registro do Diácono João Luiz Pozzobon:

Nascimento: 12 de dezembro de 1904

Batismo: 06 de janeiro de 1905

Pais: Ferdinando Pozzobon e Augusta Pivetta

Padrinhos Augusto e Maria Nosso

A Igreja de Vale Vêneto se destaca por ser vista como a igreja mãe das muitas que depois haviam de segui-la. Com a união, fé, muitas orações, generosidade, muito trabalho, temos orgulho de nossa Igreja, são palavras do coordenador Sr. Luiz Pivetta, quando das comemorações do centenário e também da inauguração da reforma realizada na Igreja Matriz Corpus Christi de Vale Vêneto (Figura 46), em 2011. Em agradecimento a todos os que colaboraram para que acontecessem estes dois momentos históricos, em seu pronunciamento destacou:

Hoje sentimos a responsabilidade pelo qual os nossos antepassados nos deixaram o da conservação. Não tivemos nenhuma verba [...]. “Tivemos sim, colaboradores; os paroquianos, filhos, ex-alunos e amigos de Vale Vêneto”.[...] Todas as famílias foram visitadas e espontaneamente, que na quase totalidade, fizeram a sua doação. Tivemos um aumento significativo no dízimo. O restante veio dos resultados dos eventos realizados em nossa Matriz (JORNAL INTEGRAÇÃO, 2011).

Neste sentido e nas palavras de apreço dos entrevistados citam datas significativas na linha do tempo e respectivas etapas de melhorias pela qual a igreja Matriz passou e a oração da comemoração dos cem anos da Paróquia Corpus Christi que ocorreu em 2011.

Datas Significativas durante os 100 anos de Paróquia da Igreja Matriz Corpus Christi de Vale Vêneto

- 1886 – Chegada dos Palotinos e lançamento da Pedra Fundamental
- 1887 – O bispo autoriza sua construção
- 1888 – Iniciada a obra pelo Padre João Vogel
- 1888 – Festa de Corpus Christi e benção do coro.
- 1889 – A Capela São Francisco foi elevada a CURATO
- 1901 – Conclusão da construção da Igreja Matriz
- 1907 – Inauguração da Igreja Matriz
- 1909 – Consagrada ao “CORPO de DEUS”, a única do Brasil
- 1911 – De CURATO foi elevada PARÓQUIA Corpo de Deus
- 1922 – Inauguração da Torre
- 1937 – Edificação da nova fachada frontal da Igreja
- 1945 – Pavimentação com ladrilhos, altares, confessionários e vitrais
- 1951 – Forro da Igreja-desenhos e lâminas de madeira
- 1958 – Foi realizada melhorias no coberto
- 1973 – Troca das telhas para zinco
- 1985 – Substituição dos rebocos e nova pintura interna e externa.
- 2005/2007 – Revestimento de toda a parte externa, troca do telhado de zinco por telhas, revestimento do pináculo em cobre.
- 2011 – CENTENÁRIO DA PARÓQUIA DE VALE VÊNETO



Figura 46 – Igreja Corpus Christi. Placa comemorativa ao centenário

Fonte: Acervo da Autora, 2013.

Oração do Centenário

Deus Pai. Olha com bondade a Paróquia “Corpo de Deus” no seu Centenário. Graças pelas maravilhas que operaste neste teu povo: em nossos antepassados que com muita fé e esperança arriscaram suas vidas, nos Missionários, Palotinos e Irmãs do Coração de Maria que animaram, sustentaram e fermentaram a Fé desta comunidade que segue teus passos. Agora Pai, nós nos colocamos em tuas mãos, para continuar marcando a história, construindo a Fraternidade, Justiça e Paz. Por intercessão de Maria, queremos ser discípulos missionários de teu Reino. Amém!. (RORATTO, 2011).

4.1.1.14 Monumento em homenagem a Luigi Baldissera

O espírito de fé dos imigrantes italianos, os que aqui chegaram não trouxeram somente o seu sofrimento, a busca de novas terras, a promessa de uma vida melhor, trouxeram, sobretudo, muita fé no coração.

Com esse espírito de fé e trabalho o povo de Vale Vêneto, deu sua contribuição para que fosse realizado este importantíssimo sonho de ter “*La Chiesa*”¹⁶. O imigrante Luigi Baldissera foi um dos que teve destaque especial como

¹⁶ La Chiesa – quer dizer a Igreja.

pedreiro e construtor e muito dedicou o seu trabalho em prol para que se concretizasse o sonho na construção da Igreja.

Casado com Lúcia Marin veio para o Brasil em 1887, juntamente com seus seis filhos. Por toda a sua dedicação o povo de Vale Vênerto ergueu em sua memória um monumento e uma placa (Figura 47) com os dizeres: "Homenagem do Povo – A – Luigi Baldissera. Nascido em Gemona Del Friuli – Udine, Itália, em 16-10-1841. Emigrou com a Família para o Brasil em 19-2-1887. Construiu a Igreja de Vale Vêneto, mas caiu de cima, falecendo em 02-06-1901".

Pela generosidade do imigrante Luigi, demonstrado com o seu trabalho de pedreiro, profissão que trouxe na bagagem de seus conhecimentos da Itália, em empenhar-se na construção da Igreja, foi nesse sentido que os entrevistados identificaram o seu gesto de fé um símbolo da religiosidade dos antepassados..



Figura 47 – Placa em homenagem ao Imigrante Luigi Baldissera

Fonte: VIZZOTTO, 2013.

4.1.1.15 Colégio Nossa Senhora de Lourdes

Vindos da região de Vêneto os imigrantes, desejavam também um Colégio de Irmãs para educar seus filhos na fé. A convite dos Padres Palotinos, em 26 de julho de 1892, a Madre Maria Margarida de São José, 3ª Superiora Geral, aceitou o desafio e enviou as Irmãs da Congregação do Imaculado Coração de Maria. Seus nomes eram: Maria Batista das Cinco Chagas e Maria Crisanta do Sagrado Coração de Jesus. Na oportunidade, faziam-se acompanhar de uma candidata à vida

religiosa, Hipólita Michelotti e, mais tarde, a Irmã Catarina de Sena. Elas vieram com o objetivo de preparar e educar os filhos dos colonos (G. P., 85 anos).



Figura 48 – Colégio N. S. de Lourdes de Vale Vêneto

Fonte: Acervo da Autora.

Em pesquisas realizadas, no álbum nº 1 do Centenário do Colégio N. S. de Lourdes de Vale Vêneto (1992), consta que as Irmãs receberam do Senhor Paulo Bortoluzzi, uma casa de madeira, chão batido, sem vidraças, postigos feitos de tabuinhas também de madeira onde, em agosto do mesmo ano, começaram as atividades do denominado Colégio Nossa Senhora de Lourdes, abrindo a primeira escola primária da colônia de imigrantes italianos.

As Irmãs deram este nome ao Colégio em lembrança das capelas e devoções que trouxeram da França. A padroeira do mesmo foi a primeira imagem de Nossa Senhora de Lourdes (Figura 49) a entrar no Rio Grande do Sul, em meados de 1890. A imagem está exposta na Capela principal da Casa de Retiros.



Figura 49 – Imagem de Nossa Senhora de Lourdes, trazida da França

Fonte: VIZZOTTO, 2013.

Um mês depois da chegada das irmãs à Vale Vêneto, deram início às aulas com 60 alunos presentes (Figura 50). “Assim foi fundada a escola sendo denominada de Colégio Nossa Senhora de Lourdes, o primeiro na Colonização Italiana do RS,” e a segunda escola de propriedade da Congregação do Imaculado Coração de Maria. Isto ocorreu dezenove anos após a morte da Fundadora da Congregação do Imaculado Coração de Maria no Brasil, Bárbara Maix (MARCUIZZO, 2006).



Figura 50 – Alunas do Colégio Nossa Senhora de Lourdes. s/d.

Fonte: MIEM, 2013

Conforme relata Sr. L. P. (83 anos), as irmãs que aqui chegaram encontraram muitas dificuldades, viviam de doações recebidas dos colonos. Além da falta de alimentos também não havia espaço suficiente para abrigar todos os alunos, não havia transporte, nem terreno para criar animais e cultivar a terra para o seu sustento. No início o atendimento do educandário era apenas para as crianças do local.

De acordo com relatos, aos poucos, com a ajuda dos imigrantes, que muito bem as receberam, as Irmãs do Imaculado Coração de Maria, conseguiram um espaço maior para ampliação do Colégio, para o cultivo de suas plantações e criação de pequenos animais para o consumo. O Colégio era muito procurado por ter no seu currículo uma ótima formação cristã, moral, intelectual e também porque nos municípios da região da campanha não havia escolas. Sendo assim, a Instituição de ensino seria uma opção para os filhos dos fazendeiros realizarem seus estudos educacionais e de qualidade.

Em 1894, com o crescimento da população e devido a grande demanda, a casa teve que ser ampliada para receber crianças internas e outras tantas como externas. Neste ano deu-se o início do internato para as meninas e em 1900 para os meninos, este com o nome de Pensionato São Luiz. Foi o primeiro internato do interior do Estado. Na década de 1950 e 1960, abrigavam mais de 500 alunos internos (INTEGRAÇÃO, 2006).



Figura 51 – Alunas do bordado (1959) Colégio Nossa Senhora de Lourdes

Fonte: Vani Cauduro, 2013.

Com esta nova realidade, as Irmãs organizaram o ensino de uma maneira diferente. Os alunos internos estudavam em salas separadas dos externos. Os internos pagavam seus estudos com anuidades. Os externos pagavam com produtos da terra, consumidos pelos alunos internos do Colégio, ou com trabalhos domésticos e também recebiam ajuda governamental para manter a Instituição.

Além do currículo escolar era oferecida educação de meninos e meninas, que lhes fosse útil para a vida. Uma formação religiosa e moral, disciplina para a oração, o trabalho, o casamento, o convívio social, formando homens úteis a Deus e a pátria. Também oferecia cursos paralelos iniciados pelas profissionalizações de datilografia, corte e costura, piano, violino, acordeão, bandinha rítmica, artesanato de flores, bordado a mão ou a máquina e esportes (MARCUIZZO, 1992, p. 40).



Figura 52 – Ensino de música no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, 1945.

Fonte: MARCUZZO, 1992.

A escola esteve em funcionamento por oitenta e oito anos ininterruptamente (1892 – 1980). Por lá passaram aproximadamente cerca de vinte e três mil alunos, a maioria internos, procedentes de mais de noventa e cinco cidades e localidades. Neste período, trabalharam na obra educativa duzentas e sessenta Irmãs, conforme refere o *Jornal Integração* (2006).

A casa (Figura 53) reflete um pouco a história da colonização na região, na qual os imigrantes italianos solicitavam a presença e o auxílio de missionários religiosos e missionárias religiosas. A presença efetiva e ativa dos padres e das irmãs proporcionou um incentivo na preservação de valores da vida religiosa. E foi

assim, com a missão de catequizar e educar, que as “Irmãs do Imaculado Coração de Maria” se instalaram na região, dando formação e educação para crianças e jovens, e voltando-os principalmente para a religião e a fé, para que pudessem crescer com grande dignidade e altruísmo, numa vida de muita luta, mas cheia de alegria (MARCUIZZO, 2006).



Figura 53 – Casa de Retiros N. S. de Lourdes de Vale Vêneto

Fonte: VIZZOTTO, 2013.

Vários foram os motivos que levaram a Instituição a deixar de atender como escola. Um desses motivos foi às mudanças impostas pela educação assumida pelo Estado a qual passou a exigir métodos educacionais, fazendo com que a Instituição encerrasse suas atividades.

Hoje, o Colégio continua ativado, mas com outra finalidade, não é mais Escola, e sim “Casa de Retiros”, possibilitando às pessoas momentos de reflexão e lazer assegurado como local privilegiado, com todo o conforto necessário. A Casa de Retiros é uma das inúmeras obras da Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria, inserida em vários Estados do Brasil, Argentina, Bolívia, Venezuela, Haiti, Moçambique, Itália e Estados Unidos. (Jornal Integração, 2006)

Ao longo de sua história, a hoje Casa de Retiros, este patrimônio passou por várias transformações. Notadamente suas edificações comprovam essa evolução. Desde 1981 está constantemente em reformas para atender às necessidades impostas pelos novos objetivos a que esta Instituição se propôs. Sua finalidade é

acolher todas as pessoas que desejarem um lugar para momentos de reflexão e lazer, (Figura 54). Possuem espaço e infra-estrutura para todo o tipo de eventos formativos, treinamentos, seminários e cursos para vários profissionais, leigos e religiosos. Também parte do prédio está locado para o Estado que dá continuidade ao ensino de 1º Grau da Escola Estadual de Ensino Fundamental Pe Rafael Iop.



Figura 54 – Espaço para o de lazer. Casa de Retiros - Vale Vêneto

Fonte: VIZZOTTO, 2013.

Irmã A. P.(85 anos), relata, “existe uma sala na Casa de Retiros Nossa Senhora de Lourdes (Figura 55), para preservar parte da história das Irmãs do Imaculado Coração de Maria”. Este acervo recebeu o nome de Museu Madre Margarida, em memória a Madre Geral, fundadora da primeira escola no interior do Estado, em Vale Vêneto no ano de 1892. Também se preserva atividades das Irmãs da Província do Divino Espírito Santo. Neste acervo encontra-se uma história construída sobre os alicerces do amor e do sacrifício de Irmãs que trabalharam e trabalham em prol de todos.



Figura 55 – Casa de Retiros Nossa Senhora de Lourdes

Fonte: VIZZOTTO, 2013.

Ir. A. P. (85 anos), “a presença dos Padres Palotinos e das religiosas do Imaculado Coração de Maria teve grande influência na comunidade quanto a formação religiosa, educacional e cultural. A presença efetiva e ativa dos religiosos proporcionaram um incentivo na preservação de valores aos filhos dos imigrantes. Foram os próprios imigrantes que solicitaram a vinda das Irmãs e dos padres, pois estavam muito interessados na formação de seus filhos.

Faz muitos anos que participo desta comunidade e, com orgulho posso dizer que esta história faz parte da minha vida”. “Pelos cento e vinte e dois anos em que aqui servem as Irmãs do Imaculado Coração de Maria, tendo sempre em vista o bem da comunidade, acredito termos, sob a proteção do Imaculado Coração de Maria e da Venerável Bárbara Maix, exercido a nossa cidadania e contribuído com o crescimento desta terra (Ir. A. P., 85 anos).

Em depoimentos os entrevistados relatam que a partir da contribuição dada pelos padres palotinos e das Irmãs do Imaculado Coração de Maria, os imigrantes sentiram-se protegidos religiosamente. Com a chegada dos religiosos a comunidade se organizou culturalmente. Essa nova função garantiu à localidade o seu crescimento e reconhecimento fundando os dois maiores internatos. Além de conter o seminário e o colégio na comunidade, também se desenvolvia nestes estabelecimentos o ensino para jovens que viviam na zona rural. O sistema de internatos masculino e feminino garantia, além dos ensinamentos religiosos, o

ensino fundamental estendido também para jovens da zona urbana de cidades próximas.

Foi nesse sentido que os entrevistados responderam ao questionamento de que modo os imigrantes se organizaram culturalmente e, por atenderem os ensinamentos religiosos aos filhos dos imigrantes a Casa foi um símbolo presente para os nossos antepassados.

Assim, com a criação do seminário e a fundação do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, dirigido pelas irmãs, contribui não só para a formação de candidatos ao sacerdócio e à vida religiosa, mas também a educação e o ensino para todos. “Nesses educandários germinaram férteis vocações, que se espalharam por muitos estados no Brasil e exterior.” (SANTIN, 1986: p. 40-41).

4.1.1.16 Monumento da Irmã Jacinta Susin

Por ser uma das irmãs que dedicou a sua vida na educação, pregar o evangelho e dar a catequese aos filhos dos imigrantes, é que os ex-alunos de Vale Vêneto prestaram homenagem a essa figura de destaque inconfundível. Trata-se de uma pessoa que é a essência histórica da Instituição do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, de onde foi superiora e prestou serviços vocacionais durante 54 anos. Seu busto (Figura 56) encontra-se fixado ao lado da Casa de Retiros Nossa Senhora de Lourdes.



Figura 56 – Monumento em homenagem a Irmã Jacinta Susin

Fonte: VIZZOTTO, 2013.

Marcuzzo (1992, p. 53), “além de conhecer e guardar na memória os nomes dos internos que por lá passaram, ela conhecia também todas as famílias da localidade. Exerceu a função de Diretora do Pensionato São Luiz, dedicou-se a pregar o apostolado na Paróquia e nas Capelas juntamente com o Vigário.

A Irmã Jacinta proferia palestras para adultos, jovens e crianças pregando a religiosidade e incentivando a freqüência à Santa Missa. Muitas das palestras eram direcionadas para os pais, pedindo que educassem os filhos dentro dos preceitos católicos. Grande parte de sua vida dedicou-se a fazer apostolado através de cartas. Gostava muito de dar conselhos. Quando professora, no caso de ter que dar algum castigo ao aluno (a), mandava rezar no Santuário da Mãe Rainha três Vezes Admirável que se localiza em frente ao Colégio (MARCUIZZO, 1992).

De acordo com os entrevistados a sua lembrança está ainda bem viva e gravada na memória dos filhos e descendentes de imigrantes, sobretudo nos seus ex-alunos. Tendo em vista os relatos e por quem visita este monumento recordam com saudades, pelo seu modo peculiar de educadora, mestra, bondosa e severa. Com personalidade meiga, simples e correta, sempre exigente na ordem e na disciplina do Colégio. Pelo reconhecimento de uma vida dedicada ao ensino, educação e pregação do evangelho aos imigrantes, hoje é reconhecida como símbolo da religiosidade que foi no passado.



Figura 57 – Irmã Jacinta Susin

Fonte: MARCUZZO, 1992.

Pela ocasião do Centenário da chegada das Irmãs e da fundação da Escola Nossa Senhora de Lourdes em Vale Vêneto, foi construído em 27 de novembro de 1992 um monumento com a imagem da Irmã Jacinta Susin, onde se encontra destacado na primeira placa os dizeres: A IRMÃ MARIA JACINTA SUSIN, EDUCADORA DE GERAÇÕES NESTE COLÉGIO N^a Sra. DE LOURDES, DURANTE 55 ANOS, A HOMENAGEM PÓSTUMA DOS EX- ALUNOS, 27 – 9- 1992.

Na segunda placa consta as seguintes inscrições: 1892 – 1992 – AOS IMIGRANTES PIONEIROS E AS FUNDADORAS DO COLÉGIO N^a Sra. DE LOURDES: IRMA MARIA BATISTA DAS CINCO CHAGAS, IRMA MARIA CRISANTA DO CORAÇÃO DE JESUS E A FUTURA IRMÃ HIPOLITA MICHELOTTI, O POVO DA REGIÃO E AS IRMÃS DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA. AGRADECEM. 27-9-1992 (Figura 58).



Figura 58 – Placa fixada abaixo do Busto da Irmã Jacinta Susin

Fonte: VIZZOTTO, 2013.

4.1.1.17 Casa de Pedras Bárbara Maix

Construída em meados de 1894, segundo depoimentos é a casa mais antiga na comunidade. Localizada na Rua Paulo Bortoluzzi, próximo a Casa de Retiros Nossa Senhora de Lurdes, foi a primeira de propriedade fixa da congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria. É uma construção típica italiana, com suas pedras originais de basalto, assentadas a seco, considerada por muitos moradores a “Casa do Imigrante”.

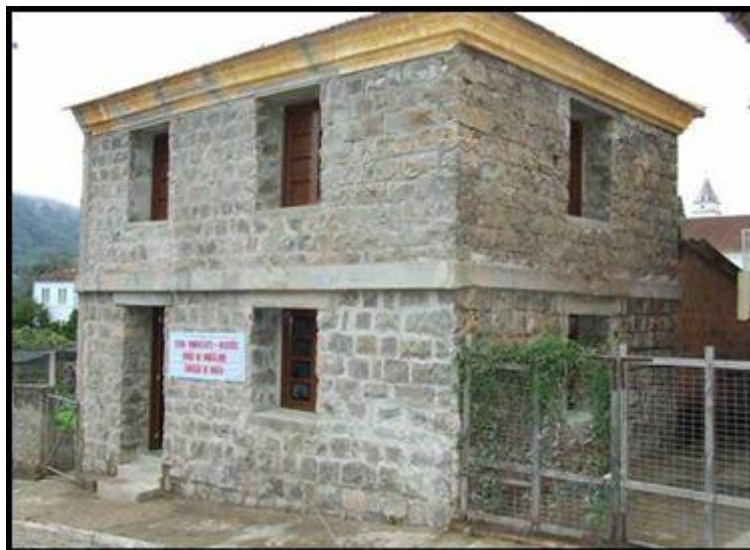


Figura 59 – Casa de Pedras Bárbara Maix.

Fonte: Acervo da Autora.

Hoje, a casa foi transformada num espaço de oração que leva o nome da fundadora da congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria “Bárbara Maix”. No local pode-se orar e pedir graças, como também ter conhecimento e aproximação da vida desta mulher.

Definido pelos entrevistados o oratório é símbolo da religiosidade, pois foi o lugar onde as irmãs da Congregação do Imaculado Coração de Maria se instalaram para atender aos imigrantes. Toda a educação religiosa era orientada no sentido de preservar os valores familiares alicerçados na religião, fator que contribuiu para a fixação de costumes e tradições italianas no local.

No álbum nº 1 do Centenário das Irmãs, consta que Bárbara Maix, aprendeu no berço familiar a cultivar a fé e o amor aos pobres, pois ela também o era. Assim, foi fortalecendo a sua convicção de que Deus lhe pedia que fizesse algo em benefício dos mais necessitados. Devota a Nossa Senhora, passava muitas horas rezando, provavelmente o que a levou a receber a inspiração de fundar a Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria.

No dia 08 de maio de 1849, fundada em terras brasileiras, no Rio de Janeiro a primeira Congregação. Aos poucos foi aflorando o crescimento das vocações, com muitas lutas e sofrimentos, mas Bárbara, com toda a sua fé, não desistiu de espalhar mais sementes pelo Brasil. Ela aprendeu a enfrentar com fé e coragem as dificuldades da vida, pois sua família era profundamente cristã.

Hoje a congregação marca presença em quase todos os Estados brasileiros e também nos países da África, Haiti, Paraguai e cidade de Roma.. A missão visa a atender os mais necessitados, prestando serviços de saúde, ação pastoral, assistência social e educação. Isso foi possível porque, depois da fundadora, muitas jovens seguiram o seu exemplo.

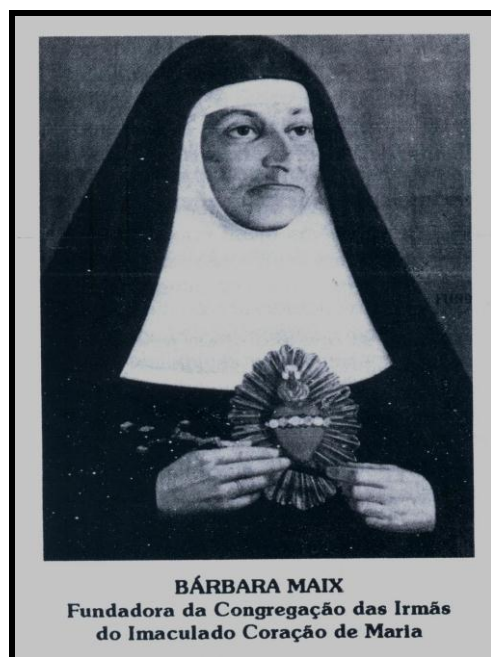


Figura 60 – Bárbara Maix

Fonte: Marcuzzo, 1992.

Vários preparativos nas paróquias da região italiana foram realizados para dar início ao processo de canonização de Bárbara Maix. Fato histórico foi que, no dia 16 de agosto de 1992, na Catedral de Porto Alegre, concretizou-se o ato de abertura oficial do processo de canonização (MARCUIZZO, 1992).

Na fala da Ir. A. P. (85 anos) a “Beatificação é uma ação pedagógica de estímulo e apoio aos que acreditam. Um olhar de ternura, compaixão e chamado para quem não crê”. A logomarca da Beatificação, coração aberto proclama a missão das irmãs hoje: defender e promover a vida em fidelidade ao reino de Deus. A celebração da Beatificação aconteceu no dia 06 de novembro de 2010, no Gigantinho em Porto Alegre.



Figura 61 – Bárbara Maix. Casa de Retiros Nossa Senhora de Lourdes

Fonte: Vizzotto, 2013.

4.1.1.18 Capitéis

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes, eles encontravam na religião a força necessária para prosseguir até o destino que lhes fora prometido e transformar o lugar para que pudessem viver dignamente.

A população procurava fazer com que as forças sagradas agissem no sentido de atender suas necessidades diárias, estabelecendo uma relação de troca com o sagrado. Solicitavam proteção as lavouras, aos bens materiais e principalmente à saúde, recorrendo aos diversos santos.

Conforme relatos dos informantes, no início, rezavam embaixo das árvores, mais tarde providenciaram um lugar em comum para orar, dando início as construções em forma de capitéis, capelas, santuários, ermidas, grutas, oratórios,

Através das construções constituíam vínculos com determinados santos, tomados como especialistas no sentido de atender emergências cotidianas, simbolizando a esperança de proteção e de saúde.

Os capitéis foram o primeiro sinal material do espírito religioso de iniciativa popular. Em épocas nas quais não existiam igrejas e capelas de maior porte ou porque estas ficavam longe das residências, os capitéis serviam como local de encontro para a recitação do terço na comunidade ou com a finalidade de guardar o santo pelo qual possuíam muita devoção.

Ao longo dos anos as pequenas capelinhas com altar foram construídas como forma de pagamento de promessas, por proteção solicitada, graça alcançada e ou delimitando uma comunidade ou linha.

Os primeiros capitéis por falta de recursos, as famílias construíam de madeira bruta, de muralhas sem porta, sem janela e sem grade, depois de alguns anos eles começaram a ser construídos em alvenaria que foram os precursores das capelas.

De acordo com Santin (1986, p. 18), “os Capitéis pontilhando as estradas eram os marcos contínuos da presença permanente e da proteção concreta do Senhor, Deus dos desvalidos. Tudo indicava que todas as coisas se resolveriam entre eles e Deus”.

As pequenas capelinhas construídas ao longo de estradas, geralmente numa encruzilhada, o que facilitava o encontro das famílias de todas as linhas, testemunham a religiosidade dos imigrantes e a freqüência dos cultos familiares. Suas formas podem variar desde uma cruz com cobertura de duas águas, uma capelinha com uma imagem e até capelas maiores com pequenos altares. Eram erguidas, para testemunhar uma graça recebida ou dedicados a santos de sua devoção, trazida da Itália.

Em algumas situações eram construídos por um grupo de famílias ou pela própria comunidade, para expressar a fé e atender interesses particulares ou comunitários. As devoções e práticas comunitárias eram manifestadas através das peregrinações, procissões, novenas, tríduos e solenidades festivas, sendo estas, realizadas quase sempre em agradecimento a fenômenos naturais, à produção agrícola, doenças e principalmente, ao santo padroeiro de cada capitel.

Em muitos eram realizadas missas e em outros, momentos de oração, porém o que todos tinham em comum é que foram construídos nas proximidades das casas e à beira das estradas.

A religiosidade sempre esteve fortemente presente entre os imigrantes italianos e cada capitel tem sua história de dor, angústia, anseios e esperanças.. Muitas vezes também compreendiam grandes alegrias e agradecimentos por graças alcançadas. Para quem viveu com muitas dificuldades sem acesso aos recursos básicos da vida, eram buscadas forças e conforto nas pequenas capelinhas através das rezas. Para os imigrantes existiam santos específicos, que possuíam poderes de cura (GIRARDI, 1995).

Da força espiritual dos imigrantes é que surgiram os capitéis construídos na localidade de Vale Vêneto e reconhecidos pelos entrevistados, como sendo representações de fé. Os cinco Capitéis estão localizados nas linhas, forma encontrada pelos primeiros imigrantes para separar territorialmente uma localidade da outra. Ainda hoje permanecem com esses nomes: Linha Três, Capitel de Santo Antonio; Linha Um, Capitel de São Patrício; Linha do Comércio, Capitel de Nossa Senhora do Rosário da Pompéia; Linha do Povoado, Capitel de São Francisco e Linha das Dores, Capitel de Santo Antonio.

4.1.1.18.1 Capitel de Santo Antônio

Localizado na Linha Três, estrada de chão batido, área montanhosa, com muito verde, mais conhecida como a Linha dos Brondani, o símbolo religioso (Figura 62), identificado pelos informantes foi construído em honra a Santo Antonio.

Segundo T. B. (83 anos), o capitel foi construído pelos próprios membros da família Brondani logo que chegaram da Itália, em 1878. Em principio o oratório foi feito de madeira, mais tarde aprimorado com pedaços de tijolos e barro.



Figura 62 – Capitel de Santo Antonio.

Fonte: Vizzotto, 2013.

O imigrante Geovani Battista Brondani possuía uma imagem de Santo Antonio em papel e pano emoldurada num quadro, da qual era devoto na Itália, trazendo consigo essa devoção. Conforme relata o Senhor T. B.,

“[...] que para a sua proteção e das demais famílias, os Brondani construíram então um pequeno oratório para colocar o Quadro de Santo Antônio. Em princípio foi feito de madeira serrada tudo à mão. Mais tarde foi aprimorado com pedaços de tijolos carregados pelas mulheres nos aventais e depois rebocado com barro” (Vale Vêneto, 83 anos).

Relatam os mais antigos moradores que passados alguns anos um imigrante da comunidade de Vale Vêneto fez uma promessa para que o filho deficiente alcançasse a graça da cura, em troca ele doaria a imagem de Santo Antônio. Recebida esta graça, o imigrante colocou a imagem no interior do Capitel como forma de pagamento da promessa. A imagem permanece no local até a presente data. A partir dessa graça, todos os anos, no dia 13 de Junho, dia de Santo Antonio, é celebrada a missa no capitel com a participação de muitos devotos. Na ocasião, são confeccionados e distribuídos pelas senhoras voluntárias e devotas da comunidade os pães bentos em homenagem a Santo Antônio.

Segundo o folclore brasileiro e italiano é rico em alusões aos poderes milagrosos do santo, em questão de casamento e coisas perdidas, etc. Mais importante de tudo isso é a caridade para com os necessitados, através da Instituição conhecida como o “Pão de Santo Antônio”, que é gesto que perpetua o espírito da caridade para com os pobres, tão generosamente vivido pelo nosso santo (PADRE BATTISTI, 2005 p. 17).

Era comum as famílias de imigrantes italianos constituírem capiteis em suas propriedades para solicitarem ajuda aos santos a fim de resolver as dificuldades do dia-a-dia. Segundo o senhor T. B. (83 anos),

Nos Capitéis aconteciam os encontros entre as famílias vizinhas para orar e pedir graças tanto para a saúde, como no trabalho e também proteção contra os temporais que eram muito freqüentes na época. Não tinha médico, daí a fé e a oração era a maneira de se proteger e de curar.

Entre os anos de 1905 e 1964 outros reparos no Capitel de Santo Antonio foram realizados. Por um bom tempo o Capitel ficou abandonado, tendo em vista que o mais próximo morador que mantinha os devidos cuidados mudou-se para outra cidade. Hoje, permanece com as mesmas características, graças à boa vontade e dedicação de algumas famílias que ainda permanecem próximas ao Capitel, e que cuidam desta pequena capelinha dentro das suas possibilidades.

4.1.1.18.2 Capitel de São Patrício

Trazida da Itália pelos imigrantes, a manifestação religiosa a devoção ao São Patrício era para pedir a proteção contra as cobras. No desbravamento da mata nativa para construção de suas moradas os imigrantes se deparavam com enormes cobras, daí que surgiu a iniciativa da construção de uma pequena capelinha para orar pedindo a proteção e atenção as suas aflições imediatas.

À beira da estrada, retirado do povoado, o Capitel de São Patrício, (Figura 63), fica numa distância de aproximadamente dois quilômetros, caminho percorrido em estrada de chão batido em meio a mata nativa e paisagens encantadoras, na localidade denominada Linha Um. Foi erguido devido a promessas dos moradores por graças alcançadas.



Figura 63 – Capitel e o altar de São Patrício

Fonte: Vizzotto, 2013.

O capitel foi construído em 1898, numa propriedade que foi doada pelo imigrante Jayme Iop e esposa. Os moradores contam que o Senhor Baldissera teve um parente picado por uma cobra venenosa e, sabendo da gravidade do fato e da falta de recursos próximos, a família fez uma promessa a São Patrício para que a pessoa se salvasse. Assim que a graça foi recebida, iniciou-se a construção do pequeno oratório. O lugar tornou-se o ponto de encontro das famílias mais próximas para diariamente, à noite, rezar o terço, organizando suas vidas religiosas.

Segundo relato do Sr. L. P (83 anos), “a festa do Santo Padroeiro era anunciada para a vizinhança, através de foguetes um dia antes da realização da mesma, assim os moradores das outras localidades sabiam que haveria comemoração. Iniciava-se a festa com a missa solene, almoço e à tarde o tradicional jogo da “tômbola” (bingo), cantoria com vinho e outras diversões”.

Em 1987, o Capitel teve alguns melhoramentos, para conservá-lo e receber os devotos no dia da missa em honra ao Santo Padroeiro, que é 17 de março. Neste dia é celebrada uma missa no local com a participação de devotos para pedir proteção contra as picadas de cobras e receber a benção do celebrante que é dada a todos os presentes.

4.1.1.18.3 Capitel de Nossa Senhora do Rosário da Pompéia

A fé foi o principal elemento cultural que o imigrante trouxe na bagagem dando-lhes força nos momentos mais difíceis. Dessa religiosidade e de uma promessa feita pela família de Domenico e Santa Puppín Bortoluzzi, procedentes da província de Treviso, surgiu a iniciativa da construção do Capitel dedicado a Nossa Senhora do Rosário da Pompéia (Figura 64).

Localizado na Rua do Comércio, o Capitel foi construído em 1894, primeiramente coberto por folhas de coqueiro e depois por “escandoles” (tabuinhas esculpidas). A construção deve-se por uma graça alcançada pela cura do imigrante Domenico. Em depoimento o Sr. S. B (83 anos) diz que: “não havendo recursos médicos na época ele e sua esposa invocaram graças a Santa que o ajudasse a livrar-se deste mal. Com muita fé e devoção ele conseguiu se recuperar da enfermidade. Na ocasião foi celebrada uma missa em agradecimento pela graça recebida.

No interior da pequena capelinha a maior expressão da devoção se concentra no altar com frisos decorativos com motivos florais e geométricos, pequenas imagens esculpidas em madeira pelas mãos de pessoa anônima e muitas flores em homenagem a padroeira.



Figura 64 – Capitel e o altar de Nossa Senhora do Rosário da Pompéia.

Fonte: VIZZOTTO, 2013.

O dia da Nossa Senhora é 07 de outubro, mas não é só nesta data que ela é homenageada já que sempre que os fiéis sentem necessidade reúnem-se para rezar o rosário ou alguma missa com intenção especial. Neste dia é cultivada a tradição de rezar um terço especial e com o canto das ladainhas.

4.1.1.18.4 Capitel de São Francisco

Os colonos que chegaram em Vale Vêneto, queriam continuar com suas manifestações de religiosidade vividas na Itália e precisavam de um lugar. Juntos fizeram este lugar, construíram uma capela de madeira em homenagem a São Francisco, pois religiosidade foi sempre uma característica marcante desses imigrantes. Era a primeira manifestação de trabalho em grupo, voluntário através do sistema de mutirão.

Para resgatar este marco histórico e religioso, neste local foi erguido em terreno doado pela família de Gentil Tronco o Capitel dedicado a São Francisco, primeiro santo de devoção trazido pelos imigrantes em 1878.

O capitel (Figura 65) encontra-se localizado no entroncamento da Rua Irmã Jacinta Susin com a Rua Alexandre Rorato, próximo a Praça do Imigrante.

Para comemorar o marco histórico no dia 06 de outubro de 2012 foi realizado a inauguração do Capitel com missa e benção solene. A organização da celebração

ficou a cargo da família Tronco, acompanhada pelo coral de Vale Vêneto e presidida pelo Pároco Pe. Valentim Pizzolatto



Figura 65 – Capitel e imagem de São Francisco localizado em Vale Vêneto.

Fonte: VIZZOTTO, 2013.

Muitas pessoas da comunidade ajudaram para que tudo pudesse ser realizado e na oportunidade palavras de apreço foram dirigidas aos presentes pelo Sr. Sydney Hartz Alves, representando a família Tronco.

Além de marco histórico cabe destacar o valor artístico-cultural deste Oratório, tendo sido projetado com linhas modernas pelo distinguido arquiteto Pepe Reyes e enriquecido em sua decoração pela obra artística em mosaico de autoria de Alfonso Benetti, professor de Artes Plásticas na UFSM. Cabe referir o esforço do Zeca Tronco em ver este sonho realizado. Em nome do Zeca e da família Tronco sou portador do agradecimento a todas as pessoas que contribuíram na execução desta obra (ALVES, 2013).

Para finalizar o Sr. Sydney conclamou a todos que, além de marco histórico e de seu valor artístico-cultural, este Capitel cumpre sua verdadeira função: a de reavivar o cristianismo puro, de amor e compaixão aos que aqui vierem na busca de reflexões e vivência dos verdadeiros valores cristãos. O local é muito mais do que um marco histórico, é um marco pela dimensão da fé, não apenas da família tronco, mas de toda a comunidade de Vale Vêneto.

São Francisco, o protetor da natureza, do meio ambiente, dos animais, mas o grande protetor, o grande intercessor do ser humano, ressaltou o Padre Aristeu Pivetta no dia 13 de outubro de 2013, um ano após a inauguração, quando da

celebração religiosa que marcou a colocação da imagem de São Francisco no interior do Capitel.

A imagem tem aproximadamente um metro de altura e foi esculpida por Teura Benetti, filha do Prof. Alfonso Benetti, do Centro de Artes e Letras da UFSM. Em entrevista ao Jornal Integração (2013, p. 17), o professor destaca:

É muito importante para a comunidade e para mim que sou um devoto de São Francisco, mas mais importante ainda é a recuperação deste marco histórico para Vale Vêneto, pois Ele foi o primeiro santo de devoção dos imigrantes. É um santo extremamente ligado com a nossa problemática atual do mundo (JORNAL INTEGRAÇÃO, 2013, p. 17).

Segundo Alfonso “a idéia era criar uma imagem de São Francisco, uma peça única, que não tivesse réplicas. Nesse sentido foi por ela pensada e esculpida a imagem para ser colocada no Capitel, manifestando também a sua devoção ao Santo”. Ainda relata o professor:

São Francisco é uma das figuras mais representativas do mundo de hoje. Ele encarna alguns princípios que para mim são fundamentais como simplicidade, a questão da natureza, dos animais, da integração entre os homens e a questão dos pobres. Representa este ser humano especial que trabalhou com os pobres, com abandonados, com humildade, com os pequenos (JORNAL INTEGRAÇÃO, 2013, p. 13).

Para marcar o ato religioso, o celebrante abençoou a imagem, após foi depositada no altar pelos fiéis ao som do canto do Padroeiro São Francisco, logo após foi tirada uma fotografia de Pepe Reyes e Vilmar Faccin em frente o capitel com todos os presente para registrar o momento histórico de mais um símbolo religioso em Vale Vêneto. No final muitos aplausos.

O terreno onde se encontra o Capitel foi doado pela família Tronco para a Arquidiocese de Santa Maria. A imagem de São Francisco original de 1878 encontra-se exposta na Igreja Matriz Corpus Christi de Vale Vêneto, após ter sido restaurada para as comemorações do centenário da paróquia em 2011.

4.1.1.18.5 Capitel de Santo Antonio - Linha da Consciência

Os colonos teriam sua vida social comunitária em torno da religião, marcada através dos pequenos oratórios. Eles tentavam representar em miniatura aquela igreja matriz que estavam habituados a freqüentar e participar das cerimônias

religiosas em sua terra natal ou imitar os nichos que ainda estavam presente nas suas recordações (LOCATELLI, 2010, p. 31).

Construído em 1930, o oratório dedicado a Santo Antônio, (Figura 66), na localidade da Linha da Consciência, pelo casal Silvestre e Rosa Pozzobon Giacomini, por promessa a graça alcançada pela cura de seu filho Ornóbio.

O local onde foi erguido o capitel dava acesso a residência de Antonio Vernie, imigrante que se empenhou junto com Paulo Bortoluzzi na vinda de padres para Vale Vêneto. Hoje o oratório pertence à propriedade do Sr. A. F. (82 anos) e relata:

“Em meados de 1945, deu um temporal muito forte, caiu um raio no oratório destruindo totalmente ficando somente a imagem do santo perfeito. Ainda relata o proprietário que os capitéis, representam a fé dos nossos antepassados, merecem ser preservados como testemunho devocional da época. Eu a esposa e os filhos, preservamos o símbolo de religiosidade, reformamos e sempre que necessário pessoas vizinhas recorrem ao Santo Antonio para pedir graças, como foi o caso recente que reuniram-se em oração pela saúde do vizinho doente e a netinha, os dois ficaram bem de saúde, diz o casal.”



Figura 66 – Capitel e imagem de Santo Antonio. Linha da Consciência

Fonte: Acervo da Autora, 2013.

Segundo Rovilio (1984), com o aumento da população, crescia a necessidade de construir um espaço maior para orar. Os imigrantes derrubavam os capitéis e construía uma capela maior, primeiramente de tábuas rachadas, depois serradas e, finalmente, de tijolos.

4.1.1.19 Capelas

A capela surge de uma necessidade natural de expressar a própria vivência de um lugar de oração, de um santo patrono de celebração dos dias festivos, encontros para fazer novenas, tríduos¹⁷ e outros.

Na Itália os colonos praticavam uma religião de cunho agrário, adaptada ao mundo em que viviam, com muitas festas, cantos, santos, etc.. e quando da chegada ao Brasil procuraram o mais rápido possível recriar este espaço para em comum rezar.

Na floresta, porém, não havia igreja nem padre, como também não havia traços de cultura. O associativismo do imigrante haveria de criar um novo mundo cultural, por meio da reconstrução do mundo religioso. Não foi algo tirado do nada, mas também não foi a simples transposição do que se fazia na Itália: valores e modos de viver transformaram-se e adaptaram-se (DE BONI, 1979)

Outra expressão da religiosidade era representada na construção de capelas. Além de expressarem a fé, atestam o início de muitas comunidades. Isso confirma a idéia de Santin (1986, p. 43) que, “a partir das capelas, começaram a surgir às comunidades espontâneas, tendo no centro a capela, que passou a ser um ponto de referência, um local de encontro entre os imigrantes que se sentiam perdidos e solitários na nova terra. Para reconstruir seus hábitos comunitários, a primeira providência a ser tomada era construir a Capela”.

A capela sempre teve prioridade sobre qualquer outra atividade societária e suas construções sempre foram maiores e melhores do que as residências particulares. Battistel (1981, p. 38), ao se referir aos imigrantes italianos de um modo geral, salienta,

As Capelas eram muito mais bonitas do que suas próprias casas. Isto acontecia porque investiam seus recursos na sua construção e nas igrejas, possibilitando dessa forma estabelecer estruturas de significado em torno de tais instituições e do poder simbólico delas emanado. Enfim, quanto mais belas as edificações religiosas, melhor seria idealmente aquele povo, mais abençoada e melhor situada economicamente estaria àquela população.

¹⁷ São três dias de preparação com orações e/ou celebrações eucarísticas em devoção ao Santo padroeiro da comunidade. Destinado também esses três dias de oração para pedir e agradecer graças alcançadas.

Como a maioria dos imigrantes eram vindos do norte da Itália e quase todos falavam o dialeto vênето, a comunicação tornou-se fácil. Católicos fervorosos estavam habituados a centrarem suas atividades sociais na Capela de suas vilas de origem, e, aqui, na impossibilidade de encontrar uma estrutura religiosa já montadas trataram de criar as suas. As famílias mais próximas se organizavam e construíam uma capela, a qual passaria a ser o núcleo básico.

O Senhor T. B.(83 anos) relata: “depois da capela construída, uma das primeiras preocupações dos imigrantes era descobrir alguém na vizinhança que na Itália tivesse sido sacristão e trazido algum livro de orações e cânticos ou então a estátua de algum santo”.

“O culto comunitário tomava características leigas, o terço em comunidade era puxado por um leigo. A catequese também era ministrada pelo padre leigo, assim denominado aquela pessoa escolhida entre o grupo e que possuía alguma experiência e que tinha conhecimentos litúrgicos. Cabia ao líder religioso, o cerimonial da semana santa e por vezes realizava batizados casamentos funerais procissões e também promovia reunião dos moradores.” (MAESTRI, 2000, p. 46).

A partir das capelas que a vida religiosa se desenvolveu, impulsionando a vida social. Vizinha a capela surgia uma escolinha de madeira, um armazém e delimitava-se uma área também para o cemitério. A união do grupo possibilitava progressivas melhoras.

Em Vale Vênето, encontraram-se três capelas que se constituem como testemunhos da religiosidade construídas pelos imigrantes: Capela de São Valentin (Linha Quatro), Capela Nossa Senhora das Dores (Linha das Dores) e Capela de Sant’Ana (Linha Duas).

4.1.1.19.1 Capela de São Valentin

No ano de 1878, instalou-se na linha quatro, hoje São Valentin, as quatro primeiras famílias vindas da região de Údine, Itália. São elas: Pedro e José Londero e Batista e Leonardo Brondani. Após um ano, chegaram mais moradores nesta localidade, os quais se uniram para fazer um oratório e rezar aos Domingos.

Segundo o senhor T. B. (83 anos), primeiramente o oratório foi construído de tábuas rachadas e falquejadas a machadinho, o meu avô que veio da Itália e o meu pai ajudaram muito na construção desta obra,

Não tinha um lugar para rezar daí providenciaram uma capelinha de madeira para rezar todos juntos. Todos os dias à noite as famílias reuniam-se para a reza do terço. Aos domingos rezavam três vezes o terço, seguido de palavras de meditação pelos mais velhos que eram ouvidos com a máxima atenção (BRONDANI, 83 anos).

A princípio, colocaram uma imagem em papel trazida da Itália pelo Sr. Giovanni Venturini em 1879. No dia quatorze de fevereiro de 1893, o oratório deixou de ser capitel e passou a ser capela. Em entrevista o senhor T. B. relatou que,

“Para a construção da capela os moradores serravam a madeira com o serrote e para ficarem as tábuas retas utilizavam-se do carvão esmagado e molhado com água, umedeciam uma linha e marcavam a torra, servindo de medida para que as tábuas saíssem retas.. Todo o mês de maio se reunia todas as noites para rezar e também se rezava em casa, cada noite um filho puxava o terço. “Minha mãe sem estudo lia também a Bíblia em italiano todas as noites “. (BRONDANI, 83 anos).

Segundo o morador “naquele tempo era comum que as pessoas tivessem ataques de epilepsia. Por este motivo é que o Sr. Giovanni Venturini, fez uma promessa a São Valentim, por ocasião da grave doença do filho, o qual tinha constantes ataques de epilepsia. Com a graça alcançada e com a ajuda e o consentimento de todos os moradores a capela foi construída em 1893 e dedicada a San Valentim como o padroeiro escolhido, (Figura 68).

Era frequente entre os imigrantes construir um espaço para orar pelas suas necessidades de saúde e outros males. Existiam santos específicos, que para os colonos, possuíam poderes de cura na ausência de um médico. Dentre os santos, San Valentin é conhecido como protetor contra os males de ataques.

Conforme relato dos moradores no ano de 1940 a escultura do Santo esculpida em gesso de autoria desconhecida foi introduzida no altar da Capela, sendo que a imagem foi inspirada no quadro original trazido da Itália em 1879 pelo imigrante Giovanni Venturini. Atualmente o quadro encontra-se preservado nas dependências da capela em estado precário, devido ter sofrido desgastes em decorrência de ataques de insetos.

A Capela de San Valentin é considerada a mais antiga de Vale Vêneto, e possui no seu interior a única Relíquia (Figura 67) do Santo que existe no Brasil. Em

relatos a família Venturini, diz ser conhecedora do documento de autenticidade da mesma de 23 de janeiro de 1918 e “quem trouxe a Relíquia para Vale Vêneto foi um Padre conhecido da família que veio da Itália, devido a grande insistência dos bisavós e avós por serem devotos ao Santo”.



Figura 67 – Relíquia de São Valentin

Fonte: Acervo da Autora, 2013.

Tradicionalmente no dia 14 de fevereiro acontece a festa do padroeiro. Pela manhã há uma missa campal em frente à capela, onde é recordada a biografia do Santo Padroeiro e a história de fundação. Ao meio dia, é servido o almoço italiano e, à tarde, acontece novamente outra missa com a benção aos doentes.

Atualmente os moradores das imediações da capela estão procurando reativar e os costumes dos primeiros imigrantes. A presença de vários devotos de toda a região é bastante significativa nesta festa.



Figura 68 – Capela e o Altar de São Valentin (1940) em Vale Vêneto

Fonte: Vizzotto, 2013.

4.1.1.19.2 Capela Nossa Senhora das Dores

Localizada na antiga Linha da Consciência hoje chamada Linha da Glória, a capela dedicada a Nossa Senhora das Dores, foi construída devido a uma graça alcançada pelo imigrante italiano Giuseppe Dotto. Desde o ano de 1892 é que surgiu a devoção das famílias da Linha da Consciência pela Nossa Senhora da Piedade (Figura 69).

Segundo Giacomini (2000, p. 21), Giuseppe Dotto trouxe consigo da velha Itália uma grande devoção à Mãe de Deus. Certa ocasião ao anoitecer cavalcando em direção a sua casa, de repente ouviu um barulho, e relata:

O cavalo assustou-se saltou despencando o precipício abaixo, caiu nas águas profundas e morreu posteriormente. O Sr. Giuseppe ficou suspenso nos galhos das árvores, gritando por socorro e, sendo atendido pelos poucos vizinhos, salvou-se. Após ser socorrido e narrar o fato aos vizinhos e muito devotos a Nossa Senhora, por unanimidade reconheceram e atribuíram o salvamento à proteção da Mãe de Deus. Ainda relata o autor que o Sr. Augusto Massoneto deu a idéia de se colocar encaixado na plataforma de um enorme tronco de grapiá, à esquerda da estrada, em frente ao precipício, uma estampa de papel de Nossa Senhora, em forma de agradecimento. Em função de que a imagem ficou exposta ao tempo mais ou menos uns cinco anos, aos poucos a sua estampa foi se deteriorando. Dessa forma, os moradores cavaram a machado, no mesmo tronco da árvore, um nicho para que fosse introduzida uma estatueta de Nossa Senhora. (GIACOMINI, 2000, p. 21).

Conforme depoimentos do Sr A. D. (90 anos), “a partir deste fato é que nasceu a devoção à Mãe de Deus na região e por vários anos reuniam-se em volta do tronco, principalmente aos domingos no mês de maio, para orar e pedir a Santa proteção para suas famílias. As mães recomendavam aos seus filhos, toda a vez que passassem em frente da imagem, fizessem uma prece a Santa. As mulheres tinham o costume de trazer flores silvestres para ornamentar o tronco. Com o tempo as hastes enraizaram na terra, tornando este local florido.



Figura 69 – Oratório com a Imagem Nossa Senhora

Fonte: Vizzotto, 2013.

Devido ao terreno ser em declive, correndo risco de desmoronamento e de se perder a imagem de Nossa Senhora, alguns moradores contam que as famílias resolveram então construir um pequeno capitel de madeira a cerca de 300 metros do local. No livro de registro da Paróquia de Vale Vêneto consta que no ano de 1916 foi desmanchado o capitel de madeira e construído de alvenaria, que foi bento e onde de vez em quando era rezada uma missa.

Em 1934 o Padre Rafael Iop, Vigário na época, resolveu, juntamente com os moradores, construir uma capela de alvenaria no terreno doado pela família Giacomini. Por muito tempo o lugar de origem do oratório continuou a ser venerado pelas pessoas que por lá passavam, faziam o sinal da Cruz e rezavam sua prece. Após a conclusão da Capela, o pároco adquiriu uma imagem maior de Nossa Senhora da Piedade, “La Pietá”, vinda da Itália, juntamente com outras imagens destinadas à Igreja Matriz de Vale Vêneto. (GIACOMINI, 2000)

A partir de 1934, cessa a invocação a Nossa Senhora da Piedade e passa a Capela a ser consignada pelo nome de Capela Nossa Senhora das Dores (Figura 70). Em 31 de dezembro de 1934, foi transformada numa capela-escola, com a devida licença da autoridade eclesiástica. Conforme consta no livro de registros da paróquia a inauguração oficial da capela, com missa festiva e a bênção deu-se em maio de 1935 (GIACOMINI, 2000).



Figura 70 – Capela Nossa Senhora da Glória - Linha da Consciência - Vale Vêneto
Fonte: VIZZOTTO, 2013.

A vida social e religiosa das famílias desenvolveram-se em volta da capela. O Sr. A. D. (90 anos) conta que “aos domingos era pregado o catecismo para as crianças em preparação à primeira eucaristia, pelo imigrante Luigi Giacomini, depois a reza do terço e cantos costumeiros e quando terminavam de rezar as pessoas permaneciam em frente à capela para conversar”.

A festa da padroeira era comemorada no dia 15 de setembro. Nos dias que precediam a solene data, organizavam-se tríduos preparatórios, onde cada família da localidade se preparava para receber os parentes mais distantes. Num primeiro momento, era festejada a parte espiritual e depois a Social. Pela manhã era celebrada a missa com cânticos festivos, após o almoço comunitário regado a vinho e a tarde acontecia a tradicional “tômbola”, (bingo), a pesca e outros passatempos dos colonos.

O Sr. A. D (90 anos) comenta: “que a partir da década de 1950, as coisas começaram a mudar e hoje, os costumes não se mantêm como antigamente, apenas é recordada a data da padroeira celebrando uma missa campal. São poucos os moradores que permanecem no local e a Capela encontra-se sob os cuidados dos mesmos”. Em outras ocasiões, durante o ano, sem data fixa, são realizadas celebrações, rezas e tríduos em honra à padroeira.

4.1.1.19.3 Capela de Sant 'Ana

Sant'Ana é considerada a padroeira dos bons partos, invocada quando pareciam impossíveis. A Capela (Figura 71) fica localizada na Linha denominada Sant Ana, local onde a família de Otílio e Stella Iop se instalou quando vieram da Itália.

Conforme consta no livro de registros do Museu do Imigrante Padre João Iop, o casal teve dez filhos: Giovani Batista, Rafael, Maria, Regina Otilia, Giuseppe, Francisco, Lorenço, Giovanni, Marcelina e Vicente. Dentre os dez filhos o casal perdera três após o nascimento e serem batizados como era de costume. Faleceram, Regina Otilia, Francisco e Giovanni, este último faleceu no mesmo dia em que nasceu outro irmão que levava o mesmo nome dele. Era costume das famílias, batizarem os próximos filhos que nasciam com o nome daqueles que faleciam e geralmente batizavam com nomes de santos.

Em contato com os moradores da comunidade, contam que a residência era rodeada de mato e muito distante da cidade, tornando o casal apreensivo quanto ao nascimento de seus filhos.

Devido o casal ter perdido três filhos por problemas de saúde após o seu nascimento, prometera que se os próximos nascessem sadios e se salvassem construiriam uma Capela em honra a Santa. Fato esse que aconteceu sendo então construída a Capela em 1904 nesta mesma localidade. (A. B. 87 anos).

A Capela foi construída pelo pedreiro Pedro Baldissera com a ajuda dos demais moradores. A construção foi feita em parede dupla utilizando pedras brutas e roliças escolhidas pelo Atílio Iop. A cobertura realizada com pedaços de tábuas e para introduzir a imagem de Sant'Ana e São Joaquim doado pelo casal Atílio e Stela trazida da Itália, foi construído o altar pelo marceneiro Francisco Iop. Os bancos da capela foram confeccionados pelo imigrante Giuseppe Sartori e doados para a Capela juntamente com a imagem de São José, padroeiro dos marceneiros”.



Figura 71 – Capela Sant' Ana - Vale Vêneto

Fonte: Vizzotto, 2013.

Consta no livro de registros da Paróquia Corpus Christi de Vale Vêneto, que a inauguração oficial, com missa e a benção solene da Capela, deu-se em maio de 1935. A primeira missa foi presidida pelo Padre Roberto Cucollo (Polonês), no dia 26 de julho de 1904, com a participação dos devotos e de cânticos, seguida da procissão com a imagem da Sant'Ana num percurso de 500m nas proximidades da Capela.

No dia que antecedia a festa da padroeira eram feitos arcos de palmas de coqueiro decorados com camélias em frente a capela. Ao meio dia acontecia o tradicional almoço italiano.

Os preparativos para o almoço eram elaborados pelo imigrante Atílio Iop, que se dedicou a profissão de cozinheiro até 1942, quando veio a falecer aos 86 anos de idade.

No período de 1967 a 1977, na época vigário Padre José Canciam, por motivos diversos as festas deixaram de ser realizadas, esporadicamente acontecia alguma missa no local ou as famílias reuniam-se para rezar o terço.

Por iniciativa do casal Gilmar e Anita Sartori e com a colaboração dos moradores que fazem parte da Linha Sant' Ana fizeram com que novamente acontecessem as festas. A capela passou por algumas reformas e ampliações de cômodos para receber os devotos.

O dia da padroeira dos bons partos é 26 de julho. O ponto alto da festa é a missa solene, acompanhada de cânticos religiosos a qual é realizada por volta das

dez horas da manhã em homenagem a Santa. Os devotos se reúnem em carreata com a padroeira saindo em frente da Igreja Matriz de Corpus Christi, percorrendo o trajeto na Linha Duas até a Linha de Sant 'Ana. A Santa é recebida com disparos de foguetes, anunciando a sua chegada. Ao meio dia é servido almoço italiano e à tarde as pessoas se reúnem para o tradicional jogo do bingo a fim de reviver os costumes de antigamente.

Devido à religiosidade do casal de imigrantes Atilio e Stella Iop, tiveram uma filha religiosa a Maria, Madre Franciscana. Os outros três filhos que são o Giovani Batista, Rafael e Giuseppe Francisco, ordenaram-se Padres Palotinos.

O Padre Rafael era dedicado aos estudos, importava-se com a educação e as vocações, ajudou na construção do Seminário Rainha dos Apóstolos, sendo o primeiro reitor, cargo que ocupou por 12 anos.

Em 1963, por solicitação do povo de Vale Vêneto o Grupo Escolar do ensino primário da comunidade em sua homenagem passou a denominar-se Escola Estadual de Ensino Fundamental Pe. Rafael Iop.

4.1.1.20 Santuários

Em Vale Vêneto, encontram-se construídos dois Santuários como sendo espaço para encontro em oração e de graças. Pe. G. P. (86 anos), "Santuário é um ponto especial que o Céu quer derramar graças especiais sobre a terra".

4.1.1.20.1 Santuário da Mãe Rainha (Centro Cultural Rainha dos Apóstolos)

A devoção a MTA (Mãe Rainha Três Vezes Admirável) surgiu no dia 18 de outubro de 1914, quando o Pe. José Kentenich espiritual do Seminário Palotino de Schoenstatt, juntamente com os seminaristas construíram um local de reunião para a congregação mariana. O Padre G. P. relata:

"Neste dia o Pe. Kentenich juntamente com os seus seminaristas, reformaram a Capela de São Miguel, do antigo cemitério que existia na chácara do Seminário, na Alemanha, para ser o local de reunião para a congregação mariana. O único quadro de Nossa Senhora que possuía na casa era um quadro da Mãe do Céu, invocada com o título de Mãe Três Vezes Admirável. Arrumaram numa mesinha o quadro no dia da inauguração e o Pe Kentenich fez uma bonita palestra convidando a Mãe

Três Vezes Admirável a morar naquela capelinha e ser a Mãe e Educadora da juventude palotina. Os jovens com seu Diretor Espiritual se comprometiam a deixar-se educar e colaborar com seu esforço pessoal. Maria aceitou o convite e fez daquela capelinha um lugar de graças e uma escola de educação de heróis cristãos que demonstraram seu valor e dedicação na guerra de 1914. Portanto, o dia 18 de outubro de 1914 é considerado o dia da Fundação do Movimento Apostólico de Schoenstatt, denominado "Aliança do Amor" (Pe. G. P. 82 anos).

Em 1914, o Pe. G. P., espiritual coadjuvante do Seminário Rainha dos Apóstolos de Vale Vêneto, queria ter os mesmos cuidados e carinho da Mãe Três Vezes Admirável com os seus jovens, resolvera construir no pátio do Seminário a linda Capelinha (Figura 72), para que a Mãe Rainha, do Céu se compromettesse a formar no Seminário de Vale Vêneto, uma geração de heróis como formara no seminário palotino de Schenstatt nos anos de 1914.



Figura 72 – Santuário da Mãe Rainha. Centro Cultural Rainha dos Apóstolos
Fonte: VIZZOTTO, 2013.

O Santuário foi construído com campanhas beneficentes, doações, trabalhos voluntários, porque o seminário era pobre, diz o Padre. Com inspirações e graças da Mãe Rainha, assim foi fundado o Santuário. Localizado nas dependências do Centro Cultural Rainha dos Apóstolos, este local foi de oração para os seminaristas e dedicação da vida pelo sacerdócio.

4.1.1.20.2 Santuário da Mãe Rainha Três Vezes Admirável de Schoenstatt

Os moradores da comunidade de Vale Vêneto, no ano de 1952 construíram um pequeno Santuário dedicado a Mãe Rainha três Vezes Admirável (Figura 73) como prova de fé e devoção a Santa. Além do culto aos santos é bastante forte à devoção a Nossa Senhora e hoje é inconcebível um lar católico italiano sem a imagem da Mãe Rainha.

Ela é dita Mãe Rainha Três Vezes Admirável pela sua grandeza de sua posição junto a Deus Uno e Trino. Primeiro como Mãe de Deus, Segundo Mãe do Redentor e Terceiro como Mãe dos Oprimidos. De Schönstatt porque o lugar que Deus escolheu para estabelecer esse santuário significava belo lugar. (CESCA, 1973, p. 3).

Na obra do mesmo autor, é exposto que a espiritualidade trazida pelos imigrantes italianos está centralizada em torno da Sagrada família e a Virgem Maria.

Sua veneração é, de certo modo, a transfiguração do carinho e da grande importância que os italianos atribuem à presença e ação da mãe no lar. A devoção mariana é uma prática familiar e durante muito tempo foi um costume generalizado, que simbolizava as famílias de bons cristãos. A imagem de família, vivida pelos imigrantes, inspirava-se na compreensão da família cristã, tendo como modelo a Nossa Senhora e a Sagrada Família. Nas refeições diárias eram momentos sempre iniciados com a oração, transformando-se em alegria (CESCA, 1973).

O fervor religioso era cultivado com rigor pelas famílias. Havia orações para todo o momento: pela manhã, à noite e na hora das refeições. Como se pode notar no depoimento da informante, Sra. A. B. (87 anos) que mesmo cansados, rezávamos o terço, de joelho no chão, encostados nos bancos, ao lado da mesa, alguns vencidos pelo cansaço, mal balbuciavam.

À noite, antes de tomar o merecido descanso, à luz de fogo de lenha, os imigrantes se ajoelhavam ao redor da mesa de refeição e rezavam o terço e as ladainhas de Nossa Senhora. Após o terço, oravam vários Pai-nosso na intenção daqueles que permaneceram na Itália e no final, o bendito seja Deus, oração que concluía todas as orações, públicas ou familiares, dos italianos.

A moradora relata um fato particular relacionado a uma graça alcançada: “orava muito a Mãe Rainha Três Vezes Admirável pela paz na família e a mesma foi atendida” e diz:

“[...] eu cuido este Santuário da Mãe Rainha há muitos anos, organizo o espaço para celebrar a missa, sempre no dia dezoito de cada mês, empresto as cadeiras, mesa, toalha e se chove eu empresto também a minha casa. Há vários anos que preservo este Santuário com muito amor e carinho, fazendo aquilo que eu posso até que eu estou viva, por que isso é um lugar de oração, muitas pessoas visitam para pedir graças e eu cuido até hoje, planto flores e enfeito sempre que posso”.(A. B. 87 anos).

O Santuário da Mãe Rainha, assim denominado pelos devotos, fica localizado na Rua Ir. Jacinta em frente à Escola Estadual Padre Rafael Iop. O dia 18 de cada mês é consagrado o dia da Santa. Neste dia é celebrada uma missa com a participação dos devotos da comunidade em frente ao Santuário.



Figura 73 – Santuário da Mãe Rainha Três Vezes Admirável de Schoenstatt.

Fonte: Vizzotto, 2013.

4.1.1.21 Ermidas

As Ermidas são construções simples, pequenos oratórios, erguidos fora do povoado, construídos pela devoção à algum santo(a) pelo povo como expressão de fé. Constituem pequenas construções sacras contendo no seu interior uma imagem da Mãe Rainha no centro e, uma cruz na parte superior externa.

As Ermidas existentes em Vale Vêneto são: Ermida da Mãe Rainha Três Vezes Admirável de Schöenstatt e Ermida Nossa Senhora de Lourdes, erigidas como símbolos da religiosidade devido à grande devoção a Maria Mãe de Jesus, que os Italianos trouxeram da Itália como parte da sua vivência religiosa, assim descrevem os entrevistados.

4.1.1.21.1 Ermida da Mãe Rainha Três Vezes Admirável de Schöenstatt

Ponto de parada, reflexão e encontro com Deus. Esta ermida fica localizada às margens da estrada de Linha Duas, no final da Rua Paulo Bortoluzzi e próxima ao campo de futebol, em que os Seminaristas de Vale Vêneto jogavam. Nas palavras do Pe G. P (82 anos), “ Os filhos que amam a sua mãe, tem prazer de estar perto dela. Quando não podem estar perto, eles fisicamente procuram ter algo, como fotografia, objetos , carta, que lhe recordem sua mãe. Aquela que os gerou, que os apertou em seus braços e cobriu de beijos e carinhos. Mãe é a manifestação mais bonita de amor de Deus”.

No final da década de 1940, o Seminário Rainha dos Apóstolos de Vale Vêneto, abrigara jovens seminaristas que dedicavam seus estudos para o sacerdócio. Além do estudo duas tardes na semana eram destinadas para o esporte. Na época foi construído um campo de futebol, cercado por taquaras. O Pe. G. P. (82 anos) descreve: “nesse campo, a mãezinha do céu que estava no coração dos jovens, devia ocupar um lugar de destaque, por isso, decidiu-se construir a ermida dedicada a Mãe Rainha Três Vezes Admirável de Schoenstat” (Figura 74).

Sua construção data de 18 de outubro de 1949, na fala do Padre G. P. (82 anos), foi a primeira a ser construída depois do Santuário de Schöenstatt de Santa Maria. Antes de jogar os seminaristas faziam o seu momento de oração diante da imagem. E a mãe doava muita alegria e fraternidade aos jovens que voltavam para o seminário, no fim da tarde depois de um animado futebol, relata o padre.

No dia 17 de outubro de 2004, foi reinaugurada pelo Padre Antônio Maria, conhecido nos meios de comunicação religiosos, que também foi seminarista em meados de 1940, em Vale Vêneto. Sem nenhuma data em particular, as pessoas se reúnem para realizar tríduos, novenas, reza do terço, pedir e agradecer graças.



Figura 74 – Ermida da Mãe Rainha Três Vezes Admirável de Schönstatt.

Fonte: VIZZOTTO, 2013.

4.1.1.21.2 Ermida Nossa Senhora de Lourdes

Situada à direita da estrada de Linha Duas, também no final da Rua Paulo Bortoluzzi (Figura 75) a Ermida foi construída em 1949, pelos Padres e Seminaristas em honra a Nossa Senhora de Lourdes, num recanto em meio à natureza com pedras, flores, água e bosque, semelhante aos lugares santos de origem dos imigrantes na Itália.

Sempre antes e depois dos jogos de futebol, os Padres e Seminaristas dirigiam-se até a grutinha para orar e pedir a proteção. Também se reuniam por outros motivos particulares.

Em datas não específicas, devotos reúnem-se para rezarem juntos. Também é visitada a ermida por pessoas que vão pedir alguma graça em especial. Por vários anos o mato fechou a Grutinha, a qual ficou abandonada. Em 2004 foi recuperada por vizinhas moradoras do local, devotas a Nossa Senhora.



Figura 75 – Ermida Nossa Senhora de Lourdes

Fonte: VIZZOTTO, 2013.

4.1.1.22 Gruta Nossa Senhora de Lourdes

Símbolo religioso significativo de expressão de fé, local de orações, construído em meio à mata por promessas, a Gruta Nossa Senhora de Lourdes, (Figura 76) configura-se num espaço diferenciado, onde as belezas naturais e o sagrado se unem, resultando em um ambiente de paz e tranqüilidade contemplada e admirada pelos fiéis.



Figura 76 – Gruta Nossa Senhora de Lourdes - Vale Vêneto

Fonte: Vizzotto, 2013.

Localizada entre árvores à beira da estrada que liga os dois núcleos mais antigos da Imigração Italiana na região: Silveira Martins e Vale Vêneto. No local

existe uma fonte d'água que serve os fiéis que lá passam. A gruta constitui-se em uma pequena edificação de pedras onde a imagem da Virgem Maria se encontra em um nicho, à esquerda. No centro, existe o altar do Cristo Crucificado e à direita há outro nicho que abriga a imagem da Santa Bernadete, trazida da Itália.

A iniciativa de construir a Gruta em honra a Nossa Senhora de Lourdes foi do Padre Antônio Marin, para pedir proteção a Virgem Maria contra as grandes enchentes e secas, em meados de 1941.

Nesse ano, durante quinze dias a chuva não cessava, o morro começou a desmoronar, correndo o risco do desaparecimento de Vale Vêneto. Muitas casas ficaram soterradas, plantações prejudicadas e os inúmeros desmoronamentos levavam árvores e pedras morro abaixo. O colégio Nossa Senhora de Lourdes foi inundado, também devido aos desmoronamentos; o riacho que passava por baixo do colégio não conseguiu dar evasão às águas provocando a inundação do mesmo. Conta a história que uma enorme pedra rolava contra o Colégio e o Padre Valentin traçou o sinal da cruz e a pedra milagrosamente estancou-se. "Foi uma graça da virgem", conclui o vigário (MARCUIZZO,1992, p. 12).

Conforme Marcuzzo (1992), o vigário de Vale Vêneto, Padre Valentin Zamberlan, foi procurado pelo Padre Antonio que lhe pediu licença para construir uma Gruta. Durante as missas dominicais os padres explicavam ao povo como deveria se realizar a promessa e, juntos, construiriam nela seria introduzida a imagem da Virgem de Lourdes com a intenção de alcançar sua proteção contra as calamidades da natureza.

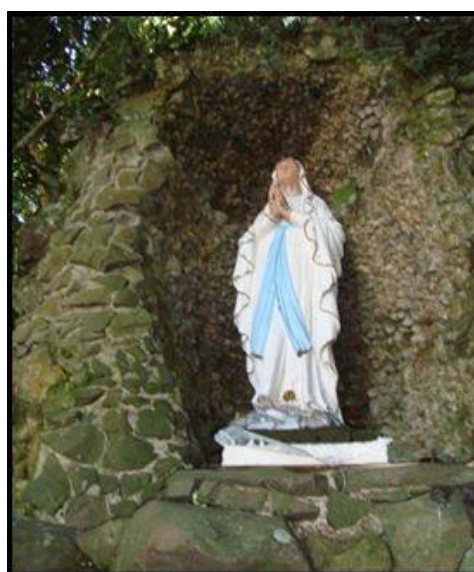


Figura 77 – Imagem de Nossa Senhora de Lourdes - Vale Vêneto

Fonte: Vizzotto, 2013.

Liderada a obra pelo Padre Pedro Luis Bottari, coadjutor do vigário em 1941, inspirada pelo Pe. Antonio Marin e com a ajuda de todos os paroquianos, foi iniciada a construção da Gruta. Cada família contribuía monetariamente com cinco mil réis, além de trabalho voluntário.

“Muito me doe para a construção da Gruta, carregando pedras para não desmoronar. O trabalho era oferecido em função de muita fé que se tinha. De manhã sai de casa cedo levava a comida porque se morava longe e voltava somente de noite. Cada semana era convocada as famílias de cada linha. De picão, lanca de ferro, machado abriam-se picadas no mato e junto com os pedreiros Miguel Marin, Emilio Marin e Primo Zanini, fizemos a Gruta com muito sacrifício” (A. D. 90 anos).

Conforme consta no Livro de Ata n.º01 do Livro Tombo da Paróquia de Vale Vêneto, a primeira missa campal aconteceu no dia 24 de maio de 1942. Na ocasião da inauguração da Gruta, o Bispo Dom Antonio Reis, representado pelo Mons. Pascoal Gomes Librelotto trouxe da Gruta de Lourdes na França, uma garrafinha de água benta e derramou na fonte no ato da benção da inauguração, ficando assim a água abençoada. Em 24 de maio de 1942, como marco de fé do povo de Vale Vêneto, a obra foi concluída.

A. Dotto, neto de imigrante italiano, hoje com 90 anos, conta: “nas mais fortes estiagens que já aconteceu a fonte da Gruta nunca secou, pelo contrário, quanto maior a seca, mais água jorrava dela e os deslizamentos nunca mais aconteceram”. Construída após um período de muita chuva que ameaçou desmoronar a montanha. Em depoimento o informante descreve, “após a construção a montanha se manteve firme nunca mais aconteceu desmoronamentos”.

Fiéis de toda a região deslocam-se para esta caminhada de fé a fim de pedir graças e agradecer as bênçãos recebidas. Inúmeras foram as graças dispensadas através da Virgem Maria. Algumas se encontram registradas em plaquetas e afixadas pelos fiéis nas pedras que sustentam a imagem. Sobre uma lápide de mármore, ao pé da Santa está estampado o verso de autoria do Padre Pedro Luiz Bottari por ocasião da inauguração:

**“É promessa, Mãe Querida,
Nestes montes sem suporte,
Onde o povo busca a vida,
Não permitas ache a morte”.**

À esquerda da imagem fica o espaço das graças. Pela quantidade de placas (Figura 76), pode-se perceber a prova do testemunho de fé e retribuição pelas promessas feitas e que foram alcançadas por pessoas nas suas diversas intenções. Elas recorrem aos locais sagrados, onde pedem auxílio, fazem promessas, almejam alguma graça geralmente num momento de dificuldade, utilizando o terço nas orações, depositando flores e acendendo velas como manifestação de fé.

O dia 11 de fevereiro é o dia consagrado a Nossa Senhora de Lourdes e o dia mundial do enfermo, portanto é sempre celebrada a missa dos doentes. Devotos e enfermos, vindos de muitas cidades chegam para participar da missa, receber a benção pelo celebrante e levar água benta da fonte. Primeiramente acontece a parte espiritual prosseguida da romaria com saída em frente a Igreja Matriz de Corpus Christi até o local da Gruta e após almoço típico italiano. Em 2007 e 2009 passou por algumas reformas, hoje o espaço de fé se mantém vivo testemunhando a religiosidade de nossos imigrantes.

4.1.1.23 Calvário

Símbolo da manifestação religiosa da comunidade, o Monte Calvário (Figura 78), foi construído pelos moradores de Vale Vêneto, para representar os últimos passos dados por Jesus Cristo após condenação e morte. Em depoimento os entrevistados relataram que no ano de 1913, deu-se o início da construção do Calvário, a partir de uma sugestão dada pelos Padres capuchinhos que na época pregavam missões na localidade.

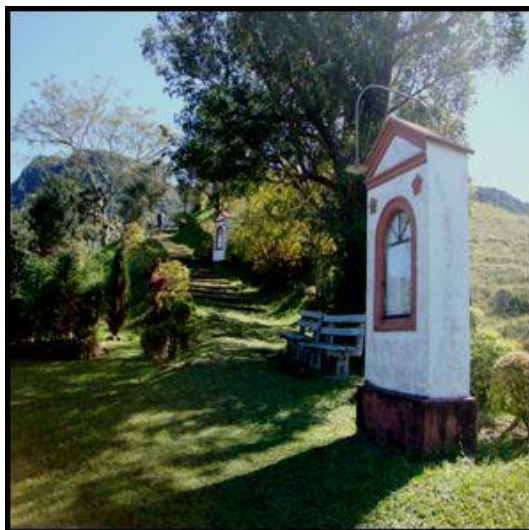


Figura 78 – Capelinhas do Calvário de Vale Vêneto

Fonte: VIZZOTTO, 2013.

Ao olharem para o monte os Padres capuchinos, imaginaram que lá seria o lugar ideal para se construir um belo calvário. No monte foram erguidas então as pequenas capelinhas que representam as quatorze passagens de Cristo antes de ser crucificado.

Aos domingos, quarenta dias antes da Páscoa, na Quaresma, são feitas caminhadas com paradas em cada capelinha com meditações e cânticos litúrgicos, em preparação à grande festa da Ressurreição de Cristo. Esse evento religioso é culturalmente conhecido como “Via Sacra”. No interior de cada capelinha, pequenas imagens (Figura 79) esculpidas dão a dimensão do sofrimento de Jesus Cristo.



Figura 79 – Interior das Capelinhas

Fonte: Vizzotto, 2013.

O Monte Calvário fica localizado cerca de 100 metros do povoado onde no ponto mais alto tem-se uma vista panorâmica de todo o Vale. Construído pela comunidade as pequenas capelinhas representam a passagem do sofrimento de Jesus Cristo, antes de ser crucificado. No alto da colina é possível visitar a imagem exposta de Cristo morto dentro do sepulcro (Figura 80).



Figura 80 – Imagem do Cristo Morto no sepulcro - Calvário - Vale Vêneto

Fonte: Vizzotto, 2013.

Na sexta-feira que antecede a Páscoa, os peregrinos saem da frente da Igreja Matriz, percorrendo as ruas da localidade em procissão com a imagem da representação de Cristo morto. No Monte Calvários são visualizadas as 14 estações, as quais contam o Martírio de Jesus Cristo. A procissão é um dos acontecimentos religiosos de maior tradição na localidade.

Neste local é possível visitar a imagem de Cristo Morto exposta no Monte Calvário. Muitas Vias Sacras são feitas em vários momentos durante o ano pelos moradores, principalmente nas horas de dificuldades na comunidade. O Morro do Calvário hoje encanta não somente pela beleza, mas também porque proporciona uma incomparável sensação de paz, com vista privilegiada.

4.1.1.24 O Terço, Crucifixo, Imagens, Grutinhas, Água Benta, Confessionário.

Baseada no levantamento das informações sobre os antepassados os informantes concluíram que os imigrantes eram muito católicos, esta evidência pode ser vista pelos símbolos religiosos e espaços que utilizavam para orar, procurando superar as condições impostas pelo meio e a tristeza da separação.

De acordo com de Boni (1991), a religião dos Italianos destacava-se pelas coisas exteriores como: velas, fogos, cantos, cerimônias, água benta, grutinhas, imagens de santos e estátuas muitas delas tidas como milagrosas. Dessa forma os imigrantes italianos procuravam se agrupar nas práticas religiosas, erguendo capelas, capitéis, locais onde se encontravam para rezar, conviver, celebrar e esquecer-se da saudade da pátria longínqua.

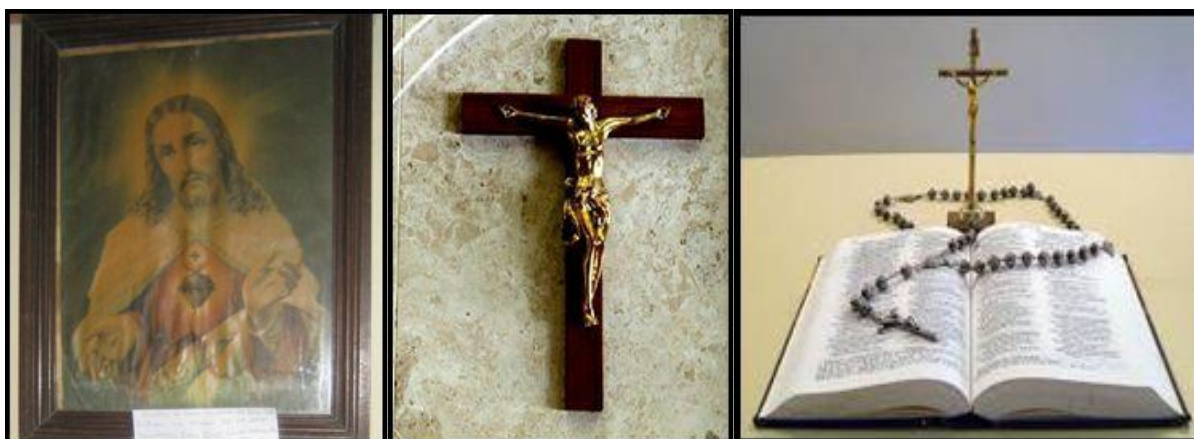


Figura 81 – Símbolos da religiosidade dos imigrantes italianos

Fonte: Vizzotto, 2013.

Nas palavras da Sra. A. B. (87 anos), os imigrantes deixaram um belo exemplo de religiosidade, representado principalmente na oração do terço diário.

“Todos os dias pela manhã o pai ensinava as orações, ainda na cama e também à noite [...], o meu Pai andava pela casa rezando. Na casa tinha uma campainha na sala, quando chegava a hora de rezar o Glória ao Pai ele tocava o sininho. para as crianças saber que era a hora de rezar o Glória ao Pai”.

O terço, ou o rosário assim chamado pela entrevistada, tem um lugar de destaque na casa, juntamente com quadros do santo padroeiro, flores e velas, ressaltando o espaço sagrado dentro da residência. Ainda comenta “é bom ter uma

imagem de um santo abençoando a casa, para nos proteger, antigamente não se ia dormir sem antes rezar o terço em família e pedir graças ao santo(a) devoto(a).

Durante a pesquisa, observou-se que a maioria das residências dos participantes possui o espaço sagrado (Figura 82) composto por objetos sacros, como imagens dos santos, a bíblia, o crucifixo, ramos de oliveira, água benta, o terço para proteção contra os males.

A reza do terço é um costume trazido da Itália, especialmente da região do Vêneto, ocasião em que podia reunir, além da família, toda a comunidade, substituindo, aos domingos, a própria missa, em função da falta de sacerdotes.



Figura 82 – Quarto na residência da Família Pivetta - Vale Vêneto

Fonte: Vizzotto, 2013.

Para a entrevistada F. B (27 anos) os antepassados acreditavam e viviam na fé, com ela as dificuldades e o trabalho se tornaram muito mais fácil. Os momentos de orações eram costumeiros tanto no trabalho como em casa. Na hora das refeições e antes de dormir, este costume dos imigrantes prevaleceu por muito tempo, no meio rural italiano. O terço foi realmente, o breviário e, muitas vezes no domingo acompanhado das ladainhas substituí a missa da população.

O domingo era considerado o dia sagrado e, por isso, os imigrantes não trabalhavam, sem ocupação, começavam a recordar da pátria mãe, ficando assim o dia da saudade, por isso buscaram na religião o consolo, através da oração. Na

casa de algum colono, ou em torno de alguma imagem sacra trazida da Itália, os recém chegados reuniam-se espontaneamente aos domingos para rezar estimulados pela grande saudade da pátria e pela necessidade de se encontrar.

Todos os dias ao redor da mesa antes das refeições oravam para agradecer a Deus, pelo pão de cada dia. Nos meses de maio e outubro, dedicados a Nossa Senhora, o terço era recitado todas as noites entre as famílias vizinhas nos capitéis ou em oratórios próximos de suas moradias.

Muito comum entre as famílias italianas e descendentes era de construir pequenas capelinhas no interior de suas propriedades, com o(a) santo(a) preferido(a), cercada por diversas variedades de flores, como símbolo da religiosidade. Hoje em várias casas ainda existem esses expressivos vestígios de fé, como proteção da residência, da família e como legado para ser deixado as futuras gerações.



Figura 83 – Grutinha a Mãe Rainha, devoção da família Pivetta - Vale Vêneto.

Fonte: Acervo da Autora, 2013.

Além das grutinhas, imagens, crucifixo, do terço rezado a qualquer hora do dia ou da noite, o povo italiano, essencialmente religioso, buscava também a proteção aos santos freqüentando missa, principalmente aos domingos que era o dia reservado para o descanso. Tinham por obrigação de verdadeiro cristão, receberem a graça santificante, através da confissão. Também chamado de sacramento da

Reconciliação, a confissão era realizada, antes da missa para receber a penitência dos pecados e a reconciliação para depois comungar.

No depoimento da Sra. A. B. (87 anos), o confessionário (Figura 84) também representa o símbolo da religiosidade, era o lugar onde o padre confessava a pessoa, individualmente, para ser perdoado de todos os pecados. Localizado nas laterais da igreja era usado o do lado direito para as mulheres confessar-se e o do lado esquerdo para os homens.



Figura 84 – Confessionário. Lugar onde os católicos se confessam.

Fonte: VIZZOTTO, 2013.

4.1.2 Símbolos do trabalho na vida dos imigrantes italianos

Os imigrantes italianos trouxeram da Itália a riqueza de seus valores culturais também expressos no trabalho. Desprovidos de bens materiais e por ser a região de difícil acesso utilizavam elementos da própria natureza para confecção dos objetos domésticos para a sua subsistência familiar .

Buscar no passado registros feitos e deixados pela mão do homem no mundo é o papel do patrimônio cultural. A princípio a palavra patrimônio, associava-se a noção do sagrado, de herança, bens de família, hoje, novos estudos apontam o patrimônio como algo comum a um grupo social, definidor de sua identidade.

Para Assunção (2003 apud MAGALHÃES, 2006, p. 14) entendemos por “Patrimônio o conjunto de bens culturais de propriedade de todos os cidadãos e com

valor reconhecido para uma região e humanidade. São definidos como bens culturais a produção dos indivíduos nas diferentes partes do mundo, formando o testemunho herdado do passado nas mais diversas formas. As peças e objetos são testemunhos materiais que permitem o reconhecimento da cultura de um povo.

Feitoza (2003, p.11), reforça que “a cultura é muito mais do que o aprimoramento do intelecto, o homem evolui com toda a técnica de produção, criou uma maneira própria de sobreviver, de fabricar coisas, bastante ajustadas a cada momento. Coisas criadas que são resultados das necessidades que ele tinha de uma vida melhor, de um domínio do espaço que o cercava da sua coragem frente à força da natureza.”

Assim utensílios de trabalho para o cultivo agrícola, para a criação de animais e respectivos processamentos, constituem a maior parte do relato dos entrevistados como sendo os testemunhos do trabalho resultantes das necessidades dos imigrantes italianos em Vale Vêneto.

Neste sentido, buscam-se deixar registrado para as gerações futuras elementos do trabalho de diversas tipologias identificados pelos entrevistados que foram utilizados pelos imigrantes, merecedores de contextualização na pesquisa.

4.1.2.1 Instrumentos de trabalho

Os imigrantes, quando da sua chegada, estavam perdidos, não imaginavam que a terra fosse tão cheia de mato, constataram que a realidade não contemplava a expectativa sonhada.

No final do Século XIX, além dos pertences e saudades dos que permaneceram na Itália, os imigrantes portavam esperanças para construir uma nova vida. Receberam terra para trabalhar e realizarem o sonho de ser dono do seu próprio chão.

A vida no novo mundo exigiu muito trabalho, complemento indispensável para que pudessem construir seu próprio espaço, sem esquecer que o mesmo buscava reforço na oração. Com as suas próprias mãos procuraram reiniciar a nova vida, tendo como referência a lembrança, criatividade e a memória da pátria mãe. Desse momento em diante iniciou a construção da sua história.

Isolados de outras localidades devido à falta de estradas e meios de comunicação, na sua maioria agricultores trouxeram a cultura dos conhecimentos de como lidar com a terra, seus hábitos de produção agrícola e muita religiosidade.

O início era marcado pelo desmatamento, queima e realização das primeiras plantações, antes mesmo de construírem suas casas. As terras tinham sido desmatadas, era a hora de iniciar uma nova vida e o progresso das lavouras dependia de sua capacidade e do seu trabalho.



Figura 85 – Instrumentos do trabalho

Fonte: Museu de Vale Vêneto, 2013.

Em depoimentos os entrevistados relatam que os imigrantes receberam do governo instrumentos de trabalho necessários para a derrubada da mata e sementes para iniciar o cultivo das lavouras e ocupação das terras.

Com criatividade e manejo dos instrumentos agrícolas, o imigrante procurou com materiais disponíveis na natureza construir elementos para o trabalho trazidos dos conhecimentos adquiridos na Itália. A primeira meta, a ser atingida por eles, era a limpeza do local, para tanto, o fogo era o recurso mais próximo e mais rápido que os imigrantes poderiam utilizar.



Figura 86 – Facão, machado, enxada, foice, foicinha, marreta.

Fonte: Acervo da Autora, 2013.

Para o Sr. B. D. (83 anos), primeiramente cortavam as árvores para também aproveitar a madeira e construir suas casas.

“Nesse trabalho toda a família era envolvida, pois disso dependia sua sobrevivência, pelo fato de existir animais selvagens. As casas eram feitas por eles, com as ferramentas que possuíam. As famílias muito solidárias se ajudavam em tudo. Criaram seus filhos com muito sacrifício, porém tinham muita fé em Deus e eram imensamente felizes. A oração fazia parte de suas vidas pois era a única certeza que tinham fé em Deus”.

O imigrante tinha logo que construir um abrigo, para proteger-se do frio e dos animais selvagens. Instalados no respectivo lote colonial, os colonos iniciaram a construção de suas casas. Primeiro as provisórias, às vezes, um rancho de pau a pique, feitas de varas ou de ramos, cobertas de capim, folhas ou de ramos de árvores. Após esse período primitivo a arquitetura das casas começaram a ganhar forma, eram empregados materiais como pedras grosseiras para as paredes e madeira maciça rachada ainda verde para a cobertura.

4.1.2.2 O Segon (Serra manual)

Nos primeiros tempos, as famílias tinham que beneficiar a madeira lascando e usando o “segon”, serra puxada por duas pessoas uma em cada ponta do serrote, desdobravam as torras que eram colocadas em cima de um cavalete em pequenos

rolinhos. Depois de serrado, lascavam as madeiras com machado e cunhas especiais de ferro transformando em pequenas tabuinhas, usadas para cobrir as casas denominadas “scandoles”¹⁸



Figura 87 – Serra manual e cunhas para fazer as Scandoles (tabuinhas).

Fonte: Desfile Típico, 2008.

De início a madeira foi usada de forma rústica, serrada, rachada e ou falquejada. Como era abundante oportunizou aos imigrantes a construção de grandes moradias para acolherem as famílias. A madeira era utilizada tanto para cobrir as casas, como para sustentação da cobertura.

Segundo os entrevistados muitas casas foram edificadas com o uso de cavilhas, cunhas, e ou chavetas em substituição aos pregos. As paredes e a cobertura com varas ou pranchas sem serem rachadas e alicerçadas sobre embasamento de pedras devido a quantidade oferecidas pela natureza. Do acervo iconográfico do Museu do Imigrante Eduardo Marcuzzo, foi escolhida a fotografia do ano de 1920, pela representação do grupo de pessoas que participavam da festa de casamento. No alto ao fundo podemos observar o telhado de “scandoles”.

¹⁸ Scandoles – pequenas tabuinhas de madeira, para cobrir casas.



Figura 88 – Telhado feito com tabuinhas de madeira chamadas “scandoles”- 1920

Fonte: Museu do Imigrante de Vale Vêneto.

Além de servir na construção das casas, telhados, na confecção de utensílios doméstica. era utilizada como lenha no cozimento dos alimentos.

De acordo com Bonfada (1991, p. 19), “o sonho de todo imigrante era adquirir uma pequena porção de terra para construir sua casa, desenvolver as atividades agrícolas e possuir estabilidade econômica. A preocupação inicial era de estabilizar-se no lote recebido, possibilitando uma melhor organização das plantações e evitando, com isso, os desgastes das grandes caminhadas que iam do Barracão até sua futura propriedade. Para o italiano ter casa e ter terra era, ao mesmo tempo, os alicerces e as razões de se constituir a família.”

Devido à mão-de-obra necessária para o trabalho braçal, quanto maior o número de filhos, maior era o rendimento dos trabalhos na roça. A média de filhos para cada família era de 10 a 12 indivíduos. Quanto mais pessoas viessem, maior era a mão de obra para organização da futura propriedade. Uma das características dos imigrantes era a arregimentação de famílias inteiras, compreendendo pai, mãe, filhos, avós, agregados e compadres. Nesses pequenos clãs, raramente menos do que oito pessoas (DE BONI e COSTA, 1984, p. 31).

A mulher tinha um papel central. De modo geral, além da criação dos filhos, sempre numerosos, e das lidas domésticas, ainda era mão-de-obra auxiliar no trabalho da lavoura. O colono na convivência familiar tinha que pensar no sustento da família que era numerosa.

Na distribuição dos lotes, sempre procuraram agrupar as famílias que fossem da mesma região da Itália, com os mesmos costumes, cultura, favorecendo a relação e colaboração entre elas, a fim de vencer todas as dificuldades estavam

enfrentando num país estranho. Assim foram surgindo vilas e núcleos com os mesmos nomes das suas origens como é o caso de Vale Vêneto, que a maioria da população era procedente do Vêneto.

De Boni e Costa (1984, p. 80) descrevem: “uma das preocupações dos imigrantes era construir a moradia perto de um córrego ou de uma fonte para que não faltasse água e se desfrutasse de boa saúde, já que não havia recursos médicos. Segundo os autores o tamanho dos lotes variavam, eram divididos”:

Por vezes, peraus ou terras de difícil acesso faziam com que seu tamanho aumentasse; reduzindo-se quando o solo era plano, mais fértil e próximo à sede. Outras vezes, influíam também as fontes de água, pois nenhum colono aceitaria instalarem-se onde elas não existissem: era necessário, então reduzir o tamanho de um lote, para que o outro também tivesse acesso à água. (DE BONI e COSTA, 1984, p. 80)

Na demarcação das terras, as colônias eram repartidas de tal modo que sempre atingissem um riacho no lote demarcado. Desta forma, todos podiam favorecer-se da água para suas necessidades, para os animais e também, instalar alguma fábrica movida à água.

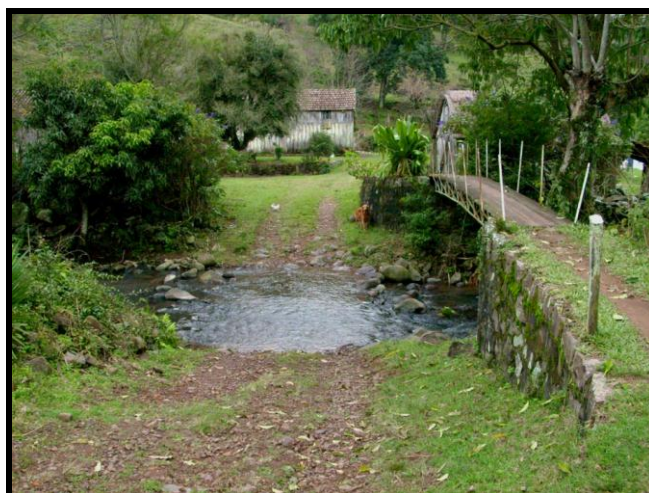


Figura 89 – Córrego na residência do Sr. Anibal Brondani - Vale Vêneto

Fonte: Vizzotto, 2013.

4.1.2.3 Saraquá, Pula-toco, Máquina manual de plantar milho

A vida do imigrante que veio ao encontro de uma terra onde “de tudo dava” e encontrou terrenos despovoados onde tudo havia ainda de ser feito. Com escassez

de recursos e adversidades, conseguiram desbravar a terra e desenvolver-se, construindo o seu próprio espaço. Com as suas diversas técnicas primitivas iniciaram as plantações.

Primeiramente cortavam os arbustos menores com o machado ou serra de mão, depois de secos faziam a queimada e limpavam a sobra da lenha. A partir deste trabalho iniciavam a plantação recomendada para cada estação do ano.

A agricultura era prioridade e praticada de forma rudimentar, sem lavrar a terra se utilizando o plantio direto no solo, os colonos cultivavam vários produtos agrícolas de que necessitavam para o consumo da família e a comercialização.

As primeiras atividades consistiam no plantio de feijão, trigo, cana-de-açúcar, parreiral e milho, sendo este o primeiro a ser cultivado e destinado à confecção da farinha para a tradicional polenta. Também servia para alimentar os animais domésticos. O plantio do arroz e do feijão era para se fazer a "*menestra*", (sopa de arroz com feijão). Outro cultivo era o trigo cujo plantio e colheita intercalava-se com o milho, vinha na seqüência para garantir o pão, as bolachas e para fazer as "*taiadele*", (massa caseira). Das parreiras colhiam a uva para depois produzir o vinho. Os plantios foram na base de derrubadas do mato e fogo.

Da terra a esperança e o alimento – do trabalho a dignidade e o sustento, diz o Sr. B. D (83anos) e relata:

“O grande grupo decidiu que era o momento de organizar a equipe, então cada família ganhou uma colônia de terra, para a plantação de milho, feijão, arroz, mandioca, parreiras e tudo o que pudessem produzir para o seu próprio sustento. Aquilo que uma família não tinha, trocavam com outra que tinha o produto diferente”.

Devido à dificuldade de virar a terra entre os troncos e raízes das árvores os produtos eram plantados com um bastão de madeira, no linguajar do italiano chamado de “saraquá”. Nas palavras do Sr. B. D (83 anos), era uma espécie de pequena pá fixada por um cabo em forma de cavadeira com que se abriam os buracos para plantar. As sementes acompanhavam o plantador numa sacola de pano pendurada no ombro. Abria-se o buraco, colocavam-se os grãos em numero de três a quatro cada cova e tapava-se com o pé. (Figura 90) Mais tarde passaram a utilizar uma espécie de arado rústico para mover a terra entre os troncos e raízes das árvores, chamado de “pula-toco” (Figura 91) puxado por boi ou cavalo. Depois,

passaram a utilizar a máquina manual de plantar grãos, facilitando o plantio dos produtos, sendo utilizada por muitos moradores atualmente (Figura 92).



Figura 90 – Saraquá.

Fonte: Acervo da Autora, 2013.



Figura 91 – Pula-toco.

Fonte: Acervo da Autora, 2013.



Figura 92 – Máquina manual

Fonte: Acervo da Autora, 2013.

4.1.2.4 Pilão

Símbolo do trabalho e muito usado pelos imigrantes, o “pilão” feito manualmente a partir de um tronco de árvore resistente destinado a triturar o milho para fazer canjica, farinha ou descascar arroz. O procedimento era feito em casa para triturar os grãos em menor quantidade, quando o volume de grãos era maior levavam ao moinho para descascar. Os italianos socavam o arroz até desprender-se da casca, assim relata o Sr. T. B. (83anos). Os cereais eram processados e socados com o socador para depois serem consumidos ou armazenados.



Figura 93 – Pilão, descascador de cereais.

Fonte: Acervo Pessoal de Levino Pivetta. 2013.

4.1.2.5 Monjolo

Outro instrumento utilizado como descascador de arroz formado por uma haste reta de madeira, numa das extremidades era afixada um socador e na outra extremidade havia uma cuba onde enchia de água proveniente de uma calha ou bica. A força da queda d'água o impulsionava como se fosse uma gangorra. De um lado, a cuba recebe a água até se encher totalmente. Isso faz com que a outra parte do monjolo, onde há uma estaca, se levante. Ao esvaziar a cuba, o movimento se inverte. E nesse sobe-e-desce, o grão vai sendo socado e moído dentro de um pilão.



Figura 94 – Monjolo, dispositivo utilizado pelos imigrantes para descascar arroz.

Fonte: <http://www.blogdoeducambiental>

Numa determinada época foi utilizado outro instrumento rudimentar também chamado de "monjolo". O dispositivo primitivo caseiro servia para triturar o milho, produzindo uma farinha grossa, da qual se fazia a polenta primitiva. Para a sua utilização, fazia-se necessário peneirá-la ou separá-la, o quanto possível, o farelo da casca do milho. O instrumento de trabalho (Figura 95) era movido por uma alavanca central, feito com dois tocos de madeira deitados um sobre o outro com ranhuras internas. O toco que fica na parte de baixo era fixo e o de cima fazia girar com a mão por um cabo, movimentando de forma circular. No centro havia um orifício onde era colocado os produtos para serem triturados. O utensílio servia também para descascar o arroz.

O monjolo por muito tempo foi um instrumento indispensável nas famílias para a produção da farinha na confecção dos alimentos. Hoje, com o avanço da tecnologia e o uso da eletricidade, tornou-se peça de representação do trabalho e de lembrança de uma época. O artefato encontra-se exposto no acervo do Museu de Vale Vêneto.



Figura 95 – Monjolo - moinho caseiro para triturar grãos

Fonte: MIEM, 2013.

4.1.2.6 Manguá e Sventolon

O amor ao trabalho era um dos grandes valores preservados pelas famílias italianas. Os colonos trabalhavam muito, tudo o que adquiriam era resultado de seus próprios esforços. Depois de preparada a terra, os produtos eram plantados ou semeados. Quando maduros, eram colhidos, armazenados ou triturados para alimentar animais e as famílias que eram numerosas.

Como não havia trilhadeiras na época para debulhar os cereais, os imigrantes improvisaram um instrumento artesanalmente feito de duas varas de madeira resistentes. Uma mais comprida e fina que servia para cabo e a outra mais curta para malear, ambas ligadas por um pedaço de couro, chamado pelos italianos de "manguá", (Figura 96). Depois de colocado os produtos no sol e bem secos com as mãos e o auxílio do utensílio batia-se os produtos com violência até desprender os grão. O artefato era muito utilizado na colheita para debulhar o feijão, soja, trigo, aveia, etc.

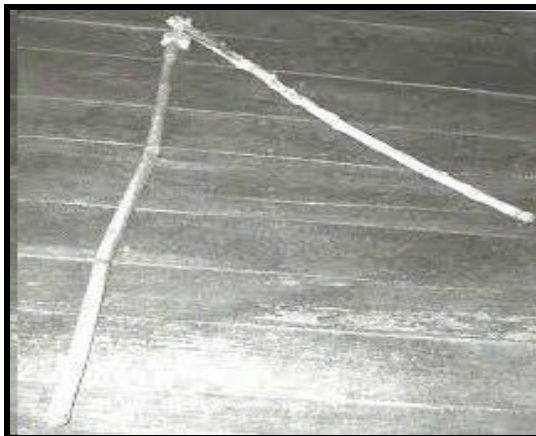


Figura 96 – Manguá. Utensílio utilizado para malhar grãos

Fonte: Vizzotto, 2013.

Geralmente a colheita era abundante, colhiam-se os produtos, maleavam o grão da palha e antes de serem consumidos eram ventilados separando-o da sujeira. O dispositivo utilizado para fazer este trabalho é chamado de “sventolon” ou “burato”(Figura 97). Máquina manual onde se colocava o produto numa caixa em formato de funil e com uma manivela girava-se fazendo vento. Primeiramente separavam os grãos da sujeira maior e depois para retirar a sujidade menor era usado o “crível” (peneira redonda feita de telinha). Após os grãos eram consumidos ou comercializados.

Hoje, com o avanço tecnológico, outras máquinas elétricas, vieram substituir os instrumentos rudimentares, tornando mais fácil a vida dos colonos.



Figura 97 – Sventolon ou Burato - Limpador de grãos.

Fonte: Museu do Imigrante – Vale Vêneto.

4.1.2.7 Meio de Transportes: Mulera, Slita, Carreta, Carroça, Aranha e Cariola

Era comum nos primeiros anos da colonização, os agricultores terem pequenas criações de aves, de porcos, de gado bovino no fornecimento de carnes, leite e seus derivados. Mas o cavalo e os bois eram animais usados para auxiliar nos trabalhos agrícolas e transportes. Tendo em vista que havia muitos aclives e declives, a maioria dos produtos era transportada de maneira braçal. Nas lavouras onde existia carga pesada, era feito com tração animal, usava-se a junta de bois na canga e ou o cavalo.

A “mulera” ou “cargueiro” (Figura 98), assim denominado pelos italianos, era um suporte de madeira colocado sobre o cavalo, para transportar produtos agrícolas, muito usado na lida da lavoura. Com esse instrumento, os colonos comercializavam seus produtos cultivados na roça para o comércio em Santa Maria. Se os produtos não eram negociados voltavam para casa novamente e renegociado num outro dia.



Figura 98 – Mulera. Transporte primitivo. Desfile Típico 2008 - Vale Vêneto

Fonte: Acervo da Autora, 2008.

Não havia máquina para ser utilizada na lida pesada da colônia, cortavam as madeiras e com dois bois na canga, transportavam a lenha da lavoura para uso doméstico ou para construir galpões, chamada de “slita, zorra ou arrastão” (Figura

99). Era um tipo de assoalho, construído encima de dois troncos de árvores sem rodas e recoberta por tábuas planas, arrastado pelos bois e útil nos banhados ou cerros, para transportar pedras ou madeiras. Atava-se a plataforma de madeira a uma vara comprida, para onde os bois puxavam. Por uma corda amarrada às orelhas, o boi obedecia ao comando da direção por onde devia seguir, pela direita ou esquerda do caminho a ser percorrido. A Silta, zorra ou arrastão, no linguajar italiano foram às antecessoras da carreta, serviam também no transporte de insumos, implementos agrícolas e forragem para os animais.



Figura 99 – Slita. Desfile Típico, 2008 em Vale Vêneto.

Fonte: Acervo da Autora, 2008.

Devido a abundância e variedade de madeira e tendo em vista que já era possível o deslocamento por estradas o imigrante fabricou “a carreta” (Figura 100) para auxiliar no transporte de pessoas e ou produtos trazidos da lavoura. Sobre duas rodas a carreta puxada a boi, por muito tempo auxiliou nas cargas pesadas pelos caminhos difíceis da colônia. Hoje ainda se mantém este meio de transporte para a lida em pequenas lavouras de propriedade de descendentes italianos em Vale Vêneto.



Figura 100 – Carreta de bois pertence a família Brondani - Vale Vêneto

Fonte: Acervo da Autora. 2013.

Enquanto os produtos eram transportados pelas carretas, as pessoas usavam a “aranha”(carruagem leve e de duas rodas, puxada a cavalo), (Figura 101). Além de auxiliar nas tarefas difíceis da lavoura o cavalo servia de montaria.

Animal domesticado e muito útil, um bem indispensável ao colono, possibilitava que homens e mulheres se deslocassem as comunidades, pedissem socorro aos vizinhos distantes possibilitando o transporte rápido de pessoas e de produtos até as residências. Atrelado a aranha, a condução requintada da época conduzia também os colonos para à missa aos domingos, ao comércio nas cidades vizinhas e festas.



Figura 101 – Aranha. Réplica da chegada das religiosas em 1892 a Vale Vêneto

Fonte: Acervo da Autora, 2012.

Movida por tração animal a carroça (Figura 102) de quatro rodas era o meio de transporte mais utilizado para transportar cargas pesadas de um lugar para o outro. Puxada por mulas, cavalos ou bois, transportava um número maior de pessoas, para a missa dominical. Também utilizada para comercializar os produtos nos núcleos vizinhos.

O emprego do boi e do cavalo era generalizado para as lavouras nas áreas montanhosas. Puxavam carroças, andavam pelas lavouras, transportavam os produtos para o galpão que ficava próximo das residências.



Figura 102 – Carroça

Fonte: Acervo da Autora. 2013.

Com a técnica de produção, o imigrante gerou uma maneira própria de ser e viver, bem como de fabricar coisas, bastante ajustadas a cada momento. Para facilitar o trabalho do dia a dia e como resultado das suas necessidades o imigrante confeccionou a “cariola” (Figura 103), conhecido como carrinho de mão.

Nos primórdios, o instrumento de trabalho era utilizado para transportar pequenas cargas, como terra, tijolos, areia, pedra, para construir as moradias. Conforme relato o Sr. B. D. (83 anos),

“Para fazer a roda era preciso cortar um tronco de árvore redondo. Fazia-se um furo no meio e colocavam uma madeira resistente, engraxada na banha de porco, fazendo girar a roda. Depois construía a estrutura e o caixão todo em madeira. Os pregos eram escassos então faziam o carrinho todo ele embutido madeira com madeira. Mais tarde quando surgiram as ferrarias, os imigrantes adaptaram o carrinho em rodas de ferro. Com este artefato os colonos transportavam materiais para suas construções, carregavam material orgânico nas hortas e produtos colhidos para o galpão. Também se levava os grãos de milho num saco no moinho para fazer a farinha da polenta diz o morador”.



Figura 103 – Cariola, ou carrinho de mão.

Fonte: Acervo da Autora, 2013.

Em dias chuvosos ou à noite após a reza do terço, os colonos tinham o costume de deixar preparado o milho para levar no moinho. O Trabalho era feito todo manualmente. Os grãos eram retirados esfregando uma espiga na outra. Depois pegavam o sabugo e com aquele debulhavam mais milho. O milho precisava estar seco para facilitar o trabalho, pois quando verde dificultava fazendo bolhas nas mãos, relata o Sr. T. B. (83 anos). Depois apareceu a máquina de debulhar milho, ai tudo ficou mais fácil, diz o informante.



Figura 104 – Máquina de debulhar milho da família Pivetta em Vale Vêneto

Fonte: Acervo da Autora. 2013.

A cultura do milho, sem grandes exigências quanto ao preparo da terra, foi a primeira fonte de subsistência dos imigrantes. De fácil cultivo e rápida colheita, do milho era extraída a farinha que fornecia o principal alimento do imigrante italiano, a polenta.

4.1.2.8 O Fogolaro

Nos primeiros anos, o prato principal de qualquer mesa da região era a polenta (preparada com farinha do milho moída, cozida em água e sal), feita pela manhã, quando era consumida ainda quente e cremosa. Tradicional alimento trazido da Itália e que se conserva até os dias de hoje, fazendo parte da mesa de quase todo o brasileiro. A polenta, por ter um baixo custo e fácil acesso, durante os períodos difíceis, tanto na Itália como no Brasil, foi um alimento presente em todas as refeições, feita numa panela grande de ferro, pendurada por uma corrente.

Para cozinhar os alimentos, fazia o fogo no chão, num caixão retangular, revestido de madeira e no seu interior colocavam terra ou barro. Uma corrente com anéis redondos, terminada por um gancho em forma de S, fixa num barroto do telhado da cozinha chamada “la cadena”. Com regulagem era utilizada de tal forma que permitia afastar ou aproximar a “caldrola” (panela preta de ferro) do fogo para cozimento dos alimentos ou ferver água. Este dispositivo chamava-se de “fogolaro” (Figura 105), muito utilizado pelos imigrantes, principalmente para fazer a polenta. A corrente era segurada por uma mão e a outra mexia os alimentos.

Por muito tempo o “fogolaro”, funcionou numa espécie de fogão rústico, para o preparo das refeições nos acampamentos. À tarde e à noite, quando abandonavam a cozinha para o descanso ou para o trabalho, o fogo era coberto em cinzas, para conservar o braseiro, a fim de ascender o fogo quando necessário, pois não havia fósforo na época.



Figura 105 – Fogolaro. Foto do Desfile Típico de Vale Vêneto, 2012.

Fonte: Acervo da Autora. 2012.

A polenta era começada com a água fervendo, colocando-se farinha de milho a qual deveria ser mexida constantemente com a “mescola” (pedaço de madeira fina e redonda).



Figura 106 – Polenta, Mescola, Panaro (tabuleiro), chaleira.

Fonte: Acervo da Autora, 2013.

Para ficar gostosa a polenta devia ser bem cozida e firme, permanecendo por um bom tempo no fogo para possibilitar ser despejada no “panaro”, (tabuleiro de madeira arredondado) e não escorrer pelas bordas, pois não seria possível cortá-la

em fatias finas. O corte era no sentido das bordas para o centro com um fio de linha consistente como podemos visualizar na figura abaixo.



Figura 107 – A polenta sendo cortada com o fio de linha

Fonte: Acervo da Autora, 2013.

Para as famílias italianas, a polenta era o alimento presente nas três refeições. No café da manhã a primeira refeição do dia, polenta brustolada (assada) na grelha, com queijo e salame. No almoço acompanhava a “menestra” (sopa de arroz com feijão) ou com algum tipo de carne e vinho. Na janta novamente a polenta comandava a refeição sendo saboreada com queijo, salame, ovo frito ou fritada (omelete).



Figura 108 – Polenta, queijo, salame e vinho. Ao lado polenta brustulada.

Fonte: <http://www.TalianiBuonaGente>

O Sr. L. P (88 anos), lembra que por volta das nove horas, um filho menor que não freqüentava a aula, levava a pé ou a cavalo numa “sporta” (cesta) a merenda. O

cardápio era café com leite ou chá, polenta “brustulada” (assada na grade ou chapa), fortaia (omelete com ovos queijo e salame). Quando não se tinha salame, queijo e nem presunto, costumava-se fazer de cebola. A merenda era levada para as pessoas que desde cedo estavam trabalhando na lavoura.

A polenta é bem lembrada pelos entrevistados como sendo a comida símbolo do trabalho, alimento mais comum e barato, pois as famílias eram pobres e criaram seus filhos com sacrifício. Consumida em todas as refeições a polenta era o prato de todos os dias, nas famílias italianas., conforme relata o Sr. B. D. (82 anos):

“A polenta não podia faltar na mesa. As famílias eram numerosas, era o alimento que se tinha, consumida todos os dias, porque ela tinha bastante sustância, comida forte e se comia no lugar do pão, porque pão não tinha todos os dias, apenas era preparado em fins de semana ou durante a safra do trigo. Se fazia uma polenta de manhã e outra de noite. Está comida, garantia o sustento da família e força para o trabalho na roça”.

Por ocasião das comemorações do Centenário da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul em julho de 1975 foi feita uma gigantesca polenta de nove metros de circunferência, acompanhada de nove barris de vinho que foi a principal gastronomia no jantar de comemoração do evento.

4.1.2.9 Monumento do Imigrante

Como primitivo alimento depois da caça, símbolo da gastronomia e marco histórico dedicado aqueles que povoaram Vale Vêneto, foi projetado um espaço denominado “Praça do Imigrante Italiano”. Fica localizado entre as ruas Padre João Iop, Alexandre Roratto, Miliano Cielo e Irmã Jacinta Susin. Em 1978, neste local foi erguido o monumento em forma de tripé onde se pode ver o “focolaro” (Figura 109), corrente terminada em gancho que segurava o caldeirão para preparo dos cozidos.



Figura 109 – Monumento ao Imigrante – Vale Vêneto

Fonte: VIZZOTTO. 2013.

Neste mesmo espaço, está estampado o sobrenome das setenta e duas primeiras famílias que se instalaram na localidade e respectivos números de membros que compunham as mesmas, a seguir relacionadas: Balconi, Baldissera, Bevilacqua, Bisognin, Bolzan, Bonfada, Boranga, Bordignon, Bortolazzo, Bortoluzzi, Brondani, Calgliari, Canazza, Carlotto, Casassola, Ceretta, Coppetti, Creazzo, Dalmaso, Dal Santo, Daniel, Dotta, Dotto, Druzian, Ferigolo, Filipetto, Foletto, Forgerini, Forzin, Giacomini, Grigoletto, Iop, Londero, Iovatto, Marchesan, Marcuzzo, Marin, Mario, Mellotto, Meneghel, Missau, Moro, Murian, Nogarta, Pasquatin, Pasquatini, Parcianelo, Pivetta, Pizzollatto, Pozzobon, Righi, Rorato, Rossi, Rosso, Sartori, Sbizigo, Stefanel, Stroili, Tondo, Tronco, Veraschini, Vendrúsculo, Venturini, Vernier, Vignotto, Vizzoto, Weber, Zago e Zanini.



Figura 110 – Relação das primeiras famílias que colonizaram Vale Vêneto - 1878

Fonte: VIZZOTTO, 2013.

Com novas aquisições pelos imigrantes surgiu o fogão com a chapa de ferro onde era possível apoiar as panelas, erguido com tijolo e rebocado com barro. Possuía um espaço para colocar a lenha cortada em pedaços longos. O fogão de “siápa”, veio substituir o “fogolaro”.

A pessoa que levantava primeiro dirigia-se ate a cozinha, numa peça separada da casa, ascendia o fogo, colocava a água ferver, para o preparo da “colacione” (café da manhã).

4.1.2.10 Utensílios domésticos

Além do fogão, a alimentação era preparado com o auxílio dos utensílios doméstico. Desprovidos de qualquer infra-estrutura para atender as sua necessidades e por meio do trabalho, com a aplicação de técnicas próprias de seu conhecimento e com o uso de madeira abundante, os imigrantes criavam os seus utensílios de cozinha.

Como não havia guarda-louças os objetos eram pendurados acima do fogão, facilitando o manuseio. A lavagem da louça era feita no rio ou no “secer” (lavador

feito a partir de uma madeira grossa). Sobre ele ficavam suspensas nas prateleiras as louças e as panelas. As tampas ficavam presas pelas alças, próximas à parede.



Figura 111 – Utensílios de cozinha

Fonte: Acervo da Autora, 2013.

4.1.2.11 O "Bigôlo" - Balde de Madeira

Para a funcionalidade das tarefas na cozinha se fazia necessário o abastecimento de água potável, está era feita por utensílio fabricado de maneira primitiva e criativa com material original disponível e trabalhado.

Geralmente em muitas residências a fonte d'água era longe e para facilitar o transporte era utilizado o bigôlo (Figura 112). Espécie de vara feita em madeira, fabricada à partir de um galho de árvore em curva, com dois dispositivos nas extremidades, onde eram fixados dois baldes.

Fabricados por várias tiras unidas uma ao lado da outra e presas por fora com dois fios de arame ou duas cintas metálicas, o fundo em madeira em forma de círculo, os baldes ficavam suspensos por um cabo de arame grosso. Eram colocados nos ombros das pessoas que davam maiores condições para transportar água a longas distâncias. Geralmente a água potável ficava longe da casa, enquanto a água do rio ficava próxima. Para beber a água usava-se canecas ou uma concha

que ficava pendurada no balde de madeira chamado no linguajar italiano de “il menestro del’acqua” (concha para a água). Todos se serviam com a mesma concha e penduravam novamente no balde.



Figura 112 – Baldes de Madeira utilizados para carregar água

Fonte: Acervo da Autora, 2013.

4.1.2.12 Gamelas

Como não havia o recurso de qualquer indústria na época tinham que talhar em madeira os utensílios. Artesanalmente feitas à mão com o auxílio do “enxó”, machado pequeno e côncavo, eram feitas várias gamelas para o uso doméstico, (Figura 113). A partir de um tronco de árvores, preferencialmente de timbaúva, madeira leve e macia para melhor trabalhar.

As gamelas eram utilizadas para fazer o pão, outra para lavar as louças. Geralmente se fazia uma gamela menor para a higiene diária e uma maior destinada aos banhos semanais, aos sábados à tarde. Outras e de vários tamanhos, serviam no lugar das bacias ou fruteiras.



Figura 113 – Confeção de gamelas - Desfile Típico italiano em Julho de 2006.

Fonte: Acervo da Autora. 2006.

4.1.2.13 Roda d'Água

Para atender as necessidades das famílias e de terem se estabilizado perto de um córrego o colono procurou explorar as quedas da água para obter energia mecânica e mover pequenas fábricas pela força da água como os moinhos e os engenhos.

Estrutura primitiva a roda d'água, era o mecanismo capaz de aproveitar a movimentação da mesma e transformá-las em força que permitia moer grãos. Com a passagem da água batendo nas pás da borda da roda produzia uma força no eixo central movimentando a moenda.

Surgiram com este mecanismo também as serrarias destinadas a beneficiar os troncos de madeira, para transformá-los em tábuas e barroteamento usadas na construção de casas, galpões, chiqueiros. Em cada região possuíam o seu moinho ou serraria que atendiam as necessidades das famílias da área.

A roda d'água (Figura 114) se constituiu numa importante característica da atividade econômica e da cultura italiana. Relatam os moradores que em épocas passadas as instalações produtoras dos moinhos desempenharam importante papel em relação a todos os processos de produção da farinha e do açúcar.



Figura 114 – Engenho movido a água

Fonte: Acervo da Autora, 2013.

A roda d'água forneceu energia motora para moinhos de trigo e de milho, serrarias, marcenarias e descascadores de arroz. Em Vale Vêneto se destacaram com estes beneficiamentos as famílias de Aníbal Brondani, Vitorio Stefanel, Vitorio Venturini, Cirildo Possobon, Luiz Dotto, Carlos Miguel Dotto, Lourenço Iop, Antonio Dotto. Elas possuíam o seu próprio moinho e ou serraria, todos movimentados pela mesma água de um só riacho. Os proprietários prestavam serviços para as famílias próximas que não o possuíam.



Figura 115 – Roda d'água, de propriedade da Família Possobon em Vale Vêneto

Fonte: Acervo da Autora, 2013.

Tendo em vista o surgimento de equipamentos industrializados para o beneficiamento de grãos e o abandono de alguns cultivos, a exemplo do trigo, arroz e milho aos poucos vários moinhos movido a água foram sendo desativados. Em

nossa localidade, se destaca hoje a família de Aníbal Brondani, que preserva e mantém em funcionamento o marco colonial herdado de seus antepassados (Figura 116), para a fabricação de modo artesanal da cachaça, vinho e açúcar.

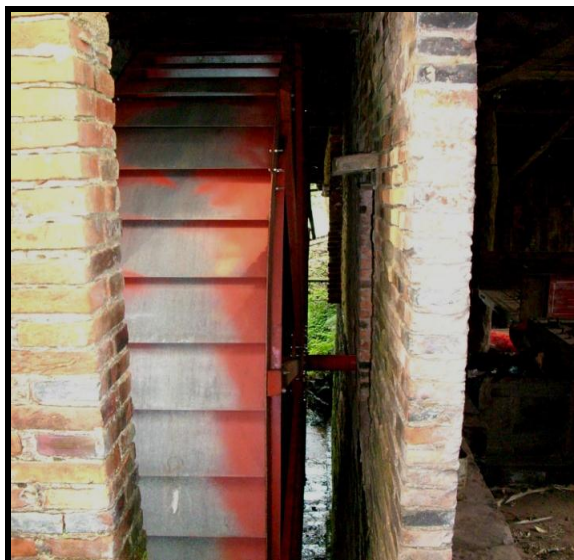


Figura 116 – Roda d'água, na residência do Sr. Aníbal Brondani

Fonte: VIZZOTTO, 2013.

Com o advento da energia elétrica, da industrialização e da mecanização na região, os moinhos foram adaptados a nova realidade. A partir dessa época, se instalou na região, engenho de arroz. A fabricação da farinha de milho é processada por um ou mais jogos de mós (pedra redonda e pesada), moendo por atrito, capaz de reduzir os grãos a pó de propriedade da família Dotto.

4.1.2.14 O Tórcio

A moenda, geralmente era movida pela roda d'água, mas pela falta de riacho corrente próximo as residências de algumas famílias se utilizavam de bois para mover outro tipo de engenho, no linguajar italiano chamado de “tórcio”¹⁹.(Figura 117)

Este engenho era composto por três rolos de madeira, colocados juntos entrelaçados com engrenagem. Entre os rolos, colocava-se a cana, para ser moída.

¹⁹ Engenho para moer a cana-de-açúcar, movido por uma junta de bois.

As moendas separam o caldo do bagaço, que era usado para aquecer as fornalhas do alambique.

A moenda era movida por uma tora de madeira de uns sete metros de comprimento. Na parte superior do engenho, um cabeçalho feito de madeira, um preparo para prender a junta de bois que puxavam, movimentando-a fazendo várias vezes o mesmo trajeto em círculo.



Figura 117 – Tórquio (Engenho para moer a cana)

Fonte: <http://www.facebook.com/TalianiBuonaGente>

O “tórquio”, foi muito utilizado pelos colonos, destinado a extrair a “guarapa” (caldo de cana), para depois transformá-la em melado, açúcar, cachaça e rapadura, para o sustento das famílias e muito apreciada pelos imigrantes. A cana era cortada, limpa e moída separando o caldo do bagaço. Colocava-se o caldo da cana para ferver dentro de um tacho até virar açúcar ou melado e se fermentado e destilado produzia-se a cachaça.

4.1.2.15 O Alambique

Para que o caldo da cana se transformasse em cachaça dependia de uma estrutura de cobre onde era feita a destilação, chamado de alambique. O local destinado para a destilaria devia ser ventilado. No alambique também podia se extrair a “graspa”²⁰, tanto da cana como da uva.

²⁰ Graspa: cachaça pura e forte feita pelos imigrantes italianos, que continuam sendo produzida nos dias de hoje.

Para a elaboração dos produtos, o Sr. Brondani relata, que a uva era levada para a cantina com balaios de vime e posta para ser pisada. A maioria, porém, dos colonos italianos utilizava para esmagar a uva um instrumento redondo feito de madeira de lei. Depois de esmagada a uva, o suco obtido com o esmagamento passa para uma pipa e lá fica por uns cinco dias para se extrair a graspa.

Como na época não havia uma máquina própria para fazer o trabalho da extração do suco da uva o mesmo era feito com os pés. Primeiramente deixavam de molho os pés na vertente ou córrego d'água até amolecer a sujeira, depois com sabão e um pedaço de pedra, se lixava os pés para depois passar o dia pisoteando sobre uma grande pipa com a parte superior aberta, chamada de “mastela” (recipiente redondo feito de madeira de lei) (Figura 118).

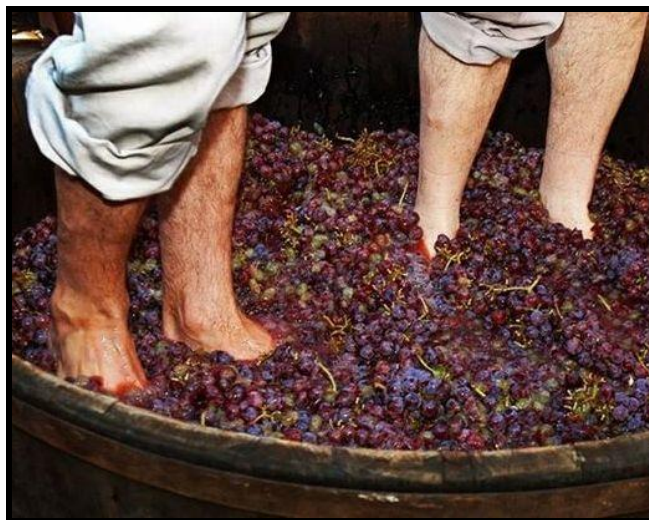


Figura 118 – Mastela, recipiente em madeira para esmagar a uva.

Fonte: Acervo da Autora, 2013.

Depois de colocados os grãos dentro da “mastela” (pipa redonda), eles eram esmagados. Após o esmagamento, separava-se a casca do suco e colocavam numa pipa de madeira maior para a fermentação. Após a fermentação passava-se o suco da uva para outra pipa, deixando o bagaço (casca e semente) na primeira. Do suco da uva fazia-se o vinho e do reaproveitamento da casca a graspa.

A cachaça era processada de forma artesanal, dentro do alambique em cobre, composto de três peças; o panelão, o chapéu e a serpentina, (Figura 119). Para realizar a atividade artesanal envolvia praticamente toda a família.

Em Vale Vêneto, descendentes ainda mantém a tradição da fabricação da cachaça como é o caso na família Brondani e Venturini. Todo o processo desde a colheita até a destilaria da cachaça e da graspa é feita pela própria família. A cachaça é o principal ingrediente na composição de licores normalmente armazenada em garrafões ou pipas.



Figura 119 – Alambique. Destilaria artesanal da Família Brondani, Vale Vêneto
Fonte: VIZZOTTO, 2013.

4.1.2.16 Pipas

O imigrante italiano trouxe de seu país de origem a cultura do cultivo dos produtos para consumo próprio. Cultivava videiras que produziam uvas, para se extrair o vinho, o suficiente para o consumo das famílias, sem fins comerciais. O vinho era a bebida consumida em todas as refeições e ou a qualquer hora do dia, para dar evasão as pipas e poder colocar o novo, sempre em abundância.

Para armazenagem do vinho e da cachaça os imigrantes utilizavam as pipas (Figura 120). Normalmente o produto ficava alguns dias aguardando a maturação para depois ser engarrafado em garrafões e guardado na cantina.

A mesma técnica na confecção dos baldes para transportar a água, era usada na fabricação das pipas, barris e mastelas, trabalho mais sofisticado que nem todas as famílias conseguiam fazer. Depois de envelhecidas pelo uso contínuo para o vinho, as pipas eram utilizadas para armazenagem de grãos.



Figura 120 – Pipas para armazenagem do vinho e derivados

Fonte: Acervo da Autora, 2013.

4.1.2.17 Zerla (Cestos)

Além da fabricação das pipas para conservar o vinho a cachaça e a graspa, os colonos forravam também garrafões para armazenar esses produtos. Em vários tamanhos os garrafões eram revestidos com vime, planta cultivada em solos úmidos. O cultivo do vime não exigia muitos cuidados proporcionando uma boa produção, fazendo com que o colono desenvolvesse a prática na confecção de cestos, no linguajar italiano chamado de “Zerla” (Figura 121). Espécie de balaio com dois tirantes nos ombros e carregado nas costas. Feitos de vime, eram usados para transportar produtos da lavoura quando não havia o arrastão.



Figura 121 – Cestos confeccionados pelos imigrantes

Fonte: Museu do Imigrante de Vale Vêneto, 2013.

Instrumento que não podia faltar nas residências, como auxiliar no trabalho. Os cestos eram acessórios muito utilizados para transportar e armazenar produtos extraídos da terra e ou uso em geral. Cada cesto tinha a sua finalidade, colocar pão, bolachas, carregar roupa para lavar, produtos da horta, etc... Dependendo da utilidade para o qual era destinado o seu uso, retiravam a casca da vara do vime, para ficar mais bonito o trabalho.



Figura 122 – Trabalho em vime. Desfile em Vale Vêneto. 2006.

Fonte: Acervo da Autora, 2006.

Além de ser útil para as finalidades já citadas, para muitas pessoas, serviam de berço, colocavam as crianças no cesto e levavam na roça. O vime de que eram fabricados os cestos servia também como barbante para amarração em geral.

Desde o início da colonização até os dias atuais, o colono utiliza vários instrumentos para facilitar o trabalho na lavoura. Confeccionados com vime, cipó ou taquara, muitos dos cestos ainda hoje são utilizados pelos colonos, como é o caso do cesto de propriedade do Sr. Brondani (Figura 123), para carregar forragem aos animais no inverno e de uso geral.



Figura 123 – Cesto feito em vime de propriedade da família Brondani.

Fonte: Vizzotto, 2013.

Com poucos recursos, em uma região de difícil acesso e sem indústrias, os italianos valeram-se das habilidades artesanais a fim de suprir boa parte de suas necessidades.

4.1.2.18 O *filò* – artesanato e lazer

Além da confecção dos instrumentos rudimentares de grande valia para a plantação e a colheita dos produtos, nos meses de inverno, quando era impossível praticar a agricultura, os imigrantes dedicavam-se a outras atividades.

Na ausência de recursos materiais para prática de atividades recreativas e vivendo muito longe de sua gente, fez com que nas primeiras décadas, o lazer fosse sob forma de encontros familiares.

À noite toda a vizinhança reunia-se na casa de uma das famílias. A oração e a cantoria de músicas religiosas se faziam presentes desde o deslocamento de um vizinho para a casa do outro. Nesses encontros floresceram a música e os jogos, próprios de sua cultura. Os homens jogavam o baralho, a mora, cantavam ou contavam causos, sempre acompanhados com comida e vinho. Eram os famosos serões, chamados pelos italianos de “*filó*”.

Sobre o *filò*, Pozenato, (1979) acrescenta:

“O *filò* já existia na Itália como reunião de vizinhança, mudaria em parte, aqui, a sua função. De encontro de convívio social, ele passaria a ser também um encontro de apoio mútuo, talvez principalmente, como conforto psicológico para o isolamento em que cada família vivia”.

As mulheres conversavam, trocavam receitas, praticavam os bordados, crochê e tricô, preparando - “*la dotta*”- (enxoval), para o seu provável casamento, que acontecia dos futuros envolvimentos amorosos provenientes destes encontros familiares. Além dos trabalhos artesanais, algumas mulheres confeccionavam à mão suas próprias roupas e de toda a família. Muitas costuravam com o auxílio da máquina de costura trazidas da Itália. A família Londero, preserva este instrumento de trabalho dos antepassados que trouxeram na bagagem em 1878 (Figura 124).



Figura 124 – Máquina de costurar roupas de propriedade da família Londero.

Fonte: Vizzotto, 2013.

O imigrante fez do trabalho seu maior aliado na conquista de espaço e na construção de instrumentos e fazeres. Como atividade alternativa para os momentos de lazer e entretenimento e superação de suas necessidades desenvolveram técnicas de artesanato, confeccionados à noite à luz de lampião.

4.1.2.19 Lampião

Antigamente, não havia luz elétrica, os encontros de família, se davam à partir da primitiva iluminação. Primeiramente através de um caramujo, onde era introduzido um pedaço de pano e embebido na gordura, chamado no linguajar italiano de “scioso”.

Mais tarde surgiram as lamparinas confeccionadas a partir da lata. No interior era colocada uma tira de tecido embebida no querosene, transformando em energia para iluminar as casas.



Figura 125 – Tipos de iluminação primitiva do início da colonização

Fonte: Acervo do Museu – Vale Vêneto, 2013.

Depois das lamparinas, surgiram os “lumin e os lampiões”, de vários tipos e tamanhos, constituídos de uma armação de metal com uma proteção transparente (geralmente de vidro), para proteger a fonte de luz, que era abastecida pelo querosene, costumavam ter alças para que pudessem ser carregados em atividades noturnas.



Figura 126 – Lumin e Lampiões, acessórios para iluminar as residências

Fonte: Acervo do Museu - Vale Vêneto, 2013.

As mulheres italianas passaram de geração para geração, o costume de fazer os trabalhos artesanais. As famílias praticamente confeccionavam todos os seus objetos do cotidiano de que necessitavam. Além de ajudar na roça, formação de hortas e a lida de animais, nas horas de folga, dias feriados e noites de filó, dedicavam-se aos trabalhos a partir das folhas de milho e de trigo.

4.1.2.20 Artesanato em palha

A partir do trigo eram escolhidas as melhores palhas e trabalhada pelas mulheres para fazer longos metros de “dressa” (espécie de trança), (Figura127) utilizada como base para montar os chapéus para o dia a dia em casa e no trabalho. Com a mesma trança se fazia sacolas chamadas no linguajar italiano de “sportas”, relata a Sra. A. B (87anos), que era utilizada para levar a “colaccione” (merenda) e o chá da tarde aos trabalhadores na roça. As mais requintadas eram destinadas para levar objetos à uma festa ou à Igreja. Também usadas pelas meninas como bolsas para levar material escolar.



Figura 127 – Artesanato com palha de trigo.

Fonte: Acervo da Autora, 2013.

Outra fonte de matéria-prima para indústria artesanal e muito utilizada era a palha da espiga de milho. Depois de escolhida faziam cordões para confeccionar os acentos das cadeiras e ou compunha os “paion” (espécie de colchão) (Figura 128). De tecido riscado, e bem resistente, os colchões foram utilizados bem antes do aparecimento da espuma. Pela manhã ao levantar e a noite antes de dormir, as

palhas dos colchões eram remexidas para que ficassem macios. De suporte para o colchão utilizavam tábuas rachadas ou madeira bruta.



Figura 128 – “Paion” - colchão com enchimento de palha da espiga de milho

Fonte: Desfile Típico - Vale Vêneto, 2012. (Acervo da Autora).

4.1.2.21 Ferro de passar aquecido com brasa

As famílias trabalhavam para a produção de alimentos para o consumo, quanto de bens artesanais necessários ao trabalho nas lidas diárias da colônia. Muitos dos imigrantes, por serem portadores de habilidades artesanais, efetuavam tarefas de pedreiro, marceneiro, carpinteiro, ferreiros, confeccionavam os instrumentos para atender suas demandas no trabalho.

O ferro aquecido com brasa, este instrumento de trabalho, começou a ser utilizado pelos imigrantes de forma rudimentar como alternativa à energia elétrica. Tendo um orifício aberto para respiro que ao introduzir as brasas, mantinham elas acesas e faziam-se movimentos de vai e vem para não se apagarem assim aquecia o utensílio e passavam as roupas, principalmente a feminina para os dias de festas.



Figura 129 – Ferro a brasa utilizada para passar roupas.

Fonte: Acervo da Autora, 2013.

4.1.2.22. Artesanato com bucha de esfregão

A relevância do trabalho feminino, nos afazeres domésticos, na agricultura, é relembrada em outros ofícios como o artesanato, quando moradoras da linha São Valentin em Vale Vêneto, pela ocasião do desfile típico italiano no ano de 2006 em Vale Vêneto, fazem questão de preservar a cultura italiana deixada pelos seus antepassados, mostrando o trabalho artesanal (Figura 130). Plantado como ramagens no entorno das hortas, a “bucha de esfregão” era usado na limpeza doméstica e para a higiene pessoal. No artesanato e de criatividade própria, Sra Ana Venturini com muita habilidade, confecciona várias peças personalizadas exclusivas e ensina sua arte para outras pessoas.



Figura 130 – Artesanato com esfregão. Ao lado o plantio do esfregão.

Fonte: Acervo da Autora, 2006.

Com o passar do tempo e o desenvolvimento do comércio, aos poucos essas atividades foram desaparecendo, à medida que a economia dos colonos se inseria na economia de mercado, esses produtos artesanais foram sendo substituídos pelos industrializados. Os produtos artesanais que ainda persistem em algumas das famílias italianas nos dias atuais, são os confeccionados com o esfregão, palha de milho, bordados e crochê.



Figura 131 – Artesanato em crochê. Desfile típico italiano. Vale Vêneto 2008

Fonte: Acervo da Autora, 2008.

4.1.2.23 Malas

As famílias viviam quase que isoladas uma das outras. Para fazer viagens, visitar parentes usavam malas grandes costuradas nas laterais, feitas em couro cru, quadradas ou retangulares (Figura 132). Quando alguém saía para longe de casa sempre levava consigo a mala, com comida, roupas e o que precisassem, porque nunca sabiam quando iriam voltar.

Para os entrevistados a mala foi um artefato auxiliar e indispensável para o colono. A mala de garupa era muito usada para ir ao moinho, levar a merenda na lavoura. Muitos carregavam nas costas, principalmente quando iam ao moinho, a pé.

Os colonos costumavam levar produtos da lavoura para vender na cidade, quando voltavam para casa colocavam dentro da mala, as mercadorias compradas. Com o avanço da tecnologia as malas foram substituídas por artefatos industrializados.



Figura 132 – Malas para transporte de objetos e uso geral.

Fonte: Acervo da Autora, 2013.

4.1.2.24 Zócolis (Tamancos)

A soma dos conhecimentos trazidos na bagagem com os materiais aqui disponíveis os colonos foram adaptando-os as suas necessidades, fabricaram também o seu próprio calçado, chamado de “zócoli”, (Figura 133). Feito todo em madeira servia como proteção das pedras no trabalho da roça, os mais sofisticados eram usados para ir a missa aos domingos e dias de festas. De manhã, antes de ir ao trabalho, introduzia-se um pouco de cinza quente para deslizar e aquecer os pés no inverno, em épocas de calor trabalhavam de pé descalços.



Figura 133 – Sapato feito em madeira, chamado pelos italianos de zócolis

Fonte: Acervo do Museu - Vale Vêneto.

O artefato, identificado como sendo um instrumento necessário para o trabalho, pertencia a uma das famílias no início da colonização, hoje faz parte do acervo do Museu de Vale Vêneto.

Aos poucos os colonos iam se adaptando as necessidades, passaram a fabricar os tamancos com sola de madeira e couro, depois surgiram os chinelos confeccionados em couro que vieram para substituir os calçados de madeira.



Figura 134 – Tamancos com sola de madeira e chinelos de couro

Fonte: Acervo da Autora, 2013.

4.1.2.25 As Casas

Superando as dificuldades encontradas os imigrantes procuravam também melhorar as suas demandas, depois do abrigo de pau a pique providenciaram residências funcionais, bastante trabalhadas, com estruturas primárias o mínimo de materiais necessários e disponíveis constituindo assim o seu espaço.

As áreas destinadas à formação das residências consistiam em cenário rústico, desprovido de qualquer infra-estrutura para sua instalação. Segundo os entrevistados a arquitetura da época era baseada na construção em pedra, madeira e barro, devido ser matérias primas abundantes do próprio meio onde viviam independentes de qualquer técnica industrial.

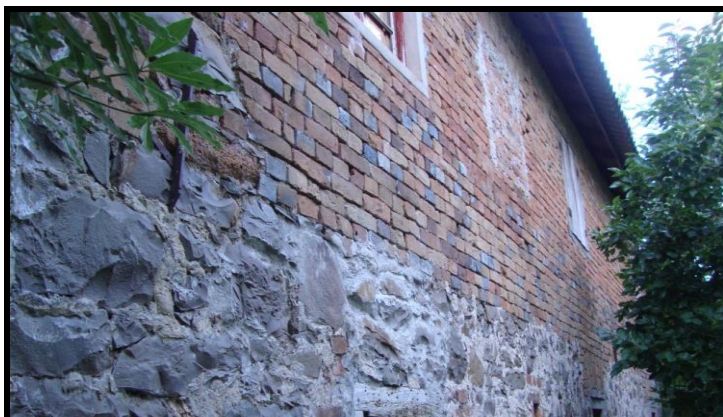


Figura 135 – Arquitetura Colonial de 1882– Família Londero - Vale Vêneto

Fonte: Vizzotto, 2013.

As pedras eram irregulares, naturais e lascadas. Os tijolos fabricados manualmente, a partir do barro amassado com os pés, colocados em formas de madeira, e por fim, para serem queimados em fornos improvisados ou secos ao sol. A produção manual possibilitava a confecção de várias peças e de vários tamanhos. No início o tijolo era industrializado para uso como acabamento nas casas de pedras, depois passou a ser utilizado para toda a construção (Figura 136).



Figura 136 – Forma e tijolos elaborados a partir do barro amassado com os pés.

Fonte: Acervo do Museu - Vale Vêneto, 2013.

O assentamento dos tijolos era feito por intermédio de uma calda de barro, servindo também de revestimento para as paredes tanto internas como externas. Na forma e na utilização o barro assemelha-se ao tijolo como material, porém não recebia cozimento.



Figura 137 – Primitiva casa da família Dotto com parede revestida de barro

Fonte: Acervo da Autora, 2013.

A simplicidade da moradia habitual do italiano atendia inicialmente às funções de comer, dormir e estar, portanto, era dividida por pisos bem distintos com finalidades específicas sendo o subterrâneo destinado para o porão; o térreo abrigava os quartos, sala e cozinha, o sótão seria o piso superior e abaixo do teto da casa.

O local preferido para a construção das casas eram as encostas suaves, para facilitar a localização do subterrâneo, popularmente chamado de “porão”, geralmente aproveitando o declive do relevo.

Construído de paredes com pedras e piso de chão batido era um local com temperaturas naturalmente mais baixas, que servia de adega onde era conservado o vinho, cachaça, graspa, vinagre, sucos e outros. Ainda no porão eram conservados alimentos como o salame, queijo, ovos, carnes, melado, mel, etc., pois não possuíam outras maneiras de conservar as comidas.

O porão devia ter ventilação permanente e ao mesmo tempo impedir a entrada de animais, desta maneira, faziam-se janelas com grades favorecendo a ventilação e conservação dos produtos.



Figura 138 – Arquitetura do séc XIX. Janela para ventilação do porão.

Fonte: VIZZOTTO, 2013.

A maioria das casas era feita com sobrados altos, telhados inclinados, com elementos construtivos que atendiam suas necessidades funcionais, composta por várias portas, variando o tamanho dependendo da sua função, eram simples sendo que a principal de entrada da casa quase sempre de duas folhas, conforme relatam os proprietários da residência em São Valentin datada do ano de 1882 (Figura 139).



Figura 139 – Porta principal em madeira da residência Londero em Vale Vêneto.

Fonte: Vizzotto, 2013.

As características construtivas dadas às portas pelos imigrantes eram também adotadas às janelas em conformidade com os ambientes aos quais eram relacionadas. As janelas (Figura 140) em pares, de madeira, fabricadas assemelhada às portas, para que quando abertas o vão ficasse maior favorecendo a ventilação. Na maioria das vezes as janelas faziam composição com as portas.



Figura 140 – Janela em madeira de 1882. Vale Vêneto

Fonte: VIZZOTTO, 2013.

Ainda em relação a arquitetura colonial, o imigrante buscava da sua criatividade opções para solução de problemas de acordo com as disponibilidades do meio. Na ausência de processos mecanizados, as construções nasciam da elaboração artesanal, como é o caso da escada externa que foi construída em 1882 para dar acesso aos quartos e ao sótão que ficam localizados na parte superior desta residência (Figura 141).



Figura 141 – Acesso a parte superior da residência de 1882. Vale Vêneto

Fonte: Vizzotto, 2013.

Outra particularidade funcional da habitação familiar utilizada pelos colonos foi a divisão entre "casa de dormir" e "casa de comer", a primeira como residência, a segunda como local separado para comer servindo de local para as refeições, rezar e encontros familiares.

A cozinha, designada o espaço de comer, geralmente uma casa menor e separada do ambiente de dormir ou ligada a ela por um corredor coberto, permanecendo o principal espaço de socialização familiar. A separação devia-se ao medo de incêndio pelo seu principal equipamento o fogolaro²¹, onde se acendia o fogo, composto por uma plataforma mais elevada do chão de tijolo ou pedra sobre ele pendurava a corrente terminada em gancho que segurava a panela preta para o preparo dos alimentos.

Fazia parte deste ambiente familiar uma mesa com bancos um de cada lado, várias cadeiras com assento de palha de milho trançada, utilizada para as refeições, rezas e encontro familiares. Próximos ao "fogolaro" ficava a caixas da lenha e caixotes para depósito de mantimentos, de tal forma que seu tampo servia de assento, alguns com encosto. Possuía o lavatório de louça, numa dependência especial e também associada a cozinha podia estar a dispensa numa peça independente.

Segundo Posenato (1983, p. 249), "por medo de incêndios", com o fogo sempre aceso, em meio a material combustível, a cozinha era sujeita a destruição, pois os primeiros imigrantes não conheciam o fogão, utilizavam o fogolaro. "Se alguma janela se abrisse, o vento podia reacender o fogo e causar incêndio durante a noite." Por isso, a casa, onde se guardavam documentos, dinheiro e bens, tinha que ficar preservada. Era costume, traçar uma cruz sobre as cinzas para pedir proteção contra o possível incêndio.

²¹ Dispositivo utilizado para cozinhar a polenta



Figura 142 – Cozinha separada da casa – Vale Vêneto, 1879.

Fonte: Acervo da Autora. 2013.

No térreo, além da cozinha separada, era destinado para a sala e quartos. A sala era uma peça bem ampla com capacidade de acolher várias famílias vizinhas ao mesmo tempo, para as rezas noturnas, quando da visita do Santo (a), que circulavam nas famílias. Em certas ocasiões o espaço era destinado para velórios de algum membro da família e ou para receber visitas importantes.

Além das funções sociais já citadas se constituía no local onde as filhas da família namoravam. Dois ou três casais de namorados usavam a sala ao mesmo tempo, aos sábados à noite e aos domingos de tarde até certa hora da noite.

Próximo a sala eram distribuídos os quartos, geralmente de quatro a seis devido ao elevado número de filhos. Era costume de muitas vezes os filhos casados, com suas famílias, viverem juntos com os pais, precisando às vezes de ocupar o pavimento superior. Fazia parte destes cômodos o conjunto de mobiliários composto por grandes camas e baús de madeira, roupeiro, fabricados pelo próprio colono. As roupas para o trabalho eram penduradas em cabides de madeira fixo nas paredes. Também fazia parte do dormitório uma mesinha de cabeceira ou cômoda com gavetas, para colocar o santo da devoção, água benta, objetos de uso pessoal. Às vezes eram usadas para colocar fotografias agrupadas, sem preocupação de ordenamento estético, dos filhos, parentes, dos antepassados ou os atuais proprietários.



Figura 143 – Imagens do quarto que pertenceu ao imigrante José Londero (1878).

Fonte: VIZZOTTO, 2013.

Uma característica das casas era o telhado alto, que favorecia a existência de um sótão, no qual se podiam guardar produtos sem risco de umidade e com janelas para garantir a ventilação. Conhecido popularmente por “granaro”, (depósito de grãos), piso superior e abaixo do telhado, local mais quente da casa destinado armazenagem de grãos e alimentos que deveriam ser conservados secos. Também funcionava como isolante térmico para o inverno ou de dormitório com peças fechadas, para hóspedes em ocasiões especiais.

Faziam parte das moradias dos imigrantes as instalações domésticas como o poço para o abastecimento da água, o tanque para lavar as roupas, o forno para assar os alimentos e o rebolo.

4.1.2.26 Poço d’água

Na ausência de fontes e localizado próximo as residências o poço era destinado para o fornecimento e abastecimento da água no consumo em geral. Na área de pesquisa, a maioria das famílias possuía o seu poço. O processo para descobrir vertentes era através de pessoas com sensibilidade específica, capazes de localizar os veios de água no subsolo. O morador Sr. L. P. (88 anos), bisneto de imigrante explicou a utilização da técnica para a localização dos veios de água.

Com uma vara verde, meio fina, em forma de forquilha, é segurada pelas duas mãos voltada para cima. A pessoa sente onde está a vertente, percebe quando a forquilha se movimenta para cima, para frente ou para dentro, ali mais ou menos é o local onde se encontra a água e também a profundidade, são poucos os que tem essa habilidade, diz o morador.

No local da vertente construía-se o poço de pedra ou tijolo aproximadamente um metro acima do solo, arrematado por um tampo de madeira com uma abertura central. Acima do poço havia dois pilares que sustentavam uma manivela feitos de madeira, que ao ser girada, puxava a água. Para se ter a água era necessário um balde amarrado por uma corrente que ao ser jogado no fundo enchia de água e com a manivela girava enrolando fazendo o balde chegar para fora do poço e assim repetia-se várias vezes, sempre que necessitava de água, diz a moradora Sra. M. F. (102 anos). Nas residências não tinha água encanada era somente através do poço d'água. Nas famílias que não tinham o poço buscavam a água na fonte de "sêccia" (balde de madeira para conservar a água potável), ressalta a moradora.

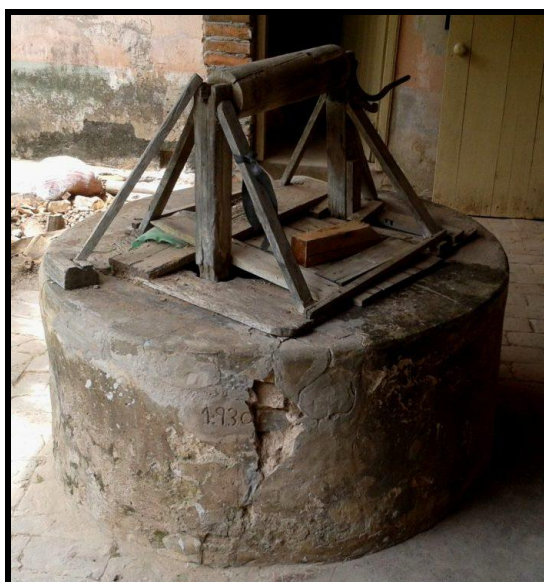


Figura 144 – Poço d'água de 1930 - Propriedade do Sr. Pilásio Dotto.

Fonte: Acervo da Autora, 2013.

4.1.2.27 O Tanque

Nos primeiros anos a lavagem da roupa, era feita nos rios. O tanque de lavar acomodava-se à situação de cada local de preferência próximo a casa. Geralmente feitos de pedras, também podiam ser de tijolos com telhado ou não. O tanque era abastecido com a água corrente de fontes que chegava através de uma calha de taquara ou de madeira que jorrava dia e noite. Em algumas moradias ainda preservam o costume de deixar a água correr, como acontece na casa de propriedade da família Brondani (Figura 145).

Como não havia água encanada nas moradias, inexistiam os banheiros. Sra. A. B (87 anos), conta que para fazer a higiene pessoal, usavam gamelas feitas de madeira e os sanitários eram construídos sobre um buraco cavado no solo sem encanações, ou às vezes feitos sobre riachos.



Figura 145 – Tanque para lavar roupas pertence a família Brondani .Vale Vêneto.

Fonte: Acervo da Autora, 2013.

4.1.2.28 Forno de assar o Pão

Os colonos construíram um artefato de trabalho que fazia parte das instalações domésticas, construído de barro amassado e tijolos, com um formato arredondado, localizado próximo da casa, chamado de forno.

Usado para assar os alimentos, onde era introduzido no interior lenha para queimar, depois de queimada a lenha, bem aquecido, retiravam-se as brasas e as cinzas. Colocava-se o pão nas palhas de milho, para assar, pois não haviam formas e com o calor das paredes aquecidas os alimentos eram assados.

Todas as famílias costumavam fazer o seu pão em casa, por isto, em cada moradia italiana existia o forno, que além de cozinhar o pão, servia para torrar amendoim, assar batatas-doce, galinhas, porco nas festas de casamento e religiosas.

Conforme o relato da Sra. A. B., o forno era construído sobre uma base de pedra, embaixo colocavam a reserva da lenha para ser queimada e também faziam os ninhos para as galinhas chocar os ovos e reproduzir a criação.

O sábado era o dia da semana de muita tarefa doméstica, lavar a roupa, limpar a casa e fazer o pão. Como as famílias eram numerosas, precisava uma quantidade suficiente de pão para toda a semana. Depois de assado os pães eram, guardados em cestos e pendurados na cantina²².

Em Vale Vêneto, algumas famílias da localidade ainda preservam o forno, e eventualmente usam para fazer pães e ou assados.



Figura 146 – Forno feito de tijolo e barro.

Fonte: Acervo da Autora, 2013.

4.1.2.29 O Rebolo

As más condições das estradas tornavam difíceis nos primeiros tempos a circulação de bens e materiais de trabalho, mesmo entre propriedades vizinhas. Devido à distância entre as famílias, procuravam criar seus próprios instrumentos de trabalho. Da habilidade artesanal o colono construiu o rebolo (Figura 147), instrumento de trabalho muito utilizado para afiar as ferramentas no desmatamento dos lotes e no uso em geral. Fabricado de pedra e madeira, os imigrantes utilizam materiais originais da própria natureza, para a fabricação do utensílio doméstico.

Era costume ter próximo ao galpão ou junto as moradias o instrumento do trabalho confeccionado pelo próprio colono. Ao ser girado por uma manivela manual servia para afiar as ferramentas agrícolas e utensílios domésticos de corte. Antes de

²² Lugar onde ficavam armazenados os alimentos.

afiá-los, punha-se água para desgastar melhor a ferramenta. O rebolo seria o esmerilho dos dias atuais, relata o Sr. L. P. (88 anos).



Figura 147 – Rebolo, para afiar objetos de corte. Desfile típico. Vale Vêneto, 2008.

Fonte: Acervo da Autora, 2008.

4.1.2.30 Os Galpões

Além da casa, existiam ainda os galpões que seriam a complementação das moradias, destinados para guardar ferramentas, equipamentos de trabalho, carretas, gêneros agrícolas, forragens, lenha, alambique, abrigo para criação de aves e animais, sempre cercados por um potreiro e o estábulo onde era feita a ordenha das vacas.



Figura 148 – Fotos dos galpões na Linha São Valentim – Vale Vêneto

Fonte: Acervo da Autora, 2013.

A habilidade de prover conforto e suprir boa parte de suas necessidades com poucos recursos, aproveitando os materiais nativos encontrados no entorno imediato e independente de recursos industrializados os imigrantes confeccionavam desde instrumentos agrícolas, artefatos com ferro e madeira trabalhada, utensílios domésticos, vestimentas, chapéus, cestos, calçados, etc.

Conforme os relatos dos entrevistados a nossa comunidade está materializada com elementos culturais em diversas formas, representações simbólicas que marcaram a cultura de épocas passadas. Com destaque pelos depoentes o Museu do Imigrante Eduardo Marcuzzo, preserva boa parte da história de fé e do trabalho vivenciados pelos imigrantes.

4.1.3 Museu do Imigrante Eduardo Marcuzzo

Para Santana (2013), “O museu é mais que um lugar, é um espaço histórico e cultural, caracterizado pela presença de objetos constituídos pelas raízes do passado.

Entende-se pela museologia moderna, que os museus são instituições de memória responsáveis pela preservação de objetos culturais, onde promovem pesquisas interdisciplinares sobre os significados simbólicos atribuídos aos objetos de memória de seu acervo.

Os museus só passam a existir quando o Homem conquista a consciência de seu Patrimônio natural – concretizado nos objetos materiais – e culturais – baseados em aquisições imateriais, como, por exemplo, o folclore, a mitologia, entre outros -, que constitui o chamado Patrimônio Integral. Assim que este processo tem início, começa a se definir a identidade do indivíduo, em todos os tempos e lugares. É a partir daí que a Humanidade passa a construir estes espaços, visando preservar seu legado histórico-cultural (SANTANA, 2013).

Conforme o Jornal O Interior (1982), o Sr. Eduardo Marcuzzo, quando criança se apaixonou pelas histórias de imigrantes italianos que o pai contava. Um dia resolveu juntar pedras indígenas pelas lavouras. Queria fundar um museu de pedras, mas, quando achou alguns objetos antigos, suas idéias mudaram, resolveu coletar a história dos imigrantes, contando a origem de cada peça que encontrava.

A idéia da criação do Museu do Imigrante surgiu com a arrecadação de objetos antigos para as comemorações do Centenário da Imigração Italiana no

Estado. Como as doações foram muitas, alguns moradores da comunidade, encabeçados pelo fundador Eduardo Albino Marcuzzo, (Figura 149) desenvolveram a idéia da formação do museu.



Figura 149 - Fundador do Museu de Vale Vêneto

Fonte: Acervo da Autora, 2013.

Com o surgimento do museu veio a preocupação em trazer ao presente a história e lembrar dos nossos antepassados, nesse propósito é que surgiu o Museu do Imigrante Italiano, que é considerado um dos principais acervos histórico e cultural italiano do Rio Grande do Sul.



Figura 150 – Objetos dos fazeres pelos imigrantes.

Fonte: Acervo do Museu - Vale Vêneto, 2011.

Segundo a Campanha de valorização dos Museus, “são espaços que preservam a memória coletiva de uma sociedade, no qual se pode reconstituir o cotidiano através de objetos deixados como testemunhos de seus saberes e fazeres”.



Figura 151 – Objetos dos fazeres e saberes dos imigrantes italianos

Fonte: Acervo do Museu - Vale Vêneto, 2011.

O Museu leva o nome do Padre João Iop (Figura 152) em sua homenagem por ser o primeiro imigrante nascido em 15 de maio de 1878 no Barracão de Val de Búia, filho de Pedro Iop e Luigia Giroto. Ele foi o primeiro padre palotino e superior da Congregação do Brasil. Foi vigário de Vale Vêneto entre os anos de 1913 à 1936.



Figura 152 – Pe. João Iop. 1º Padre Palotino do Brasil e Patrono do Museu.

Fonte: Acervo da Autora, 2013.

No dia da inauguração foi descerrada a placa com os seguintes dizeres: Museu do Imigrante Italiano Pe. João Iop. Este museu foi fundado no dia 26 de julho de 1975. Ano do Centenário da Imigração Italiana no Estado. Foi solenemente inaugurado no dia 29 de outubro de 1978, ano do Centenário de Vale Vêneto. DIRETORIA. Eduardo Albino Marcuzzo, Fundador e Diretor. Alverino Pivetta, Vice-Diretor. Laura Stefanel Pivetta, Secretária. Pe. Clementino Marcuzzo, Tesoureiro. Vale Vêneto, 29 de outubro de 1978.



Figura 153 – Placa de Inauguração do Museu

Fonte: Vizzotto, 2013.

O Museu é composto por um expressivo número de fotografias, objetos de lavoura, passaportes, recortes de jornais, documentos, diplomas, livros (diversos assuntos), moedas em papel e metal, móveis da época, roupas, utensílios domésticos que foram adquiridos através de doações das famílias da comunidade.

Uma parte do acervo é formado por símbolos religiosos como missais, evangeliário²³, bíblias, livros, terços, medalhas, quadros, estátuas, imagens de santos e demais objetos sacros utilizados nas celebrações eucarísticas (Figura 154). No local encontra-se a mesa usada na celebração da primeira missa em Vale Vêneto. Sobre à mesa é possível visualizar alguns objetos como: o ostensório²⁴,

²³ Livro que contém o texto do evangelho para as celebrações dominicais e para as grandes solenidades.

²⁴ Objeto que serve para expor a hóstia consagrada à adoração aos fiéis e para dar a bênção eucarística, doado pela condessa.

turíbulo²⁵, candelabro²⁶ vários castiçais²⁷, Âmbula²⁸, Caldeirinha²⁹, que foram doados pela Condessa Geórgia Anna Maria Augusta a Paróquia Corpus Christi de Vale Vêneto, em meados de 1890. Os objetos possibilitavam a execução dos serviços religiosos pelos padres que na época encenavam os seus ritos, faziam suas pregações, distribuição dos sacramentos e a santificação da vida social aos colonos.



Figura 154 – Mesa, objetos e imagens sacras do Museu de Vale Vêneto

Fonte: Acervo do Museu – Vale Vêneto, 2011.

Uma das salas de exposições do museu é reservada para os paramentos coloridos (Figura 155), como: Alvas³⁰, Amito³¹, Casulas³², Estolas³³, Véu umeral³⁴, Capa pluvial³⁵ e demais vestimentas usadas pelos padres nas celebrações eucarísticas e outros acontecimentos religiosos. Conforme o tempo litúrgico ou a solenidade religiosa celebrada, a cor dos paramentos usados pelo padre variava. A combinação deveria estar com a toalha do altar e nas cortinas onde houvesse.

²⁵ Vaso utilizado para as incensações durante a celebração

²⁶ Castiçal com ramificações, a cada uma das quais corresponde um foco de luz

²⁷ Utensílio que serve de suporte para uma vela.

²⁸ Recipiente para a conservação e distribuição das hóstias aos fiéis, Aspersório

²⁹ Vasilha onde se coloca água benta para aspersão das pessoas e de objetos.

³⁰ Túnica longa, de cor branca, amarrada na cintura por um cordão grosso chamado **cíngulo**

³¹ Peça que o sacerdote põe sobre os ombros ao se vestir com os paramentos para a celebração eucarística. É posto antes da alva.

³² Manto que se veste sobre a alva e a estola.

³³ Veste litúrgica do sacerdote. A estola fica encoberta quase totalmente pela casula.

³⁴ Manto ricamente ornado, usado pelo sacerdote na benção do santíssimo.

³⁵ Usado para conduzir o Santíssimo nas procissões.

O Branco, simboliza a paz, a vitória, a ressurreição utilizado no tempo Pascal e no Natal. No Domingo de Ramos, Sexta-Feira Santa, era utilizado o vermelho simbolizando o amor, o sangue, o martírio, o fogo. Quando não havia festa de um santo ou do Senhor e durante o Tempo Litúrgico comum, nesse caso utilizava a cor verde que simboliza a esperança. Nos tempos penitenciais de Quaresma e Advento a cor adequada é roxo, simbolizando a penitência. O preto geralmente utilizado nas missas rezadas pelos mortos, simbolizando o luto. A cor rosa significa a alegria, utilizada no terceiro domingo do Advento e no quarto domingo da quaresma,



Figura 155 – Paramentos usados nas solenidades religiosas

Fonte: Acervo do Museu – Vale Vêneto, 2011.

Demonstrando a fé e a espiritualidade vivida pelos antepassados, há também exposto no Museu um dormitório de casal. No quarto contem símbolos da religiosidade como o terço, crucifixo, água benta utilizados pelos imigrantes para sentirem-se protegidos contra os males ao deitar-se e/ou levantar-se.

Segundo Marcuzzo (1996), nossos imigrantes primavam pela cultura do canto e da música. Fundada no dia 22 de abril de 1922 a Banda Vicente Pallotti, com 17 componentes e também o coral que abrilhantavam e solenizavam as missas em latim com várias vozes. Sempre participavam das festas dominicais locais e de toda a região, quando solicitados. (MARCUIZZO, 1996, p. 8).

A primeira vez que a banda se apresentou foi por ocasião da inauguração da primeira ala do Seminário Regina Apostolorum de Vale Vêneto. Abrilhantou as festas religiosas durante 36 anos. Faziam parte da Banda os componentes: Ângelo Marin, Afonso Bortoluzzi, Ângelo Daniel, Rafael Dotto, Luiz Dotto, José Dotto, Luiz

Marcuzzo, Antonio Pivetta, Jacó Dotto, Carlos Miguel Dotto, João Bortoluzzi, José Marin, Vicente Iop, João Dotto, Pedro Dotto, João Rorato e Padre Jorge Zanchi, o instrutor.

Na fala dos moradores, para suprir as despesas, os tocadores numa determinada época plantaram uma lavoura de batatas na terra de Luis Marcuzzo e arrecadaram 160 mil réis, dinheiro suficiente para manter a banda. Não havia remuneração para os tocadores, tudo era feito por doação e dedicação.

Além da banda havia o coral, composto pelos cantores: Ângelo Marin (Maestro), Angelo Bortoluzzi, Lorenço Iop, Atilio Iop, Francisco Nogara, José Nogara, João Righi, José Bortoluzzi, Afonso Bortoluzzi, Miguel Marin e Emilio Marin.

Hoje tanto os instrumentos da Banda como os livros de cantos (Figura 156), usados pelos músicos e cantores encontram-se preservados no Museu.



Figura 156 – Acervo musical – Museu de Vale Vêneto

Fonte: Acervo do Museu – Vale Vêneto, 2011.

O acervo foi constituído pela iniciativa do fundador e doações feitas pela comunidade, retrata toda uma história da fundação e desenvolvimento da localidade, transmitindo à sociedade atual a reconstituição de sua origem. A exposição de longa duração reúne peças, objetos, utensílios, instrumentos do trabalho, equipamentos que demonstram momentos da vivência dos imigrantes e seus descendentes.

O acervo foi formado por várias doações de particulares e reunido pelo Museu do Imigrante Eduardo Marcuzzo ao longo do tempo, portanto representativo de uma identidade cultural.

Dentre as preciosidades que compõem o acervo, está um livro de registros com o nome e a origem das famílias dos primeiros imigrantes italianos da 4ª Colônia

Imperial. Esta documentação favorece várias pesquisas genealógicas, acadêmicas ou por simples curiosidade familiar.

O livro é composto por várias folhas manuscritas, numeradas, que contém as seguintes informações: nº de ordem; Sobrenome e nome dos componentes da família; Geração: nome do Pai, nome e sobrenome da mãe; Data de nascimento: dia, mês, ano, lugar do nascimento; Data do Matrimônio: dia, mês, ano e lugar.

O livro encontra-se em situação precária de conservação, necessitando de procedimentos técnicos, evitando maiores intervenções de manuseio no material.

Os objetos são valorizados pelo que se pode aprender com eles, isto significa que, na preservação do patrimônio, é necessário preservar vários registros da vida de uma população para entender seu modo de viver, numa determinada época e lugar. Neste sentido o livro é um bem cultural que os entrevistados atribuíram ser de valor histórico, documental pelo conteúdo existente.

Faz-se necessário possuir certos conhecimentos para distinguir os livros com um valor maior do que os livros que estão disponíveis no mercado.

Um livro não é valioso porque é antigo e, provavelmente, raro. Existem milhões de livros antigos que nada valem porque não interessam a ninguém. Toda biblioteca pública está cheia de livros antigos, que, se fossem postos à venda, não valeriam mais que o seu peso como papel velho. O valor de um livro nada tem a ver com a sua idade. A procura é que torna um livro valioso. O que o torna procurado é ser desejado por muita gente, e o que o faz desejado é um conjunto de fatores, de particularidades inerentes a cada obra (MORAES, 1998, p. 64).

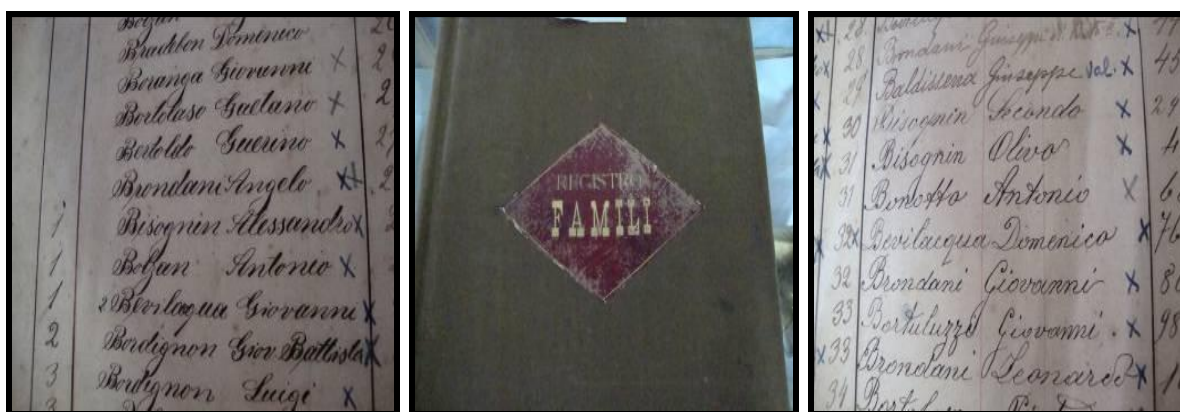


Figura 157 – Livro de Registro com o nome das famílias colonizadoras

Fonte: Museu do Imigrante Eduardo Marcuzzo, 2013.

Conforme a Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, os museus são instituições públicas ou privadas que tem por objetivo garantir a proteção dos bens

culturais que constituem seus acervos e com finalidade de informar e ensinar os usuários.

Consideram-se estas instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento³⁶.

O Museu do Imigrante é uma instituição sem fins lucrativos aberta ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. “Apresenta características de utilizar o patrimônio cultural como recurso educacional, turístico, além da tradicional função de guarda de objetos antigos.” (CHAGAS, 1996, 14-25).

Recebe em torno de dez mil visitas por ano, na maioria estudantes das escolas públicas e privadas, turistas e pesquisadores. As visitas são agendadas e em maior número entre os meses de julho à dezembro. Desde sua fundação, o Museu do Imigrante tem recebido muitos visitantes, dentre eles a do Cardeal Patriarca de Veneza, D. Albino Luciani em 1975. O cardeal mais tarde seria escolhido como o Papa João Paulo I.

Hoje este acervo preserva a memória da comunidade local. É o lugar que todos recorrem quando querem conhecer aspectos da vida dos imigrantes e seus descendentes. Em geral, o acervo precisa de reparação e manutenção, destacando-se as fotografias, os livros, os jornais e as peças que compõem o museu. O acervo é mantido pela Associação Cultural do Imigrante italiano.

4.1.4 Monumento em homenagem ao Nono e Nona

Cada símbolo, elemento identificado compreende o passado. Essas representações fazem parte de um conjunto de bens culturais formados ao longo da história, nos proporcionam o conhecimento de nossa identidade e o reconhecimento do lugar onde moramos.

Os monumentos, em geral, têm uma justificativa da sua existência, deixam marcas, e recordam fatos importantes da história. Ao construir um monumento é

³⁶ Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009.

para comemorar um acontecimento ou homenagear uma figura importante, relata a entrevistada Sra (Z. I. - 70 anos).

Para Maurice Halbwachs (1996) ao ser reconhecido como narrativa legítima do passado de um grupo social a memória coletiva atua como elemento constituinte de uma identidade social. Nesse momento, para além da lembrança de um passado que já se foi, a memória social aponta para as potencialidades de um futuro que se deseja construir.

Cada grupo tem sua história. Neles distinguimos personagens e acontecimentos – mas o que chama a atenção é que, na memória, as semelhanças passam para o primeiro plano. No momento em que examina seu passado, o grupo nota que continua o mesmo e toma consciência de sua identidade através do tempo. (HALBWACHS, 2006, p. 108)

A história não é algo antigo e ultrapassado, ela não tem idade nem geração, ela nos serve como referência para o futuro. Os monumentos nos remetem a algum fato do passado. Nesse sentido os informantes identificaram o monumento do Nono e a Nona como sendo os personagens de um forte conteúdo simbólico de religiosidade e de trabalho, referências culturais que nos foram passados.

Além da dedicação ao trabalho e a religiosidade, valorizavam muito a família, geralmente numerosas. Os avôs eram os patriarcas, autoridades absolutas sobre as gerações subsequentes. Contadores de história, figura marcante em todas as nossas famílias, mantendo sempre os valores religiosos, morais, historicidade levada de geração em geração o nono e a nona são importantes no contexto do desenvolvimento histórico da nossa comunidade. Suas histórias se perpetuam através dos exemplos e da tradição oral de passar para os mais jovens, com muito orgulho, suas conquistas e das lutas pela sobrevivência no passado.

Para a Sra. L. P (83 anos) hoje na memória ficam as lembranças, dos momentos vividos, dos ensinamentos, aprendizados, que nos foram passados pelos nossos avôs. Guardamos valores fundamentais como os religiosos, morais, carregados de sentimentos, afeto, carinho e que nunca “apagamos” de nossa memória. Passaram-nos exemplo do convívio e o comportamento humano baseados na solidariedade.

O homem é um ser cultural, capaz de transformar a natureza conforme suas necessidades por esse e outros dos motivos que aos poucos alguns dos valores herdados dos nossos avôs foram sendo substituídos pelas necessidades da

sobrevivência, fazendo com que sofressem mudanças em suas determinações. De certo modo alguns perduram nas famílias italianas até nossos dias como as práticas religiosas, as festas, as visitas, os casamentos, a primeira comunhão, crisma, o batismo, o lazer, a música, entre outros.

Pierre Nora (1993) narra que os monumentos são lugares de memória, constituem-se espaços de sociabilidade e reciprocidade cultural, aglutinadores e definidores da identidade de diferentes grupos sociais, sendo dotados de simbologias e valores atribuídos pelas pessoas que neles habitam, trabalham, ou desenvolvem algum tipo de vínculo afetivo.

Para marcar as comemorações dos 130 anos da vinda dos imigrantes Italianos, foi inaugurado no dia 29 de julho de 2007 em Vale Vêneto, o monumento em homenagem ao nono e a nono (Figura 158). Localizado próximo ao Museu do Imigrante Eduardo Marcuzzo, o monumento representa os pioneiros da Colonização Italiana na Quarta Colônia.



Figura 158 – Nono e a Nona - Símbolo da colonização italiana

Fonte: Vizzotto, 2013.

4.1.5 Monumento do 25º Festival de Inverno e 25ª Semana Cultural Italiana

As representações são possuidoras de valor cultural, formando o patrimônio histórico local. “A cultura italiana é merecedora de amor e de respeito pelas suas origens”, diz em depoimento a Sra. L. P (83 anos) e reconhecendo e valorizando a

todos aqueles que com seu trabalho ajudaram o progresso de nosso estado e região. O oceano e o desconhecido não foram empecilho para que aqui chegassem, com vontade de vencer e progredir, então que, em 1975, era comemorado no estado o centenário da imigração italiana.

Para assinalar esta data, em Vale Vêneto, foram realizados vários eventos com muita música e gastronomia. Na ocasião foi realizada uma gigantesca polenta, medindo nove metros de circunferência, cujo “fondal” (espécie de tabuleiro), encontra-se exposto no Museu, abrindo assim o caminho do resgate as origens”.

Em 1976 dando continuidade aos festejos com o objetivo de resgatar as tradições italianas foram feitos três gigantescos presuntos. No ano seguinte duas cucas foram feitas no formato das iniciais de Vale Vêneto e uma rapadura de mais de um metro. Os eventos tiveram a presença e a benção do bispo de Santa Maria Dom Ivo Lorscheiter.

Era uma festa por ano o que começou a despertar o turismo na Quarta Colônia. Sempre ligado e promovendo o resgate de suas origens, Padre Clementino Marcuzzo, capelão do Hospital de Caridade na época, foi procurado pelas Professoras Alzira Severo e Maria Del Carmo do Centro de Artes e Letras da UFSM. Na oportunidade propuseram-lhe de realizar um festival de inverno, com o objetivo de desenvolver e aperfeiçoar a atividade musical num ambiente de integração com a sociedade. Durante o evento seriam ministradas aulas práticas diurnas para diversos instrumentos, com professores nacionais e internacionais, durante uma semana. Assim nasceu o Festival Internacional de Inverno da UFSM.

Os imigrantes italianos primavam pela cultura do canto, da música e da gastronomia e aproveitando à noite vaga da semana do festival de inverno, Padre Clementino Marcuzzo, propos as Professoras que se ocupasse o espaço da noite para o resgate da cultura italiana com o objetivo de manter vivas as tradições nascendo a Semana Cultural e Italiana de Vale Vêneto. Assim, diante do potencial turístico da região da Quarta Colônia de Imigração Italiana especificamente Vale Vêneto, desde 1985 os dois eventos se uniram em momentos de musicalidade e encontro cultural.

Para comemorar os vinte e cinco anos do surgimento dos dois eventos, o Consórcio de Desenvolvimento Sustentável da Quarta Colônia (CONDESUS) homenageou a toda comunidade universitária e de Vale Vêneto, pela contribuição de forma continuada com o desenvolvimento social, cultural e econômico da região.

No dia 26 de julho de dois mil e dez foi inaugurado o monumento e descerrada a placa contendo o nome dos Prefeitos dos nove Municípios que compõe o CONDESUS, para homenagear esta data histórica.



Figura 159 – Monumento 25 anos. Festival de Inverno. Vale Vêneto. 26/07/2010.

Fonte: Vizzotto, 2013.

A comunidade de Vale Vêneto idealizou a Semana Cultural Italiana, a Universidade Federal de Santa Maria o Festival de Inverno, com a parceria da Prefeitura de São João do Polesine e a colaboração da Universidade da Geórgia dos Estados Unidos, estas entidades que fizeram acontecer em 2013 a 28ª edição.

4.1.6 Monumentos em homenagem ao Padre Clementino

“Preservar não é só guardar uma coisa, um objeto, uma construção, um núcleo histórico de uma cidade, é também manter vivos, mesmo que alterados, os usos e costumes populares” (MAGALHÃES, 1985, p. 22).

Nesse sentido, a comunidade de Vale Vêneto homenageou o Padre Clementino Marcuzzo (Figura 160), como reconhecimento pelo seu entusiasmo e alegria que fez com que essa comunidade despertasse para a valorização dos usos e costumes da cultura italiana.

Através de sua comunicação fez Vale Vêneto e a Quarta Colônia tornarem-se conhecidos internacionalmente. Não mediu esforços para o resgate da cultura italiana e a história dos imigrantes que povoaram esta região. Seus saberes e fazeres marcou história nessa comunidade.



Figura 160 – Padre Clementino, incentivador da cultura italiana.

Fonte: Acervo da Autora, Jacinta. 2008.

Conforme o Jornal (A RAZÃO, 2004, p. 5), “Pe Clementino Marcuzzo foi autor das obras: A história da Gruta Nossa Senhora de Lourdes, Cento Canti Taliani, Um pedaço da Itália no Brasil, Provérbios Italianos e Talian, História do Colégio Nossa Senhora de Lourdes e Val Veronês e sua História. Pertenceu a Sociedade dos Padres Palotinos. Formado em filosofia, Teologia e Comunicação Social – jornalismo. Pesquisador e escritor fundou o jornal - O Radar em Faxinal do Soturno. Fundou a banda “Humberto Primo” e criou o Coral Trivênito.”

Em 1991, entrou para a Academia de Letras Municipais do Brasil, ocupando a cadeira de número 15. Foi fundador da Associação Cultural dos Ex-Alunos de Vale Vêneto e da Associação Cultural dos Imigrantes, com o objetivo de preservar a cultura italiana na região. Em 1985, criou a semana cultural italiana e a festa do Galeto e dos Motoqueiros.

O monumento (Figura 161) não se separa do meio ao qual se situa e da história de que é o testemunho. Reconhecendo de todo o legado deixado pelo Padre Clementino, ex-alunos, amigos, familiares, comunidade de Vale Vêneto, município de São João do Polêsine e da Quarta Colônia, no dia 17 de outubro de 2010, inauguraram a escultura e a placa com os dizeres: “Padre, jornalista, radialista, historiador, incentivador da cultura italiana e do turismo na Quarta Colônia, criador do Museu do Imigrante, da Semana Cultural Italiana e idealizador de diversas entidades e eventos de resgate e preservação da história dos imigrantes na região.”

Por todo o esforço, dedicação, preservação do resgate das origens, os entrevistados foram unânimes e identificaram o monumento do Pe. Clementino como sendo um símbolo do trabalho dedicado a comunidade e região.



Figura 161 – Monumento ao Pe. Clementino Marcuzzo. Vale Vêneto, 2010.

Fonte: Vizzotto, 2013.

4.1.7 Salão Paroquial

Constituída por elementos herdados do passado, por influências adaptadas e por criatividade, a cultura exerce funções importantes na sociedade, reservando características culturais bastante marcantes.

Neste sentido a fim de valorizar as origens de nossa história, foi identificado pelos entrevistados o Salão paroquial, como sendo o espaço destinado para a preservação da cultura italiana, a gastronomia, os preparativos das festas e do trabalho comunitário, herdado dos antepassados. (Figura 162)



Figura 162 – Salão Paroquial 1959. Ordenação Sacerdotal do Pe. Justino

Fonte: Acervo da Autora, 2013.

O salão paroquial, principal espaço social da comunidade, onde sob a condução do padre foi construído, para a organização das festas religiosas e sociais, constituído assim o ambiente da cultura italiana.

Neste local aconteciam praticamente todas as comemorações das festas religiosas, ordenações sacerdotais, casamentos, bodas de ouro confraternizações, entre outros acontecimentos, por várias gerações.

Na narrativa da Sra Z. I. (69 anos) “a contribuição do trabalho solidário na realização das festas principalmente as religiosas, são valores culturais que foram herdados dos imigrantes e que constituem o patrimônio preservado pelas gerações até nossos dias. Com a união, a fé, a generosidade, a religiosidade o trabalho, solidário, valores que herdamos, é que hoje temos orgulho de darmos continuidade aos nossos eventos e a responsabilidade da conservação e melhorias para atender a todos que aqui vierem prestigiar nossas festas”.



Figura 163 – Salão Paroquial de Vale Vêneto

Fonte: Vizzotto, 2013.

Neste espaço social em 2011 foi realizada a festa do centenário da Paróquia comemorada com as capelas de Ribeirão; São José; Santa Lúcia; Santuário; Santa Terezinha e Capela São Sebastião, que fazem parte da Paróquia Corpo de Deus conjuntamente com os paroquianos e a comunidade em geral

Acontece também neste local a Festa do Padroeiro Corpus Christi, o Festival Internacional de Inverno e a Semana Cultural Italiana evento internacionalmente conhecido que vem sendo realizado desde 1985 e demais comemorações realizadas na comunidade.

Para os entrevistados as diversas formas de sociabilidade que constituíam o cotidiano dos imigrantes estavam estruturadas a partir da religiosidade, trabalho e família. A fé foi a motivação necessária ao enfrentamento das adversidades das condições físicas encontradas na região. O trabalho possibilitava o imigrante desenvolver suas habilidades, concretizar os seus sonhos. A família, o núcleo social para manter a união dos grupos numa vivência comunitária.

A seguir serão pautadas algumas considerações relevantes sobre a importância do trabalho, os objetivos alcançados e as possibilidades de novas pesquisas na área.

5 CONCLUSÕES

Contar a América, sonhada, Preservar a América encontrada. Ao dar por encerrado um plano de trabalho de investigação, nada melhor do que a satisfação durante a caminhada de ter elaborado um instrumento para dar resposta à proposta do projeto inicial expresso nos objetivos geral e específicos.

A pesquisa envolveu um conjunto de procedimentos metodológicos que se iniciou pela bibliografia de autores ligados ao tema sobre “A História de Fé e Trabalhos, representada pelos seus Bens Culturais deixados pelos imigrantes italianos em Vale Vêneto.

A iniciativa do título do trabalho deu-se em função de registrar parte da história da imigração italiana. De como foi a América sonhada, a América encontrada e de preservar a América deixada pelos imigrantes na localidade de Vale Vêneto, um Patrimônio Histórico sob o Título: História de Fé e trabalho: Bens Culturais de Vale Vêneto. Muito da nossa história não está nos contos e livros oficiais, mas sim na oralidade e memória do povo.

Por ser um dos primeiros núcleos colonizados na Quarta Colônia da Imigração Italiana, a preservação dos bens culturais que fizeram parte da vida dos imigrantes no início da colonização dentro da comunidade estudada é fator de orgulho para a população, mas muitos não o conhecem.

Na pesquisa buscou-se identificar o legado deixado pelos antepassados italianos através dos símbolos da religiosidade e do trabalho presentes em Vale Vêneto, investigar o contexto histórico através de recursos em fontes bibliográficas, primária, orais e fotografias.

Ficou evidenciado que a comunidade de colonos destinava sua renda e trabalhos para os empreendimentos religiosos, manifestando sua satisfação espiritual de que necessitavam, recebida pelos padres que aqui chegaram.

Percebeu-se que foi através da fé e da devoção que os imigrantes, ergueram capelas, capitéis, oratórios, igreja, grutas, como forma de agradecimento por graças alcançadas.

Vale ressaltar a importância da religiosidade na vida dos imigrantes através de atitudes e costumes devocionais preservados em família, principalmente nos primeiros tempos que, quando esquecidos pelo governo, precisaram manter-se

unidos para sobreviver. Nestas situações, foi de suma importância a fé, a união familiar e do trabalho, a reunião nas capelas, as rezas em grupos, pois nestes momentos de solidariedade nasciam as devoções, as promessas, as romarias, as festas, como também a vida social.

Pelos relatos dos entrevistados a comunidade está materializada com símbolos em diversas formas, representações simbólicas que marcaram a cultura de épocas passadas.

Ainda em relatos dizem que o legado religioso está presente e vivo nas festas religiosas da comunidade, pois através delas é lembrado o passado sendo tradicionalmente acompanhadas da missa festiva, dos cânticos e de muitos fiéis, tradição mantida pelos moradores até nossos dias.

Percebeu-se pelas entrevistas que os mais idosos fazem questão de conservar esses valores culturais e os mais jovens sentem o compromisso de preservar, contribuindo na decoração que antecede a festa do padroeiro ou na hora de disponibilizar ajuda para que as mesmas aconteçam. Esses fatores remetem ao legado religioso deixado pelos antepassados, é preservado e repassado para as futuras gerações.

Nos relatos dos entrevistados, cada símbolo, elemento identificado, representa o nosso passado histórico. Essas representações fazem parte de um conjunto de bens culturais formados ao longo da história, nos proporcionam o conhecimento de nossa identidade e o reconhecimento do lugar onde moramos.

As representações são possuidoras de valor cultural, formando o patrimônio histórico local. Parte desse patrimônio encontra-se preservado e pode ser revisto no acervo do Museu do Imigrante Eduardo Marcuzzo. Muitos dos bens culturais que fazem parte do acervo ainda não foram trabalhados e ou classificados.

Acredita-se que a importância da identificação deste patrimônio deve-se a partir do momento em que é reconhecido como fonte para o conhecimento bem como no entendimento de ser patrimônio histórico de uma realidade cultural local.

É pelo conhecimento do passado que a comunidade refaz dia a dia a sua história. Percebeu-se que a vivência dos entrevistados na comunidade e pelos seus conhecimentos é que estabeleceram os critérios de valorização de seus bens culturais e identificaram o que preservar como valor cultural.

Ao re-significar um bem cultural o que se pretende é fornecer a memória local e a identidade dos indivíduos que convivem com aquele bem no dia a dia, de modo que ele seja reinserido na vivência cultural local.

Entendendo o contexto histórico da formação desta comunidade aqui referenciada, torna-se evidente o quão é importante para os atuais descendentes dos italianos imigrantes, manter e transformar aspectos culturais herdados, como maneira de reconhecer e valorizar este patrimônio de geração em geração.

A preservação do patrimônio tem, entre suas funções, o papel de realizar a continuidade cultural, ser o elo entre o passado e o presente. Também pode ser um fator de desencadear o processo de identificação do cidadão com sua história e cultura. A preocupação de buscar por novos conhecimentos dos bens patrimoniais e da sua preservação na presente pesquisa, faz sentido diante da ameaça de sua perda.

Com isso, buscou-se dar atenção à comunidade valorizando os moradores como instrumentos geradores de novas informações, transmissores de conhecimentos, conhecedores dos saberes e fazeres dos antepassados e de cuidados pertencentes à comunidade de que fazem parte.

Esses conhecimentos, que embora muitas vezes desconhecidos ou desvalorizados, estão presentes na comunidade fazem parte da herança cultural. É preciso resgatá-los, conhecer a riqueza de seus saberes, defender e estimular a preservação do patrimônio.

Percebeu-se que Vale Vêneto, não apenas foi um berço da Imigração Italiana, no Rio Grande do Sul, mas também uma das localidades gaúchas que conserva a tradição e a cultura do povo italiano. Por ser um dos primeiros núcleos de povoamento colonial da Quarta Colônia, considera-se um marco de religiosidade pelo passado.

Pelo testemunho monumental de capitéis, capelas, monumentos, igreja, oratórios, existente em Vale Vêneto, ficou evidenciado pelos entrevistados que a Fé e trabalho foram a maior herança trazida da Itália pelos imigrantes, homens trabalhadores e de religiosidade profunda.

Entre nossos interlocutores, foi possível observar a forte presença da religiosidade no grupo. Ela é manifestada de diferentes maneiras, seja pela fala ou através de demonstrações materiais, como altares com santos e santas, dentro de

casa, ou grutas construídas nos arredores das moradias. Também, na dedicação a atividades e cargos relacionados à manutenção dessa religiosidade na comunidade.

Entre nossos entrevistados, alguns ocupam cargos na pastoral da saúde, ligada à Igreja Católica, outros são responsáveis pela preservação dos espaços de devoção, ministros na Igreja, catequistas, participam do coral local, enfim, vários foram os elementos que denotam essa religiosidade entre os descendentes de imigrantes.

Também foi possível perceber, entre os entrevistados de mais idade, uma preocupação com a continuidade dessa religiosidade, pois, segundo eles, os jovens de hoje não se interessam tanto pela religião como deveriam se interessar.

Segundo Marcuzzo (2000), na adversidade da cultura é que está a riqueza de um povo, cada raça deve manter sempre acesa a chama da sua cultura, porque é a riqueza da nação.

Na Museologia moderna, a difusão do Patrimônio Cultural é um dos principais objetivos das instituições, então, através de ações inovadoras, procura-se valorizar e democratizar o acesso aos bens culturais e à memória de uma comunidade ou de um povo.

Concluiu-se que os pioneiros italianos eram corajosos, trabalhadores, religiosos, humildes, econômicos, valorizavam a família e a terra. Esses valores eram e ainda são importante na formação da pessoa, esse foi o relato da maioria dos participantes. Orgulham-se por ser descendentes e ter herdado estes valores e tentam passar para as gerações que sucedem.

Estas considerações levam a acreditar que Vale Vêneto, aqui destacado, têm um expressivo patrimônio histórico identificado pelas suas representações que foram relacionadas no decorrer da pesquisa.

Entende-se que a pesquisa é de grande relevância local, regional e nacional, pois permitirá difundir o patrimônio histórico de Vale Vêneto. As informações foram registradas em material ilustrativo e informativo que servirão de subsídios para pesquisas bem como também de motivação para a própria comunidade em conhecer e preservar suas origens e sua história.

Assim conclui-se o trabalho com as referências bibliográficas utilizadas no desenvolvimento e aprofundamento da pesquisa, os apêndices e o anexo que é o produto propriamente dito que será destinado a comunidade de Vale Vêneto e seus visitantes.

O trabalho foi realizado entre os meses de março 2012 à junho de 2014, no Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação Profissional em Patrimônio Cultural, Área de Concentração em Patrimônio Documental da Universidade Federal de Santa Maria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Álbum nº 1 do Centenário da Casa de Retiros N. S. de Lourdes. (1992). Vale Vêneto

AMATO, Pietro. **Projectar um museu: nociones fundamentales**. Ministério de Asuntos Exteriores de Itália. Instituto ítalo-Latino Americano. Roma 2004. p. 21.

ANCARANI, Umberto. Monografia sobre a origem da ex-colônia italiana de Silveira Martins. 1877-1914. In: CENTENÁRIO de Santa Maria. Porto Alegre, **Globo, 1914**. Edição Especial. 13-14/07/85. Santa Maria. 1985.

ARQUIVO NACIONAL. **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. 232p. Publicações técnicas, n.51. Disponível em: <http://www.arquivonacional.gov.br/Media/Dicion%20Term%20Arquiv.pdf>. Acesso em 03 mar. de 2013.

BATTISTEL, Arlindo. **Colônia italiana: religião e costumes**. Porto Alegre. 1981.

BATTISTI, Pe. **Santos e Santas de Deus**. Santa Maria: Editora Pallotti, 2005.

BELLOTTO, H. L.; CAMARGO, A. M. A. (Coord.). **Dicionário de terminologia arquivística**. São Paulo: Associação dos Arquivistas Brasileiros – Núcleo Regional de São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura, 1996.

BELLOTTO, H. L. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.

_____. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. - 2. ed. - Rio de Janeiro: Editora, FGV, 2004.

_____. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. - 3. ed. - Rio de Janeiro. Editora, FGV, 2005.

_____. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. - 4. ed. – Rio de Janeiro: Editora, FGV, 2006.

BOLZAN, M. **Quarta Colônia: Da Fragmentação à Integração**. Programa de Pós-graduação em História, UNISINOS. 2011. 347p..

BONFADA, Genésio. **Os palotinos no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora Pallotti, 1991.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao.htm. Acesso em 04/05/2013.

BRIGIDI, Fabiana Hennies. **Fotografia: uma fonte de informação**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/18712>>. Acesso em: 05 jun. 2013.

CESCA, Olivo. **Faxinal do Soturno: sua história sua gente**. Gráfica e Editora Rainha, 1973.

CHAGAS, Mario. Museus: antropofagia da memória e do patrimônio. In: **Museus: Revista do Patrimônio**. Brasília, 1996, n. 31. p. 14-25. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=documento+>. Acesso em 20 mai de 2013

CHOAY, Françoise. **A alegoria do Patrimônio**. Tradução de Luciano Vieira Machado. 3. ed. São Paulo: Estação Liberdade: Editora UNESP, 2001. Apud. Camila Preissler Dissertação de Mestrado. 2010.

COSTA, F. R. **Turismo e patrimônio cultural: interpretação e qualificação**. São Paulo: SENAC; São Paulo: SESC, 2009. 251p.

COSTA, R.; COSTELLA, I.; SALAME, P. A.; SALAME, P. J. **Imigração italiana do Rio Grande do Sul: vida, costumes e tradições**. Porto Alegre. EST. Sulina, 1974.

DE BONI, L. A. **Os italianos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, Grafosul, 1979.

_____. **Far La Mérica**. Porto Alegre; Riocel, 1991.

DE BONI, L.; COSTA, Rovílio. **Os italianos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST/UCS, 1979, p. 33.

_____. **Os italianos do Rio Grande do Sul**. 3. ed. Ilustr. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: Universidade de Caxias; Correio Brasiliense. 1984.

Decreto Lei número 25 de 30 de novembro de 1937. Organiza a Proteção do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-25-30-novembro-1937>. Acesso em janeiro de 2013.

EDIÇÃO ESPECIAL. **50º Aniversário da Canonização de SÃO VICENTE PALLOTTI 1963-2013**. Província Nossa Senhora Conquistadora, Santa Maria. 2013

FEITOZA, Paulo Fernando de Britto. **Patrimônio Cultural da Nação: Tangível e Intangível**. Disponível em: <http://www.revistas.uea.edu.br/old/abore/artigos/artigos_2/Artigos_Professores/Paulo%20Feitoza.pdf>. Acesso em 13 nov. 2013

FERNANDES JUNIOR, Rubens; LAGO, Pedro Corrêa do. O Século XIX na Fotografia Brasileira: coleção Pedro Corrêa do Lago. [Rio de Janeiro]: Livraria Francisco Alves, 2000 apud BRIGIDI, Fabiana Hennies. **Fotografia**: uma fonte de informação. 2009. 71 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, URGs Porto Alegre, 2009. Disponível em <<https://www.google.com.br/registros+fotograficos>>. Acesso em 05 jun. 2013.

Fonseca, Alice R. **Educação Patrimonial**: O objeto cultural como fonte primária para o conhecimento crítico. Programa de Pós Graduação de Uberlândia. Disponível em: http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/ceav/alice_registro_fonseca.pdf. Acesso em 03/05/2013. pág.232-239.

GALIOTO, Pe. Antônio. O significado das capelas nas colônias italianas do Rio Grande do Sul. In: DE BONI, Luis Alberto. **Presença italiana no Brasil**. Porto Alegre: EST, 1987.

GIACOMINI, Pe. Túlio José. **Histórico da Capela Nossa Senhora das Dores**. Santa Maria, Junho de 2000.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

GIRARDI, L. L. **Memórias e vivências**. Porto Alegre, Pallotti, 1995.

GIRON, Loraine Slomp; HERÉDIA, Vânia. **História da Imigração italiana no Rio Grande do Sul**. Edições EST, 2007.

GIRON, I. S. Imigração Italiana no RS. Fatores determinantes. In :DACANL, J. Gonzaga, S. (Orgs.) **RS: Imigração e Colonização**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo: Ed. Centauro, 2006. apud Zanini. **Um olhar Antropológico sobre fatos e memórias da Imigração Italiana**. 2007.

História de Vale Vêneto. **Cultura, turismo**. Disponível em: <<http://www.valeveneto.net/>> Acesso em :20/03/2013.

http://www.cademeusanto.com.br/sao_sebastiao.htm. Acesso em: 05/11/2013

ISAD9G0: **Norma geral internacional de descrição arquivística**. 2. ed. – Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2000.

INSTITUTO do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal>>. Acesso em: 07 set. 2011.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. IPHAN. Cartas Patrimoniais. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004. Disponível em: <http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/ceav/alice_registro_fonseca.pdf>. Acesso em 03/05/2013.

JORNAL A RAZÃO. **Segundo A Razão**. Quinta feira 12/08/2004. p. 5

JORNAL INTEGRAÇÃO. Caderno Especial - **Casa de Retiros Nossa Senhora de Lourdes (1892 -2006)**. Vale Vêneto, edição, 330. julho de 2006.

_____. Caderno Especial. **100 anos da Paróquia Corpo de Deus**. Uma capela improvisada. Edição 605. Novembro de 2011.

_____. **Inaugurado o capitel de São Francisco**. Vale Vêneto. São João do Polêsine. De 18 à 24 de outubro de 2013. Edição 70707. p. 17.

JORNAL O INTERIOR. **Um museu para preservar a história da Imigração Italiana**. Vale Vêneto. 22/03/1982. Pág. 19.

JORNAL O EXPRESSO. **Vale Vêneto lembra os primeiros Imigrantes**. 07/05/1978. Pág. 18. Museu do Imigrante.

_____. **Padre investiga sumiço dos sinos de Vale Vêneto**. Santa Maria. Ano XIII, n. 680. Dez. 1995. p. 13.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. Disponível em: <<http://docente.ifrn.edu.br/pdf>>. Acesso em: 05 jun. 2013.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, São Paulo. Editora da UNICAMP, 1994.

_____. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 1996. p. 423-484.

_____. **História e Memória**. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

Lei 8.159/91 de 08/01/1991. Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8159.htm. Acesso em 10 nov 2013

Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm> Acesso em: 14 dez. 2010.

LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de família: leitura da fotografia histórica.** São Paulo: EDUSP, 2001.

LEMOS, Carlos A. C. **O que é Patrimônio.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

Livro de Ata n. 01 e Livro Tombo da Paróquia de Vale Vêneto.

Livros de Atas da Paróquia de Vale Vêneto. 1942. Pe. Pedro Luis Bottari.

LOCATELLI, Jhonatan. **O italiano: raça, fé e trabalho.** Trabalho de conclusão de curso. Universidade Feevale, Novo Hamburgo, 2010. 123f.

LOPES, Luís Carlos. **A nova arquivística na modernização administrativa.** Ed. Artes Gráficas. Rio de Janeiro, 2000.

LOPEZ, ANDRÉ PORTO ANCONA. **Como descrever documentos de arquivo elaboração de instrumentos de pesquisa.** São Paulo: Arquivo do Estado, 2002.

LORENZONI, Júlio. **Memórias de um imigrante italiano.** Porto Alegre: Sulina, 1975.

MARCUZZO, Pe. Clementino. **Centenário da chegada das Irmãs e Fundação do Colégio.** Vale Vêneto 1892 – 1992. Gráfica Pallotti. Santa Maria. 1992, 104p.

_____. **Cinquentenário da Gruta de Vale Vêneto 1942-1992.** Vale Vêneto. Editora Pallotti. 1992

_____. Vale Vêneto, Palotinos festejam o bicentenário do fundador. **Jornal Regional Comunitário Belo Vale.** Faxinal do Soturno. 06 de abril de 1995. p. 10.

_____. Vale Vêneto festeja padroeiro mantendo tradições. **Jornal Regional Comunitário Belo Vale.** Faxinal do Soturno. 13 de junho de 1995. p. 6.

_____. Padre investiga sumiço dos sinos de Vale Vêneto. **Jornal o Expresso.** Ano XIII, nº 680. Santa Maria. 16/17dez. 1995.

_____. Vale Vêneto festeja padroeiro mantendo tradições. **Jornal Regional comunitário Belo Vale.** Faxinal do Soturno. 13 de junho de 1995 .p. 6.

_____. Vale Vêneto, um pedaço da Itália no Brasil. **Jornal Folha de Santa Maria.** 27/28 de julho de 1996.

_____. 4ª Colônia. Vale Vêneto. Aqui, a vocação é o turismo. **Jornal Folha de Santa Maria.** 03/09 de março de 2000. p. 7

Manual da campanha da Mãe Peregrina de Schoenstatt. Santa Maria. 1995

MAGALHÃES, Aloísio. E. **Triunfo: a questão dos bens culturais no Brasil.** Rio de Janeiro. Ed. Nova Fronteira. Rio de Janeiro. 1985. 256p.

MAGALHAES, Solange Maria Fustinoni. **Educação Patrimonial através da compreensão da Arquitetura de museus na cidade de São Paulo.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. São Paulo. 2006, p. 14-22.

MANFROI, Olívio. **A colonização italiana no Rio Grande do Sul:** implicações econômicas, políticas e culturais. 2. ed. Porto Alegre: EST, 2001.

MAESTRI, Mário. **Os Senhores da Serra:** A colonização italiana do Rio Grande do Sul 1875-1914. Passo Fundo, 2000.

_____. **Os Senhores da Serra:** a colonização italiana no Rio Grande do Sul. 2. ed. Passo Fundo: UFP, 2005.

MENTZ, P. **Lembranças concretas:** a memória social através do patrimônio cultural edificado das bibliotecas. 2011.99f. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011..

MILDER, Saul Eduardo Seiguer. **As várias Faces do Patrimônio.** LEPA, Santa Maria, 2006 apud Cynthia Gindri Haiger. Mestre em Interação Latino Americana. p. 143-146.

MORAES, Rubens Borba de. **O bibliófilo aprendiz.** 3. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 1998.

_____. **Livros e bibliotecas no Brasil colonial.** 2. ed. Rio de Janeiro: Briquet de Lemos, 2006.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares.** São Paulo, 1993

ORIÁ, R. Memória e ensino de História. In: BITTENCOURT, Circe. (Org.). **O saber histórico na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2004.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. Educação, Memória e Patrimônio: Pensar o Passado no Memorial da UFRPE. **Anais Eletrônicos.** IX Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de Hist. Florianópolis. 18,19,20 de abril de 2011. p. 1-5. Disponível em: <<https://www.google.com.br/#q=Educação+Memoria+e+Patrimonio>>. Acesso em 18 de Nov. de 2013.

PAES, Marilena Leite. Arquivo: teoria e prática. 3ª. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

Patrimônio Histórico Cultural. Disponível em:
<<http://www.brasilecola.com/curiosidades/patrimonio-historico-cultural.htm>. Acesso em 03/05/2013. Artigo por Rainer Sousa, Graduado em História. Equipe Brasil Escola, 2010.

PARÓQUIA DE VALE VÊNETO. **Caderno Especial**. Jornal Integração Regional. Edição 376. Junho 2007, p. 2-3.

PELEGRINI, S. C. A. **Patrimônio Cultural: Consciência e Preservação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2009.

POZENATO, José Clemente. A Literatura da Imigração Italiana, In: **Vários, Imigração Italiana: Estudos**. Porto Alegre: EST/Caxias do Sul: UCS, 1979, pp. 225-

POSENATO, Julio. **Arquitetura da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, EST/EDUCS. 1983. 600p.

PEREIRA, Laura Nery; PEREIRA, Thiago. **O Patrimônio Cultural Norte-Mineiro: Fotografias e sítios Arqueológicos**. UNICAMP. Agosto, 2011. Disponível em <<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm>. Acesso em 03/08/2013.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

QUAINI, Pe. João B. IOP. Pe. Rafael. **Vicente Pallotti e sua Obra**, 188–190. Celebração dos 120 anos da chegada dos Palotinos em Vale Vêneto: 1886-2006, Santa Maria, Julho de 2006. 12p.

REVISTA RAINHA. Centenário de Vale Vêneto. Setembro de 1978, nº 665, p. 40-45.

RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Julio. **Festa & Identidade: como se fez a festa dauva**. Caxias do Sul: EDUCS, 2002.

RICHTER, Eneida I. **Arquivologia e suas relações interdisciplinares** [Apostila] Santa Maria: UFSM Curso de Pós-Graduação Lato Sensu Gestão em Arquivos. 2. Semestre. UAB/ UFSM, 2008. Unidade 06, p. 39-42.

RICHTER, Ivone Mendes. **Medianeira e Pompéia: festividades religiosas populares na região de Santa Maria(RS)**. Santa Maria: Edições UFSM, 1990.123 p.

RODRIGUES, Marly. **Imagens do Passado: a instituição do patrimônio em São Paulo 1969-1987**. São Paulo: UNESP, 1999. apud Juliana Melo. Mestre em

Engenharia de Produção. Artigo Educação patrimonial: museu cultural da humanidade.

ROUSSEAU, Jean-Yves e COUTURE, Carol. **Os fundamentos da disciplina arquivística**: Université de Québec. 1998.

RUBERT, A. **Quarta Colônia Italiana**: assistência religiosa, 1877-1990. Porto Alegre: Edições EST, 2003. 72p.

SANTANA, Ana Lúcia. **Museologia**. Disponível em <<http://www.infoescola.com/ciencias/museologia/>>. Acesso em 13 de Nov. 2013.

SANTIN, Silvino. **Imigração esquecida**. Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias – EDUCS, 1986.

SANTIN, Silvino; ISAIA, Antonio. **Silveira Martins**: Patrimônio Histórico e -Cultural.. Porto Alegre: EST. 1990.

SANTIN, Silvino. **Quarta Colônia de Imigração Italiana**: Aos 125 anos quer reencontrar seus caminhos. Jornal Correio Riograndense. Edição nº4782. 08/05/2002.

SILVA, Edna Lúcia da; Menezes, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**, 3. ed. Ver. Florianópolis: Laboratório de EAD. UFSC, 2001.121p.

SILVA, K. V. & SILVA, M. H. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2006.

SPONCHIADO, Breno Antonio. **Imigração & 4ª Colônia**: Nova Palma & Pe. Luizinho. Santa Maria: UFSM, Pró-Reitoria de Extensão, 1996.

STEFANELLO, L. Z. **História, Memória e Patrimônio**: Fundamentos e Sensibilizações da Comunidade de Nova Palma (Centro de Pesquisa Genealógicas e Museu Histórico. Memória, Identidade e Patrimônio. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação profissionalizante em Patrimônio Cultural. UFSM. 2010. 172p.

TONDOLO, R. B. **A Colonização de Silveira Martins**. Monografia de Especialização– Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. Universidade Federal de Santa Maria, 1996.

TORRI, Valmor. RIGHI, JOSE Vicente e BISOGNIN, Edir Lucia. **Povoadores da Quarta colônia: contribuições do imigrante italiano na Quarta colônia imperial de Silveira Martins**. Rio Grande do Sul – Brasil. Porto Alegre: EST Edições. 2001

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. **Estrutura e apresentação de monografias, dissertações e teses:** MDT Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa. – 8. ed. Ver. e ampl. – Santa Maria: Ed. da UFSM, 2012.

VÉSCHIO, L. E. **O crime do Padre Sório:** Maçonaria e Igreja Católica no Rio Grande do Sul 1893 -1928. Santa Maria: Ed. UFSM; POA:Editora da UFRGS, 2001. 328p.

VIZZOTTO, J. M. P. **Patrimônio Histórico Cultural Religioso de Vale Vêneto**, no período de mar./08 a dez/09. 2009. 92f. Monografia (Especialização em Gestão de Arquivos) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2009.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. Um olhar Antropológico Sobre Fatos e Memórias da Imigração Italiana. *Mana*. Out. 2007, v. 13, p. 521-547.

APÊNDICES

Apêndice A – O instrumento da coleta de dados

ENTREVISTA

Este instrumento composto por perguntas semi-estruturadas e abertas foi elaborado pela autora visando identificar os principais elementos que simbolizam a religiosidade e o trabalho que fizeram parte da história da colonização italiana, com vistas a construção de instrumento com informações sobre a sua contextualização histórica.

1. Nome:
2. Data de Nascimento:
3. O Senhor (a) acha importante conhecer e preservar a história dos nossos antepassados.
4. O que o Senhor(a) conhece sobre a chegada dos primeiros imigrantes italianos no Brasil e a formação da Quarta Colônia, especificamente Vale Vêneto?
5. De que modo os imigrantes se instalaram e se organizaram (culturalmente) em Vale Vêneto?
6. Como o Senhor(a) se estabeleceu neste lugar (Vale Vêneto).
7. Quais os fatores que contribuíram para a religiosidade e o trabalho na comunidade? Em que momentos aconteciam os encontros em oração ou no trabalho?
8. Cite símbolos que o Sr(a) considera importante e que representam o trabalho e a religiosidade na comunidade.
9. O que o Senhor (a) conhece sobre o contexto histórico destas representações e por quais motivos foram erguidos nestes lugares.
10. Sendo a memória importante para reconstruir a trajetória de algo, em suas memórias ou lembranças o que o Sr(a) tem registrado ou algum fato importante que lhe marcou sobre o trabalho e a religiosidade aqui em Vale Vêneto.
11. Qual o entendimento para o Sr. (a) do que é patrimônio histórico cultural?
12. Que tipo de envolvimento o Sr.(a) teve ou ainda tem na comunidade?

Apêndice B – Ficha de Identificação do Bem cultural

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Programa de Pós-graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural
Mestranda: Jacinta Maria Pivetta Vizzotto, jmpivetta@yahoo.com.br
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Glaucia Viera Ramos Konrad

IDENTIFICAÇÃO DO BEM CULTURAL

DESIGNAÇÃO: Capitel de São Patrício

ESPECIFICAÇÃO DO BEM: Capitel

DATA DE FUNDAÇÃO: 1898

DEVOÇÃO DO SANTO PADROEIRO: Proteção contra as cobras

FUNÇÃO ATUAL: Acontecem todos os anos no mês de março a missa do Santo Padroeiro, para pedir a proteção contra picadas das cobras.

LOCALIZAÇÃO: Localizado na Linha Um

DADOS HISTÓRICOS: Os moradores contam que o Senhor Baldissera teve um parente picado por uma cobra venenosa e, sabendo da gravidade do fato e da falta de recursos próximos, a família fez uma promessa a São Patrício para que a pessoa se salvasse. Assim que a graça foi recebida, iniciou-se a construção do pequeno oratório. O lugar tornou-se o ponto de encontro das famílias mais próximas para diariamente, à noite, rezar o terço, organizando as suas vidas religiosa.

Apêndice C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Programa de Pós-graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural
Mestranda: Jacinta Maria Pivetta Vizzotto, jmpivetta@yahoo.com.br
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Glaucia Viera Ramos Konrad

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Jacinta Maria Pivetta Vizzotto, aluna do Programa de Pós-graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria, venho através deste, informar-lhe que estamos realizando um trabalho de pesquisa intitulado: Bens Culturais de Vale Vêneto: Testemunhos de uma História de Fé e Trabalho.

Esta pesquisa tem por objeto de estudo a elaboração de um catálogo com informações histórica dos principais bens culturais que constituem como sólido patrimônio cultural de Vale Vêneto deixado pelos imigrantes italianos como testemunho de fé e do trabalho. Para que esta pesquisa se efetive, necessitamos sua autorização. Deixamos claro que nos comprometemos em preservar total sigilo e privacidade na identificação dos entrevistados, destacando nosso interesse em contribuir com o resultado desse estudo.

Os resultados obtidos na pesquisa serão apresentados no Trabalho de Conclusão do Mestrado em forma de Dissertação.

Assinatura do aluno _____

Cientes do exposto autorizam a realização da pesquisa.

Assinatura do responsável _____

Vale Vêneto, ____/_____/2013.

ANEXO

Anexo A – Capa do Material ilustrativo.

